

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

GILSON MOREIRA

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A ÉTICA
DO TRABALHO NA COSMOVISÃO
CATÓLICA E PROTESTANTE**

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

GILSON MOREIRA

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO
NA COSMOVISÃO CATÓLICA E PROTESTANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto-Sensu em Ciências da Religião, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo.

São Paulo – SP

2008

GILSON MOREIRA

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO
NA COSMOVISÃO CATÓLICA E PROTESTANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto-Sensu em Ciências da Religião, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes – Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Douglas Nassif Cardoso
Universidade Metodista de São Paulo

À Márcia, esposa idônea e
companheira fiel, pelo apoio e incentivo
em tudo e em todos os momentos; aos
meus filhos Lucas e Lídia, pela
compreensão na falta de tempo a eles
para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e consumidor da fé, a quem prestaremos conta; tem sustentado e preservado-nos em tudo durante esta peregrinação, até a consecução deste trabalho.

À Igreja Presbiteriana do Brasil que nos proporciona a honra de servir a Deus pelo ministério pastoral.

À Universidade e ao Instituto Presbiteriano Mackenzie que nos deram condições através dos departamentos de bolsa e pesquisa, para a realização deste curso.

Ao prof. Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes, além de orientador, amigo e irmão em Cristo de longa caminhada.

Aos Drs. João Clemente S. Neto e Douglas Nassif Cardoso, pelas contribuições e sugestões que deram no decorrer do exame de qualificação.

Aos profs. Drs. Hermisten M. P. Costa e Márcia De Liberal, pelas dicas e obras recomendadas para esta pesquisa.

À minha mãe Albertina (*in memoriam*) que, enquanto em vida serviu-me de exemplo e estímulo em suas lutas.

Ao meu pai, Jayr Moreira e Marlene (madrasta), atenção e motivação prestadas.

À minha irmã Elisabeth e o cunhado João, pelo auxílio e apoio dados.

À sra. Ada C. X. Carmo, pela dedicação dispensada na correção ortográfica e gramatical, e em revisões do texto em apreço.

À jovem Verônica Lopes Tavares, pela tradução, revisão e correção do abstract.

Ao jovem Jairo Jr., pelo auxílio prestado em anexos, impressão de todas as cópias, conversão do material em PDF e confecção de CD's.

À 1ª IPB em Cariacica-ES, que me liberou e dispensou o tempo necessário para a realização deste propósito.

É uma verdade familiar que o propósito supremo de todo cristão deve ser o de glorificar a Deus. Tudo o que dizemos ou fazemos, nossos relacionamentos, o uso que fazemos dos dons e oportunidades que Deus nos dá e, mesmo, a maneira como suportamos situações adversas e hostilidades humanas, tudo deve ser feito de modo a glorificar e a louvar a Deus, pela sua sabedoria e bondade...

Nós agradamos a Deus imitando seus feitos. Seu amor em nós é vivo e ativo, compelindo seu povo a usar talentos e energias em toda espécie de atividades. Porém, os cristãos são especialmente chamados para obras de misericórdia porque Deus é misericordioso. (...)

Uma boa obra é aquela feita segundo o padrão correto, isto é, segundo a vontade revelada de Deus; com base na motivação correta, ou seja, no amor a Deus e aos outros; e com um propósito correto, isto é, glorificar a Deus. (...)

A humanidade foi criada para administrar o mundo de Deus, e essa administração é parte da vocação humana em Cristo, tendo por alvo a honra de Deus e o bem dos outros. A “ética do trabalho” protestante é, essencialmente, uma disciplina religiosa, o cumprimento de um “chamamento” divino para administrar a criação de Deus.

(Bíblia de Estudo de Genebra. 1999, p.1133, 1426, 1431).

Trabalhemos honestamente para ganhar a vida. Recebamos nossos proventos como vindos das mãos de Deus. Não usemos de má fé para nos apossarmos dos bens de outrem, mas sirvamos o próximo com consciência limpa. Que o fruto de nosso trabalho seja o salário justo. Ao vender e ao comprar não usemos de fraude, astúcia e mentira.

Apliquemos ao nosso trabalho a mesma honestidade e lealdade que esperamos dos outros.

(CALVINO, apud, BIÉLER. 1970, p.73).

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa que apresenta um estudo comparado sobre a Ética do Trabalho na cosmovisão Católica e Protestante. Para a consecução deste propósito, procura-se descortinar a cosmovisão católica sobre a ética do trabalho segundo a sua linha doutrinária, teológica, histórica e social, que serve como marco teórico fundante e que pode influenciar o indivíduo em seu labor diário. Explicita-se os pressupostos da cosmovisão protestante sobre a ética do trabalho, fundamentados em João Calvino e Max Weber; aquele como seu mentor e idealizador intelectual, este, como seu principal difusor sociológico. Caminha-se através da proposta deste trabalho utilizando-se o método de pesquisa e análise, em obras e fontes documentais sobre o assunto, em ambas cosmovisões. Esta tarefa contribuirá para a comparação destas duas correntes religiosas do cristianismo; expondo as aproximações e contrastes; diferenças positivas e negativas; bem como, as contribuições que estas vertentes religiosas defendem e difundem. Cujos fatores auxiliarão e influenciarão o indivíduo na formação de seu caráter, personalidade, dignidade e moral; que alcançarão seu ápice no tipo de ética que cada um tem e exterioriza em sua vida, pelo trabalho, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais humana, justa e progressista.

Palavras Chaves: Ética. Trabalho. Cosmovisão. Catolicismo. Protestantismo. Calvino. Weber. Indivíduo. Sociedade.

ABSTRACT

This essay is a result of a research that presents a compared study about working ethnics according to the Catholic and Protestant vision. In order to accomplish this purpose, it is necessary to clarify the Catholic vision about working ethnics according to its doctrinaire, theological, historical and social line, that goes as the foundation point and that can influence the human being in his everyday job. The Protestant vision points about working ethnics can be explained based on John Calvin and Max Weber; that one as its mentor and intellectual idealist and this one as its main social disseminator. We walk through this essay purpose using the researching methods and analyses, in workmanships and documental sources about the subject, in both visions. This task will contribute to the comparison of these two religious current of Christianity; showing the approaches and contrasts; positive and negative differences; as well the contributions that these religious strands defend and spread. Whose facts will help and influence the individual to form his character, personality, dignity and moral; that will reach its apex in the kind of ethnics each one has and shows in his/her life, through work, this way, contributing to build up a more human society, fair enough and progressive.

Key words: Ethnic. Working. Vision. Catholicism. Protestantism. Calvin. Weber. Individual. Society.

LISTA DE ABREVIATURAS

AL	América Latina.
ARENA	Aliança Renovadora Nacional.
BS	Bíblia Sagrada.
CF	Campanha da Fraternidade.
Cf.	Conferir.
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.
CR	Ciências da Religião.
EPEC	A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.
EUA	Estados Unidos da América.
FMI	Fundo Monetário Internacional.
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana.
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil.
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus.
MDB	Movimento Democrático Brasileiro.
RCC	Renovação Carismática Católica
S/D	Sem Data.
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo.
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie.
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

LISTA DE ORGANOGRAMAS

ORGANOGRAMA 01 – Proposta de uma síntese sobre a cosmovisão da ética do trabalho segundo o catolicismo romano.

ORGANOGRAMA 02 – Síntese do pensamento sociológico de weber sobre a ética protestante do trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO A COSMOVISÃO CATÓLICA ROMANA.....	21
2.1. A PROCURA DE UM CONCEITO PARA TRABALHO	21
2.2. UMA BREVE VISÃO DO PERÍODO MEDIEVAL	25
2.3. A ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO A VISÃO DO CATOLICISMO ROMANO NO PERÍODO MEDIEVAL	30
2.4. UMA VISÃO DOUTRINÁRIA–TEOLÓGICA DO CATOLICISMO ROMANO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO.....	37
2.4.1. CONCÍLIO DO VATICANO II (C.V. – II).....	44
2.5. UMA VISÃO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO O CATOLICISMO ROMANO.....	48
2.5.1. UMA BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE O TRABALHO NA DOUTRINA SOCIAL DA ICAR	49
2.6. PROPOSTA DE UMA SÍNTESE SOBRE A COSMOVISÃO DA ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO O CATOLICISMO ROMANO	62
3. PRESSUPOSTOS DA ÉTICA PROTESTANTE DO TRABALHO EM JOÃO CALVINO E MAX WEBER	63
3.1. A ÉTICA PROTESTANE DO TRABALHO EM JOÃO CALVINO	64
3.1.1. Breve conceituação do termo Protestante	64
3.1.2. Informações preliminares sobre João Calvino	67
3.1.3. Apontamento de Pressupostos da Ética do Trabalho em João Calvino	68
3.1.4. Parâmetros de Vida como Regra Geral para a Conduta Protestante	73
3.1.5. O Padrão Ético de Conduta da Vida Cristã Segundo Calvino	75
3.2. O PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE MAX WEBER SOBRE A ÉTICA PROTESTANTE DO TRABALHO	84
3.2.1. Breves informações sobre a vida e obra de Max Weber	85
3.2.2. Predestinação	91

3.2.3. Vocação	94
3.2.4. A ÉTICA DO TRABALHO EM WEBER	98
3.2.5. SÍNTESE DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE WEBER SOBRE A ÉTICA PROTESTANTE DO TRABALHO	101
4. COMPARAR A ÉTICA DO TRABALHO NA COSMOVISÃO CATÓLICA ROMANA E PROTESTANTE.....	104
4.1. APONTAMENTO DE ALGUMAS DIRETRIZES ORIENTATIVAS DO CATOLICISMO ROMANO E DO PROTESTANTISMO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO	105
4.1.1. Catolicismo	107
4.1.2. Protestantismo	113
4.2. BREVES DADOS INFORMATIVOS DE DETERMINADOS PERÍODOS HISTÓRICOS DA VIDA ECLESIÁSTICA BRASILEIRA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA COSMOVISÃO CATÓLICA ROMANA E PROTESTANTE	120
4.2.1. Velha ou Primeira República – 1890 a 1930	120
4.2.1.1. Catolicismo	121
4.2.1.2. Protestantismo	128
4.2.2. Décadas de 1960 e 1970 (Séc. XX)	137
4.2.2.1. Catolicismo	140
4.2.2.1.1. Renovação Carismática Católica – RCC	142
4.2.2.2. Protestantismo	145
4.2.2.2.1. Movimento Pentecostal	148
4.2.2.2.2. Movimento Neo-Pentecostal	151
4.3. COMPARAÇÃO ENTRE A COSMOVISÃO CATÓLICA E PROTESTANTE SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO	154
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181
6.1. Documentos Convencionais.....	185
6.2. Documentos e Sites Eletrônicos Disponíveis na Internet	186
6.3. Anexos	187
ANEXO A	188

ANEXO B 192
ANEXO C 214

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa¹ se propõe a fazer “Um Estudo Comparado Sobre a Ética do Trabalho na Cosmovisão Católica² e Protestante”. Explicitar o conteúdo de alguns documentos e obras de ambas as correntes que envolve seus conceitos, princípios e normas que norteiam o indivíduo quanto a sua conduta ética, com respeito ao trabalho e este, enquanto instrumento valorativo do ser humano e edificador da sociedade para o bem comum de todos e de tudo.

Nesta mesma linha de raciocínio, Máspoli, em Artigo escrito à *Revista Fides Reformata*, quando aponta alguns aspectos importantes a respeito da sociologia de Weber e o que ele concluiu sobre a ética religiosa, a cosmovisão do homem e o dogma religioso, como partes integrantes que ajudam a compreender sua conduta, comenta:

Weber concluiu que a ética religiosa era uma das variantes mais influentes na conduta dos homens nas diversas sociedades, pois o homem age de acordo com a sua cosmovisão, e os dogmas religiosos e as suas interpretações são partes integrantes dessa visão do mundo... Segundo Max Weber, a *cosmovisão religiosa* determina certos comportamentos próprios para a cumulação de riquezas do capitalismo. (2002. p.18,19). (Itálico nosso).

O articulista expõe que a cosmovisão religiosa do indivíduo segundo Weber, está intimamente ligada à sua religiosidade, a qual gerará uma ética e influenciará a sua conduta no trabalho que exerce. Este, para o protestante, como segue, o resultado tem como alvo a *racionalidade*, que visa o lucro que é sinal das bênçãos de Deus. Então,

O resultado da ética protestante é a racionalidade metódica no trabalho que parece ter sido também a gênese da concepção de que este deve ser igualmente uma atividade organizada dirigida para o lucro... Essa maneira peculiar de ver a vida, o trabalho e o lucro, Weber entendeu como sendo o espírito protestante. (Idem. p.21).

¹ Esta dissertação se guiará em orientações fundamentadas em obra de Umberto Eco: ***Como se Faz Uma Tese***. 2005.

² Este termo “*Católica/o/s*”, vem do latim e significa *universal*. Mas, devido a algumas variações que existem, dando mais de um sentido ao seu entendimento. Esclarece-se que em todas as oportunidades onde este termo é mencionado neste trabalho, refere-se à Igreja oficial, ou seja, à Igreja Católica Apostólica Romana, que doravante será citada nesta pesquisa pela sigla ICAR.

Máspoli, nesse mesmo artigo quando apresenta o contraste entre a cosmovisão protestante e católica romana sobre a construção de uma ética do trabalho segundo seus respectivos pontos de vista hermenêuticos, o faz da seguinte maneira:

A grande contribuição que o calvinismo pode ter tido encontra-se exatamente no fato de que tudo isto contribui para a construção de uma ética do trabalho... O catolicismo, em sua hermenêutica, não considera que Adão trabalhava desde antes da queda, como afirma Gênesis 2. Sobre o trabalho, interpretam, porém, que este teve início somente após a queda, isto é, a partir de Gênesis 3, e devido a isso relacionam o trabalho a uma maldição divina. Já os protestantes consideram o fato de que Adão trabalhava antes mesmo da queda quando ainda desconhecia qualquer maldição de Deus, e não relacionam o trabalho com as conseqüências pecaminosas da queda... No protestantismo reformado o trabalho é considerado uma benção do Senhor (2002. p.27,28).

Perceba que por esta colocação fica evidente que a ética do trabalho segundo as cosmovisões protestante e católica romana está intimamente relacionada com o entendimento que cada uma tem quanto a origem do trabalho, cujo princípio está ligado diretamente ao que a teologia chama de queda do homem. A ICAR ao abordar este assunto através da Encíclica que trata sobre o “*Trabalho Humano*” no 90º aniversário da *Rerum Novarum*, postula:

Todo o Trabalho, seja ele manual ou intelectual, anda inevitavelmente conjunto à fadiga. O Livro do Gênesis exprime isto mesmo de maneira verdadeiramente penetrante, ao contrapor àquela benção original do trabalho, contida no próprio mistério da Criação e ligada à elevação do homem como imagem de Deus, a maldição que o pecado trouxe consigo: “Maldita seja a terra por tua causa! Com trabalho penoso tirarás dela o alimento todos os dias da tua vida.” Esta pena ligada ao trabalho indica o caminho da vida do homem sobre a terra e constitui o anúncio de morte: “Comerás o pão com o suor da fronte, até que voltes à terra da qual foste tirado.” (PAULUS, 1981, 27.).

Dentro desta mesma perspectiva, quanto a questão da origem do trabalho ainda no Éden – segundo a teologia –, no período pré-queda, destaca-se nesta oportunidade o que o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, alude sobre esta questão:

O trabalho pertence à condição originária do homem e precede a sua queda; não é, portanto, nem punição nem maldição. Este se torna fadiga e pena por causa do pecado de Adão e Eva, que quebrantam o seu relacionamento confiante e harmonioso com Deus (cf. Gn. 3, 6-8). (PAULUS, 2004, 256).

Por causa destes pontos de vista sobre o trabalho, pretende-se desenvolver o assunto em epígrafe procurando expô-lo através de um estudo comparado. Apresentar as aproximações e contrastes que estas duas vertentes – *católica e protestante* – em suas respectivas cosmovisões, dão como ênfase e fundamento à ética do trabalho.

Sob a nossa ótica, desde o surgimento e deflagração do movimento do século XIX, que recebe o nome de *Revolução Industrial*³ – que teve o *fordismo* como um dos principais elementos propulsor –, o qual alavancou a humanidade para a chamada modernidade, vindo culminar em vários movimentos sociais. Destes, o maior deles já conhecido é o socialismo, que tem como pai de suas idéias o filósofo Karl Marx, propagado em sua principal obra: “*O Capital*”⁴, que atingiu a economia, a política, o trabalho e conseqüentemente, envolveu mudanças em toda a vida social emergente, tornando-se mais conhecido na história por Marxismo.

Segundo Cotrim, “*Do marxismo destacamos conceitos como dialética, modo de produção e luta de classes, que influenciaram muitos estudos das sociedades nos séculos XIX e XX*”(2002, p.282). Esta afirmação reforça a tese em como o socialismo marxista marcou o mundo nesse período da história da humanidade. Sobre estes conceitos – que além de Marx, outro pensador que

³ Sobre a *ideologização* no mundo do trabalho nesse período, pode-se destacar o que a CNBB deixou registrado em documento: “*O mundo do trabalho, na Revolução Industrial, foi marcado, assim, por todas estas dicotomias: trabalho produtivo, improdutivo, criador de valor, não criador de valor, trabalho na fábrica (homem) e trabalho fora da fábrica (mulher). A revolução Industrial teve, primordialmente, o mérito de criar o operário e a dona-de-casa, concebendo esta última como não criadora de valor, portanto identificada ao não trabalho. Ideologização do trabalho não escapou ao próprio Marx, tão preocupado em realizar a crítica da Economia Política burguesa. Em síntese, o conceito de trabalho da Economia Política é restrito e definido a partir do valor, enquanto valor de troca. Trata-se de um conceito restrito... No Brasil, o trabalho foi historicamente associado ao trabalho escravo. Quando, no final do século XIX, se deu a passagem para o trabalho livre, os atributos negativos ligados ao escravo não desapareceram da pessoa do negro. A vinda do imigrante europeu branco permitiu uma nova redefinição dos caracteres valorativos ligados ao trabalho.*” in: **O Mundo do Trabalho – Desafios e Perspectivas**. (1992, p.52,53);

⁴ Para maiores informações sobre esta obra e seu autor, veja-se em *Os Pensadores*, Abril Cultural, 1978. (Marx – 1818-1883, Vida e Obra).

ajudou em seu desenvolvimento foi Friedrich Engels (1820 – 1895) –, por ele destacados, registra-se:

Dialética – a natureza e a sociedade passam por um processo permanente de transformação. Esse processo é dialético, isto é, move-se pela lutas de forças contrárias (o positivo e o negativo, a vida e a morte, o explorado e o explorador, o amor e o ódio etc.). O confronto promove mudanças quantitativas e qualitativas. **Modo de produção** – Toda sociedade possui uma base material (estrutura) representada pelas forças de produção econômica (os instrumentos e as pessoas neles envolvidos) e pelas relações sociais de produção (de dominação, de solidariedade etc..). Esse modo de produção condiciona, de maneira geral, a vida social, política e intelectual. Assim, para Marx, *não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, ao contrário, é a existência que determina a sua consciência*. **Luta de Classes** – Em termos sociais, “o motor da história humana” é a luta de classes, que só terminaria com a construção da sociedade comunista perfeita. Nela desapareceriam a exploração de classes e as injustiças sociais. (2002, p.282).

Outrossim, sobre os criadores das primeiras correntes socialistas modernas, faz-se lembrar que há pelo menos três personagens que merecem destaque nesse momento, trata-se de Saint-Simon (1760 – 1825); Pierre Proudhon (1804 – 1865); Robert Owen (1771 – 1852). Deles, destacam-se os seguintes pontos em seus argumentos:

Simon criticou o liberalismo econômico e a desumana exploração dos trabalhadores pelos capitalistas (proprietários dos meios de produção). Defendia a extinção das diferenças de classe e a construção de uma sociedade em que cada um ganhasse de acordo com o real valor de seu trabalho. **Proudhon** afirmava que a propriedade privada era um roubo, pois era mantida pela exploração do trabalho alheio. Pregava a igualdade e a liberdade para todos os indivíduos, que viveriam numa sociedade harmônica, sem força do Estado. **Owen** acreditava na organização da sociedade em comunidades cooperativas (*trades unions*) compostas de operários, em que cada um receberia de acordo com as suas horas de trabalho. (2002, p.281/2).

Embora cada um desses personagens tenha desenvolvido e defendido um tipo de linha a ser seguido pelo movimento socialista. Porém, sabe-se que em parte estas linhas mestras acabaram-se fundindo no sistema econômico empresarial e sócio-trabalhista contemporâneo, presente em várias

partes do mundo. Sobretudo em países que outrora eram predominantemente socialistas e hoje, na prática, estão fazendo uma junção conciliar entre um e outro sistema – o socialista com o capitalista –, como pode ser visto na China e em outros países. Contudo, esta junção conciliar é realizada sem permitir que aquele perca os princípios e a ideologia que fazem parte de sua formação enquanto sistema político, para este, visando manter o poder e o governo sob controle.

Por causa dessa característica que vem sendo adotada, têm surgido nos últimos tempos dentro da sociedade contemporânea, várias práticas, novas profissões, movimentos e instituições, sobretudo sindicalistas; cada qual reivindicando seus direitos adquiridos em função do trabalho desenvolvido em suas respectivas classes, sejam eles quais forem. Esta é uma realidade que o setor trabalhista tem enfrentado e passado hodiernamente, mormente no Brasil que é o principal foco desta pesquisa.

Pode-se entender que este tipo de atitude que se reflete em sociedade tem como principal elemento para sua fundamentação teórica, aquilo que leva o indivíduo a um determinado comportamento segundo o tipo de cosmovisão religiosa – *católica ou protestante* – que ele tem quanto a ética do trabalho. A ética do trabalho que a cosmovisão católica romana apresenta tem a Encíclica papal *Rerum Novarum*, como fonte primária norteadora. Este documento doutrinal ao tratar sobre a “*Origem da prosperidade nacional*” (20.), trás o seguinte posicionamento:

Ora, a fonte fecunda e necessária de todos estes bens é principalmente o trabalho do operário, o trabalho dos campos ou da oficina. Mais ainda, nesta ordem de coisas, o trabalho tem uma tal fecundidade e tal eficácia que se pode afirmar, sem receio de engano, que ele é a fonte única de onde procede a riqueza das nações. A equidade manda, pois, que o Estado se preocupe com os trabalhadores, e proceda de modo que, de todos os bens que eles proporcionam à sociedade, lhe seja dada uma parte razoável, como habitação e vestuário, e que possam viver à custa de menos trabalho e privações. De onde resulta que o Estado deve favorecer tudo o que, de perto ou de longe, pareça de natureza a melhorar-lhes a sorte. Esta solicitude, longe de prejudicar alguém, tornar-se-á, ao contrário, proveito de todos, porque importa soberanamente à nação que homens, que são para ela o princípio de bens tão indispensáveis, não se encontrem continuamente a braços com os horrores da miséria. (LEÃO XIII, 1891, 20.).

Vê-se aqui uma preocupação da ICAR referindo-se ao trabalho, sua eficácia e a responsabilidade do Estado sobre os trabalhadores. E ainda, na mesma encíclica, ao abordar sobre a questão das “*Obrigações dos operários e dos patrões*”, assim estabelece o referido documento pontífice:

Entre estes deveres, eis aqueles que dizem respeito ao pobre e ao operário: deve fornecer integralmente e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme à equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências, e nunca revestirem a forma de sedições; deve fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhes sugerem esperanças exageradas e lhes fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas. Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do cristão. O trabalho do corpo, pelo testemunho comum da razão e da filosofia cristã, longe de ser um objeto de vergonha, faz honra ao homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a sua vida. O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços. O cristianismo, além disso, prescreve que se tenham em consideração os interesses espirituais do operário e o bem da sua alma. Aos patrões compete velar para que a isto seja dada plena satisfação, que o operário, não seja entregue à sedução e às solicitações corruptoras, que nada venha enfraquecer o espírito de família, nem os hábitos de economia. Proíbe também aos patrões que imponham aos seus subordinados um trabalho superior às suas forças ou em desarmonia com a sua idade ou o seu sexo... (Idem, 12.).

Observa-se que a principal preocupação aqui exposta, diz respeito ao relacionamento que deve haver entre o patrão, o operário, o trabalho e suas implicações. Assim sendo, por causa da existência e a pluralidade de vários tipos de profissões e cada qual com seus respectivos *modus operandis*, leis, normas e sindicatos que defendem seus interesses é que, procurar-se-á canalizar este estudo observando alguns aspectos relevantes a respeito do assunto epigrafado.

Portanto, esta pesquisa é uma tentativa de trazer contribuições através de um estudo comparado que auxilie no entendimento sobre a ética do trabalho na cosmovisão protestante a partir de Calvino e Weber; e do catolicismo romano segundo o seu viés doutrinal expresso em alguns documentos primários da ICAR e obras afins.

Assim sendo, no primeiro capítulo procurar-se-á desenvolver através desta pesquisa uma análise em documentos conciliares da ICAR, como a Encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, de 1891, dentre outras; documentos episcopais e em outras obras que compactuam com o mesmo ideal laborativo. Cujo propósito será de apresentar a cosmovisão católica romana sobre o assunto em tela.

Para o desenvolvimento, entendimento e fundamentação dos pressupostos da cosmovisão protestante no que se refere à Ética do trabalho, far-se-á no segundo capítulo uma busca em obras especialmente de Calvino e Weber que, segundo o autor desta pesquisa são seus principais proponentes. Aquele, como seu idealizador intelectual e este, como seu propagador sociológico, e também em outras obras da mesma linha de pensamento.

Por último, no terceiro capítulo, com a finalidade de realizar uma comparação em ambas vertentes de pensamento como objetos desta pesquisa. Além de apresentar o que algumas obras elucidam sobre o tema, como: “*O Malandro e o Protestante*”, e “*Bandeirantes e Pioneiros*”, dentre outras. Ressaltar-se-á em determinados períodos históricos novos movimentos dentro do cristianismo, que auxiliam para o surgimento de alguns pontos negativos e positivos, aproximações e contrastes. Que ambas as correntes religiosas, como propagadoras de elementos que contribuem para a formação do caráter do indivíduo, no que diz respeito à sua religiosidade, defendem e difundem baseadas em seus princípios teóricos fundantes.

Em considerações finais, tentar-se-á apresentar algumas contribuições que estas cosmovisões lançam como propostas para uma ética do trabalho que se reflita dignamente na conduta do indivíduo e que gere uma sociedade mais humana e justa. Assim sendo, passar-se-á nesse momento à análise do primeiro capítulo, como proposto.

2. A ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO A COSMOVISÃO CATÓLICA ROMANA

Este objetivo tem como propósito fundamentado em documentos da ICAR, Encíclicas papais, decisões episcopais e obras afins, explicitar pela cosmovisão Católica Romana a ética do trabalho que ela propaga, majoritariamente em várias partes do mundo por causa de sua presença em diversos países. Observar-se-á alguns marcos teóricos fundantes que esta ética do trabalho infunde ao indivíduo, refletindo-se em sua vida cotidiana e hodiernamente, focado mais especificamente ao Brasil.

Weber, em sua obra a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (doravante esta obra será mencionada com a sigla EPEC), após expor uma análise da visão do catolicismo romano que defende o trabalho como instrumento para a salvação, declara: “*a ética católica era uma ética de intenções*” (2006, p.95). Nessa afirmação, Weber faz menção de um motivo muito forte e preponderante para a ética do trabalho sob o ponto de vista da cosmovisão Católica Romana que tem a ver com as **intenções** e suas motivações. Logo, o que norteia estas intenções é que determina a ética do trabalho explicitada na conduta do indivíduo.

Antes de tratar especificamente o assunto proposto para este capítulo, seria de extrema relevância buscar de forma breve e objetiva conceituar trabalho e encontrar um significado para o mesmo. Bem como, ver qual é o conceito de trabalho que a ICAR, no Brasil, através da Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB)⁵, proclama e define como sendo o seu entendimento para o mesmo.

2.1. A PROCURA DE UM CONCEITO PARA TRABALHO

O trabalho apresenta-se e é desenvolvido pelo indivíduo, nas mais diversas formas, cargos, tipos e funções, em toda parte e em todos os níveis da sociedade. Tudo depende da atividade realizada dignamente à qual a

⁵ Doravante a Confederação Nacional de Bispos do Brasil, será mencionada por sua sigla oficial: CNBB.

pessoa deverá empreender todos os seus esforços intelectuais, físicos, mentais, emocionais, psicológicos e até espirituais para a finalidade que se propõe no exercício de seu trabalho, seja ele qual for. Orlando Vicente (ed.), ao dissertar sobre: “**Maio, 1º DE – DIA DO TRABALHO**”, registra:

Chama-se *trabalho* o esforço do homem no sentido da criação de riquezas. O trabalho pode ser *intelectual*, e neste caso consiste na invenção, que procura os meios práticos de por a natureza à nossa disposição... O trabalho humano pode ainda duplicar mediante um trabalho mecânico executado por ferramentas ou máquinas que se secundam e aumentam o esforço do homem. No sentido econômico, o *trabalho* é o desenvolvimento ordenado das energias humanas psíquicas ou corporais com objetivo econômico... O trabalho é, pois, um esforço... Não se pode viver humanamente sem trabalhar. Pio XI na “Quadragesimo Anno” nos diz que o “homem foi feito para trabalhar como o pássaro para voar”... [Menciona-se alguns tipos de “esforço” do homem no trabalho]: *Esforço Habitual... Esforço Autônomo; Esforço Ordenado a um Fim*. [Ao depois arremata]: Não é um esforço pelo esforço. Quem trabalha esforça-se por produzir algo... O trabalho é uma atividade essencialmente criadora... A Encíclica *Rerum Novarum* situou o trabalho como alguma coisa inseparável da personalidade humana e que, longe de ser objeto de vergonha, faz honra ao homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a vida... O trabalho é de tal modo importante, que já nos primeiros tempos do Cristianismo, o Apóstolo Paulo escreveu: “Aquele que não trabalha, não coma”, como que a lembrar que ninguém deve viver do trabalho alheio. O homem deve ter dignidade, e desejar manter-se graças ao seu próprio esforço; deve sentir-se orgulhoso de colaborar para o bem comum e realizar o seu trabalho. Nenhuma forma de trabalho é vil. Toda ação que visa um fim útil é trabalho. (2001, Vol.7, p.2262/3/4).

Esta abordagem conceitual de trabalho perpassa de maneira significativa, vários tipos de atividades e etapas que ele pode ser desenvolvido pelo homem, trazendo explicações e aplicações práticas ao cotidiano. Como também, apresenta implicações diretas que o trabalho tem com a formação profissional, o desenvolvimento do caráter, da personalidade do indivíduo, conseqüentemente, serve como instrumento eficaz para a auto–afirmação da dignidade da pessoa e a valoração de seus esforços.

A ICAR, através da CNBB, em documento por ela divulgado, estabelece o seguinte conceito para trabalho:

Utilizamos o conceito de trabalho de H. Arendt, em *A Condição Humana*⁶. Para essa autora, o trabalho é um dos elementos da “vita activa”, além do labor e da ação. [Diz ele]: “O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano... O Trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana..., a ação corresponde à condição humana da pluralidade”. Estes elementos constitutivos da “vita activa” formam a condição humana e se acham intimamente relacionados. Fica evidente, portanto, que o trabalho é um momento da vida e da experiência humana. Não existe em separado. É um elemento da história. *Esta maneira de conceber o trabalho* nos permite um olhar crítico sobre as formas de concepção existente historicamente. Assim sendo, na Grécia Antiga, o trabalho estava associado aos escravos e mulheres. As demais atividades, entre elas o comércio, eram consideradas marginais, existindo nos interstícios da sociedade. O trabalho, como tal, era concebido a partir do trabalho escravo. Na Idade Média, os servos, que se dedicavam às tarefas agrícolas e artesanato, representavam a forma de trabalho dominante... Na Idade Moderna, com a Economia Política, surgem várias concepções de trabalho. Assim, para Adam Smith, o trabalho criador de riqueza era somente o trabalho desenvolvido na agricultura. Era este o trabalho criador de valor. Mais tarde, Ricardo e Marx demonstram que, além do trabalho agrícola, o trabalho industrial produz valor, isto é, riqueza. *A ênfase será dada ao conceito de valor cuja existência é o trabalho humano.* (1992, p.50,51). (Itálico nosso).

Este conceito de trabalho aceito e difundido pela ICAR, via CNBB, no Brasil, engloba os elementos que Arendt expõe e os explica nessa obra. A concepção romana de trabalho propagada, expressa-se sob uma tríplice abordagem conceitual:

1. É a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano;
2. É a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana;
3. É a ação corresponde à condição humana da pluralidade.

Logo, *o trabalho é um momento da vida e da experiência humana.* Ou seja, a pessoa humana e o trabalho estão de tal maneira interligados que um não pode existir sem o outro, isto é, coexistirem separadamente. É como se

⁶ Para saber mais sobre o assunto, conferir *in*: Arendt, H., *A Condição Humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 5ª edição, revista, 1991.

um, fosse a expressão e a extensão do outro. Por isso, dá-se, segundo a conceituação da ICAR tanto *valor* ao trabalho, visto que:

O conceito de trabalho é uma idéia que pode nos ajudar a compreender todos os aspectos da vida humana. É uma idéia muito concreta e dinâmica, porque se faz e refaz quando e enquanto nós fazemos e refazemos o nosso mundo... Assim, o trabalho é uma categoria que nos torna possível compreender a vida social. Ele é uma chave, talvez a chave essencial para compreender a vida humana... na sua plenitude, o trabalho só pode ser encontrado e observado no corpo do homem que trabalha. O trabalho é o próprio ser humano em atividade neste mundo, junto com os outros homens, realizando sua maneira de existir, construindo o seu mundo de coisas, de condições e de relações... A espiritualidade do trabalho nos chama a atenção para outro aspecto do trabalho... O trabalho condiciona a qualidade de vida do homem. Não só. O trabalho cria o mundo do homem, e é só o ser humano que pode fazer isto. Foi através de atividades de trabalho que o homem se tornou homem, e é nelas que o gênero humano vai se aperfeiçoando... [Portanto] O trabalho está, então, não tanto no corpo de cada trabalhador, mas no corpo de todos os trabalhadores. O trabalho é a classe trabalhadora em ação: ora na atividade que produz e serve, ora na atividade que combate a favor da vida e dos direitos que compõem a dignidade humana... Tanto o trabalho no corpo do trabalhador, quanto o trabalhador no corpo da classe trabalhadora, podem ser compreendidos e vividos sem a consciência explícita da fé... O trabalho faz o gênero humano ser humano. Teologicamente o aproxima do modelo que Deus propôs. Trabalhar não é apenas uma condição de atividade e vida da classe trabalhadora. É uma condição humana de viver. (1992, p.159, 161,165,167,168,169).

Por estas argumentações romanistas, caminha-se para a compreensão que o trabalho funde-se de tal maneira com a pessoa humana, que, pelo visto, praticamente acaba ocorrendo um tipo de “encarnação” do trabalho no trabalhador. Estão unidos quase que inseparavelmente, como na analogia feita com Cristo e o seu trabalho na cruz, que deixou marcas em seu corpo, porém, depois, obteve a vitória quando ressuscitou.

Pegam esse exemplo e aplicam-no ao trabalhador comum, ou seja: “As cicatrizes, os calos, as deformações da mão e do trabalhador são, por um lado, a assinatura do capital em sua própria pele, mas, assumidos na Cruz, são o sinal de que nele vive o Ressuscitado”. (Idem, p.171). Aplica-se àquele caso – de Cristo –, neste, do trabalhador.

Na verdade, procura-se nessa conceituação de trabalho, aproximar o trabalhador do modelo, Cristo, proposto por Deus, a quem toda a pessoa humana deveria imitar, concebendo o trabalho como uma condição essencial à pessoa humana em seu viver.

Costa, após apresentar o significado e a etimologia do termo trabalho, expõe algumas características que o trabalho tem, enumerando-as da seguinte maneira:

Etimologia à parte, devemos observar que o trabalho, apresenta as seguintes características:

- a) Envolve o uso de energia destinado a vencer a resistência oferecida pelo objeto que se quer transformar – intencionalidade.
- b) O trabalho se propõe sempre a uma transformação.
- c) Todo trabalho está ligado a uma necessidade, externa ou interna.
- d) Todo trabalho traz como pressuposto fundamental, o conceito de que o objeto, sobre o qual trabalha, é de algum modo aperfeiçoável, mediante o emprego de determinada energia – esforço e perseverança. (2002, p.44).

Observa-se por estas características que o exercício do trabalho implica no empreendimento de esforços que o indivíduo dedica a uma determinada atividade ao exercer a sua função; visando uma transformação que está voltada para seus interesses e que supra as suas necessidades, aspirações, desejos e objetivos. Para tanto não mede esforços, dedica-se incondicional e incansavelmente, emprega suas energias e ultrapassa qualquer tipo de barreira que porventura interponha em seu caminho.

2.2. UMA BREVE VISÃO DO PERÍODO MEDIEVAL⁷

Não se pode falar da cosmovisão ética do trabalho segundo o catolicismo romano, sem mencionar suas ligações e implicações com a Idade Média ou o período medieval, como a própria ICAR reconhece: “*Na Idade*

⁷ Informa-se que os pontos 2.1.; 2.2.; 2.3.; 2.4. e 2.5., – aqui ampliados –, fazem parte de artigo elaborado por este autor com o tema: “*A Visão do Conceito Ético de Trabalho do Catolicismo Romano no Período Medieval*”; o qual foi usado para comunicação in: III Congresso Internacional de Ética e Cidadania, promovido pelo Mackenzie e a Faculdade Moraes Júnior, Rio de Janeiro, em Setembro de 2007. Cf. in anais desse Congresso.

Média, ética e religião estão estreitamente associadas e a Igreja⁸ se torna guardiã da moral, exercendo um controle rigoroso sobre a conduta dos cidadãos, associada ao poder civil”(CNBB, 1993, 21.). (Grifo nosso). Perceba que a Igreja não somente reconhece ter sido a *guardiã* da moral e, por inferência, por que não dizer da ética e do ethos nesse período; mas também, afirma que exercia um *controle rigoroso sobre a conduta dos cidadãos*. Isto quer dizer que, na Idade Média, o tipo de ética e moral, aí apresentados em sociedade pela conduta do indivíduo, refletia sua crença e nível de vida religiosa. Os quais, pelo visto, sofriam um rigoroso controle imposto pela Igreja e este, associado ao poder civil. Logo, infere-se que, em sua conduta, o cidadão medieval agia coercitivamente.

Segundo se sabe, esse período foi uma época da história da humanidade na antiguidade que durou mil anos. Emerson Luiz Faria, em artigo on-line comenta:

Considerada desde o Renascimento como período obscurantista e decadente, situado entre a antiguidade e o Renascimento, só em meados do século XIX a Idade Média passou a ser entendida como etapa necessária da história da civilização ocidental. Durante cerca de um milênio, a Europa medieval passou por lentas mudanças econômicas e políticas que, no entanto, prepararam o caminho da modernidade. Chama-se Idade Média o período da história européia compreendido aproximadamente entre a queda do Império Romano do Ocidente e o período histórico determinado pela afirmação do capitalismo sobre o modo de produção feudal, o florescimento da cultura renascentista e os grandes descobrimentos. A Idade Média européia divide-se em duas etapas bem distintas: a alta Idade Média, que vai da formação dos reinos germânicos, a partir do século V, até a consolidação do feudalismo, entre os séculos IX e XII; e a baixa Idade Média, que vai até o século XV, caracterizada pelo crescimento das cidades, a expansão territorial e o florescimento do comércio.⁹

Ainda com respeito a periotização da Idade Média, a Enciclopédia Livre on-line Wikipédia, trás o seguinte registro:

O período da Idade Média foi tradicionalmente delimitado com ênfase em eventos políticos. Nesses termos, ele teria se iniciado

⁸ O leitor deve ter em mente que, por *Igreja* aqui, a referência é à ICAR, somente. Visto que nessa época não existia nenhuma outra denominação cristã.

⁹ Disponível em: <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/IdadeMedia.html>. Acesso em: 18 de maio de 2007.

com a desintegração do Império Romano do Ocidente, no século V (476 d. C.), e terminado com o fim do Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, no século XV (1453 d. C.). A Era Medieval pode também ser subdividida em períodos menores, num dos modos de classificação mais populares ela é separada em dois períodos:

1. **Alta Idade Média**, que decorre do século V ao X;
2. **Baixa Idade Média**, que se estende do século XI ao XV.

Uma outra classificação muito comum divide a era em três períodos:

1. **Idade Média Antiga** (ou *Alta Idade Média* ou *Antigüidade Tardia*) que decorre do século V ao X;
2. **Idade Média Plena** (ou *Idade Média Clássica*) que se estende do século XI ao XIII;
3. **Idade Média Tardia** (ou *Baixa Idade Média*), correspondente aos séculos XIV e XV.¹⁰

Esse período do V ao XV séculos, um milênio praticamente, marcou a história, a política e a economia do mundo ocidental. Houve mudanças, descobertas, conquistas e avanços ocorridos em várias áreas: artes, cultura, educação, comércio, religião, etc. Quanto ao exercício do poder, governo, autoridade e soberania do período medieval perante a sociedade, há de se destacar o que Donald Mathew deixou registrado:

A Idade Média viria a definir-se a si própria, como um período que não reconhecia às autoridades soberanas o direito de impulsionar a sociedade civil, ou de exercer responsabilidades na defesa das fronteiras contra vizinhos hostis, o que podia também significar que homens brutais promoviam desordens sem receio de castigo governamental, já que nenhum braço de suserano chegava tão longe quanto as suas pretensões... Na Idade Média o único “soberano” reconhecido era Deus... A fraqueza e o erro humanos tornavam os homens incapazes de uma grande compreensão, mas através da revelação ficavam pelo menos a saber que Deus era soberano e tinha salvo o seu povo. (1996, p.16).

Percebe-se que na Idade Média havia uma determinada “desordem” pela falta do reconhecimento de autoridades soberanas que deveriam assumir a liderança e dirigir a sociedade civil; dar-lhe proteção contra ataques de inimigos e condições de exercer suas respectivas responsabilidades, atividades e deveres. Cria-se como único soberano reconhecido, somente um, Deus,

¹⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia. Acesso em: 18 de maio de 2007.

pregado pelo cristianismo. Estas e outras características contribuíram para a incapacidade de uma melhor compreensão tanto do homem como da sociedade de fatos e acontecimentos ao seu redor.

Geralmente havia por parte do cidadão comum uma falta de interesse para se crescer em conhecer assuntos intelectuais e espirituais, esta atitude impunha-lhe certas limitações. Por outro lado, faltava-lhe iniciativas e criatividade para sair do estado que se encontrava. Não cultivava esperanças e expectativas de uma vida melhor, submetia-se ao *status quo* vigente. Conseqüentemente, nesse período, o homem não apresentava e nem cultivava muitas ambições. Logo, quando refere-se ao tipo de vida, trabalho e repouso, desenvolvidos e difundidos pelo homem nesse período, Donald, destaca:

A vida era sem dúvida, durante grande parte do tempo [medieval], muito dura para a maioria dos homens, mas uma vez que nem os ricos sabiam torná-la mais confortável, não havia outra alternativa senão viver de acordo com as circunstâncias imediatas... Aceitavam a necessidade que tinham uns dos outros, de calor humano e de sociabilidade, sem pensarem em viver uma vida solitária em busca de realização pessoal... A maior parte dos homens vivia e trabalhava toda a vida no mesmo lugar, com pessoas conhecidas, empenhados durante as horas do dia nas suas ocupações, dia após dia. O ordenamento cristão impôs, pelo menos, o descanso dominical em toda a Europa medieval, embora a aceitação da semana como um ciclo de sete dias já deva ter talvez tido início no período pagão. A Igreja tentou também fazer observar o descanso em numerosos dias santos, ao longo do ano. A dedicação ao trabalho durante gerações, em que os homens multiplicaram o seu número, começou a provocar uma transformação no ambiente (...) A maioria dos homens vivia e trabalhava no campo; a cidade, embora sobrevivesse, desempenhava um papel bastante diferente do que tivera na Antiguidade. (Idem, p.17,20).

Nota-se que nesse período houve um determinado assentamento e aceitação das condições sociais impostas, que normalmente podem ser compreendidas em sua composição com as seguintes classes ou castas:

- a)** Os ricos de um lado;
- b)** O clero religioso¹¹ e a vida monástica de outro;

¹¹ Por *Clero Religioso*, deve-se entender que havia o *Alto* e o *Baixo Clero*. Este último é o que mais se identificava com o povo, especialmente com os tipos de atividades que promovia e com o povo realizava.

c) Numa outra extremidade, o povo que se compunha de pobres e miseráveis não tinha nenhuma iniciativa e muito menos expectativa de um dia almejar uma mudança de melhora em sua condição, posição e situação social;

d) Por último, havia ainda as classes de escravos e bárbaros, tratados e vistos quase como se fossem animais.

Deve-se observar que as duas primeiras classes tinham de acordo com seus interesses um diálogo e um relacionamento mais próximos. Já as outras, com essas, se mantinham bem distantes. Todavia, dependiam-se mutuamente: Aquelas (**a** e **b**) pela mão de obra destas (**c** e **d**); estas, pelo sustento financeiro, moradia e proteção que aquelas promoviam. A principal prática trabalhista do período medieval para a maior parte do povo, foi a rural, que de sua frugalidade desfrutava.

Deve-se ressaltar que ocorreram várias mudanças nesse período que trouxeram benefícios para a humanidade. Porém, em face destas peculiaridades e particularidades elas não provocaram grandes transformações na sociedade até ao episódio da Reforma protestante ocorrida no século XVI, e o conseqüente desencadeamento de suas propostas. A partir de então tanto as mudanças como as transformações, tornaram-se mais evidentes, já que envolviam inclusive as classes menos favorecidas da sociedade.

Por outro lado, por causa dos tipos de poder, governo e domínio, vale a pena mencionar que a Idade Média foi um período marcado por conflitos e guerras deflagrados por interesses de poder, religiosos, dominação territoriais, políticos, sobretudo, na Europa Ocidental. Quando retrata a posição que o trabalho ocupava nesse tempo, Costa comenta:

Ainda na Idade Média, a posição ocupada pelo trabalho era regida pela divisão gradativa de importância social: Oradores (eclesiásticos), Defensores (guerreiros) e Lavradores (agricultores). Desta forma, os eclesiásticos, no seu ócio e abstrações “teológicas” é que tinham a prioridade, ocupando um lugar proeminente. (2002, p.44).

Isto significa que cada classe social segundo o seu nível ou posição quer seja intelectual, cultural ou religiosa que punha em relevância sua importância,

desenvolvia o trabalho em atividades diferentes, destacando-se especialmente a teológica. A fruição que havia no desenvolvimento e na realização de um tipo de atividade, segundo o trabalho que a pessoa exercia no período medieval, estava ligada ao tipo de função que ela assumia em sociedade, que Costa, assim explica:

Na Idade Média, há de certa forma, um retorno à idéia grega, considerando o trabalho – no sentido manual (*banausía*), “arte mecânica”, como sendo algo degradante para o ser humano, e inferior à (*skolé*), ao ócio, descanso, repouso, à vida contemplativa e ociosa (*skolázo*), por um lado, e à atividade militar pelo outro. Na visão de Tomás de Aquino (1225-1274), o trabalho era no máximo, considerado “eticamente neutro”. (Idem, p.44).

O articulista explica que no período medieval o trabalho retornou ao conceito da idéia grega: “*como sendo algo degradante para o ser humano, e inferior*”. Ou seja, a vida contemplativa e ociosa de um lado e a atividade militar pelo outro. De fato, foi o tipo de vida que mais prevaleceu nessa época, o qual levava a pessoa a apresentar um agir-ético-egoísta. O indivíduo realizava seu trabalho preocupado em agradar a si mesmo, essa era a principal motivação. Pensando nisso, podemos passar ao ponto seguinte que elucida e abre ainda mais o leque medieval quanto a ética do trabalho nesse período.

2.3. A ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO A VISÃO DO CATOLICISMO ROMANO NO PERÍODO MEDIEVAL

Esse período foi predominantemente dominado pelo pensamento, doutrina, teologia e filosofia; defendidos e difundidos pelo catolicismo romano que norteavam a conduta ética do indivíduo conforme o seu ethos, como foi mencionado anteriormente. Entende-se que a religião é um dos principais instrumentos registrado na história da humanidade que mais a influencia, provocando-lhe mudanças: social, ética, moral e comportamental, sobretudo no que diz respeito ao trabalho.

Tem-se observado na sociedade contemporânea certa preocupação quanto ao trabalho que indivíduos em suas respectivas classes sociais

desempenham pelos seus ofícios ou funções, objetivando sua realização pessoal, prosperidade ou independência financeira. Para tanto, não medem esforços e se depreendem incansavelmente, cada qual no trabalho que desenvolve.

Max Weber, em a EPEC, ao abordar sobre a prática de vida e o valor que o cidadão católico romano dispensava às suas boas obras no período medieval, escreveu:

Ele podia usá-las, conforme a necessidade da ocasião, para expiar pecados particulares, para melhorar suas chances de salvação ou, mais para o fim de sua vida, como tipo de prêmio de seguro. Naturalmente, a ética católica era uma ética de intenções. Mas *intentio* concreta de cada ato isolado determinava seu valor. E a ação isolada, boa ou má, era creditada a quem a fizesse, determinando seu destino temporal e eterno. Muito realisticamente, a Igreja reconheceu que o homem não era uma unidade definida com absoluta clareza, a ponto de dever ser julgado de um modo ou outro, mas ocorria que sua vida moral estava moralmente sujeita aos motivos conflitantes e suas ações contraditórias. Naturalmente ela requeria, como ideal, uma mudança fundamental de vida. (2006, p.95). (Itálico e grifo nosso).

Por esse ponto analítico de Weber, observa-se que a conduta refletida nas ações do indivíduo nesse período, apontava para alguns objetivos que a própria Igreja lhe garantia conforme a necessidade, a ocasião e as intenções. Por exemplo:

- 1) Expição de pecados particulares;
- 2) Melhora das chances de salvação;
- 3) Para o fim da vida, um tipo de prêmio garantido;
- 4) As ações eram creditadas a quem as realizasse;
- 5) Tanto a boa como a má ação traria implicações quanto ao destino temporal e eterno do indivíduo.

Baseado nesses e outros objetivos é que o cidadão medieval agia. Sempre com as intenções pré-definidas para a realização de uma boa ou má obra, norteando assim, a sua conduta ética, alimentava as motivações no exercício de seu trabalho. Logo, o tipo de atividade realizada, revelava, muitas

das vezes, não somente as intenções, mas também que tipo de destino (temporal ou eterno) que a pessoa almejava em sua vida.

Mediante tais fatos, torna-se relevante apresentar a visão do conceito ético que o catolicismo romano desenvolveu, apresentou e buscou colocar em prática no período medieval no que diz respeito ao trabalho, como princípio norteador de conduta à pessoa seja ela quem for, no exercício de suas atividades. Dessa maneira, Max Weber, em a EPEC quando trata a questão da vocação em Lutero e a compara com a tradição medieval, relata:

De início, em concordância com a tradição medieval predominante, conforme representada por Tomás de Aquino, por exemplo, o trabalho mundano, embora querido por Deus, a seu ver pertence ao reino das criaturas, é a base natural indispensável da vida de fé, moralmente indiferente em si mesmo como o comer e o beber... A conduta da vida monástica é encarada não só como evidentemente sem valor para a justificação perante Deus, mas também como produto de uma egoística falta de amor que se esquiva aos deveres do mundo. (2005, p.72,73).

Weber, citando Tomás de Aquino, observa que a doutrina dele culmina no trabalho mundano, a qual está intimamente relacionada somente às coisas deste mundo e que não tem nenhum valor. E ainda, a prática da vida monástica em nada contribuiu para a justificação perante Deus, tornando-a egoísta, visto que afastava o monge do mundo e do amor que ao próximo deveria prestar, diz Weber. Esta conduta ética foi a que mais predominou nesse período. Contudo, não podemos negar algumas contribuições que a vida monástica deixou.

Infelizmente, este tipo de atitude contrariava o próprio ensino de Jesus que enfatizou a necessidade de seus discípulos viverem neste mundo e dele não se afastar. Vemos isto quando Cristo eleva ao Pai uma oração em favor deles, e em certo momento disse: *“Já não estou no mundo, mas **eles continuam no mundo**, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo guarda-os em teu nome... **Não peço que os tires do mundo**, e sim que os guardes do mal”*(negrito e grifo nosso)¹². Destaca-se aqui claramente que Jesus jamais queria que seus discípulos deixassem, se afastassem e se trancassem em

¹² Bíblia Sagrada, Evangelho de João, capítulo 17, versículos 11 e 15. Seria oportuna uma leitura em todo este capítulo para um melhor entendimento desta oração e ensino de Jesus.

qualquer lugar ou em monastérios, isolando-se do mundo. Mas sim, que nele estivessem ativa e efetivamente presentes para serem, em suas palavras: “*Sal da terra... e luz do mundo.*” (Mateus 5: 13 e 14). Logo, como ser sal da terra e luz do mundo se dele se afastar?

Apesar do movimento monacal não cumprir esta vontade expressa de Cristo e levar inúmeras pessoas a viverem em claustro. Deve-se destacar o que Gonzáles ao fazer uma análise da reforma monástica ocorrida no início do segundo milênio, em “*A Era dos Altos Ideais*”, escreveu quando fez menção da reforma cisterciense:

Em diversos lugares a vida solitária foi renovada, ou por outros meios tentou-se destacar o rigor da *Regra*. Assim, por exemplo, Pedro Damiano se contentava com o princípio de “suficiência” enunciado por São Benedito para evitar a vida acomodada, e insistia na “penúria extrema”. A este espírito rigorista se somava certo descontentamento com o monasticismo cluniacense, que se tornara rico, e tinha elaborado seus rituais a tal ponto que o trabalho manual ficava negligenciado. (...) Como Monge, Bernardo insistia na vida simples que tinha sido o ideal do monasticismo primitivo. Nesta vida o trabalho físico, particularmente na agricultura, era importante. Enquanto os monges de Cluny se subtraíam a este trabalho, sob a alegação de não sujar as vestimentas com que adoravam a Deus. (1993, VI.4, p.13,15).

Nesse período medieval mais especificamente (séculos X a XII) mencionado nesta citação, pode-se apontar pelo menos quatro linhas de pensamento do catolicismo romano que norteavam a conduta ética da pessoa com respeito ao trabalho, sobretudo o monacal:

- 1) Havia aquela que se contentava com o princípio de suficiência e enfatizava a “*penúria extrema*”;
- 2) Houve a outra do monasticismo cluniacense que chegou a negligenciar o trabalho manual;
- 3) Existiu a do pensamento do monasticismo primitivo do monge Bernardo, para quem o trabalho físico especialmente o da agricultura, era o mais importante;
- 4) Por fim, a dos monges Cluny que evitavam o trabalho na agricultura para não sujarem as mãos com que adoravam a Deus.

Independente destas linhas de pensamento e o que defendiam, a vida monástica legou à humanidade inúmeras contribuições. Gonzáles apresenta duas em especial:

Uma das principais contribuições dos mosteiros para a vida medieval foi o desenvolvimento da medicina e da farmácia, como podemos ver ainda hoje no mosteiro de São Domingo de Silos. (Idem, p.16).

Estas contribuições¹³ – medicina e farmácia – são apenas um dos exemplos que põem em evidência a importância do trabalho desenvolvido pelos monges nessa época. Um dos fatores negativos foi o isolamento e o total afastamento por parte dos monges, isolando e afastando-se do mundo em seus mosteiros. Por outro lado, existem inúmeras obras e tratados principalmente teológicos que datam desse período na história da Igreja desenvolvidos e confeccionados em mosteiros, são autênticas obras primas.

Nesse mesmo período, ao relatar sobre a vida do cidadão comum da Idade Média, confessante do catolicismo romano, quanto ao que ele cria e poderia intervir em sua vida para a eternidade, na prática ética de sua religiosidade, que se refletia em sua conduta por interesses pessoais, Weber explica:

O católico [leigo normal] da Idade Média vivia, do ponto de vista ético, por assim dizer “*von der Hand in der Mund*” {“da mão para a boca”}. Antes de mais nada, cumpria conscienciosamente os deveres tradicionais. As “boas obras” que por acréscimo ele viesse a fazer permaneciam como ações *isoladas* [que não necessariamente formavam um conjunto coerente e tampouco eram racionalizadas na forma de um sistema de vida], ações essa que [dependendo da ocasião] ele executava, por exemplo, para compensar pecados concretos ou, sob influência dos padres ou então por fim da vida, como se fosse um prêmio seguro. Claro que a ética católica era ética de “convicção”. Só que era a *intentio* concreta da ação *isolada* que decidia sobre o

¹³ Quanto às contribuições do período medieval, temos, por exemplo o que o filme: “*O Nome da Rosa*”, mostra sobre a vida dentro de um Mosteiro Beneditino, no século XIV. Revela várias ocupações que os monges realizavam como trabalho em suas respectivas atividades, das quais, destacam-se as seguintes: 1. *Tradutores* – são os que se dedicavam em traduzir as obras filosóficas do grego para o latim; 2. *Bibliotecário*; 3. *Herbolário* – responsável pelos enfermos do mosteiro; 4. *Escrivões*; 5. *Pesquisadores*; 6. *Tradutores*; 7. *Pensadores*; 8. *Escritores*; 9) *Música* – especialmente o canto gregoriano. Conferir in: “*O NOME DA ROSA*”, trabalho de pesquisa feito ao Prof. Dr. Ronaldo Cavalcante, em cumprimento de sua disciplina do Curso de Mestrado em Ciências da Religião pela UPM. 2007.

seu valor. E a ação *isolada* – boa ou má – era lançada como crédito em favor do seu autor, influenciando no seu destino eterno e também no temporal... O Católico tinha à sua disposição a *graça sacramental* de sua igreja como meio de compensar a própria insuficiência: o padre era um mago que operava o milagre da transubstanciação e em cujas mãos estava depositado o poder das chaves. (1993, p.105/6).

Como se vê nessas afirmações, nota-se que a conduta ética do indivíduo estava atrelada diretamente ao que se cria. Isto é, ele agia comprometido com as barganhas espirituais que a Igreja lhe prometia e oferecia. Este era o tipo de ética medieval que se refletia na vida do cidadão, como resultado do próprio controle que a Igreja impunha sobre a vida do indivíduo, como já fora dito. Sua esperança estava na Igreja e no sacerdote. Que Weber sobre este aspecto em particular, comenta:

O católico tinha à sua disposição a *graça sacramental* de sua Igreja como meio de compensar a própria insuficiência: o padre era um mago que operava o milagre da transubstanciação e em cujas mãos estava depositado o poder das chaves. Podia-se recorrer a ele em arrependimento e penitência, que ele ministrava expiação, esperança da graça, certeza do perdão e dessa forma ensinava a *descarga* daquela *tensão* enorme. (2005, p.106).

Por isso, confiando naquilo que a Igreja lhe oferecia e garantia o indivíduo em sua escolha, trabalho, conduta, moral e ética, assim era norteado pela Igreja, mediadora da *graça sacramental*, e tudo que a ela implica e aplica-se. Nesse sentido, Paul Tillich, ao dissertar sobre o ensino ético de Tomás Aquino, observa:

O propósito ético humano expressava-se na realização do que lhe era essencial. Segundo Tomás, o essencial era o intelecto, isto é, a capacidade de se viver no âmbito do significado e das estruturas da razão. Não é a vontade que nos torna humanos, mas o intelecto. O homem tem a vontade em comum com os animais; mas só o intelecto, a estrutura racional da mente, lhe é peculiar. (1988, p.184).

Tillich, ao tecer esse comentário sobre o ensino ético Tomista, esclarece que, para o ser humano, o mais importante é o intelecto, a razão. Visto que na vontade ele se identifica com os animais, ou seja: *tem a vontade em comum*

com os animais. De fato, somente o ser humano é quem recebeu a capacidade de pensar e agir racionalmente e mais nenhum outro ser. A identificação do homem com os animais, se refere ao fato de quando ele age irracionalmente, refletindo assim seu instinto animal.

Num outro momento, nessa mesma obra, Tillich, ao escrever sobre o *Mundo Medieval e as Forças Religiosas*, faz menção da hierarquia religiosa que corria o risco de se secularizar. A respeito da vida monástica e as diversificadas atividades realizadas pelos monges, comenta:

O monasticismo representava a negação do mundo sem quaisquer concessões, embora não fosse um movimento quietista. Essa negação vinha acoplada com certos atos destinados a transformar o mundo – no trabalho, na ciência, em outras formas de cultura, na arquitetura eclesiástica, na poesia e na música... Os monges produziam a mais refinada forma de cultura estética medieval e, até hoje, algumas ordens monásticas representam ainda as mais altas formas culturais na Igreja católica. Os Beneditinos, em particular, têm preservado essa tradição até nossos dias. Os monges eram também os mantenedores da ciência teológica e, talvez, da ciência em geral. Os maiores teólogos foram franciscanos e especialmente dominicanos. Havia monges que se dedicavam ao trabalho agrícola, à irrigação das terras, ao aproveitamento das regiões pantanosas e a inúmeras outras atividades necessárias às novas terras na Europa central e do norte, onde houvessem muitas conversões. Esses grupos monásticos representavam a vanguarda ativa e ascética da igreja, como diríamos hoje. Tinham liberdade para realizar atividades culturais, ao mesmo tempo em que se submetiam aos ensinamentos da igreja. (Idem, p.142).

Essa colocação feita por Tillich, apresenta de maneira elucidativa como o trabalho monástico era importante e diversificado no período medieval. Atingia várias áreas e atividades como a agricultura e a música, além da teológica, vida eclesiástica, atividades culturais, intelectuais e outras dentro da ciência em geral. Em tudo isso toda a vida fora dos mosteiros era beneficiada pelo trabalho monástico direta ou indiretamente. Após estas colocações, apresentar-se-á a seguir uma visão da doutrina católica romana sobre o trabalho segundo os ditames de sua teologia.

2.4. UMA VISÃO DOUTRINÁRIA–TEOLÓGICA DO CATOLICISMO ROMANO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO

A doutrina do catolicismo romano a partir do século XIII tornou-se predominantemente Tomista, oriunda dos escritos, pesquisas, estudos e ensinamentos que São Tomás de Aquino (1225-1274), desenvolveu, defendeu e difundiu. Este, por sua vez a extraiu, em parte, do pensamento filosófico de Aristóteles (384-322 A.C.). Logo, a visão de trabalho do catolicismo romano apresenta em seu bojo princípios éticos desses marcos teóricos fundantes. Aristóteles, em “*Ética a Nicômaco – III*”¹⁴, ao relatar sobre a escolha voluntária do homem no exercício de sua virtude, comenta:

Sendo, pois, o fim aquilo que desejamos, e o meio àquilo acerca do qual deliberamos e que escolhemos, as ações relativas ao meio devem concordar com a escolha e ser voluntárias. Ora, o exercício da virtude diz respeito aos meios. Por conseguinte, a virtude também está em nosso poder, do mesmo modo que o vício, pois quando depende de nós o agir, também depende o não agir, e vice-versa; de modo que quando temos o poder de agir quando isso é nobre, também está o agir quando isso é vil. Logo, *depende de nós praticar atos nobres ou vis*, e se é isso que se entende por ser bom ou mau, então depende de nós sermos virtuosos ou viciosos. (Itálico nosso). (1979, p.87).

Percebe-se nestas palavras que o “*praticar atos nobres ou vis*”, “*depende*” de quem os realiza de forma deliberada manifestando assim a virtuosidade ou os vícios do indivíduo. Logo, na faina de cada um verificar-se-á se tais atos são nobres ou vis, principalmente quanto ao que trás de benefícios ou prejuízos ao próximo. Voltado mais especificamente à prática voluntária de atos virtuosos em geral, segundo as disposições do caráter de cada indivíduo, Aristóteles, nessa mesma obra explica:

Quanto as virtudes *em geral*, esboçamos uma definição do seu gênero, mostrando que são os meios e também que são

¹⁴ Para um melhor esclarecimento e entendimento sobre esta parte, Gouvêa observa: “... a ética de Aristóteles, o maior dentre os discípulos de Platão, que tornar-se-ia a base de toda reflexão ética ocidental. No clássico *Ética a Nicômaco*, ele sugere ser a virtude, entendida como perfeição da condição humana, a base de toda a reflexão ética racional. Viver eticamente é buscar a atualização de todas as potências do ser humano. O desenvolvimento intelectual, o estudo, o conhecimento de si e do mundo é o que Aristóteles considera primordial. Nada é melhor ou mais importante que isso, inclusive do ponto de vista ético.”(2002, p.15).

disposições de caráter; e, além disso, que tendem por sua própria natureza para a prática dos atos que produzem; que dependem de nós, são voluntárias e agem de acordo com as prescrições da regra justa. Mas as ações e as disposições de caráter não são voluntárias do mesmo modo, porque do princípio ao fim somos senhores de nossos atos se conhecemos as circunstâncias; mas, embora controlemos o despontar de nossas disposições de caráter, o desenvolvimento gradual não é óbvio, como não o é também na doença; no entanto, como estava em nosso poder agir ou não agir de tal maneira, as disposições são voluntárias. (Idem, p.89).

Essa idéia aristotélica sobre a virtude, voluntariedade, disposições e poder de agir, no que se refere às disposições internas do indivíduo, fica evidente pela seguinte declaração: “*embora controlemos o despontar de nossas disposições de caráter, o desenvolvimento gradual não é óbvio*”. Isto significa que a realização de atos da parte de alguém pode ser comprometida pelas disposições de caráter que refletirão sua índole. Tal disposição ressaltasse no sistema doutrinal do catolicismo romano como o próprio “*Catecismo da Igreja Católica*”¹⁵, estatui em sua “*Terceira Parte*”, que trata sobre “*A Vida de Cristo*”, no “*Artigo 3*”, ao deliberar sobre “*A Liberdade do Homem*”, registra:

Deus criou o homem dotado de razão e lhe conferiu a dignidade de uma pessoa agraciada com a iniciativa e o domínio de seus atos... *A liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto, de praticar atos deliberados.* Pelo livre-arbítrio, cada qual dispõe sobre si mesmo. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade... Quanto mais pratica o bem, mais a pessoa se torna livre. Não há liberdade a não ser a serviço do bem e da justiça... A liberdade torna o homem *responsável** por seus atos, na medida em que forem voluntários. O progresso da virtude, o conhecimento do bem e a ascese aumentam o domínio da vontade sobre seus atos (Itálicos nosso, *este não). (1998, p.472).

Observe que estas afirmações sobre a liberdade, combinam, em parte, com as já mencionadas anteriormente. Mais adiante, no mesmo Catecismo, nessa mesma parte, só que no “*Artigo 7*”, que trata sobre “*As Virtudes*”, prescreve:

¹⁵ Este Catecismo da ICAR pertence à *Edição Típica Vaticana*, que foi preparada por um Conselho de Cardeais nomeado pelo Papa João Paulo II, na década de 90, cujo presidente foi o então Cardeal Joseph Ratzinger, atual Papa da ICAR.

A Virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem. Permite à pessoa não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si... As *virtudes humanas* são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade que regulam nossos atos, ordenando nossas paixões e guiando-nos segundo a razão da fé. Propiciam, assim, facilidade, domínio e alegria para levar uma vida moralmente boa. Pessoa virtuosa é aquela que livremente pratica o bem. As virtudes morais são adquiridas humanamente. São os frutos e os germes de atos moralmente bons; dispõem todas as forças do ser humano para entrar em comunhão com o amor divino. (Idem. p. 485/6). (Itálico nosso).

Estas declarações desse Catecismo equiparam-se, concordam e quase trazem na íntegra as referências supra citadas, que expõem o véis filosófico da teologia católica. Observe que conceitos como virtude, disposições e liberdade, que levam o indivíduo agir deliberadamente; são intercalados de tal maneira que praticamente se fundem em ambas as linhas de pensamento, que na verdade é a mesma, como já foi dito. Esta liberdade, segundo o doutrinamento da ICAR leva o homem a apresentar uma moralidade em seus atos, como *um sujeito moral* que é, por isso,

Quando age de forma deliberada, o homem é, por assim dizer, o *pai de seus atos*. Os atos humanos, isto é, livremente escolhidos após um juízo da consciência, são qualificáveis moralmente. São Bons ou maus. [Assim]: A moralidade dos atos humanos depende: do objeto escolhido; do fim visado ou da intenção; das circunstâncias da ação. O objeto, a intenção e as circunstâncias constituem as “fontes” ou elementos constitutivos da moralidade dos atos humanos. (Idem, p.476).

Vê-se nessa afirmação confessional que estas *fontes ou elementos constitutivos da moralidade dos atos humanos*, tornam-se o cerne das atitudes do homem que ele depende. Como também, elas qualificam o seu agir de forma livre, deliberada e consciente, por ser ele *o pai de seus atos*. Portanto, segundo esta linha de pensamento, *o objeto, a intenção e as circunstâncias*, é que inclinarão as disposições internas do homem em seus atos. Visto que “*o homem tem direito de agir com a consciência e liberdade, a fim de tomar pessoalmente as decisões morais*”(Idem. p.482). Estas emanam de dentro, do seu interior. Nesse sentido, com respeito ao objeto e a escolha tomada pelo homem, Aristóteles, comenta:

Sendo, pois, o objeto de escolha uma coisa que está ao nosso alcance e que é desejada após a deliberação, a escolha é um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance: porque, após decidir em resultado de uma deliberação, desejamos de acordo com o que deliberamos. (1979, p.86).

Logo, pela escolha feita, tendo como alvo um determinado objeto, o desejo dispensado para alcançá-lo, deverá, segundo Aristóteles, estar *de acordo com o que deliberamos*. Isto significa que o homem, em seu trabalho, como *objeto de escolha*, deverá dispensar e aflorar todos os seus desejos internos, deliberadamente, ao realizá-lo. Tomás de Aquino, nessa perspectiva, quando trata sobre a questão de ser livre e do livre arbítrio, afirma:

Denominamos livre aquilo que é a causa de si mesmo. Portanto, a inteligência deseja e opera com discernimento livre, o que vale dizer que está dotada de livre arbítrio. Logo, as substâncias mais elevadas na escala dos seres gozam de livre arbítrio. Livre é o que não está obrigado ou coagido em relação a uma determinada coisa. (1979, p.86).

Então, o homem, único ser dotado de inteligência, *deseja e opera com discernimento livre*. Isto é, ao *operar*, faz uso de sua inteligência, e ela é *dotada de livre arbítrio*. Portanto, o homem no exercício de uma atividade, seja ela qual for certamente faz uso de sua inteligência e aí, age livremente e com discernimento, mesmo sob a égide de normas e leis. Já que o princípio norteador de seus atos é a sua *inteligência*. Logo, o indivíduo não estará *obrigado ou coagido em relação a uma determinada coisa*. Isto é, poderá exercer um trabalho, realizar uma função, executar uma atividade com total liberdade segundo suas pré-disposições interiores o desejarem e quiserem.

O Papa Paulo VI, em sua *Constituição Pastoral*¹⁶, que trata “*Sobre a Igreja no Mundo Atual*”, no tópico que aborda sobre a *Grandeza da liberdade*, e a conecta com a dignidade do homem, faz o seguinte registro:

Mas é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem. Os homens de hoje apreciam grandemente e procuram com ardor esta liberdade; e com toda a razão. Muitas vezes, porém, fomentam-na dum modo condenável, como se ela consistisse na

¹⁶ Este documento foi consultado e extraído do site do Vaticano em 15/08/07. Ele refere-se a decisões que a ICAR tomou no Concílio do Vaticano II, trás a seguinte data: *Roma, 07 de dezembro de 1965*, in fine.

licença de fazer seja o que for, mesmo o mal, contanto que agrade. A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem... Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão, ou seja, movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa. O homem atinge esta dignidade quando, libertando-se da escravidão das paixões, tende para o fim pela livre escolha do bem e procura a sério e com diligente iniciativa os meios convenientes.(1965, 17.).

Esta declaração conciliar afirma categoricamente que *é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem*. Logo, como se viu anteriormente, o homem pode de per si mesmo, tornar-se a fonte de sua própria liberdade, que, conseqüentemente culminará em bem, igualmente por ele produzido. Isto significa que tudo começa no homem e dele emana, ou seja, ele é *movido e induzido pessoalmente desde dentro*, que o leva a atingir a dignidade ao libertar-se ele mesmo, das paixões. Este é um princípio doutrinário norteador de conduta muito comum e grandemente enfatizado pela ICAR.

Ainda quanto a esta liberdade, o Papa João Paulo II, no terceiro ano de seu pontificado, na Encíclica¹⁷ que trata sobre “*O Trabalho Humano*”, já mencionada, reforça este conceito de liberdade do homem e do uso de sua livre consciência através do seguinte registro nesse documento pontífice:

Não há dúvida nenhuma, realmente, de que *o trabalho humano tem um seu valor ético* o qual, sem meios termos, permanece diretamente ligado ao fato de aquele que o realiza ser uma pessoa, *um sujeito consciente e livre, isto é, um sujeito que decide de si mesmo*. Esta verdade, que constitui num certo sentido a medula fundamental e perene da doutrina cristã sobre o trabalho humano, teve e continua a ter um significado primordial para a formulação dos importantes problemas sociais ao longo de épocas inteiras. (1981, II. 6.). (Itálico nosso).

De acordo com esse registro, especialmente, não somente se crê – que o indivíduo é *um sujeito consciente e livre* – em tal declaração doutrinária do catolicismo romano. Como também, normatiza-se algo que o homem deverá, via de regra aceitar e confessar: “*Esta verdade, que constitui num certo sentido a medula fundamental e perene da doutrina cristã sobre o trabalho humano*”. Veja a forma incisiva e declarativa da frase: *constitui... a medula fundamental e*

¹⁷ Esta Encíclica foi consultada e extraída do Site oficial do Vaticano em 25/07/07.

perene. Ou seja, este é um princípio doutrinal da ICAR central, por ser em *certo sentido a medula fundamental* que norteia a conduta ética do indivíduo, proporcionando-lhe conseqüências atemporais, isto é, *perene*. Então, se refletirá no trabalho humano e conseqüentemente em sociedade.

Um pouco mais à frente nesta mesma Encíclica quando alude sobre o tipo de trabalho realizado por Cristo que, como carpinteiro desenvolveu seu labor manual. Este documento pontífice enfatiza que o valor não está no *gênero de trabalho* feito e sim na pessoa que o executa, logo:

O primeiro fundamento do valor do trabalho é o mesmo homem, o seu sujeito. E relaciona-se com isto imediatamente uma conclusão muito importante de natureza ética: embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada o trabalho é “para o homem” e não o homem “para trabalho”... De fato, em última análise, a *finalidade do trabalho*, de todo e qualquer trabalho realizado pelo homem ainda que seja o trabalho mais humilde de um “serviço” e o mais monótono na escala do modo comum de apreciação e até o mais marginalizador – permanece sempre o mesmo homem. (Idem. II.11).

Observa-se nesta declaração que a ICAR, doutrinariamente reforça o ensino de um conceito que tem sido refletido na prática pela maioria de seus seguidores, isto é, que o trabalho realizado pelo homem tem como fim, ele mesmo: *permanece sempre o mesmo homem*. Perceba que isto é *uma conclusão muito importante de natureza ética*, que se refletirá na conduta da pessoa. Este tipo de pensamento leva o homem a planejar e executar o seu trabalho de maneira egoística, nas palavras de Weber: *da mão para a boca*. Sempre voltado para satisfazer seus próprios interesses e menos os do próximo. A ênfase recai sobre o individualismo em detrimento das virtudes que podem e devem ser desenvolvidas em favor do próximo através do trabalho. A respeito, Tillich, ao comentar sobre a virtude nos escritos de Tomás de Aquino, escreveu:

A infra-estrutura [de seu ensino ético] contém as quatro principais virtudes pagãs, tomadas de Platão: coragem, temperança, sabedoria e a justiça abrangedora... Segundo Tomás de Aquino, as quatro virtudes naturais da filosofia podem nos levar à bem-aventurança, à *eudaimonia* no sentido grego... Nessas quatro virtudes diferentes expressam-se o poder de ser

unido à justiça... As virtudes cristãs e as pagãs combinaram-se na época do apogeu do cavaleirismo e exerceram grande influência, na Idade Média. Reuniram a coragem pagã e o amor cristão, a sabedoria pagã e a esperança cristã, e, afinal, a moderação pagã e a fé cristã. Os ideais humanísticos e clássicos entravam a cultura universalmente cristã e se desenvolvia. (1988. p.183/4).

Através dessas colocações observa-se que houve, pela virtude, uma paganização do cristianismo como já mencionado por Costa. A virtude está ligada diretamente à conduta ética da pessoa; esta à sua fé e à prática religiosa daquilo que se crê e confessa. Logo, Tomás de Aquino fez com que algumas das principais qualidades cristãs como: *“amor, esperança e fé”*, estejam indissolúvelmente combinadas e unidas ao pensamento filosófico de Platão, expresso pela: *“coragem, temperança, sabedoria e a justiça abrangedora”*. Então, os elementos que fazem aflorar os propósitos e as motivações no interior do indivíduo para a realização de uma tarefa em seu trabalho, estarão impregnados por este tipo de pensamento, pois *“os ideais humanísticos e clássicos entravam a cultura universalmente cristã e se desenvolvia”*, para daí jamais saírem.

Santo Agostinho, em parte, deixa transparecer que combateu exatamente este tipo de pensamento. Em sua época trabalhou como professor, visto que tinha um cargo público e a ele se dedicava incansavelmente. Tanto é que ele deixou o seguinte registro em *As Confissões*: *“Se me retirasse antecipadamente do meu cargo público, tão conhecido por todos, poderia parecer que era para chamar a atenção e para despertar comentário sobre a minha conduta”*. (1985, p.153). A preocupação de Agostinho dizia respeito às férias que estava por tirar e ao depois arremata: *“E que bem podia trazer-me que comentassem e discutissem a minha decisão, senão que falassem mal daquilo que é o nosso bem?”* (Idem). O bem a que ele se refere são as férias que iria tirar como fruto de seu trabalho e depois afastar-se em definitivo das aulas que ministrava:

Deixaria as minhas aulas, porque não queria que esses meninos, que estudam não a Lei de Deus e a sua paz, mas mentiras e artimanhas forenses continuassem a comprar de mim as armas para a sua guerra insensata. E como faltavam poucos dias para *as férias da vindima*, decidi enfrentá-los com paciência

para terminar as minhas aulas como de costume, e, comprado por Deus, não mais voltar a vender-me. [Assim]... Poderia parecer ostentoso não esperar pelas férias, já tão próximas. (1985, p.152).

Embora Agostinho tivesse enfrentado algumas dificuldades de saúde, pessoal e profissional em sua vida nesse período. Contudo, deixa transparecer que ele, até então, encarava o trabalho como um peso e uma obrigação de acordo com o conceito católico romano. Atente para essas palavras de Agostinho:

Cheio de alegria, suportei aqueles poucos dias – não sei se foram uns vinte – até que terminasse o ano letivo. Mas suportei-os muito a contragosto, porque já não me animava a ambição que *antes tornava tolerável o meu pesado trabalho*; e não teria resistido se a paciência não tivesse desempenhado em mim o papel que antes representava a ambição. (Idem, p.153). (Grifo e itálico nosso).

Tudo indica que Agostinho lamenta o seu trabalho porque para tolerá-lo teve que dispensar um esforço tremendo através da paciência, já que *antes*,¹⁸ ele se alimentava da *ambição* que o animava em seu *pesado trabalho*; que agora, segundo suas palavras, fora “*comprado por Deus*”. Ou seja, a partir de sua conversão a *ambição* deveria ser combatida em sua nova vida, já que antes ela era um instrumento que ele usava para tornar o trabalho tolerável. Mediante a realidade daquilo que Agostinho, como narrado, enfrentou em sua época e que outros certamente na história passaram, é que se pode verificar como a ICAR através da história tratou tal questão. Desse modo, tentar-se-á nesse momento, em linhas gerais, destacar algumas medidas por ela tomadas no Concílio do Vaticano II.

2.4.1. Concílio do Vaticano II

A ICAR ao analisar a situação econômica e social do mundo, quando da realização do Concílio do Vaticano II, preocupada com a condição social e trabalhista do homem nessa época; como fruto do que já vinha

¹⁸ Esse “*antes*” – refere-se ao período que antecede à sua conversão como ele mesmo deixou registrado em suas confissões.

ocorrendo devido a movimentos existentes, reflexo do sistema socialista-maxista, vigente em vários países e com grande penetração e aceitação em outros.

Consequentemente, vislumbrando mudanças e alguns efeitos nefastos que já ocorriam nessa época e poderiam chegar a outros piores posteriormente, decidiu agir. Reuniu-se esse Concílio para tratar de diversos assuntos que estão delineados em seu Compêndio; que, pelas suas Constituições, Decretos e Declarações, no Capítulo III: Vida Econômica e Social, ao tratar na 2ª seção sobre *Alguns Princípios que Regem o Conjunto de Vida Econômico-Social*, registra:

O trabalho humano que se exerce na produção e comércio de bens ou na prestação de serviços econômicos é superior aos outros elementos da vida econômica, pois estes são de ordem meramente instrumental. Este trabalho, com efeito, quer empreendido por conta própria quer contratado por outro, decorre imediatamente da pessoa, assinalando com sua marca as coisas da natureza e submetendo-as à sua vontade. Com o seu trabalho o homem sustenta regulamentemente a própria vida e a dos seus, associa-se aos seus irmãos e os ajuda, pode exercer a caridade fraterna e colaborar no aperfeiçoamento da criação divina. Bem mais ainda. Pelo trabalho oferecido a Deus, nós cremos que o homem se associa à própria obra redentora de Jesus Cristo, que conferiu uma dignidade eminente ao trabalho, quando em Nazaré trabalhou com as próprias mãos. Segue-se daí, para cada um, o dever de trabalhar fielmente e também o direito ao trabalho. Compete porém à sociedade, de sua parte, de acordo com as circunstâncias vigentes, ajudar os cidadãos, para que eles possam encontrar ocasião de trabalho suficiente. Enfim, o trabalho deve ser remunerado de tal modo que se ofereça ao homem a possibilidade de manter dignamente a sua vida e a dos seus sob o aspecto material, social, cultural e espiritual, considerando-se a tarefa e a produção de cada um, assim como as condições da empresa e o bem comum. (1968, p.222).

Esta declaração doutrinal romana faz várias referências¹⁹ em seu escopo, reportando-se às encíclicas: *Rerum Novarum* (1891); à *Quadragesimo Anno* (1931); à *Divini Redemptoris* (1937); à *Mater et Magistra* (1961), dentre outros documentos. Isto mostra a preocupação social que a ICAR em sua história sempre teve, especialmente com o trabalho, o trabalhador e a condição trabalhista que lhe era e é imposta. Assuntos estes, dentre outros, abordados

¹⁹ Estas informações referenciais estão em nota de rodapé (p.222) da própria obra pesquisada.

nesses documentos. Percebe-se nas recomendações desta citação como foi tratado nesse Concílio sobre a vida econômico e social do homem em seu trabalho; o envolvimento da própria sociedade como um todo, preocupando-se em ajudar o próximo a encontrar trabalho e ter uma vida digna em todos os sentidos.

O Papa Paulo VI, voltado e preocupado mais especificamente com a questão social, por causa da emergente e crescente manifestação de uma ética individualista e explorativista, manifesta a preocupação da Igreja com esta situação. Por isso, nos anais desse concílio, em uma constituição pastoral, quando trata sobre a *Superação da Ética Individualista*, recomenda: “A profundidade e a rapidez das transformações reclamam com maior urgência que ninguém se contente, por não atender à evolução das coisas ou por inércia, com uma ética puramente individualista”(1965, 30). Nesse mesmo documento, mais à frente, quando aborda sobre *A Atividade Humana no Mundo* e o seu valor, registra:

Uma coisa é certa para os crentes: a atividade humana individual e coletiva, aquele imenso esforço com que os homens, no decurso dos séculos, tentaram melhorar as condições de vida, corresponde à vontade de Deus... Isto aplica-se também, às atividades de todos os dias. Assim, os homens e as mulheres que, ao ganhar o sustento para si e suas famílias, de tal modo exercem a própria atividade que prestam conveniente serviço à sociedade, com razão podem considerar que prolongam com o seu trabalho a obra do Criador, ajudam os seus irmãos e dão uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história. (1965, 34).

Como se vê nessas afirmações, tudo que o homem faz em atividades e esforços, tentando melhorar sua situação de vida, segundo afirma-se, é da vontade de Deus, bem como, contribui *para a realização dos desígnios de Deus na história*. Logo, segundo esta concepção, o homem é um ser co-participador-e-autor, com Deus, de sua própria história, através daquilo que ele, pelos seus esforços e atividades apresenta. Por isso, “A norma da atividade humana é pois a seguinte: segundo o plano e vontade de Deus, ser conforme com o verdadeiro bem da humanidade e tornar possível ao homem, individualmente considerado ou em sociedade, cultivar e realizar a sua vocação integral”(Idem, 35).

Este mesmo documento conciliar quando faz menção sobre *A Função da Igreja no Mundo Atual*, sendo que somente ela manifesta o *mistério divino*, dita as normas, doutrina e dá as orientações de como deverá o homem atuar em sociedade, oferecendo-lhe ajuda diretivas, opina: “*Com efeito, o homem sempre desejará saber, ao menos confusamente, qual é o significado da sua vida, da sua atividade e da sua morte. E a própria presença da Igreja lhe traz à mente estes problemas*”(Idem, 41).

Assim, ao dissertar sobre os cidadãos das duas cidades: a terrena e a celestial, reportando sobre as responsabilidades que cada cidadão tem para com o próximo e tudo que envolve o sistema político, cultural, social e econômico. O referido Concílio faz determinadas exortações que devem ser observadas no cumprimento de deveres sem deles se descuidar, da seguinte forma:

O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de ambas as cidades, a que procurem cumprir fielmente os seus deveres terrenos, guiados pelo espírito do evangelho. Afastam-se da verdade o que, sabendo que não temos aqui na terra uma cidade permanente, mas que vamos em demanda da futura, pensam que podem por isso descuidar os seus deveres terrenos, sem atenderem a que a própria fé ainda os obriga mais a cumpri-los, segundo a vocação própria de cada um... Este divórcio entre a fé que professam e o comportamento quotidiano de muitos deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo... O Cristão que descuida os seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com Deus, põe em risco a sua salvação eterna. (Idem, 43.).

Deve-se atentar nesse momento que através dessa exortação, em virtude do seguidor, fiel e praticante deste seguimento religioso, crer que pelas suas obras obterá a salvação de sua alma, vê-se nesta citação como este pensamento doutrinal fica evidente. Como foi dito por Weber, pois, a motivação dele, para não divorciar a fé de seu comportamento diário; não se descuidar dos deveres temporais, quer sejam para com Deus ou para com o próximo, é pressionado a preservá-la, caso contrário, se não cultivar estas atitudes, *põe em risco a sua salvação eterna*.

Portanto, considerando que o fiel praticante do catolicismo romano crê nessa premissa – da salvação pela prática de boas obras –, especialmente em seu trabalho; cotidianamente fará tudo que estiver ao seu alcance,

dispensando todos os esforços necessários, para obtê-la. Desenvolverá seu trabalho, não importa qual seja, e a ele dedicar-se-á incansavelmente, visto que a sua eternidade está em jogo, por conseguinte, nela, pelas promessas da Igreja, inclui morar e estar no céu. Por isso, passar-se-á nesse momento à abordagem da visão do catolicismo romano sobre a ética do trabalho.

2.5. UMA VISÃO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO O CATOLICISMO ROMANO

Tendo em vista o que até então foi abordado neste capítulo sobre a ética do trabalho quanto ao seu conceito; a Idade Média; a visão católica romana no período medieval e alguns conceitos teológico-doutrinários sobre o assunto e o Concílio do Vaticano – II. Ver-se-á nesse instante sobre a ética do trabalho segundo a visão do catolicismo romano, sobretudo no que diz respeito à sua aplicação e uso, contemporaneamente.

Na tentativa de expor este ponto nesta perspectiva, é importante desenvolvê-lo a partir de alguns documentos pontífice, decisões conciliares, e os que a CNBB publica; inclusive aqueles que são frutos de Campanhas da Fraternidade (CF)²⁰, cujo enfoque seja o trabalho, a ética, o homem, a sociedade, seu ethos e o que eles envolverem. Os quais servem como fontes diretas e orientativas para as comunidades locais e outros setores da sociedade, que seguem este tipo de ordenamento de conduta religiosa. Voltado mais especificamente para o trabalho e como o mesmo foi objeto de debate dentro da ICAR, em parte de sua história, é que se fará nesse momento uma breve apresentação sobre o referido assunto.

²⁰ Esta Instituição da ICAR, doravante será mencionada neste trabalho pela sigla: CF.

2.5.1. Uma breve exposição sobre o Trabalho na Doutrina Social da ICAR

Este tópico tem por finalidade, em síntese, delinear através de alguns documentos da ICAR, qual o entendimento que ela tem e defende sobre o trabalho em sua doutrina social. Tal feito se limitará a partir de 1891, com e a partir da Encíclica *Rerum Novarum*, até os idos dos anos 90²¹, do século XX. Antes, porém, cumpre dizer que,

O Ensino Social da Igreja surge “no encontro da mensagem evangélica e das suas exigências éticas com os problemas que surgem da vida e da sociedade”. Ele visa estimular a promoção integral do homem mediante a prática da libertação cristã, na sua perspectiva terrena e transcendental. E isto se faz mediante o anúncio das verdades acerca da dignidade do homem e seus direitos, a denúncia das situações injustas e a contribuição para mudanças da sociedade e para o verdadeiro progresso do homem. (CNBB–CF, 1991, p.80).

A proposta da ICAR através de seu ensino social é de fazer com que a mensagem evangélica e suas exigências éticas tenham um encontro com os problemas da vida em sociedade. E assim, possa contribuir para que o homem em seu trabalho tenha seus direitos e a dignidade respeitados diante das injustiças sociais, e das mudanças que ocorrem em sociedade, visando um progresso humanitário para o bem estar de todos em tudo e em todos os níveis e classes sociais.

Transcrever-se-á a partir de agora algumas contribuições que a ICAR, através de documentos, orientou seus seguidores confessantes dentro de seu universo eclesiástico, em como deveriam encarar e ver o trabalho. Como também, suas implicações frente a diversas situações em momentos distintos que marcaram a história nesse período. Serão destacadas partes de alguns documentos, iniciando-se com a Encíclica *Rerum Novrum*:

A encíclica “*Rerum Novarum*”(Das Coisas Novas) foi promulgada no dia 15/05/1891 pelo papa Leão XIII. O tema da encíclica é a

²¹ No início dessa década, em 1991, para comemorar o 100º aniversário da *Rerum Novarum*, publicada em 1891, foi lançado por João Paulo II, a *Centesimus Annus*, em 01/05/1991. Nela, o Pontífice apresenta uma releitura daquela e seu importante papel social na história, em defesa do trabalho e do trabalhador.

“Condição dos operários”. A “Rerum Novarum” denuncia o jugo quase servil que foi imposto à infinita multidão de operários por um pequeno número de ricos e opulentos que concentravam em suas mãos a indústria e o comércio... Defraudar o preço devido ao trabalho é crime que clama ao céu por vingança... A “Rerum Novarum” defende rigorosamente o direito de associação dos trabalhadores. [Quanto a outra encíclica, a “Quadragésimo Anno”, registra-se:] Quarenta anos depois da publicação da “Rerum Novarum”, o papa Pio XI, em 1931, escreve a 2ª grande encíclica social: “Quadragésimo Anno”... Ela não se preocupa isoladamente com a condição operária mas com a ordem social e econômica no seu conjunto cuja regra suprema é a justiça social... [Ela] é implacável na denúncia da “ditadura econômica”, do “imperialismo internacional do dinheiro” que transformou toda a vida econômica em “horripelmente dura, implacável e cruel”. Denuncia as condições de trabalho, especialmente dos jovens e das mulheres: “a matéria inerte sai enobrecida da fábrica enquanto que os homens saem desgastados e degradados”... [Esta encíclica] concebe o salário não só como o mínimo necessário para a vida mas como fruto de um trabalho de cujo produto o sujeito tem de participar. [Em mensagens pontífices, Pio XII, ao comemorar o 50º aniversário da Rerum Novarum, deixou registrado:] Em plena guerra mundial, ilhado na Cidade do Vaticano, Pio XII fez, pela primeira vez, uso do rádio para difundir suas mensagens. A primeira foi na festa de pentecostes em junho de 1941 e justamente para comemorar o 50º aniversário da “Rerum Novarum”. Relembrando o significado da Encíclica, o Papa ressalta o justo uso dos bens materiais sobretudo com relação à família e o trabalho. [Em outro documento pontífice, a encíclica “Mater et Magistra”, cuja ênfase está em dois conceitos fundamentais: justiça e participação]: Com João XXIII a Doutrina Social da Igreja recebe novo impulso. No dia 15/05/1961, 70º aniversário da RN, João XXIII publica a “Mater et Magistra” (Mãe e Mestra). A “fixação do salário não pode se deixada à livre concorrência nem ao arbítrio dos poderosos, mas deve ser feita segundo a justiça e a equidade”... “Os trabalhadores devem receber um salário que seja suficiente para que o trabalhador tenha uma vida digna de homem e possa sustentar a sua família... Quanto a participação... [deve-se] “assegurar aos trabalhadores um papel ativo no funcionamento da empresa onde estão empregados, seja ela pública ou privada... [Esta encíclica] dá uma atenção especial aos trabalhadores rurais. São eles protagonistas do seu desenvolvimento econômico, cultural e social. Todo o ensinamento da “Mater et Magistra” centra-se no princípio de que o homem é o fundamento, a causa e o fim de todas as instituições sociais... Em abril de 1963 João XXIII promulga a “Pacem in Terris”. O tema da encíclica é “a paz entre as nações fundada na verdade, na justiça, na caridade, na liberdade”. Afirma o direito ao trabalho como um direito econômico e social de todo homem e constata “a gradual ascensão econômico-social das classes trabalhadoras”. [No Concílio Vaticano II, em “Gaudium et Spes”, registra-se]: “O trabalho humano que se exerce na produção e comércio de bens ou na prestação de serviços econômicos é superior aos outros elementos da vida

econômica, pois estes são de ordem meramente instrumental"... Reconhece ainda a greve "para a defesa dos próprios direitos e a realização das reivindicações justas dos trabalhadores" como "um recurso necessário, ainda que seja último". [Pela encíclica "Populorum Progressio" segue-se o mesmo pensamento da anterior, ela]: é um chamamento à ação frente aos problemas sócio-econômicos vividos especialmente pelos países do Terceiro Mundo. [Ela divide-se em duas partes, que contempla duas condições do desenvolvimento humano]: para um desenvolvimento integral do homem, para um desenvolvimento solidário da humanidade... Quanto ao trabalho [ela] destaca novamente a sua dimensão humana, seu caráter criador e a necessidade de que no exercício desta atividade o homem possa agir como ser inteligente e livre... [Paulo VI na encíclica "Octogesima Adveniens", em 1971] reafirma "que todo homem tem direito ao trabalho, à possibilidade de desenvolver as próprias qualidades e a sua personalidade, no exercício da profissão abraçada, direito a uma remuneração eqüitativa que lhe permita, a ele e à sua família, cultivar uma vida digna no aspecto material, social, cultural e espiritual, e direito à assistência em caso de necessidade, que esta seja proveniente da doença ou da vida"... Para Paulo VI a atividade econômica se está a serviço do homem é "afirmação da dignidade do trabalho". [Há a encíclica "Laborem Exercens", publicada por João Paulo II, em 1981, em comemoração pelo 90º aniversário da "Rerum Novarum"]. Mais do que sobre o trabalho, a encíclica se concentra no trabalhador, na pessoa que trabalha: "desejo dedicar o presente documento ao trabalho humano; e desejo ainda mais dedicá-lo ao homem, visto no amplo contexto dessa realidade que é o trabalho". [Esta encíclica] faz a distinção-chave entre o trabalho no sentido objetivo e o trabalho no sentido subjetivo. No sentido objetivo o trabalho é visto como técnica. No sentido subjetivo é a pessoa humana o sujeito do trabalho... "O primeiro fundamento do valor do trabalho é o homem, o seu sujeito"... O trabalho tem a primazia substancial e efetiva no processo de produção sobre o capital. Pelo fato de ser realizado em comunidade "o trabalho manifesta, na vida de uma sociedade, toda a dimensão da subjetividade do homem e também da subjetividade da própria sociedade, composta de trabalhadores". [Em 1987, no vigésimo da "Populorum Progressio", registra-se que] João Paulo II, escreveu a "Sollicitudo Rei Socialis", analisando a situação do mundo sob o aspecto do desenvolvimento... A "justiça nas relações de trabalho deve ser respeitada e promovida por um desenvolvimento que quer ser verdadeiramente digno do homem". [A CNBB lança a CF-91, cujo] objetivo central é assumir a realidade do trabalho e o mundo do trabalho com todas as suas dimensões de criação, progresso, conflito, divisões e solidariedade, como lugar urgente de evangelização, anúncio da Boa Nova, e construção do Reino de Paz, Justiça e Amor. (1991, p.80/1/2/3/4/5/6/7/8/90/97).

Observa-se através desses documentos, como a Igreja não somente preocupou-se com o trabalho, mas também, com o trabalhador. Na verdade, a ICAR em determinados momentos da história tornou-se a principal voz do povo perante a classe empresarial, por causa da maneira indiferente que o empresariado tratava a classe trabalhadora, sem preocupar-se com seus direitos. Por este prisma, João Paulo II, escreveu: *“A primeira consequência, em alguns países, foi o encontro entre a Igreja e o Movimento operário, nascido de uma reação de ordem ética e explicitamente cristã, contra uma geral situação de injustiça”*(1991, p.26).

Esta situação de injustiça envolvia alguns segmentos da sociedade, dentre eles destacam-se: o poder governante que predominava na época; o sistema político vigente; a maneira que a indústria e o grupo de empresários tratavam seus empregados, e, os interesses que cada um postulava. Esses segmentos sociais e os seus interesses, especialmente, são os que geravam incertezas, insegurança e injustiças, as quais atingiam diretamente o trabalho, o trabalhador e as diversas classes aí inseridas.

A preocupação e a visão que a ICAR no Brasil tem com o trabalho, a questão social e a ética, expressam-se, como foi dito, em seus documentos²². Desses, destaca-se um que recebe o título de *“Ética: Pessoa e Sociedade”*²³. Nele são discutidos vários assuntos ligados à ética: *“caminhos da ética; crise ou rearticulação da ética; caminhos de uma nova ética; orientações práticas; promoção dos valores; crise e redescoberta da ética; em busca de respostas”* (CNBB, 1993); além de inúmeros sub-itens correlacionados a estes temas. Já no início da composição desse documento, vê-se a preocupação em definir e apresentar a origem do termo ética e algumas implicações a ele ligadas diretamente, da seguinte maneira:

²² Confira a seguinte afirmação episcopal: *“Para essa reflexão, a Igreja Católica tem contribuído muito ativamente, por meio de pronunciamentos pontifícios e episcopais, especialmente no campo da ética social e em defesa da vida, assumindo uma abordagem sempre mais indutiva e concreta (Paulo VI, Octogesima Adveniens, 1971; João Paulo II, Laborem Exercens, 1981; Sollicitudo Rei Socialis, 1987; Centesimus Annus, 1991; CNBB, Exigências cristãs de uma ordem política, 1977; Por uma nova ordem constitucional, 1986; Exigências éticas da ordem democrática, 1989)”*. (CNBB; 1993. 61.); conferir in, *“Ética: Pessoa e Sociedade”*. (Negrito nosso).

²³ Este documento é fruto de trabalho da CNBB em sua 31ª Assembléia Geral, na cidade de Itaici, em maio de 1993, que pode ser consultado em site da CNBB.

O termo **ética**, com o qual indicamos a reflexão ou o saber sobre o “ethos”, tem origem grega. Aristóteles, que o introduziu na filosofia ocidental, julgava desnecessário demonstrar a existência do “ethos”. Ela é evidente. O ser se manifesta não apenas na **natureza**, mas também na ação ou práxis humana: no **ethos** – hábitos, costumes, instituições – produzidos pela sociedade. O “ethos” se refere à “morada” e à organização de um povo ou de toda a sociedade. Diferentemente da natureza, caracterizada pela necessidade e pela repetição do mesmo, o “ethos” é espaço de liberdade, de diferença. Na concepção clássica, depois assumida pelo cristianismo, a liberdade não é meramente subjetiva. *Toda pessoa humana busca sua felicidade. Não apenas Aristóteles e outros pensadores antigos, mas também o Salmista* o reconheciam: “Qual o homem que não ama sua vida, procurando ser feliz todos os dias?” (Sl 34,13). A felicidade não consiste apenas em fazer o próprio gosto, arbitrariamente, mas em buscar a própria realização; logo, o que é bom, o que é conforme à natureza humana. Como o indivíduo pode discernir o que é bom, o que o tornará verdadeiramente feliz? Num primeiro momento, é o próprio “ethos” da sociedade em que vive (seus costumes, suas leis, suas instituições) que aponta o que é “bom”. *Isto é verdade especialmente da cidade grega, que pensava suas leis como expressão da natureza e da ordem cósmica; portanto, como encarnação da justiça. Também o antigo Israel estava convencido de que suas leis e instituições eram justas por essência, pois tinham como fundamento a santidade de Deus.* Na Idade Média cristã, pensamento grego e pensamento bíblico convergem na convicção de que o Criador do mundo é também Aquele que ordena, mediante as leis morais, a convivência humana. Em muitas outras civilizações e tradições religiosas, predomina uma concepção semelhante, que dá fundamento religioso ao “ethos” e às instituições sociais e políticas que o exprimem. Por outro lado, não escapa a ninguém que as instituições humanas podem evoluir ou decair. Podem expressar uma visão insuficiente ou falha da realização humana; podem ser reformadas em nome de uma nova “ética”, ou seja, de valores mais elevados e dos direitos/deveres correspondentes. (1993, 5.6.7.8.9.). (Itálico nosso).

Percebe-se através destas colocações uma aproximação do ensino bíblico com o pensamento grego. Visto que a busca da felicidade se torna o principal alvo, e o conjunto de fatores que compõe o ethos da sociedade em que se vive, é que aponta o que é bom. Como explica Álvaro Valls ao afirmar: *“É neste sentido que podemos dizer que a ética aristotélica é finalista e eudemonista, quer dizer, marcada pelos fins que devem ser alcançados para que o homem atinja a felicidade (eudaimonía)”*(2006, p.29). Nesse contexto de busca da felicidade e do conjunto de fatores que formam o ethos em que o indivíduo é parte integrante e ativa dessa formação, dá-se origem à ética. A

qual gerará nele concepções que o auxiliarão em sua conduta, refletindo assim a visão ideológica eclesial que a ICAR difunde.

Gouvêa, em artigo escrito sobre “*Ética e Cidadania: A Busca Humana por Valores Solidários*”²⁴. Ao traçar uma breve retrospectiva a respeito da ética e da moral, destacando a ênfase que Aristóteles dispensa ao *desenvolvimento intelectual, o estudo, o conhecimento de si mesmo e do mundo*, apresenta uma abordagem sobre esta felicidade que acompanha a ética, da seguinte maneira:

Eis porque a ética e a felicidade são para aqueles poucos homens (nunca mulheres) que não precisam trabalhar duro, que possuem escravos e podem dedicar seu tempo ao estudo e à reflexão filosófica. O comportamento eticamente adequado e feliz é fruto, portanto, do aperfeiçoamento intelectual do indivíduo, e as principais virtudes advindas deste desenvolvimento são a justiça (que inclui honestidade e retidão nos julgamentos), a prudência (que inclui a paciência, a mansidão, a cautela), a coragem (que inclui a ousadia, a disposição ou prontidão, a perseverança e a resistência) e a moderação (a virtude está no equilíbrio). Esta última acaba sendo a virtude suprema, uma vez que as próprias virtudes são, segundo Aristóteles, pontos de equidistância intermediários entre os “vícios”, isto é, sentimentos, estados-de-espírito ou atitudes que se opõem às virtudes. (2002, p.15).

Nota-se que Gouvêa advoga afirmando que *o comportamento eticamente adequado e feliz*, é fruto do aperfeiçoamento intelectual do indivíduo, que finalizará, segundo ele em algumas virtudes como resultado do desenvolvimento obtido; sendo que a moderação está acima das demais, por ser ela, em suas palavras: *suprema*. Este aperfeiçoamento será uma realidade em alguém mediante aquilo que as instituições humanas podem oferecer visando tal propósito. Porém, há o reconhecimento que, “*por outro lado, não escapa a ninguém que as instituições humanas podem evoluir ou decair*”. É exatamente isto que vem ocorrendo no mundo atualmente.

Infelizmente, há muito tempo a decadência das instituições humanas e de princípios éticos, é o que tem sobrepulado aos valores morais que põem em evidência a dignidade e a virtuosidade humanas. Biéler, ao dizer que para os seres humanos *o bem e o mal lhes são igualmente naturais*; disso decorre que,

²⁴ Quem quiser melhor se interar sobre o assunto e o ponto de vista do articulista, consultar: Márcia M. C. De Liberal (Org.), in: ***Um Olhar sobre a Ética & Cidadania***. Coleção Reflexão Acadêmica, 1. UPM. 2002. p.9-30.

continua ele, a ética evangélica destina-se a servir de referência aos seres humanos. Logo,

A dignidade do trabalho humano, quando em conformidade com o desígnio de Deus atém-se ao de que ele é, de certa forma, o prolongamento do trabalho que o próprio Deus empreende para a manutenção de suas criaturas. É a resposta à vocação que este Deus lhe dirige para que eles se utilizem das riquezas da criação, postas por ele, gratuitamente, à disposição delas. A despeito dessa iminente dignidade, a obra humana permanece, porém, obra profana. (1999, p.124).

Por isso, a sociedade contemporânea vem sofrendo nos últimos tempos uma crise ética e da ética, reflexo da decadência moral e da dignidade humanas. Os valores estabelecidos que ditam e regulam as normas comportamentais, institucionais e o relacionamento do ser humano em sociedade, segundo o seu ethos, cada vez mais são desprezados e legados ao esquecimento. São relativizados e em certa medida até negados pela conduta humana de maneira inescrupulosa, quando os interesses e a vaidade pessoais, estão jogo. Por esta mesma linha de raciocínio, caminham Caso e Pussoli, em um artigo ao abordarem sobre “*A Exigência da Ética Hoje*”, apontam alguns *males sociais* que contribuem para a decadência da moral e da ética em sociedade, como se vê em nossos dias. Afirmam que,

O modelo consumista-individualista da convivência favorece a difusão dos males morais sociais do nosso tempo (a busca das vantagens pessoais em prejuízo dos outros, a redução das relações sociais, as relações de força, a violência, a criminalidade, a corrupção, a ausência de regras éticas nas relações econômicas, a transgressão juvenil, ...). (1999, p.217).

Atente que os articulistas postulam que o *modelo consumista-individualista*, seria o elemento difusor destes e outros males em sociedade, que culminam numa conseqüente decadência da ética, a qual ultimamente tem sido alvo da mídia periodicamente como fruto de inúmeros fatos ocorridos. Por causa disso, a ICAR, em documento, pondera:

A crise da ética, no mundo ocidental, está ligada a um longo processo histórico. Sem seguir rigorosamente a ordem cronológica, podemos indicar **momentos** deste processo, os

quais muitas vezes se sobrepõem. Eles manifestam, porém, os problemas reais que a ética encontra na época moderna. Na Idade Média, ética e religião estão estreitamente associadas e a Igreja se torna guardiã da moral, exercendo um controle rigoroso sobre a conduta dos cidadãos, associada ao poder civil. As guerras de religião dos séculos XVI e XVII, acentuando as divergências entre as Igrejas cristãs, contribuem para despertar a busca de uma moral “natural” ou “puramente racional”, que estivesse acima das diferenças confessionais. A ética não saiu reforçada dessa separação: a ela se segue uma crise, especialmente da convicção iluminista e idealista da **universalidade** da razão. As descobertas da etnologia e da antropologia põem em relevo a existência de culturas diversas. O relativismo se afirma ao menos no nível teórico. A própria filosofia parece renunciar a uma reflexão ética para deixar lugar a uma “sociologia dos costumes”, a uma mera **descrição** dos comportamentos éticos, sem valor normativo. Contemporaneamente surge uma crítica vigorosa das instituições sociais. Aos olhos de muitos críticos elas aparecem como expressão de **interesses** das classes dominantes, justificados por ideologias, as quais encobrem a verdadeira natureza das instituições. Mais recentemente, a própria **consciência** é posta em dúvida. Enquanto na visão tradicional ela é o lugar onde a exigência ética se manifesta com mais evidência e vigor, indicando o que é bom e exigindo uma ação coerente, para alguns pensadores contemporâneos ela nada mais é do que uma forma de censura da liberdade. As críticas modernas à ética tradicional não são meramente negativas. Elas carregam o anseio de uma ética nova, que contribua para uma mais efetiva emancipação do ser humano. (1993, 20.21.22.23.24.25).

Observa-se nestas afirmações que a crise da ética é fruto de um conjunto de fatores onde os interesses quer sejam: pessoais, institucionais, políticos, partidários e até religiosos, são colocados em evidência em detrimento da exigência ética, sobretudo a tradicional, que se manifesta mediante um rigorismo mais acentuado que segundo as modernas críticas, esta ética tradicional *censura a liberdade*.

Ao se levantar a bandeira da liberdade, muitas vezes, infelizmente, a ênfase recai sobre o aético, devido a busca desenfreada e impensada de uma pseudo *emancipação do ser humano*. Esta pseudo emancipação a própria ICAR apregoa ao afirmar: “Com efeito, o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida econômica-social” (PAULO VI, 1965, 63). Logo, a própria igreja mediante este princípio, infunde e infla no interior do indivíduo um tipo de pensamento que o leva a sentir-se “todo-poderoso” e auto-suficiente.

Em a *Ética: Pessoa e Sociedade*, quando disserta “*Em busca de respostas*”, esse documento da CNBB, ao fazer uma aplicação da ética em várias áreas e setores da sociedade, especialmente no que diz respeito à ética pessoal e profissional, registra:

O exercício de qualquer profissão na sociedade submete-se a normas éticas. A falta de formação ética de muitos profissionais é responsável por desvios da própria sociedade. O ensino da Ética nas Universidades e nos Centros de Formação possibilitaria a nossos profissionais exercer um serviço ao bem comum. A pesquisa científica conforme às exigências éticas cumpre sua missão, especialmente num país como o nosso, quando comprometida com as necessidades prementes da população. Não é admissível dissociar a ética da vida pública e profissional da ética pessoal e familiar. (1993, III, 2.3.).

Partindo desta cosmovisão católica romana sobre a ética do trabalho, quando se volta para a história recente do Brasil, em fins da década de 70²⁵, do século XX – deve-se ter em mente que o sistema de governo predominante nessa época era a ditadura militar –; ressalta-se que a principal voz do povo nesse tempo era a Igreja, isto é, a ICAR. Através da CNBB, na CF de 1978, que tem como tema: *Trabalho e Justiça para Todos*, procurando trazer um bálsamo no mar de injustiça trabalhista que imperava, ao abordar nesse documento sobre a *Grandeza de todos os trabalhos*, registra:

... nenhum trabalho honesto é menos digno. O trabalho rural, o trabalho industrial, o trabalho da professora, o trabalho do funcionário público, o trabalho intelectual, enfim qualquer tarefa é revestida de grande dignidade e permite ao homem aparecer como “o rei da criação”. (p.11).

²⁵ Para quem quiser ter uma breve visão histórica, social e da participação da ICAR nesse período a partir da década de 60 do século XX, conferir in: O Mundo do Trabalho *Desafios e Perspectivas* (*), Paulinas, 1992. Especialmente as páginas 134 a 152, destacando-se o sub-título: *O Movimento operário e a ética que emerge dos conflitos*. Vê-se aqui como a ICAR teve uma participação efetiva e ativa frente a questões trabalhistas e sociais, não somente posicionando-se, mas também, propondo sugestões para corrigir-se determinados erros cometidos pelas autoridades e empresários, em favor de trabalhadores tanto urbanos como rurais. Como o sub-título: *Terra de Trabalho e Terra de Negócio*, demonstra enfaticamente. (*) Este documento é fruto de reunião da CNBB realizada durante uma semana (03 a 08 de novembro de 1991), em Brasília, para celebrar o centenário (100º) da *Rerum Novarum* (1891), ocorrida naquele mesmo ano. Nessa reunião refletiu-se em questões sociais importantes à luz da Doutrina Social da ICAR, como expõe o referido documento.

Observe que esta colocação feita pela liderança máxima da ICAR no Brasil, aos seus fiéis, certamente elevaria a auto-estima de quem estava prostrado e sem expectativa de uma vida melhor, visto que poderia através do trabalho digno *aparecer como “o rei da criação”* e depois completa:

Por isso mesmo, deve-se instaurar um novo clima no mundo do trabalho, para que nele exista alegria, esperança, certeza de crescimento e de dias melhores. Isso não depende só da vontade de um patrão ou de uma empresa, mas sim do conjunto de uma nova ordem social, que deve ser persistentemente buscada por todos. O cultivo da consciência dos problemas do mundo do trabalho em todos os ambientes poderá levar a estruturas justas e fraternas e a uma nova humanidade. (Idem, p.11).

Perceba que esta orientação eclesiástica procura estabelecer *no mundo do trabalho* manifestações altruístas da parte daquele que o exerce, tornando seu ambiente mais fraterno, amigo e acolhedor. Este tipo de atitude fará o trabalhador sentir-se revigorado no exercício de sua função, surtindo efeitos benéficos à pessoa individualmente e à sociedade como um todo. Isto fará que os reveses desta vida refletidos no dia-dia em sociedade, sejam encarados com mais realidade. Principalmente quando vê que a impunidade pela falta de aplicação da justiça, gera no coração do indivíduo, indignação, que também é, frente a outros fatos, desprezada. Por isso, numa outra CF, 15 anos após²⁶ aquela de 1978, assim lemos:

A sociedade brasileira ficou decididamente marcada pela desigualdade e por diversidade étnica, geradoras de um dualismo ético. Há uma elite dominante, que explora o trabalho, usa da violência, ostenta luxo, despreza e oprime as culturas indígena e africana. Há os dominados, com sua ética popular, com seu jeito próprio de sobrevivência e conservando a alegria, mesmo nas mais duras condições de vida. A economia escravagista deixou como herança um “ethos” da Casa-Grande, com sua “arrogância do poder”. Esse “ethos” atribui aos poderosos privilégios e mordomias. Ignora o princípio moderno da “igualdade perante a lei”. “Quem pode, pode”. É a constatação resignada ou complacente do povo. “Quem pode” no plano econômico ou político, “pode” também no plano moral. O poderoso teria direito a tirar proveito do seu poder, independentemente de critérios da lei e da justiça, mesmo se

²⁶ Nesse período, de 1978 a 1993 (entre as duas CF's. aqui mencionadas como objetos desta pesquisa), a partir de 1982, com o movimento das diretas já, no Brasil a democracia já era uma realidade implantada e consolidada, e já completava uma década.

isto comportar que a coisa pública seja reduzida a propriedade quase privada, subordinada aos interesses particulares. Infelizmente, esta privatização do público continua hoje particularmente forte. De outro lado, entre o povo, há aqueles que praticam a ética da esperteza, do “jeitinho” e mesmo da malandragem. Para muitos, a contravenção se torna coisa normal. Valoriza-se por demais a sorte como caminho para a riqueza (jogos de azar e loterias). Outro caminho muito procurado é o pistolão e, também, o apadrinhamento por parte de ricos, poderosos e políticos, com benefícios – em troca de favores, num sistema de clientelismo. Estas breves afirmações não querem desconhecer outros fatos e tendências. Não podemos, por exemplo, esquecer que, entre os dois extremos, foram se introduzindo novos comportamentos, com o suporte de novas condições sociais. Assim, por exemplo, a colonização baseada em pequenas propriedades conservou uma forte marca religiosa, regendo o comportamento ético. Mais recentemente, a formação de novas classes médias leva, repetidas vezes, a manifestações de indignação e de protesto por parte destas contra o comportamento dos poderosos. (CNBB, 1993, 40.41.42.43.).

Estes apontamentos parecem que foram escritos recentemente, contudo, já se vão praticamente 15 anos, hoje os vemos presentes em nossa sociedade com mais evidência. Diante desta triste realidade quanto ao baixo padrão ético da sociedade brasileira onde o cidadão e o trabalhador comum sentem-se frágeis e sem ação, surge o que a CF de 1999, expõe em seu conteúdo como *“Um novo modelo de sociedade fundada na justiça e na solidariedade”*. Para combater a desigualdade desumana que a sociedade brasileira tem apresentado, propõe a ICAR nessa CF, uma nova cultura:

A esta cultura de egoísmo e consumismo desenfreado, que produz paraíso para uns poucos, desespero e morte parra a maioria, e um duvidoso horizonte positivo para o futuro da humanidade, é preciso contrapor uma outra cultura. Estamos falando *da cultura da solidariedade, da sobriedade e da subsidiariedade*, que é a favor da vida e da dignidade humana, de uma sociedade justa e solidária e a favor do meio ambiente preservado. Esta cultura, além de possibilitar um projeto político democrático e solidário, coloca em primazia o ser humano em suas relações fraternas, e coloca a economia e o mercado voltados para a superação da pobreza. Ela reestrutura as prioridades na geração e distribuição de renda e cria uma nova relação com o meio ambiente... O critério fundamental para um discernimento a respeito de uma estrutura social é a dignidade humana. É justa uma sociedade que se pauta pela dignidade de todas as pessoas e, portanto, a defende e a promove... O coração da ética bíblica e cristã é a justiça com solidariedade.

Neste sentido não apenas a pobreza, mas também a riqueza devem ser preocupação ética na política e na economia. Se o desenvolvimento econômico tende, por si mesmo, a aumentar os rendimentos do capital em detrimento do trabalho e dos trabalhadores, é indispensável que na distribuição de renda, da propriedade e dos bens, os mais bem aquinhoados socialmente sejam solidários com os pobres, débeis e inferiorizados, assumindo realmente um importante ônus social. (CNBB, 132.133.134. p.66/7).

Atente que já se passaram quase uma década dessa proposta de uma nova cultura para a sociedade brasileira; e, apesar de toda a ação, esforço e dedicação da ICAR, em querer ou procurar colocar esse tipo de cultura em prática, torná-la parte integrante da vida em sociedade, ainda está longe de ser uma realidade.

Portanto, a concepção que o catolicismo romano tem da ética do trabalho é o resultado de sua teologia. Jean Mouroux, em *Vocação Cristã do Homem*, apresenta uma reflexão teológica que envolve o que ele chama de dois universos, onde é feita uma divisão interna do homem: numa, enquanto criado por Deus há segundo ele no interior do homem o divino e noutra, o demoníaco como resultado do pecado. Sua ênfase nessa obra volta-se mais para o espiritual. Contudo, quando trata sobre *O aperfeiçoamento do mundo pela ação prática cristã* e o reflexo disso mediante as atividades humanas em compreender, organizar e dominar o mundo para desenvolvê-lo e realizá-lo, afirma:

O Cristão trabalha com o fito de extrair as energias e as riquezas do mundo, de eliminar da terra as raízes más e os espinhos, de penetrá-la de idéias e de resultados inteligíveis, de fazer com que ela toda cante... Por ser útil e belo, o trabalho assume um admirável sentido humano, e por isso se pode explicar o nascimento de uma mística do trabalho, em que a energia firme, o vigor da indústria, o entusiasmo pela obra perfeita podem aplicar-se a fundo. (1961, p.33).

Vê-se aqui que o pensamento do homem mediante o aperfeiçoamento do mundo, está voltado à responsabilidade dada por Deus para governar este mundo; que deverá ser feito através do trabalho com entusiasmo e que levará o homem a dedicar-se incansavelmente, tendo como alvo a *obra perfeita* para a obtenção de seu ideal, porém, com dignidade. A respeito da dignidade da

pessoa humana e algumas implicações a ela inerentes, assim expressa a ICAR pela sua Doutrina Social:

A afirmação da dignidade humana é o começo para entender a dignidade do trabalhador, porque há pessoas que não podem trabalhar... A tese fundamental que dá ao trabalhador consciência de sua dignidade é a mesma que dá aos trabalhadores conhecimento da dignidade dos outros. Aqui encontramos uma lição da Doutrina Social da Igreja. Se, por um lado, o trabalhador é maior que o capital, *também a ética é superior à economia e à técnica*. Isto é evidente para nós, embora não seja assim que a sociedade se organiza... [Disto decorre que] ... O reconhecimento da dignidade do outro exige de nós, na perspectiva do cristianismo, a práxis do amor cristão... É a práxis da caridade, do verdadeiro amor, que é amor gratuito, da doação de si... [Logo] É preciso que haja a capacidade do perdão. Numa sociedade conflitante, antagônica, opressora, se não houver perdão, não ocorrerá a reconciliação... [Por isso] Temos que passar pela experiência do perdão, reconhecendo que a pessoa sempre tem uma dignidade em si mais que o desatino, o desacerto dos seus atos. (1992, p.19, 22,23). (Itálico nosso).

À luz dessas colocações, observa-se que a dignidade da pessoa humana deverá refletir-se no plano horizontal, isto é, no relacionamento de uma pessoa com outra. Este agir relacional demonstrará a práxis do amor verdadeiro como expressão máxima da doação de si mesmo em favor do outro em sociedade e no trabalho. Visto que:

São três referenciais fortes de embasamento teológico: a dignidade da pessoa humana, a dimensão comunitária... e a presença cada vez mais explícita de valores que recebemos de Cristo... [Como]: a gratuidade do amor, a força e a possibilidade do perdão e a certeza da transcendência sobre a morte... (Idem, p.24).

Desses referenciais, emana o *embasamento teológico* da ICAR, o qual faz fluir uma conduta ética digna que leva a pessoa e a sociedade a superarem os freqüentes desafios que o trabalho no-los apresenta. Contudo, os intentos postulados pela ICAR a esse respeito, como visto, estão longe de serem hoje uma realidade em todas as esferas da sociedade. Assim sendo, propõe-se apresentar nesse momento, em organograma uma síntese da cosmovisão da Ética do Trabalho do catolicismo romano como analisado até aqui.

2.6. PROPOSTA DE UMA SÍNTESE SOBRE A COSMOVISÃO DA ÉTICA DO TRABALHO SEGUNDO O CATOLICISMO ROMANO

Pelo que foi dissertado neste capítulo sobre a cosmovisão da ética do trabalho segundo o catolicismo romano, na intenção de sintetizá-la através de um organograma, apresenta-se esta proposta nesse momento, objetivando um melhor entendimento dos pontos apresentados até então, da seguinte maneira:



Organograma 01
Organização: MOREIRA, 2008.

O autor desta pesquisa, pela proposta deste organograma, entende que a ICAR é a fonte primária, a “Mãe”, de onde emana tudo que é necessário para a formação da prática religiosa e da conduta do indivíduo em sociedade. A Igreja elabora, produz e dita os pressupostos filosóficos, teológicos, doutrinários, morais, éticos e sociais, que formam sua base ideológica, cultural, cognitiva, religiosa e espiritual; fundamentados em contribuições deixadas pelos filósofos (Aristóteles), teólogos (S. T. de Aquino), dentre outros, estudos e pesquisas teológicas; decisões conciliares e em documentos da CNBB. Os quais são difundidos e infundidos na pessoa, conseqüentemente, gerarão nela conceitos sobre o Livre-Arbitrio, Razão, Liberdade, Vontade, Liberalidade, Ética, Trabalho, Dignidade, Poder e Autoridade de, per si mesmo decidir espontânea e volitivamente, o que fazer, quando e como fazer, em sociedade. Ditando e traçando o rumo de sua vida.

Logo, este conjunto de fatores, normas e conceitos, voltado para o social, gerará no indivíduo princípios éticos e morais que nortearão e influenciarão a sua conduta, que deverão levá-lo a agir com dignidade e integridade; os quais se refletirão em atitudes boas ou más; estas, por sua vez promoverão em seu trabalho resultados que poderão trazer benefícios a si mesmo em primeiro lugar e depois à sociedade ou ao próximo; como também, trarão para si individual e pessoalmente, a salvação, como bem supremo; para o próximo, um convívio e um ambiente social, sobretudo no trabalho, mais fraterno, amigo e acolhedor.

Quanto a salvação, segundo a doutrina da ICAR, ela é a única agência, meio ou instrumento divino para alguém obtê-la, através do sacerdote que age vicariamente como intermediário entre o fiel e Deus. É o sacerdote quem declarará a absolvição ou a condenação do seguidor e praticante deste segmento religioso, de seus pecados. Assim, a ICAR procura propagar sua ideologia de vida – quanto a ética do trabalho – para quem a segue e dela depende pela prática de uma vida de fé no sacerdote e na Igreja. Passar-se-á nesse momento à análise do segundo capítulo como enunciado.

3. PRESSUPOSTOS DA ÉTICA PROTESTANTE DO TRABALHO EM JOÃO CALVINO E MAX WEBER

Após explicitar a ética do trabalho da cosmovisão Católica Romana. Nesse momento pretende-se demonstrar os pressupostos da ética protestante do trabalho, funclado em dois personagens que se destacaram na história e que são, no entendimento do autor desta pesquisa, os que melhor colaboraram para a difusão da cosmovisão protestante quanto a ética do trabalho. Para esta empreitada, este capítulo será desmembrado em duas partes da seguinte maneira:

1. Na primeira parte o enfoque recairá em João Calvino, que no século XVI, elaborou e desenvolveu os princípios éticos protestantes que norteiam a conduta do indivíduo em seu trabalho, os quais foram largamente difundidos e praticados pelos huguenotes e os puritanos, dos séculos XVII e XVIII;

2. Depois, na segunda parte, o destaque será em Max Weber, que no final do século XIX e no raiar do século XX, até a sua segunda década, através de uma longa e meticulosa pesquisa, elaborou, escreveu e lançou a 1ª e a 2ª edições de sua obra mais famosa: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Nela, sob a ótica sociológica, ele agrupou e fundamentou os princípios ético protestantes, extraídos do dogma calvinista da predestinação e do conceito de vocação em Lutero, no que diz respeito ao trabalho, dando-lhes notório reconhecimento científico ao mundo ocidental.

3.1. A ÉTICA PROTESTANE DO TRABALHO EM JOÃO CALVINO

A presente abordagem explicitará os pressupostos da ética protestante do trabalho em João Calvino, fundamentados especialmente em escritos desse renomado reformador e em algumas obras que tratam sobre a sua pessoa, doutrina e ensino, por ele e seus discípulos, defendidos e difundidos. Antes, porém, será relevante situar o leitor a respeito do termo *protestante* e algumas implicações inerentes ao mesmo; apresentar breves e objetivas informações sobre a vida e obra de João Calvino.

3.1.1. Breve conceituação do termo Protestante

O Dicionário Aurélio, para o verbete **Protestante**, traz a seguinte definição: “[Do lat. *Protestante*] Adj. 2 gr. **1.** Que protesta. **2.** Relativo ao, ou próprio do protestantismo. **3.** Diz-se de partidários da Reforma que protestaram contra a decisão da Dieta de Espira (1529).”²⁷ (1993; p.1406).

Mendonça, em artigo locado na Revista USP, ao tratar sobre “O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas”²⁸. Discorre sobre o referido

²⁷ Dieta de Espira – a BASE (Biblioteca de Auxílio ao Sistema Educacional), ao verbete **Reforma**, sobre esta **Dieta**, alude: “Em 1526, Carlos V, reuniu uma dieta em Espira, para conceder liberdade de culto aos já então chamados ‘reformistas’. Mas numa segunda dieta de Espira, reunida em 1529, tornou a tolher esta liberdade, pelo que **os reformistas protestaram**. Daí o nome de **protestantes** com que passaram a ser denominados.”(2001; Vol.9, p.2880). Para saber mais sobre o assunto, recomenda-se uma leitura do artigo sobre o Protestantismo, de Elwell (ed.), in: **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. (1990; Vol.III, p.194).

²⁸ Para uma melhor compreensão da argumentação de Mendonça, sugiro uma leitura completa do referido artigo in: *Revista da USP*, São Paulo, n.67, p.48-67, setembro/novembro, 2005.

tema de forma elucidativa através de algumas perguntas por ele levantadas, como: “*O que é protestantismo e o que é protestantismo brasileiro? Ainda, o que é um protestante?*” Ao dissertar o assunto sob a ótica destas questões, faz, dentre outras, as seguintes afirmações:

O protestantismo é um dos três principais ramos do cristianismo ao lado do catolicismo romano e das igrejas orientais... [Após fazer uma síntese explicativa sobre quais igrejas compõem este ramo do cristianismo, assevera]: Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam princípios gerais do movimento... Em suma, *o protestante é o homem que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a Bíblia “como única regra de fé e prática”, cultiva uma ética racional de desempenho para contribuir para a glória de Deus e vive moralmente segundo os “10 mandamentos” e os padrões da moral burguesa vitoriana... O protestante é um indivíduo que professa uma religião individual, de consciência, que se inspira na interpretação direta e pessoal da Bíblia, pauta suas ações na ética racional do trabalho e na moral burguesa vitoriana.* (2005, Nº 67, p.50/1/2). (Itálico nosso).

Estas colocações de Mendonça esclarecem e trazem luz para uma melhor compreensão sobre o protestante e o protestantismo. Em síntese, o protestante é aquele que proclama e defende os princípios bíblicos, doutrinários e teológicos, que Lutero os divulgou ao deflagrar a Reforma Protestante, tornando-se seus pilares. Ao depois, João Calvino os organizou mediante um sistema teológico ordenado, sistematizando-os, bem como, toda a teologia chamada e conhecida por reformada ou calvinista.

Esses princípios²⁹ basilares divulgados pela Reforma Protestante, têm a ver com a salvação do homem para a vida eterna em Cristo. São defendidos pelos protestantes com a finalidade de combater os ensinamentos doutrinários de salvação que a ICAR proclama. São eles:

- 1) ***Sola Scriptura*** – somente a Escritura é a única fonte inerrante de revelação;

Para quem deseja obter um maior conhecimento sobre o protestantismo brasileiro, faça uma leitura do livro: “***O Protestantismo Brasileiro*** – Estudo de Eclesiologia e História Social”, de Émile G. Leonard, ASTE; 1963; ou ainda: “***O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil***”, de Antônio G. Mendonça, ASTE; 1965.

²⁹ Quem deseja saber mais sobre estes princípios, sugere-se uma leitura do capítulo 5: “***Os Sola’s da Reforma***”, por Michael S. Horton; da obra: ***Reforma Hoje – Uma convocação feita pelos Evangélicos Confessionais***. Cláudio B. Marra (Ed.). ECC. 1999, (p.97 a 127).

- 2) **Solus Christus** – somente Cristo é quem salva por sua obra mediatória;
- 3) **Sola Gratia** – somente a graça de Deus é que salva;
- 4) **Sola Fide** – a justificação é somente pela graça mediante a fé em Cristo;
- 5) **Soli Deo Gloria** – somente a Deus toda a glória.

Um outro ponto que ficou igualmente conhecido desde esse período, porém, não muito propagado, mas é igualmente aceito, crido e confessado por todos os protestantes, é o **sacerdócio universal de todos os crentes**. Que preconiza o fato de alguém ter e manter uma comunhão íntima e direta com Deus sem a mediação de ninguém e nada, única e exclusivamente através de Jesus Cristo. Único mediador entre Deus e os homens, como os protestantes dizem. Fundamentados no que a própria Escritura Sagrada afirma: *“Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”*(Bíblia Sagrada em 1Timóteo 2.5). (Negrito nosso).

Outrossim, deve-se ressaltar que, contemporaneamente os protestantes podem ser chamados ou conhecidos também por evangélicos, crentes ou cristãos. Todavia, o termo *protestante* em seu sentido clássico, é destinado mais especificamente àqueles que pertencem às Igrejas ou denominações que surgiram imediatamente ao advento da Reforma Protestante, ainda no século XVI. Mendonça relaciona as seguintes:

Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas... Esses cinco ramos ou famílias da Reforma multiplicaram-se em numerosos sub-ramos, recebendo os mais diferentes nomes, mas que, ao guardar os princípios fundantes [da Reforma Protestante], podem ser incluídos no universo do protestantismo propriamente dito. (Idem, p.51).

Esta família, assim denominada por Mendonça, composta por estas Igrejas chamadas ou conhecidas por Igrejas históricas, no sentido de serem as denominações protestantes mais antigas, visto serem frutos ou filhas diretas do movimento e da Reforma Protestante. Delas emanam todas as demais igrejas

ou denominações que se intitulam e são hodiernamente conhecidas por protestantes, evangélicas, cristãs, comunidades, projetos, etc.

Deve-se ressaltar que muitas das novas denominações existentes hoje, sobretudo aquelas que surgiram a partir da segunda metade do século XX, algumas pentecostais, mas, principalmente as neo-pentecostais, não gostam de se identificar com o movimento da Reforma Protestante. Logo, quem pertence a este grupo de Igreja prefere ser chamado de crente, evangélico ou cristão³⁰; protestante, são aqueles que pertencem às Igrejas históricas e que *compõem a grande família da Reforma*, como disse Mendonça. Nos dias atuais, mais especificamente, protestantes ou reformados, são identificados com aqueles que pertencem às denominações que exclusivamente propagam e defendem esta linha doutrinária e teológica, que prima por um padrão de conduta ético–bíblico.

3.1.2. Informações preliminares sobre João Calvino

Situar o leitor nesse momento sobre algumas informações preliminares a cerca de João Calvino, sua vida e obra, tem como objetivo introduzir quem não o conhece ou aquele que tenha uma superficial informação de sua pessoa, formação e produção literária. Baker, sobre esse reformador, revela:

João Calvino nasceu em Noyon, Picardy, França, em 10 de julho de 1509. Seu pai foi um influente funcionário eclesiástico e secretário do bispado. Como resultado, a educação de Calvino foi proporcionada mediante os benefícios da Igreja Católica Romana. Em 1528 recebeu o título de Mestre em Artes pela Universidade de Paris. A pedido de seu pai Calvino entrou para o estudo de direito em Orleans e Bourges... Em maio de 1534 ele renunciou aos seus benefícios, e por alguma razão foi colocado como prisioneiro por um breve período... Em 1536 estava em Basileia [Suíça], Calvino publicou a primeira edição de sua obra mais conhecida *Instituição da Religião Cristã*, que lhe deu imediata fama... Calvino, de visita por breve tempo à Itália e Paris, e em sua viagem a Estraburgo, passou por

³⁰ Deve-se observar que na categoria de **cristão**, inclui-se aí também a ICAR e quem dela faz parte, que são chamados e conhecidos mundialmente, principalmente pelos institutos de pesquisa, por cristãos.

Genebra, Suíça. Aqui Guillermo Farel o convence de que era da vontade de Deus para ele estabelecer a norma evangélica em Genebra. Em janeiro de 1537, presenteou o Pequeno Concílio de Genebra com uma série de artigos relativos à reforma... Nesse mesmo ano, Calvino e Farel foram expulsos de Genebra... Calvino foi a Estrasburgo [1538], uma cidade fortemente evangélica... Depois de janeiro de 1539 foi chamado a dar conferências nas classes avançadas das escolas... Sua *Resposta a Sadoleto* em 1539, justificando a posição evangélica, aumentou sua reputação. Em Estrasburgo, Calvino se casou em agosto de 1540, com Idalette de Bora, viúva... Ela morreu em 1549. Seu único filho, nascido em 1542, viveu só uns poucos dias. Em 1541, depois de considerável persuasão de seus amigos, Calvino regressou a Genebra. [Aí permaneceu] até a sua morte em 1564. (1974, p.198-201).

Através destas breves, mas importantes informações sobre João Calvino³¹, pode-se de forma breve, objetiva e geral, saber um pouco mais a respeito desse ilustre reformador e obra. Seu ensino, doutrina e teologia, são conhecidos como calvinistas ou reformados. Deve-se destacar que a principal ênfase doutrinária de Calvino quer seja em nível eclesiástico, doutrinário, teológico e social, está na doutrina da soberania de Deus. Para ele e seus seguidores, Deus é o Senhor soberano e absoluto sobre tudo e todos.

Sob o guarda-chuva da soberania de Deus, encontra-se todo o arcabouço do ensino teológico–doutrinário, reformado, que ele deixou registrado em seu tratado da *Instituição da Religião Cristã*,³² e em todas as demais obras que são atribuídas de sua autoria. A soberania de Deus, com o lema da Reforma: *Soli Deo Gloria*, tornou-se o principal ponto da doutrina reformada, para ela e nela, todas as demais convergem.

3.1.3. Apontamento de Pressupostos da Ética do Trabalho em João Calvino

Para que haja uma melhor compreensão da cosmovisão protestante sobre a ética do trabalho pelos seus pressupostos em João

³¹ Quem quiser conhecer ainda mais esse personagem da História da Igreja, consulte in: *John Calvin – The life and significance of the Genevan Reformer*. Dr. John Kromminga. s/d. Michigan. Ou ainda em Hermisten Costa, “*Calvino de A a Z*”. São Paulo: Vida, 2006.

³² Conferir in: Calvino, Juan, *Institución de la Religión Cristiana*. FELIRE. 1968. Vols.I e II. Sobre a doutrina da soberania de Deus, encontra-se nos capítulos I ao VI, do vol. I, dessa obra.

Calvino, é necessário conhecer a posição dele sobre determinados temas como Deus, Homem, Religião, sociedade e a conduta da vida cristã. Calvino entende que todo homem é tocado por uma idéia de religião que poderá conduzi-lo a conhecer Deus, logo,

...é certo que todos somos criados a fim de conhecer a majestade de nosso Criador, e tendo-a conhecido, estimá-la acima de todas as coisas e honrá-la com todo temor, amor e reverência... Portanto, é necessário que a principal preocupação e solicitude de nossa vida seja buscar a Deus, aspirá-lo com toda a afeição de nosso coração e descansar nele somente. Ninguém deseja ser considerado completamente alienado da piedade e reconhecimento, visto ser comum pensar-se que, se nossa vida for sem religião, somos os mais miseráveis e de forma alguma melhores que os animais brutos... No entanto, querendo ou não, os homens estão vinculados por esse pensamento, sempre voltados a suas mentes, de que há alguma divindade por cujo poder se levantam ou caem... A verdadeira piedade consiste em um zelo puro e verdadeiro que ama a Deus totalmente como Pai, o reverencia verdadeiramente como Senhor, abraça a sua justiça e teme ofendê-lo mais do que a própria morte. (2003, p.12/3/4).

Essa declaração confessional³³ apresenta em seu cerne a idéia de Calvino sobre a necessidade do homem conhecer a Deus em sua majestade em primeiro lugar, para depois conhecer-se a si mesmo. Este conhecimento levará o indivíduo a *uma verdadeira piedade* que se refletirá em sua conduta diária, demonstrando *que ama a Deus* pela prática da justiça, revelando uma conduta ética em seu ethos, cotidianamente. Segundo o ensino desse reformador, há um resultado no mínimo nebuloso da imagem e semelhança de Deus no homem, pelo fato delas terem sido afetadas desde os nossos primeiros pais³⁴, como ele assim expressa:

Como resultado dessa semelhança de Deus apagada em nós, todos os que descendemos da semente de Adão, nascemos carne da carne... [Logo] O intelecto do homem está de fato

³³ A declaração dessa citação foi extraída de um *Catecismo* elaborado por João Calvino em 1537, tem como título: *“Princípios para a Vida Cristã”*. Logos, Goiânia – Goiás; 2004.

³⁴ Por *primeiros pais*, o autor desta pesquisa esclarece ao leitor que conhece ou que já ouviu falar do cristianismo e do protestantismo, deverá saber e estar ciente que ambas categorias eclesiais aceitam e defendem o criacionismo; o qual ensina que Deus após criar todas as coisas do nada – *ex nihilo*, (a Bíblia Sagrada em Gênesis 1.26, registra: *“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”*) Criou o homem – Adão, e a mulher – Eva. Esses são chamados de nossos *primeiros pais*, ou de toda a humanidade, segundo a doutrina e a teoria criacionista.

cego, envolto em infinitos erros e sempre contrário à sabedoria de Deus; a vontade, má e cheia de afeições corruptas, odeia a justiça de Deus; e a força física, incapaz de boas obras, tende furiosamente à iniquidade. (Idem, p.17).

Suas colocações aqui são incisivas quando diz que intelectualmente o homem está cego e avesso ao saber de Deus; volitivamente, suas inclinações são *corruptas* e contrárias à *justiça divina*. Este raciocínio está em pleno acordo com a afirmação feita pelo sábio Salomão ao dizer: “*Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e não peque*”(Eclesiastes 7.20). Provavelmente, este tipo de entendimento Salomão o tomou emprestado de Davi, seu pai, que já havia deixado registrado: “... *não há quem faça o bem, não há nenhum sequer*” (Salmo 14.3); estas palavras são repetidas por Davi e estão registradas em outro Salmo de sua autoria, o de número 53, versículos 1 e 3, *in fine*. Posteriormente, o apóstolo S. Paulo, em sua carta aos Romanos, escreveu: “*Como está escrito [referindo-se ao que Davi e Salomão haviam escrito]: Não há justo, nem um sequer*”(Romanos 3.10).

Mediante esta realidade bíblica irrefutável, o indivíduo, ao exercitar as suas habilidades para desenvolver uma atividade física, realizar um trabalho, exercer uma função que seja considerada *boa obra*; pelo pensamento de Calvino, o homem é *incapaz* de realizá-la. Além disso, ele inclina-se tenazmente para a prática daquilo que é errado ou fruto da *iniquidade*, diz esse reformador. Pelo seu entendimento exposto nessas palavras, nada que o homem faça poderá de, per si mesmo, fazer algo de bom.

Quanto ao que mencionou acima sobre a “*semelhança de Deus apagada em nós, todos os que descendemos da semente de Adão*”. Ele reporta a este assunto numa outra oportunidade ao dissertar sobre o arrependimento, ao dizer que a *imagem de Deus* no homem também foi afetada e sofreu mudanças negativas: “*digo que o arrependimento é uma regeneração espiritual cujo objetivo é que a imagem de Deus, obscurecida e quase apagada em nós pela transgressão de Adão, seja restaurada*” (2006, vol.2, p.135). Perceba que esta idéia de afetamento da *imagem e semelhança de Deus* no homem, ter sofrido determinada mudança *pela transgressão de Adão*, é muito enfática em Calvino.

Nessa mesma linha de raciocínio, ao falar sobre a natureza do homem, comenta: “... o homem não pode atribuir a si mesmo nem um grão de bem, além da medida, que não se estrague pela confiança vã, e que não se faça culpado do sacrilégio por usurpar a glória de Deus.”(2006; vol.1, p.100/1). Observe que o alvo de vida para o homem segundo este pensamento, é a *glória de Deus*, que jamais deverá ser usurpada. Logo, para que isso não aconteça, o homem deverá conduzir seu agir segundo a vontade de Deus que levá-lo-á a “*compreender a sabedoria espiritual*”. Esta compreensão virá, na prática, em “*saber como nos cabe reger a nossa vida segundo a vontade de Deus*” (Idem, p.107). Submetendo-se a Ele obediente, dependente e incondicionalmente.

Portanto, a vontade de Deus é o elemento principal que *regrerá* a vida do indivíduo numa conduta ética, tornando-o útil em sociedade segundo os padrões estabelecidos pelos princípios de fé³⁵ expressos em sua prática religiosa. Calvino, em seu catecismo já mencionado, postula apresentar uma *diferença entre a verdadeira e a falsa religião*. Sua principal ênfase nesse ponto tem a ver com o modo de vida de alguém que manifeste uma *verdadeira piedade* em sua conduta. Por isso ele afirma:

Ninguém deseja ser considerado completamente alienado da piedade e reconhecimento de Deus, visto ser comum pensar-se que, se a nossa vida for sem religião, somos os mais miseráveis e de forma alguma melhores que os animais brutos. Mas, *há uma grande diferença no modo de declaração da religião de alguém, visto que a maioria dos homens não é verdadeiramente tocada pelo temor de Deus*. No entanto, querendo ou não, os homens estão vinculados por esse pensamento, sempre voltando as suas mentes, de que há alguma divindade por cujo poder se levantam ou caem... Porém, vivendo de um modo desordenado e rejeitando toda a honestidade, exibem um grande senso de segurança a despeito do julgamento de Deus... Conseqüentemente, embora possam mais tarde esforçar-se por servir a Deus com grande cuidado, isto não lhes traz benefício algum porque não adoram o Deus eterno, mas os sonhos e fantasias de seus próprios corações no lugar de Deus... *A verdadeira piedade consiste em um zelo puro e verdadeiro que ama a Deus totalmente como Pai, o reverencia verdadeiramente como Senhor, abraça a sua justiça e teme ofendê-lo mais do que a própria morte*. (2003, p.12,13,14). (Itálico nosso).

³⁵ Estes *princípios de fé*, não serão objetos de comentário nesse momento, visto que eles serão, em parte, citados e discutidos na segunda parte deste capítulo, oportunamente.

Segundo este ensino, a maneira de alguém agir será o reflexo de sua expressão religiosa, visto *“que há alguma divindade por cujo poder se levantam ou caem”*. Logo, *“vivendo de um modo desordenado e rejeitando toda a honestidade, exibem um grande senso de segurança a despeito do julgamento de Deus”*, porque *“a maioria dos homens não é verdadeiramente tocada pelo temor de Deus”*. Aqueles que assim agem, mesmo *“que mais tarde esforçam-se por servir a Deus com grande cuidado, isto não lhes traz benefício algum porque não adoram o Deus eterno”*. Fazem isto porque entregam-se aos *“sonhos e fantasias de seus próprios corações no lugar de Deus”*; mas também, porque *“a maioria dos homens não é verdadeiramente tocada pelo temor de Deus”*.

Consequentemente, essa maioria de homens agirá segundo o disposto em seu interior, fazendo a sua vontade e procurará agradar única e exclusivamente a si mesmos. Por isso, nada temem, agem segundo seus instintos, inclinações e disposições internas do coração. Há nas colocações acima, pelo menos três fatores que revelam *“uma grande diferença no modo de declaração da religião de alguém”*, pondo em evidência a sua fé:

- a) A auto-confiança exacerbada:** Pois *exibem um grande senso de segurança em si mesmos;*
- b) Insensibilidade ao toque de Deus:** Infelizmente, *a maioria dos homens não é verdadeiramente tocada pelo temor de Deus*, tornando-os insensíveis não somente no que diz respeito à religião, mas também, à prática de atos dignos;
- c) Inversão de valores:** Isto acontece quando os *sonhos e fantasias de seus próprios corações [são colocados] no lugar de Deus.*

Quando a auto-confiança exacerbada, a insensibilidade e a inversão de valores, são encontradas em alguém, significa que a verdadeira piedade está sendo vilipendiada ou no mínimo, colocada de lado. Porque ela *“consiste em um zelo puro e verdadeiro que ama a Deus totalmente como Pai, o reverencia verdadeiramente como Senhor, abraça a sua justiça e teme ofendê-lo mais do que a própria morte”*.

Isto posto, no entendimento do autor deste trabalho, este pensamento de Calvino é um dos principais pontos que contribui para nortear a conduta do indivíduo quanto ao seu agir ético, construindo seu ethos perante a sociedade, demonstrando dignidade e moral naquilo que faz. Em seu tratado “*Sobre a Vida Cristã*”, na introdução, Calvino apresenta seu principal motivo para discorrer sobre o referido assunto: “*Quanto a mim, considero suficiente mostrar certa ordem pela qual o cristão possa ser conduzido e dirigido à verdadeira meta que consiste em ordenar adequadamente a sua vida.*”(2006, Vol.4, p.177).

A verdadeira meta para a vida do cristão segundo a visão protestante, *consiste em ordená-la adequadamente*. Este ordenamento de vida é norteadado por uma “*regra geral que lhe sirva de parâmetro para orientar todas as suas ações*”(Idem). Dentro desta perspectiva será brevemente exposto aqui alguns parâmetros desenvolvidos por Calvino nesse tratado, que fazem parte da regra geral por ele estabelecida.

3.1.4. Parâmetros de Vida como Regra Geral para a Conduta Protestante

Entende-se como regra geral tudo aquilo que engloba ou serve como parâmetro para orientar todas as ações do cristão protestante. Essa regra geral e todas as suas implicações estão necessariamente interligadas, por emanarem da Bíblia Sagrada; da doutrina, teologia e ensino de Calvino. Para apresentar os *fundamentos* que segundo ele não podem ser encontrados nos filósofos, “*porque eles nunca vão além dos limites da dignidade meramente natural do homem, quando procuram mostrar qual é o dever deles.*”(Idem, p.181). É feita a seguinte argumentação em conexão com a salvação:

A Escritura toma tempo e espaço para nos exortar quanto a todos os benefícios que nos vêm de Deus e a todas as partes da nossa salvação, como quando diz: *Visto que Deus nos é dado como Pai, merecemos ser repreendidos por nossa grande ingratidão, se não nos comportarmos como seus filhos. Visto que Cristo nos purificou e nos lavou com o seu sangue, e nos comunicou esta purificação pelo Batismo, é mister que não nos maculemos com nova impureza. Visto que ele nos uniu a si e nos enxertou em seu corpo, devemos zelosamente cuidar que não contaminemos de modo alguma, já que somos seus*

membros. *Visto que* ele, que é a cabeça, subiu ao céu, é de toda conveniência que nos desfaçamos de todo apego às coisas terrenas, para aspirarmos de todo o nosso coração à vida celestial. *Visto que* o Espírito Santo nos consagrou para sermos templos ou santuários de Deus, é necessário que façamos tudo o que pudermos para que a glória de Deus seja exaltada em nós, e, por outro lado, para não nos deixemos manchar por nenhuma forma de contaminação do pecado. *Visto que* a nossa alma e o nosso corpo foram destinados à imortalidade do reino de Deus e à incorruptível coroa da sua glória, é necessário que nos esforcemos para conservar alma e corpo puros e imaculados, até o dia do Senhor. (2003, p.180/1). (Itálico nosso).

Imediatamente após apresentar esses argumentos, Calvino assevera: “*Aí estão fundamentos verdadeiramente bons e próprios para que sobre eles edifiquemos a nossa vida.*”(Idem). Observe que a vida do cristão, protestante, deve ser edificada sobre esses fundamentos que nortearão sua conduta: “**Visto que...**”. Neles, contemplam-se alguns princípios cardeais à vida cristã:

1. **Santidade na vida**³⁶ – ***Visto que Cristo nos purificou e nos lavou com o seu sangue:*** *não nos maculemos; não nos contaminemos de modo algum; não nos deixemos manchar por nenhuma forma de contaminação do pecado; é necessário que nos esforcemos para conservar alma e corpo puros e imaculados;*
2. **Despojamento e desprendimento dos bens materiais:** *desfaçamos de todo apego às coisas terrenas;*
3. **Propósito nobre e principal alvo:** *é necessário que façamos tudo o que pudermos para que a glória de Deus seja exaltada em nós.*

De fato, para o protestante esses princípios devem servir como parâmetros à sua vida enquanto neste mundo. Eles nortearão sua conduta que se refletirá em atos realizados cotidianamente em seu labor, denotando o nível ético e moral de sua vida.

³⁶ Com respeito a ser santo e do cristão refletir santidade na vida, o Apóstolo Pedro adverte e chama a atenção quanto a isto em sua primeira epístola, 1.13-21; e o escritor da carta aos Hebreus, revela que sem a santificação “... *ninguém verá o Senhor*”(12.14). Recomenda-se uma leitura destes textos bíblicos.

3.1.5. O Padrão Ético de Conduta da Vida Cristã Segundo Calvino

Este é um ponto de fundamental importância dentro do pensamento e ensino de Calvino, pois envolve especialmente a manifestação por atos e palavras, através da vida de alguém que confessa ser protestante de fato; um padrão ético de conduta que reflita o nível e os objetivos de sua vida cristã enquanto neste mundo. Daí verifica-se a necessidade de se abordar esta questão através de algumas obras de Calvino, particularmente nas *Institutas da Religião*,³⁷ em seu Livro IV, o Capítulo XVII, que trata “*Sobre a Vida Cristã*”.

Calvino, contrapondo o princípio filosófico que não vai *além dos limites meramente natural do homem*, que deve viver como convém à sua natureza. Postula o contrário a este pensamento, ou seja, com o propósito de alicerçar a conduta cristã pautada no Modelo que é Cristo, afirma:

... para nos despertar mais vivamente, a Escritura nos demonstra que, assim como Deus em Cristo nos reconciliou consigo, assim também ele o constituiu em exemplo e padrão ao qual devemos amoldar-nos.... Depois de [as Escrituras] nos ter advertido de que nos degeneramos em relação à verdadeira origem da nossa criação, acrescenta que Cristo, reconciliando-nos com Deus, Seu pai, nos é dado como um exemplo de inocência e cuja imagem deve ser representada em nosso viver. (2006, 179).

Por esta colocação, a preocupação primária de Calvino é expor uma triste realidade do ser humano, que é a sua degeneração. Da qual, segundo ele, o homem foi reconciliado com Deus em Cristo, tornando-se Ele, exemplo e padrão de vida cristã, para não ser somente admirado, mas, principalmente seguido e imitado, como suas palavras expressam: *cuja imagem deve ser representada em nosso viver*. Pois,

Visto que o Espírito Santo nos consagrou para sermos templos ou santuários de Deus, é necessário que façamos tudo o que pudermos para que a glória de Deus seja exaltada em nós, e, por outro lado, para que não deixemos manchar por nenhuma forma de contaminação do pecado. (Idem. p.180)

³⁷ O exemplar da referida obra usado nesta abordagem, é o Vol.4, da 1ª edição de 2006, (p.177-225).

Aqui são expostos dois objetivos bem claros para os quais deverá o protestante agir e pautar a sua vida com dignidade e retidão:

- 1) Tudo deverá ser feito para a glória de Deus;
- 2) Tudo deverá ser feito sem se manchar e nem se contaminar com o pecado.

Para que estes objetivos sejam alcançados e não somente almejados, cada um – *cristão protestante* – deverá estar ciente a quem pertence e a quem está servindo de fato em sua vida. Como Calvino afirma:

Ora, se nós não nos pertencemos, mas somos [referindo-se a Cristo] do Senhor, vê-se claramente o que devemos evitar para não errarmos, e para onde devemos canalizar todas as ações que praticamos em nosso viver. *Não somos de nós mesmos*; portanto, não permitamos que a nossa razão e a nossa vontade exerçam domínio sobre os nossos propósitos e sobre nossas ações... E agora: *nós somos do Senhor*, vivamos e morramos por ele e para ele. *Somos do Senhor*, que a sua vontade e a sua sabedoria presidam a todas as nossas ações. *Somos do Senhor*, relacionemos todos os aspectos da nossa vida com ele como o nosso fim único. Ah, *quão proveitoso será para o homem que, reconhecendo que não é dono de si, negue à sua razão o senhorio e o governo de si mesmo e o confie a Deus*. (Idem, p.183,184). (Itálico nosso).

Perceba que através desta linha de pensamento, Calvino joga um “balde de água fria” na ideologia filosófica humanista, cuja ênfase recai sobre a razão do homem que governa e rege a sua vida segundo a sua vontade, com total liberdade. Reportando-se aos filósofos e ao que eles defendem com ênfase na razão, Calvino afirma: *“Eles ensinam que somente a razão deve reger e dirigir o homem, e pensam que só a ela devemos ouvir; com isso, atribuem unicamente à razão o governo da vida.”* (Idem, p.184). Em contrapartida, fazendo frente a esta linha de pensamento, argumenta: *“Por outro lado, a filosofia cristã pretende que a razão ceda e se afaste, para dar lugar ao Espírito Santo, e que por ele seja subjugada e conduzida, de modo que já não seja o homem que viva, mas que, tendo sofrido com Cristo, nele Cristo vive e reina.”*(Idem).

Portanto, o cerne da questão aqui está no fato do homem esvaziar-se ou despir-se de tudo aquilo que o leva a confiar em si mesmo e não em Deus, nas palavras do reformador: *nós não nos pertencemos; e, nós somos do Senhor*. Ou seja, Ele é o soberano, Senhor absoluto em todos os sentidos e níveis à vida do cristão-protestante. Como devoto que é, deverá sujeitar-se e dar lugar à ação do Espírito Santo em sua vida e tão somente dele depender, orienta Calvino. Em uma outra obra: “*A Verdadeira Vida Cristã*”, quando aborda a respeito da *autonegação*, dentro daquilo que aqui foi mencionado nesse momento, afirma:

Se não nos pertencemos a nós mesmos, mas pertencemos ao Senhor, devemos fugir daquelas coisas que lhe desagradam e processar nossas obras e nossos feitos como tudo aquilo que Ele aprova... Se pertencemos ao Senhor, deixemos que parte de nossa existência seja dirigida por Ele. Esta deve ser a nossa meta suprema. (2000. p.29,30).

Por esta colocação vê-se que a preocupação do reformador está em incutir no coração do indivíduo a consciência de uma meta suprema a ser almejada em sua vida, através do serviço que deve ser prestado como de um servo ao seu Senhor, ao qual ele pertence. Suas obras e feitos deverão em tudo buscar a aprovação de seu Senhor, cuja existência, Ele mantém e dirige.

Na prática, isto significa que a busca para o sentido da vida cristã segundo este ensinamento, deverá priorizar a vontade de Deus, a Ele submeter-se incondicional e abnegadamente. Por isso, diz ele: “... *apliquemos e dediquemos com fidelidade nossos diligentes esforços para seguir a Deus e obedecer aos seus mandamentos*”(2006, pg.185).

Tal disposição e aplicação de todos os esforços à faina diária, conduzirão o fiel praticante a uma *preocupação* como fim principal em sua vida, que deverá ser sempre observada da seguinte maneira: “*Seja esta a sua preocupação: consciente que terá que prestar contas de todas as suas obras a Deus, dirigirá a ele todas as suas intenções e nele as manterá fixas*”(Idem). Esta é uma premissa indispensável à vida cristã. Visto que a própria Bíblia afirma: “*E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas*”(Hebreus 4.13).

Este princípio bíblico enfatizado por Calvino, quanto a prestação de contas do fiel praticante, ao Deus e Senhor que ele serve, aplica-se a qualquer ser humano independente de sua confissão religiosa ou de fé, porque “*não há criatura...*”. Logo, tanto o católico romano como o protestante, ou qualquer confessante de outra religião, por serem criaturas de Deus, deverão prestar contas a Ele de seus atos e obras: “*Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus*”, revela o apóstolo S. Paulo em Romanos 14.12.

A forma abnegada de se viver e ter esta preocupação, como alvo a ser alcançado pelo indivíduo, ao apresentar este tipo de comportamento. Conduzirá o mesmo a agir contrariamente àquele motivo – a *ambição* –, que Agostinho usava para tornar suas ações toleráveis antes de sua conversão como já fora analisado anteriormente. Calvino, em seu comentário aos Gálatas, ao falar sobre a existência da ambição na sociedade e na Igreja como um dos males que as afligem e deve ser combatido, escreveu:

Dos muitos males existentes em nossa sociedade, e particularmente na Igreja, a ambição é a mãe de todos eles... Os filósofos pagãos não condenam toda a ambição por glória. Entre os cristãos, porém, quem quer que seja ávido por glória é com justa razão acusado de ser possuidor de fútil e louca ambição, porquanto se divorcia da genuína glória. Para nós só a glória de Deus é legítima. Fora de Deus só há mera vaidade. (1998, p.173).

Perceba que só a *glória de Deus*, é o princípio calvinista que deve nortear a vida do indivíduo, levando-o a ter uma conduta cristã ilibada perante a sociedade e a Igreja. Sobretudo, procurando não vangloriar-se, pelo contrário, prestar a Deus toda a glória, por ser, nas palavras de Calvino, *legítima*. Que Weber nesse sentido alude:

A vida do “santo” estava exclusivamente voltada para um fim transcendente, a bem-aventurança, mas *justamente por isso* ela era *racionalizada* [de ponta a ponta] em seu percurso intramundano e dominada por um ponto de vista exclusivo: aumentar a glória de Deus na terra – jamais se levou tão a sério a sentença *omnia in majorem Dei gloriam*. (2005. p.107).

Mediante esta realidade segundo o ensino calvinista, para a prática do bem em favor do próximo, há normas de conduta que devem estar presentes para orientarem em todo momento a vida da pessoa:

Portanto, para nos orientarmos na prática do bem e das ações humanitárias, adotemos esta norma: de tudo que o Senhor nos deu com o que podemos ajudar o nosso próximo, somos despenseiros ou mordomos, sendo que teremos que prestar contas de como nos desincumbimos da nossa responsabilidade. E mais: não há outra maneira recomendável de administrar o que recebemos senão a de seguir a norma do amor. (2006, p.189).

Quando estas normas: a da mordomia e do amor se tornam uma realidade de fato na vida de alguém, em seu modo de agir; significa que em tudo e em todo momento, social e humanitariamente, o indivíduo e o próximo serão beneficiados. Isto leva o indivíduo a submeter-se infalivelmente a um princípio norteador que o auxiliará em sua vida cristã piedosa, qual seja:

Um ditame da verdadeira piedade cristã é que somente a mão de Deus conduz e governa a boa ou má sorte, lembrando que a sua mão não age de maneira impetuosa e inconsiderada, mas dispensa o bem e o mal segundo uma justiça sabiamente ordenada. (Idem, p.197).

Observe que através desta orientação, Calvino chama a atenção que em tudo a *mão de Deus conduz e governa* tanto a *boa* como a *má sorte*. Isto significa que o cristão protestante deve estar pronto para enfrentar todas as coisas em sua vida, que dispensam quer sejam o bem ou o mal segundo a justiça ordenada sabiamente por Deus. Quer dizer que, quem segue e admite este ensinamento em sua vida, deverá viver submissa, abnegada e obedientemente, segundo aquilo que Deus estabelece para a mesma. Quanto a isso, assim explica o referido doutrinador:

A dedicação do cristão deve subir um ponto ainda mais alto, para o qual Cristo chama todos os que lhe pertencem. Chama-os para que cada qual leve a sua cruz. Porque todos quantos o Senhor adotou e recebeu na comunidade dos seus filhos devem dispor-se e preparar-se para uma vida dura, laboriosa e repleta de labutas e de infindáveis espécies de males. É da vontade do

Pai celestial exercitar assim os seus servos, a fim de prová-los. (2006, p.197).

Corroborando e como fundamento para este ensino, Jesus Cristo já disse: “*Se alguém quer vim após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me*” (Mateus 16.24). Sobre as dificuldades que seus seguidores enfrentariam enquanto nesta vida, Ele advertiu: “*No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo*” (João 16.33). Com esta advertência Jesus deixou claro que quem quisesse ou viesse a segui-lo e ser seu discípulo, deveria nas palavras de Calvino: *preparar-se para uma vida dura, laboriosa e repleta de labutas e de infindáveis espécies de males*. Contudo, assim como Cristo venceu – *eu venci o mundo* –, importa também que os seus seguidores sejam mais do que vencedores (Romanos 8.37).

Diante da realidade de confrontar as dificuldades que o cristão não poderá livrar-se delas, mas encará-las e procurar enfrentá-las com determinação, Calvino conclui:

Portanto, se queremos ser discípulos de Cristo, devemos empenhar-nos no sentido de que o nosso coração se encha de tal reverência e obediência a Deus que nos habilite a dominar e subjugar todos os sentimentos contrários ao seu beneplácito. Decorre disso que, em qualquer tribulação que estejamos mesmo na maior aflição da alma que seja possível alguém sofrer, não deixaremos de perseverar em nossa paciência. As adversidades sempre nos causarão agrura e sofrimento. Por essa causa, quando formos afligidos por enfermidades, gemeremos e choraremos, e desejaremos ser curados; quando formos oprimidos pela indigência, sentiremos alguns agulhões nascidos da perplexidade e da preocupação. Semelhantemente, a humilhação, o desprezo e todas as formas de injúria que nos causem nos farão sentir dor no coração... Mas sempre chegaremos a esta conclusão: “Como, porém, Deus o quis, sigamos a sua vontade”. (2006, p.208/9).

Deve-se atentar para o fato que, por esta linha de pensamento não importa o que aconteça, quando alguém desenvolve um trabalho ou atividade no exercício de sua função, quer seja através do empenho, esforço e dedicação. Deverá, em todo momento, demonstrar reverência e obediência a Deus; que o habilitará *a dominar e subjugar todos os seus sentimentos* que não sejam de acordo com a bondade de Deus. Dessa maneira, conclui o reformador: *Deus o quis, sigamos a sua vontade*. À vontade de Deus a pessoa

deverá nortear sua conduta, coração e sentimentos, e tudo que envolve a sua vida. Referindo-se à obediência como Calvino a via, Costa faz o seguinte registro:

Deve-se defender a obediência como “a base de toda a verdadeira religião...” Comentando Deuteronômio 12.32, “Aplicem-se a fazer tudo que lhes ordeno; não acrescentem nem tirem coisa alguma”, Calvino disse: “nesta pequena cláusula [bíblica] ele [Deus] ensina que não há outro serviço considerado lícito por Deus a não ser aquele que Ele deu Sua aprovação na Sua palavra, e que a obediência é a mãe da piedade; é como se ele tivesse dito que todos os modos de devoção são absurdos e infectados com superstição, quando não são dirigidos por esta regra”(2006. p.196).

Perceba que por esta abordagem, Calvino conecta a obediência com a piedade, dizendo que aquela é a mãe desta, e ambas são regidas por e para Deus. Com respeito a piedade, Costa, citando novamente Calvino, alude:

“Deus só é corretamente servido quando sua lei for obedecida. Não deixa a cada um a liberdade de codificar um sistema de religião ao sabor de sua própria inclinação, senão que o padrão de piedade deve ser tomado da Palavra de Deus”... “Visto que todos os questionamentos supérfluos que se inclinam para a edificação devem ser com toda razão suspeitos e mesmo detestados pelos cristãos piedosos, a única recomendação legítima da doutrina é que ela nos instrui na reverência e no temor de Deus. E assim aprendemos que o homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo.”(Idem, p.218).

Observa-se por esta análise calvinista, que Deus não permite que nenhum sistema religioso possa ditar um padrão de piedade para alguém, a não ser a Sua Palavra. Assim, aquele que mais cresce na piedade, será nas palavras de Calvino: *o melhor discípulo de Cristo*. Portanto, “*Se desejamos ser discípulos de Cristo, devemos reverenciar a Deus de tal maneira que possamos triunfar sobre todas as inclinações contrárias e submeter-se com alegria a Seu plano*”(CALVINO, 2000, p.56).

Caminhando nesta mesma linha de raciocínio, Forell, em *A Ética da Decisão*, ao analisar o sétimo mandamento: *Não furtarás*, e expor algumas implicações a ele inerentes, assevera:

O caráter particular do trabalho faz de fato pequena diferença... A ocupação é um chamado não em virtude de seu caráter inerente, mas em virtude da compreensão cristã daquele que a executa. Todo labor feito para a glória de Deus e a serviço de nosso semelhante é vocação cristã. E nenhuma atividade feita por motivos meramente egoístas é sagrada por sua natureza... Não é o trabalho, mas a fé do trabalhador que dá a uma ocupação seu caráter distintamente cristão. A obediência ao sétimo mandamento, na fé, significa que toda nossa vida se torna um testemunho vivo do fato que Cristo é nosso Senhor e nós somos seus discípulos. (1989, p.179,180).

Embora nessa obra Forell baseia sua pesquisa principalmente em Lutero; aqui, por esta citação e o que está implicado a ela em seu contexto, pode-se ver que o princípio reformado norteador para a realização de uma atividade como objetivo final, é o mesmo, ou seja: *Todo labor feito para a glória de Deus e a serviço de nosso semelhante é vocação cristã*. Como também, nenhuma outra atividade ou função exercida por alguém, não importa qual seja, sem esta visão, ensejará em propósitos egoístas ditados pela natureza humana, cuja vontade volta-se para a satisfação do indivíduo e não do semelhante, e muito menos para a glória de Deus.

Por isso, jamais poderá identificar-se com a vocação cristã, cujo princípio norteador é a obediência. Esta, por sua vez, se assemelhará com o modelo, Cristo, que foi obediente ao Pai até a morte na cruz, como afirma S. Paulo, em Filipenses 2.8. Segundo Forell, quem assim age, demonstrará não somente ter a Cristo como seu Senhor³⁸, mas também, em ser de fato seu discípulo.

Calvino, no final de seu tratado, quando escreve “*Sobre a Vida Cristã*”, expõe algumas regras (04) ou princípios gerais da Escritura, que auxiliam o indivíduo a refrear a carne,³⁹ que o leva a inclinar-se, ou seja, a fazer algo ou desejar alguma coisa que seja contrário àquilo que a Escritura no-lo determina. Por isso, recomenda:

³⁸ Isto implica que a pessoa que confessa e tem a Cristo como Salvador de sua vida, que ela prioriza a Palavra de Jesus e os seus ensinamentos. Enquanto que a teologia, doutrina e ensino de homens, deverão, via de regra, concordarem com Ele e Sua Palavra (cf. Atos dos Apóstolos 17.11).

³⁹ Por **carne**, do grego: *sarx*, deve-se entender como sendo a manifestação dos **desejos**, inclinações e disposições naturais, internas da pessoa, que a leva agir e a satisfazer tão somente a sua vontade, procurando agradar a si mesma.

...é necessário que não menos diligentemente repudiemos a concupiscência da nossa carne, que se extravasará sem medida, se for deixada sem freios. Lembremo-nos de que, como eu já disse, há alguns que, sob o pretexto de liberdade, concedem à carne tudo quanto ela deseja. (2006, p.220).

Para que este tipo de pensamento não se manifeste em atitudes vis e muito menos numa conduta reprovável, esse reformador orienta: *“Das regras que visam refrear a carne, a primeira é a seguinte”*, e cita outras também.

Todos os bens que temos foram criados para que reconheçamos o seu autor e magnifiquemos a sua bondade com ações de graça... [A segunda regra é]: o caminho mais certo e mais curto para levar o homem a desprezar a vida presente é meditar na imortalidade celestial. Dessa regra decorrem outras duas: [1ª] A primeira é que os que desfrutam deste mundo devem fazê-lo com o mínimo de apego, como se nada desfrutassem dele...; [2ª] a outra regra subsidiária é: aprendamos tanto a sobrelevar pacientemente e com coração sereno a pobreza, como usar moderadamente a abundância... [A 3ª regra é]: A outra regra será que aqueles que se acham na pobreza aprendam a suportar com paciência a sua escassez, para não se tornarem com demasiada preocupação. Os que conseguem observar esse equilíbrio emocional têm tido não pequeno proveito da escola do Senhor... Todos quantos desejam servir a Deus com sinceridade aprendam do exemplo do apóstolo, que sabia viver contente na abundância e na escassez; saibam, pois, conduzir-se moderadamente na abundância e ter positiva paciência na pobreza... [A 4ª e última regra é]: ... que todas as coisas nos foram dadas pela benignidade de Deus, e destinadas ao nosso uso e proveito, que elas nos foram deixadas como em custódia, em depósito, e chegará o dia em que deveremos prestar contas delas. Por isso devemos administrá-las tendo sempre em mente esta sentença: teremos de prestar contas de tudo que o Senhor nos tem confiado. (2006. p.220/1/2/3).

Calvino apresenta nestas regras algumas preocupações básicas quando se refere à vida do cristão protestante, quais sejam: prestar sempre em todas e quaisquer circunstâncias ação de graças a Deus; não deverá ter apego às coisas deste mundo; deverá satisfazer-se equilibrada e moderadamente tanto na riqueza como na pobreza, pacientemente; conscientizar-se que é um mordomo de Deus enquanto peregrina nesta terra, pois, ao seu Senhor prestará contas de tudo. Isto se deve pelo fato que: *“Somos sempre e integralmente dependentes de Deus”* [Por isso] *“Um verdadeiro cristão não deverá atribuir nenhuma prosperidade à sua própria diligência, trabalho ou boa*

sorte, mas antes ter sempre presente que Deus é quem prospera e abençoa”(2006. p.42).

Por estes pressupostos é que o verdadeiro cristão, como afirma o reformador, deverá viver; exteriorizando-os em sua conduta diária quer seja em sua vida social, eclesiástica ou no trabalho. Servindo a Deus, o próximo e a sociedade, demonstrando um padrão ético que sirva de exemplo para outros. Passar-se-á à segunda parte deste capítulo que versará sobre o pensamento de Weber e a ética do trabalho.

3.2. O PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE MAX WEBER SOBRE A ÉTICA PROTESTANTE DO TRABALHO⁴⁰

Pretende-se a partir deste momento, tratar o assunto proposto para este capítulo, apresentando uma visão do *pensamento de Max Weber*⁴¹ sobre a *ética do trabalho*, fundado especialmente em sua obra mais conhecida a EPEC⁴², Segundo Franklin Ferreira⁴³, em artigo intitulado: Uma Introdução a Max Weber e à Obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, escrito à Revista Fides Reformata, destaca:

“A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (*Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*) foi escolhida como o mais importante escrito publicado no século XX, por dez intelectuais convidados pelo jornal Folha de São Paulo para elaborar a lista dos cem melhores livros de não-ficção ou ensaios do século. (2000, 5/2, p.47).

⁴⁰ Informa-se que boa parte do texto (± 70%) desta parte deste capítulo, foi usada em comunicação feita pelo autor desta pesquisa, ao participar do **V ENCUENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS SOCIORRELIGIOSOS**, ocorrido em Havana, Cuba, em Julho de 2007. Cujas síntese encontra-se registrada em anais do referido evento, anunciado em: <http://america.cubaminrex.cu/Eventos%20Internacionales/2007/Estudios-Socioreligiosos.htm>

⁴¹ Sílvio L. Sant’Anna, na Introdução desta obra registra: “Max Weber nasceu em 21 de abril de 1864, na cidade de Erfurt (Turíngia, Alemanha). Max era o primogênito dos oito filhos da família Weber. Seu pai, jurista e político influente do Partido Nacional-Liberal, transformou sua casa em um fórum permanente de discussões da vida nacional, freqüentado por muitos políticos e intelectuais. Sua mãe era protestante e, ao contrário do marido, era introspectiva, metódica e extremamente moralista. De ambos teria herdado o seu estilo de vida paradoxal”. (2006. p.13).

⁴² Esta parte da pesquisa se fundamentará nesta obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, traduzida pela Editora Martin Claret, em “Coleção a Obra Prima de Cada Autor”, (49). Texto Integral. 2006.

⁴³ Ministro da Convenção Batista Brasileira, é Doutor em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, onde leciona Teologia sistemática. (Fides Reformata 5/2 [2000], pp.47, in nota de rodapé).

Observar-se-á como Weber concebe a relevância de trabalho que segundo ele, nessa obra, o dogma calvinista é o que melhor promove a dignidade, a ética e a importância do trabalho desenvolvido pelo indivíduo perante a sociedade, a partir do conceito de vocação que ele tem. Logo,

Para que semelhante prática, continua Weber, seja extensiva a todo um povo, importa que seja ligada à religião. *O calvinismo é, precisamente, a primeira ética cristã que deu ao trabalho um caráter religioso.* Anteriormente, o trabalho fazia parte das atividades pertencentes à vida material; ele se impunha porque, de uma forma ou outra, não se podia dispensá-lo; mas, como atividade temporal, nenhuma relação tinha com a salvação eterna ou com a vida espiritual. *Para o calvinismo, ao contrário, o trabalho, considerado uma vocação, torna-se atividade religiosa.* Importa trabalhar, custe o que custar, haja ou não necessidade de prover o sustento, porque *trabalhar é uma ordem de Deus.* (BIÉLER, 1970, p.68). (Itálico nosso).

Entende-se que a religião é um dos principais instrumentos registrado na história da humanidade que mais a influencia provocando-lhe mudanças sociais, sobretudo no que diz respeito ao trabalho. No entendimento do autor desta pesquisa, pelo pensamento de Weber, a doutrina ou o dogma e o sistema calvinista como expressões religiosas, trouxeram contribuições relevantes, daí a importância sempre atual desse assunto como objeto de estudo. Antes, porém, serão apresentadas algumas informações sobre a vida desse ilustre personagem.

3.2.1. Breves informações sobre a vida e obra de Max Weber

Vicente (ed.), em BASE, no verbete: Weber, Max, trás dentre outras, as seguintes informações sobre sua vida e obra:

Sociólogo, historiador e economista alemão, nascido em erfurt, em 1864 e falecido em München, em 1920. Lecionou nas universidades de Friburg im Breisgau (1894) e Heidelberg (1897), não pode entretanto dedicar-se ao ensino por doença nervosa, que o fez voltar-se para o jornalismo. Estudou história e economia das doutrinas e práticas religiosas, dando início à sociologia da religião. Em 1905 defendeu a tese exposta em *Die Protestantische Ethik und des Geist des Kapitalismus* (A Ética

Protestante e o Espírito do Capitalismo)... Max Weber estudou depois os efeitos sócio-econômicos do islamismo, do judaísmo e do sistema de castas da Índia... Em 1919 participou da redação da Constituição da República de Weimar. Escreveu ainda História Geral da Economia; Sobre Sociologia e Política Social; Economia e Sociedade e Estudos Reunidos Sobre a Sociologia dos Religiões, obras póstumas. (2001, Vol.10, p.3360).

Sob um outro enfoque, trazendo outras informações igualmente enriquecedoras sobre a vida, formação educacional, acadêmica e alguns locais onde trabalhou, bem como, algumas obras da autoria de Weber, em outro lugar encontra-se registrado:

Max Weber nasceu e teve sua formação intelectual no período em que as primeiras disputas sobre a metodologia das ciências sociais começavam a surgir na Europa, sobretudo em seu país, a Alemanha. Filho de uma família da alta classe média, Weber encontrou em sua casa uma atmosfera intelectualmente estimulante. Seu pai era um conhecido advogado e desde cedo orientou-o no sentido das humanidades. Weber recebeu excelente educação secundária em línguas, história e literatura clássica. Em 1882, começou os estudos superiores em Heidelberg; continuando-os em Göttingen e Berlim, em cujas universidades dedicou-se simultaneamente à economia, à história, à filosofia e ao direito. Concluído o curso, trabalhou na Universidade de Berlim, na qual idade de livre-docente, ao mesmo tempo em que servia como assessor do governo. Em 1893, casou-se e; no ano seguinte, tornou-se professor de economia na Universidade de Freiburg, da qual se transferiu para a de Heidelberg, em 1896. Dois anos depois, sofreu sérias perturbações nervosas que o levaram a deixar os trabalhos docentes, só voltando à atividade em 1903, na qualidade de co-editor do Arquivo de Ciências Sociais (Archiv für Sozialwissenschaft), publicação extremamente importante no desenvolvimento dos estudos sociológicos na Alemanha. A partir dessa época, Weber somente deu aulas particulares, salvo em algumas ocasiões, em que proferiu conferências nas universidades de Viena e Munique, nos anos que precederam sua morte, em 1920.⁴⁴

Diante destas breves informações sobre a vida, formação intelectual, trabalho e produção acadêmica, seu legado e importância; é que será analisado o pensamento de Max Weber sobre a ética do trabalho. Weber viveu no fim do século XIX e início do XX. Como sociólogo, na literatura acadêmica

⁴⁴ Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/weber.htm>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2008.

mundial, com sua obra a EPEC, tornou-se o autor mais lido e o principal objeto de pesquisa da academia nesse período. A exposição do presente assunto, na segunda parte deste capítulo, caminhará nesta obra como referência principal e outras inerentes ao assunto. Visto que Weber é considerado um dos sociólogos mais respeitados nos últimos tempos, principalmente por essa obra ter sido eleita a mais importante no século passado, como mencionado por Franklin.

Tem-se observado na sociedade contemporânea certa preocupação quanto ao trabalho que indivíduos em suas respectivas classes sociais desempenham pelos seus ofícios ou funções, objetivando sua realização pessoal, prosperidade ou independência financeira. Para tanto, não medem esforços e se depreendem incansavelmente.

Neste sentido observar-se-ia o famoso ditado: “*O trabalho enobrece o homem*”. Será mesmo? Para uma resposta a esta questão sugere-se uma leitura do artigo de Paulo Alexandre, escrito em 2004, com o título: “*O Trabalho Enobrece o Homem?*”⁴⁵ O articulista faz uma análise crítica bem realista sobre o referido ditado sob o auspício do pensamento weberiano e se o mesmo é de fato cabível em nossa sociedade, hodiernamente. Raymond Aron em “*As Etapas do Pensamento Sociológico*”, no tópico sobre “*A Sociologia da Religião*”, descrevendo o pensamento de Max Weber em estudo feito por este sobre o capitalismo e o protestantismo, sob a ótica calvinista, afirma:

Em nenhum lugar fora da civilização ocidental se desenvolveu esse tipo de capitalismo. Max Weber se perguntou, assim, *em que medida uma atitude particular em relação ao trabalho, determinada por crenças religiosas, teria constituído o fato diferencial, presente no Ocidente e inexistente em outras regiões, capaz de explicar o rumo singular da história do Ocidente.* (2002, p. 781). (Itálico nosso).

Para Aron esta interrogação no pensamento de Max Weber é fundamental. Visto que Weber está convencido pelos seus estudos que uma determinada crença religiosa, calvinista, em certa medida produz uma atitude ética particular no indivíduo em relação ao trabalho a qual *teria constituído o fato diferencial... capaz de explicar o rumo singular da história do Ocidente.* Observe que esta “**atitude particular em relação ao trabalho**”, segundo

⁴⁵ Para maiores informações sobre o referido artigo, confira no seguinte endereço na internet, pelo site: <http://www.duplipensar.net/lit/alema/2004-02-maxweber.html>

Weber, serviu como marco histórico – *capaz de explicar o rumo singular da história* – não somente de uma cidade, região ou país, mas de todo o Ocidente. Poderia vir à mente, a seguinte pergunta: Em que se fundamenta esta **atitude** ética calvinista que marca a conduta do indivíduo em relação ao trabalho, que acabou se tornando um referencial explicativo para todo o Ocidente?

No entendimento do autor deste trabalho, Max Weber, além de ter feito uma vasta e rica pesquisa para fundamentar seus argumentos quanto ao que se propôs, deixa transparecer ao leitor em a EPEC, que os principais objetos pesquisados para chegar ao seu pensamento foram:

1. A *práxis* da vida ética puritana e pietista especialmente dos séculos XVII e XVIII;
2. A educação praticada pelos protestantes;
3. Escritos de Benjamim Franklin, Baxter e Spener;
4. O Calvinismo (doutrina e teologia) expresso em alguns artigos da Confissão de Westminster⁴⁶.

Biéler, em seu livro “*O Humanismo Social de Calvino*”, ao comentar o que Weber registrou a respeito da ética puritana e dos escritos de Franklin, registra: “*Com base na ética do trabalho das sociedades puritanas do século XVIII, Weber ilustra essa teoria como exemplos marcantes colhidos notadamente dos escritos de Benjamim Franklin.*”(1970, p.68). Ferreira, em seu estudo já citado, ao abordar sobre os “*Fundamentos Religiosos do Ascetismo Laico*”, aponta os grupos protestantes que Weber trabalhou em torno de sua tese para fundamentar seus argumentos, são eles:

⁴⁶ Esta Confissão de [Fé de] Westminster foi formulada pela “*Assembléia de Westminster (assim chamada por causa do lugar onde se reuniu) foi convocada pelo parlamento da Inglaterra, em 1643. Sua missão foi a de aconselhar o parlamento sobre a reestruturação da Igreja da Inglaterra em linhas puritanas. À Assembléia foram convidados 121 ministros (os “teólogos”), 10 membros da Casa dos Lordes, 20 da Casa dos comuns, mais 8 representantes da Escócia, sem direito a voto (mas influentes), sendo que esse último país era aliado ao parlamento inglês por um tratado, a “Liga e Aliança Solene”... A Confissão de Fé da Assembléia, completada em dezembro de 1646, é a última das confissões reformadas clássicas e decididamente a mais influente no mundo de fala inglesa.*”(ELWELL; 1984. VL.I – p. 331). Para maiores informações sobre esta Assembléia e o que ela produziu, consultar a obra de Guilherme Kerr, “*A Assembléia de Westminster*”, FIEL. 1992. Para que melhor se conheça esta Confissão, seria importante estudá-la na sua totalidade e não somente Capítulos ou Artigos estanques. Para tanto, consulte MARRA, Cláudio B., (ed.) em: “*A Confissão de Fé de Westminster*”. ECC; São Paulo. 1997.

1. O primeiro grupo abordado é o calvinismo; 2. O segundo grupo protestante abordado é o pietismo, associado a Philip Spener, e caracterizado como “emocional”; 3. O terceiro grupo estudado é o *metodismo*, associado principalmente a John Wesley; 4. O quarto grupo é equivocadamente chamado de “batistas”. Na verdade estas “seitas” [assim denominadas por Weber] estão ligadas aos *anabatistas* associados a Menno Simons. (2000. 5/2, p. 52 a 56).

Como resposta à pergunta feita anteriormente, o próprio Aron após dizer que “*A tese de Max Weber é a da adequação significativa do espírito do capitalismo e do espírito do protestantismo*” (2002, p. 782), registra que:

A ética protestante mencionada por Max Weber é basicamente a concepção calvinista, que ele resume em cinco proposições, inspirando-se sobretudo no texto da Confissão de Westminster, de 1647:

- Existe um Deus absoluto, transcendente, que criou o mundo e o governa, mas que não pode ser percebido pelo espírito finito dos homens.
- Esse Deus todo-poderoso e misterioso predestinou cada um de nós à condenação, sem que, por nossas obras, possamos modificar este decreto divino.
- Deus criou o mundo para sua glória.
- O homem que será salvo ou condenado, **tem o dever de trabalhar para a glória de Deus**, e de criar seu reino sobre a terra.
- As coisas terrestres, a natureza humana, a carne pertencem à ordem do pecado e da morte; a salvação só pode ser para o homem um dom totalmente gratuito da graça divina. [E depois Aron acrescenta]: Todos estes elementos, precisa Max Weber, estão dispersos em outras concepções religiosas, mas usa combinação é original e única. E as conseqüências são importantes. (2002, p. 782,783).

Dentro desta adequação é que Aron cita estes pontos da referida Confissão que segundo ele é basicamente a concepção calvinista. Continuando a responder à pergunta acima, Max Weber, por sua vez em a EPEC, quanto ao que se propôs nesta parte da pesquisa, sobre os marcos teóricos fundantes contidos na Confissão de Fé de Westminster; que servem como referencial ou ponto de partida para a doutrina calvinista, relaciona os seguintes Capítulos e Artigos da mesma:

“Capítulo IX (da Livre Vontade), nº 3. O homem, pela sua queda no estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a

salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso.”

“Capítulo III (do Decreto Eterno de Deus), nº 3. Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna.”

“Nº 5. Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra coisa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa.”

“Nº 7. Segundo o inescrutável conselho da sua própria vontade, pela qual ele concede ou recusa misericórdia, como lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas, o resto dos homens, para louvor da sua gloriosa justiça, foi Deus servido não contemplar e ordená-los para a desonra e ira por causa dos seus pecados.”

“Capítulo X (da Vocação Efetiva), nº 1. Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e são esses,   ele servido, no tempo por ele determinado e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transpondo-os para a graça e salva o. Isto ele o faz, iluminando os seus entendimentos espiritualmente a fim de compreenderem as coisas de Deus para a salva o, tirando-lhes os seus cora es de pedra e dando lhes cora es de carne, renovando as suas vontades e determinando-as pela sua onipotência para aquilo que   bom e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça.”

“Capítulo V (da Providência), nº 6. Quanto   aqueles homens malvados e  mpios que Deus, como justo juiz, cega e endurece em razão de pecados anteriores, ele somente lhes recusa a graça pela qual poderiam ser iluminados em seus entendimentos e movidos em seus cora es, mas às vezes tira os dons que já possuíam, e os expõe a objetos que a sua corrup o torna ocasiões de pecado; além disso os entrega às suas próprias paixões,  s tentac es do mundo e ao poder de Satanás: assim acontece que eles se endurecem sob as influências dos meios que Deus usa para abrandar os demais.” (2006, p. 84,85).

Weber, depois de expor estes Capítulos e Artigos comenta: *“Podemos apenas esboçar levemente a questão de como se originou a doutrina e como se **fixou**   estrutura da teologia calvinista.”*(Idem). Esta **fixa o** *“  estrutura da teologia calvinista”*, aqui mencionada por Weber e sua expressão na conduta do indivíduo pelo exercício de uma fun o seja ela qual for, deve ser feita para a glória de Deus. Segundo a doutrina calvinista esta conduta  tica   fruto da

aceitação, ensino, fé e prática da predestinação e vocação, que culminarão numa atitude ética do trabalho de maneira responsável e digna. Por isso, será feita a partir deste momento uma pontuação breve da predestinação e vocação, sob a visão protestante, e depois da ética.

3.2.2. Predestinação

Segundo Weber a predestinação é o dogma calvinista mais característico, embora tenha havido algumas controvérsias se é de fato um dogma ou um acessório, como suas próprias palavras querem dizer:

O calvinismo foi a fé sob a qual se desenrolaram as grandes contendas políticas e culturais dos séculos XVI e XVII nos países mais desenvolvidos – Holanda, Inglaterra e França... Naquele tempo, e em geral ainda hoje, a doutrina da predestinação era considerada seu dogma mais característico. É bem verdade que tem havido controvérsias quanto a ser este o dogma mais importante da Igreja Reformada, ou apenas um acessório. (2006, p.83).

Este dogma assim chamado por Weber, seria confirmado na vida do indivíduo quanto ao seu destino eterno mediante a sua conduta enquanto nesta vida. Ou seja, ninguém poderia ajudá-lo, quer seja padre, pastor, sacramento ou igreja, como sendo a única porta para a salvação de alguém. Neste sentido, ele afirma:

No tocante à coisa mais importante da vida para o homem do tempo da Reforma – a sua salvação eterna – era ele [o fiel praticante] forçado a seguir sozinho o seu caminho para encontrar um destino que já fora determinado para ele na eternidade. [Assim] ... *Podemos identificar claramente os traços da doutrina da predestinação nas formas elementares de conduta e atitude para com a vida na época* que estamos focalizando, mesmo onde sua autoridade como dogma estava em declínio. (Itálico nosso). (Idem, p. 87,88).

Esta doutrina ou dogma, como quer Weber, trouxe determinado desânimo, daí a perseverança ser um meio pelo qual o indivíduo estaria confirmando em sua vida que ele de fato fora eleito, isto trouxe à época um

grande trabalho pastoral, pelo sofrimento que a referida doutrina causou. Por causa disso e as dificuldades encontradas para o entendimento da mesma, foi apresentado pelos pastores dois conselhos:

Por um lado, era mantido como absoluto dever o considerar a si mesmo como escolhido e combater qualquer tentação do diabo, pois que a perda da autoconfiança era resultado de fé insuficiente, e portanto de graça imperfeita. A exortação do apóstolo para estimular a própria vocação é aqui interpretada como um dever para obter a certeza da própria predestinação e justificativa na luta diária pela vida... Por outro lado, para obter essa autoconfiança, era recomendada uma intensa atividade temporal como meio mais adequado. Esta, e apenas esta dissiparia as dúvidas religiosas e traria a certeza da graça. (Idem, p.92).

Através desta colocação de Weber pode-se ver qual o entendimento que ele tinha da predestinação segundo o conceito calvinista. Como também, após expor algumas comparações deste conceito frente a outros pela religiosidade calvinista, comenta:

Até agora nos movemos no terreno da religiosidade calvinista e, portanto, pressupusemos a doutrina da predestinação como fundamento dogmático da moralidade puritana no sentido de uma conduta de vida ética metodicamente racionalizada. E assim fizemos porque esse dogma permaneceu como pedra angular da doutrina reformada para além dos círculos daquele partido religioso que em todos os aspectos manteve-se fixo no solo de Calvino, os "presbiterianos". (2005, p.114).

O destaque feito por Weber aqui, está no fato da predestinação tornar-se o *fundamento dogmático da moralidade puritana*. Ao depois, porém, permaneceu e perpetuou-se *como pedra angular da doutrina reformada*, pelo movimento religioso calvinista chamado de Presbiterianos, que até hoje defende e difunde a predestinação como uma de suas principais doutrinas. Por este enfoque dado à predestinação à vida do escolhido, isto levá-o a entregar-se integral e fielmente em seu labor, desenvolvendo sua atividade com amor, que culminaria na certeza de sua salvação. Ou seja,

Era pela consciência que sua conduta mostrava, no mínimo – em seu caráter fundamental e constância de idéias (*propositum obedientiae*) – apoiada no poder dentro de si mesmo, *que*

trabalhava pela glória de Deus, não sendo só desejado por Deus, mas facilitado por Deus que obtivesse o bem maior pelo qual se empenha essa religião: a certeza da salvação. (Itálico nosso). (2006, p. 94.).

Weber, após expor uma análise da visão do catolicismo que defendia o trabalho como instrumento para a salvação, afirma: *“a ética católica era uma ética de intenções”* (Idem, p.95). Entretanto, quanto ao comportamento ético no cotidiano do cristão mediano da Igreja Reformada, revela:

Talvez nunca tenha existido uma forma mais intensa de valorização religiosa do agir ético do que aquele que o calvinismo induzia em seus adeptos. Mas o que é importante para o significado prático desse tipo de salvação pelo trabalho deve ser procurado no conhecimento das qualidades particulares que caracterizavam seu tipo de conduta ética, e o diferenciaram da vida diária do cristão mediano da Idade Média. (2006, p.95).

O que Weber quis dizer aqui sobre *“o significado prático desse tipo de salvação pelo trabalho”*. Ele não está afirmando que o calvinismo ensina a salvação pela prática do trabalho, mas sim, que o trabalho e a conduta do cristão demonstravam uma ética que confirma não somente a predestinação, como também a sua salvação. Ou seja, o trabalho, seu exercício e a conduta ética do cristão, são os resultados da salvação. Por essa mesma linha de raciocínio caminha Biéler ao fazer as seguintes colocações:

Weber pergunta por que o trabalho é um ato religioso para os calvinistas, e responde: por causa do dogma da predestinação... [Para ele] Enquanto o católico crê que deve construir sua salvação sem se contaminar com as atividades seculares, o calvinismo, pelo contrário, pensa que é na prova das atividades temporais que sua fé será testada... *Quanto mais visivelmente abençoado em seu trabalho, mais segura a sua eleição*. (Itálico nosso). (1970, p.68/9).

Daí a predestinação ser para o protestante uma dádiva de Deus à sua vida, imerecidamente. A qual, via de regra, por causa da eleição, pelo seu trabalho, deverá necessariamente ser comprovada em sua vida mediante as atividades por ele realizadas cotidianamente, através de uma conduta digna e exemplar para o próximo; porém, visando em tudo a glória de Deus.

3.2.3. Vocação

A concepção de vocação analisada por Weber começa pelo reformador Lutero, por causa de uma “nova” tradução dada por este de um vocábulo do original hebraico da Bíblia, para “*beruf*”, vocação em alemão. Há em notas de rodapé do autor em a EPEC, no capítulo III, quando aborda sobre “*A Concepção de Vocação por Lutero*”, longas explicações sobre o termo e suas variantes em várias línguas:

Das línguas antigas, somente o hebraico traz conceito parecido. Sobretudo na palavra “*melakha*”... A palavra tem origem da raiz “*lak*” (enviar) equivalendo originalmente a uma tarefa... A palavra passou a ser utilizada para qualquer tipo de trabalho, tornando-se tão comum quanto a equivalente alemã *Beruf*, com a qual o mesmo destino de ter sido utilizada antes para funções intelectuais e não físicas... Em grego nunca existiu termo equivalente à conotação ética da palavra em alemão ou em inglês... Em latim, o que se traduz por *vocação* enquanto ocupação humana sob sistema de divisão de trabalho, como fonte de renda e, de forma duradoura, base econômica da existência é, justamente com a inexpressiva *opus*, expressa eticamente tal como a palavra alemã ou por *officium* (de *opificium*, palavra a princípio sem sentido ético, mas que depois, a partir de Sêneca, de *Benef.*, IV, p.18, passou a significar *Beruf*); ou por *munuun*, palavra originária dos deveres compulsórios da antiga comunidade cívica; ou ainda por *professio*... Na línguas neolatinas, somente a palavra espanhola *vocación*, utilizada no sentido de um chamamento interior tal como, por comparação, a vocação clerical, é que tem significação correspondente à palavra alemã, nunca por isso sendo utilizada “profissão” no sentido externo. Nas traduções neolatinas da Bíblia, a palavra espanhola *vocación*, as italianas *vocazione* e *chiamamento*, que poderiam ter um significado em parte equivalente ao luterano e calvinista presente na discussão, são utilizadas só para traduzir o “*klêsis*” (apelo) do Novo Testamento, o apelo do evangelho à salvação eterna, que na Vulgata equivale a *vocation*. (...) Mesmo que o uso específico da palavra provocasse sua mudança de significado, a concepção de *Beruf* remonta, no aspecto lingüístico, às traduções da Bíblia feita pelos protestantes. (2006, p. 160/1/2/3 – In notas de rodapé da referida obra).

Ainda dentro desta questão lingüística e a tradução adotada por Lutero sobre o termo vocação, Biéler, por sua vez, em “*O Pensamento Social de Calvino*”, quando trata sobre “*Os protestantes emprestam ao trabalho seu sentido cristão: uma vocação*”, faz o seguinte comentário:

Foi Lutero quem, primeiro, traduziu *trabalho* e *profissão* por *Beruf*; as traduções da Bíblia do século XVI o imitaram; a palavra inglesa *calling*, assim como o termo francês *vocation*, começaram a penetrar na literatura protestante após estas primeiras traduções. (...) Deus, a cada pessoa, confere uma vocação (*Beruf; Calling*), que deve ela reconhecer, primeiramente, depois, consagrar-se-lhe, não como uma atividade humana, segundo o pensamento de Lutero, mas antes como um imperativo divino e para a só glória do Senhor. (1990, p.628, 634).

Observe por esta colocação que a vocação é o resultado da resposta ativa do indivíduo em obedecer ao imperativo divino, realizando seu trabalho para e tão somente a glória de Deus, consagrando-lhe sua vida integral e incondicionalmente. Na tentativa de apresentar um significado religioso para *vocação* segundo o conceito protestante calvinista, Weber, pela investigação feita diz que “o significado da palavra, a idéia é nova e é produto da Reforma”(Idem, p.69). Ao depois, desenvolvendo ainda mais sua linha de raciocínio, argumenta da seguinte maneira:

Pelo menos uma coisa é indiscutivelmente nova: a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais elevada forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir. E foi o que trouxe inevitavelmente um significado religioso às atividades seculares do dia-a-dia e fixou de início o significado de vocação como tal. *O conceito de vocação foi, pois, introduzido no dogma central de todas as denominações protestantes e descartado pela divisão católica de preceitos éticos em praecepta e consilia.* O único modo de vida aceitável por Deus não estava na superação da moralidade mundana pelo ascetismo monástico, mas unicamente no cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. *Essa era sua vocação.* (Itálico nosso). (2006, p.70).

Vê-se nesta afirmação que o conceito de vocação aceito como *dogma central de todas as denominações protestantes*, foi *descartado pela divisão católica de preceitos éticos*. Este é um dos principais pontos de contraste entre uma e outra doutrina. Já o reformador João Calvino, ao dizer que: “... cada um de nós leve em conta a sua vocação em todas as ações da sua existência”(2006, p.224). Combatendo a maneira que o indivíduo age quando procura abarcar para si várias coisas ao mesmo tempo, revelando sua cobiça e ambição, assevera:

É suficiente que saibamos que a vocação de Deus é como que um princípio e fundamento baseados no qual podemos e devemos governar bem as coisas, e que aquele que não atentar para ela jamais encontrará o caminho reto e certo para desincumbir-se devidamente do seu dever... Desse modo de entender e de agir nos resultará esta singular consolação: não há obra, por mais humilde e humilhante que seja, que não brilhe diante de Deus e que não lhe seja preciosa, contanto que a realizemos no serviço e cumprimento da nossa vocação. (2006, p. 225).

Perceba que a ênfase de Calvino está em combater exatamente aquele tipo de pensamento e atitude que levam o indivíduo, pelo exercício de um cargo ou uma função; que o faça sentir-se melhor ou acima de outro, e venha a desmerecer o próximo. Se alguém assim agir, alerta o reformador, estará manifestando a ambição, a cobiça e o desdém, que devem segundo seu pensamento e orientação, serem combatidos, visto que a *vocação de Deus é como que um princípio e fundamento baseados no qual podemos e devemos governar bem as coisas*.

Logo, não importa o tipo de atividade, o nível social, intelectual, financeiro que a pessoa tenha; nada deverá fazê-la sentir-se superior sobre quem quer que seja, visto que: *não há obra, por mais humilde e humilhante que seja, que não brilhe diante de Deus e que não lhe seja preciosa*. Este é o princípio ético protestante que deve nortear o indivíduo em sua vida. Weber, no que diz respeito à ética que envolve a conduta do indivíduo em seu trabalho, ao tratar sobre o ascetismo e o espírito do capitalismo dentro da concepção de vocação que determinados grupos oriundos do protestantismo reformado apresentam, registra:

A ética quacre sustenta também que a vida do homem em sua vocação é um exercício de virtude ascética, uma prova de seu estado de graça diretamente para sua consciência, que se exprime pelo zelo e método com os quais trabalha a sua vocação. O que Deus requer não é o trabalho em si, mas um trabalho racional na vocação... [Desta forma] O indivíduo pode combinar diversas vocações úteis para o bem comum ou para o bem dele, que não sejam nocivas a ninguém, e que não leve à inconstância em uma das vocações... É verdade que a utilidade de uma vocação, e sua conseqüente aprovação aos olhos de Deus, é medida primeiramente em termos morais e depois em termos de importância dos bens por ela gerados para a comunidade. (2006, p.126/7).

Gardner, destacando a essência da vocação aplicada ao trabalho, revela:

Na essência este conceito representa o reconhecimento de que a totalidade da vida – trabalho e adoração – é vivida sob a soberania de Deus. Na medida em que se anula este sentido da soberania divina, a vida econômica vai sendo encarada como autônoma e o trabalho perde sua dignidade e sentido religioso. (1965, p.351).

Atente que Gardner aborda a questão sob um ponto de vista que Weber deixa de tratá-lo, quanto a perda de seu sentido religioso. Numa outra perspectiva, Voltaire Schilling num artigo locado na internet⁴⁷ intitulado “*Calvinismo e Capitalismo*”, onde faz uma breve análise da famosa obra de Weber, a EPEC. O articulista desenvolveu sua pesquisa argumentando que Weber nessa obra apresenta um rastreamento sobre o qual o comportamento social que provocou o que denominou de “*espírito do capitalismo*”. Que para ele emana da Reforma Protestante culminando na doutrina calvinista que condenava a prática monacal que era vista mais como contemplativa, enfraquecendo assim o conceito, a importância e as conseqüências de trabalho. Por isso, afirma Schilling que os teólogos reformados:

Propunham, no lugar disso [da prática monacal], que cada um encontrasse uma *vocação para o trabalho* secular a fim de *estabelecer um vínculo firme e permanente* com o seu próximo, para que *os princípios da solidariedade e fraternidade cristã* não se reduzissem a conceitos vazios. (2005). (Itálico nosso).

Weber, no desenvolvimento de seu raciocínio sobre a necessidade de que todos (pobres e ricos) têm de trabalhar, citando Baxter, diz: “*ele frisa enfaticamente que a riqueza não exige quem quer que seja do mandamento incondicional. Mesmo o rico não deve comer sem trabalhar.*”(2006, p.125). E depois, continua Weber:

Para todos, sem exceção, *a Providência divina reservou uma vocação que deve ser reconhecida*. E esta vocação não é, como para os luteranos, um destino ao qual deva se submeter e sair-se o melhor possível, mas um mandamento de Deus ao

⁴⁷ Para maiores informações sobre o referido assunto, recomenda-se que se consulte o site: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/04/02/000.htm>

indivíduo para que trabalhe para a glória divina. (Itálico nosso). (Idem, p.125).

Para Weber, segundo a doutrina calvinista a vocação é uma providência divina para que cada indivíduo trabalhe visando a glória de Deus. De fato, este é o melhor modo de entender-se a vocação como emanada de Deus, que através do trabalho deverá apresentar no mínimo os seguintes propósitos: 1. A glória de Deus; 2. O auxílio, socorro e benefício ao próximo; 3. A formação de uma sociedade mais justa.

3.2.4. A ÉTICA DO TRABALHO EM WEBER

Esta é uma questão de fundamental importância, visto que Weber desenvolveu sua pesquisa em etapas no início do século XX (1904 e 1905). Sendo que a primeira etapa versa sobre a “*Ética Protestante...*”. Que a enciclopédia virtual livre Wikipedia num artigo intitulado: “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, registra:

O livro “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, se origina da união de dois longos artigos publicados pelo autor nos anos de 1904 e 1905... Com a publicação da *Ética Protestante*, o criador da obra literária expõe suas observações visando explicar a existência de algo em quem professa o protestantismo, em particular a doutrina protestante de linha Calvinista, que se distingue por santificar a vida diária em contraposição à contemplação [monacal] do divino, condição que favorece o espírito capitalista moderno, notoriamente o alemão, ou seja, o autor busca idealizar, identificar, o tipo ideal de conduta religiosa, em oposição ao conceito pregado pela Igreja Católica, que na época por meio do conceito da piedade popular católica e da espera da recompensa na vida após a morte.⁴⁸

O articulista faz ver que a *Ética protestante* tem sua ênfase específica na linha doutrinária calvinista que, por sua vez “*se distingue por santificar a vida diária em contraposição à contemplação do divino*”. Ou seja, a santificação do indivíduo será demonstrada pelo tipo de vida ética que ele apresentar em

⁴⁸ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_%C3%A9tica_protestante_e_o_esp%C3%ADrito_do_capitalismo. Acesso em: 23 de agosto de 2006.

sociedade e não fora da mesma, como a prática monacal faz, quando dela se afasta e se distancia.

Nessa mesma linha de raciocínio, Weber, afirma: “*Preferimos antes tomar os resultados que a adoção subjetiva de uma fé ascética poderia ter tido sobre a conduta do indivíduo*”(2006; pp.119). Esta “**fé ascética**” demonstrada por B. Franklin em seu tratado que Weber transcreve nesta sua obra, faz que ele a reconheça como “**o mais importante princípio da ética capitalista, formulado geralmente como a honestidade é a melhor política**”(negrito nosso).(pp.119). Este princípio ético é reputado por Weber como “*o mais importante*”, o qual ele dá especial atenção em sua pesquisa.

Entretanto, este princípio ético tem como arcabouço a doutrina da predestinação como Weber comentou: “*Por ora, consideramos apenas o calvinismo e adotamos a doutrina da predestinação como arcabouço dogmático da moralidade puritana, no sentido de racionalização metódica da conduta ética.*”(negrito nosso). (2006; p.101). E não poderia ser de outra forma, pois, todos os grupos de protestantes (reformados, puritanos, pietistas, etc...) partem de uma mesma e única fonte doutrinária, a calvinista.

Um exemplo evidente do que está sendo dito quanto a moralidade puritana, é o que Leland Ryken, em seu livro: “*Santos no Mundo – Os Puritanos como Realmente Eram*”, registra sobre alguns aspectos éticos e morais da vida cotidiana deles visando seus nobres propósitos:

O objetivo dos puritanos era servir a Deus, não simplesmente *no* trabalho no mundo, mas *através* do trabalho... O trabalho é antes um meio pelo qual uma pessoa vive sua relação pessoal com Deus... *Na ética Puritana, a virtude do trabalho* dependia quase completamente dos motivos com que as pessoas o realizavam. (Itálico nosso). (1992, p.41,42,46).

Ryken, quanto a ética puritana do trabalho e como eles a concebiam, citando uma mensagem proferida por Richard M. Nixon, no Dia do Trabalho em 1971, registra:

A “ética do trabalho” sustenta que o trabalho é bom em si; que um homem ou mulher tornaram-se uma pessoa melhor em virtude do ato de trabalhar. O espírito competitivo americano, a “ética do trabalho” deste povo [o puritano]... o valor da

realização, a moralidade da autoconfiança – nenhum desses sai de moda. (Idem, p.48).

Certamente que nenhum sai de moda, visto que procura dignificar a quem age dessa maneira virtuosamente. Aron, dissertando sobre a ética segundo o pensamento de Weber e o comportamento ético que cada protestante deve apresentar em sua conduta na realização de suas atividades, ressalta:

A ética protestante mencionada por Max Weber é basicamente a concepção calvinista. (...) A ética protestante convida o crente a desconfiar dos bens deste mundo e a adotar um comportamento ascético... [Refutando o que Marx diz em *O Capital*: “Acumulai, acumulai, esta é a lei e os profetas”. Aron continua:] De acordo com Max Weber, a ética protestante proporciona uma explicação e uma justificativa deste comportamento estranho, de que não há exemplo nas sociedades não-ocidentais, a busca do lucro máximo, não para gozar a vida, mas para a satisfação de produzir cada vez mais. (2002, p.782/6).

Por estas afirmações Aron refuta a referida declaração de Karl Marx em Weber, dizendo que a ética protestante não visa somente o lucro em si mesmo para gozar a vida, somente. Mas também, pela satisfação de produzir cada vez mais, prestar auxílio ao próximo e contribuir para a formação de uma sociedade mais justa. Na tentativa de fazer uma conexão entre o trabalho que o homem desenvolve e a vida de santificação que ele deve ter, culminando obviamente numa conduta ética ilibada ou digna, Biéler, ao fazer uma abordagem sobre o dia de descanso, comenta:

A santificação pessoal e comunitária do homem restabelece-o, pois, na ordem e ação de Deus. Seu trabalho volta a ser parte do trabalho de Deus. Ao mesmo tempo, o homem restaura justas relações sociais com seu próximo... Restaurado, reintegrado na grande obra de Deus, o trabalho é de novo criador e libertador, cessa de ser fonte de opressão e de divisão. A santificação do homem por Cristo confere ao trabalho a mais iminente dignidade... O homem é criado para trabalhar; é no trabalho que ele realiza seu destino aqui na terra. (1970, p.51).

Perceba que Biéler procura desenvolver sua linha de raciocínio sob o aspecto de que a conduta do homem no trabalho ao desenvolver um tipo de atividade, deve ser norteadada pela santificação, conferindo-lhe “a mais iminente

dignidade". A qual não somente evidenciará a ética na vida do indivíduo, como também, nada e ninguém poderá roubá-la da pessoa. Este raciocínio de Biéler tem tudo a ver com a linha de pensamento de Weber sobre a ética de trabalho, quanto ao que ele destaca da ética protestante quando afirma: *"Talvez nunca tenha existido uma forma mais intensa de valorização religiosa do agir ético do que aquela que o calvinismo induzia em seus adeptos"*. (Negrito nosso). (2006, p.95).

Esse *"agir ético"* calvinista contrapõe em todos os sentidos o tipo de ética católica do período da Idade Média, que Weber assim define numa frase: *"A Ética católica era uma ética de intenções... o católico leigo, normal da Idade Média, vivia eticamente, por assim dizer, da mão para a boca."*(Negrito nosso). (Idem, p.95). Isto é, por essa visão católica de ética, o indivíduo procurava, antes de mais nada, satisfazer-se conscientemente, dependendo de ocasiões, na intenção de ter seus pecados pessoais expiados e quem sabe obter dessa maneira chances para a sua salvação ou algum prêmio no fim de sua vida, afirma Weber.

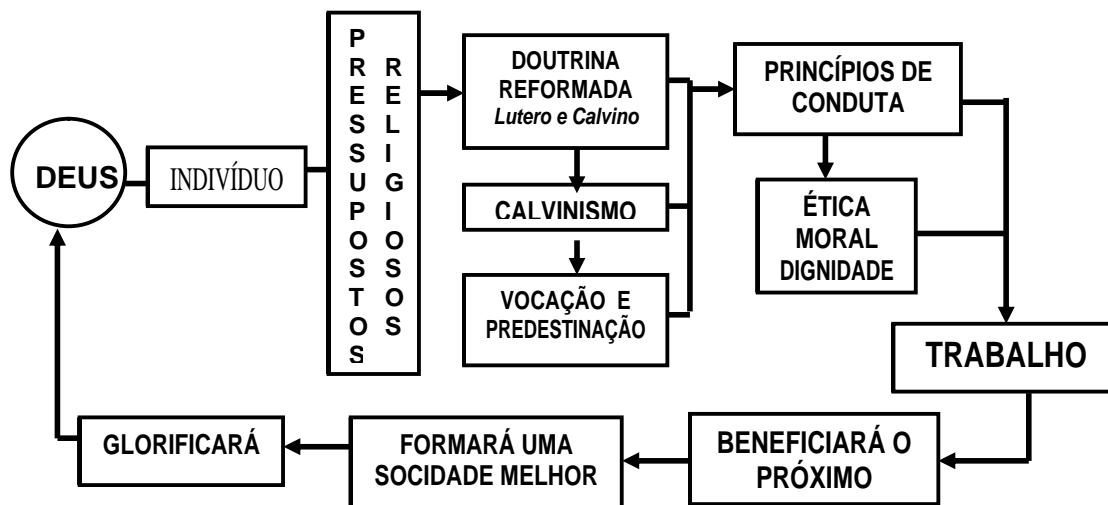
O que Weber destaca nesse momento é a valorização religiosa que o protestante, não importando a qual grupo pertencia, evidenciava quanto ao seu agir ético no trabalho, e era via de regra, induzido pela doutrina calvinista que o conduzia a uma vida prática evidenciada por atitudes íntegras segundo a concepção dele. Como os puritanos fazia, visto que: *"Os Puritanos nunca conceberam o trabalho à parte do contexto espiritual e moral do serviço a Deus e ao homem."*(RYKEN, 1992, p.48). Com isto em mente, sentiam-se impulsionados em realizar seu trabalho numa conduta ética que apresentava virtudes, as quais apontavam para os princípios calvinistas que a norteava.

3.2.5. SÍNTESE DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE WEBER SOBRE A ÉTICA PROTESTANTE DO TRABALHO

Pelos pontos até então abordados nesta parte, deste capítulo, fundamentados especialmente em a EPEC. Procurou-se delinear o pensamento de Weber sobre a ética do trabalho através de pressupostos que ele apresenta nesta obra; que dão mais luz quanto ao entendimento da

importância que a pessoa deve dar ao trabalho através de sua vida e como realizá-lo mediante uma conduta religiosa ética, equilibrada e prudente.

Assim sendo, o autor desta pesquisa se atreve, no esquema abaixo, sintetizar o pensamento de Max Weber sobre a ética protestante do trabalho, da seguinte maneira:



Organograma 02
Organiza  o, MOREIRA, 2008.

Como se v e, o pensamento de Weber sobre a  tica do trabalho perpassa todas estas etapas como ele no-las apresenta em a EPEC. Estas etapas mostram que a partir de Deus o indivíduo elabora seus pressupostos religiosos através da história, que culminaram na Reforma Protestante deflagrada no século XVI; que tem como principais personagens Lutero e Calvino, os quais se destacaram sobre os demais como mentores intelectuais na elabora  o de suas doutrinas.

Ainda nesse mesmo século a doutrina calvinista se destacou através dos dogmas, como afirma Weber, da predestina  o e voca  o. Ambos geram no indivíduo princípios de conduta que expressam em sua vida a  tica, a moral e a dignidade, que se refletir  o no trabalho. O trabalho, quando realizado sob esta perspectiva, ou seja, segundo os padrões da doutrina calvinista, promover  , especialmente, os seguintes efeitos:

- 1) O bem estar do próximo;
- 2) Auxiliará na formação de uma sociedade mais justa e melhor;
- 3) Visará a Glória de Deus.

Assim sendo, esta é apenas uma via de proposta para se chegar ao pensamento de Weber sobre a ética do trabalho que ele expõe nessa sua obra. Embora aqui seja apresentado o ponto de vista de um sociólogo, que, através de pesquisa por ele feita em alguns segmentos do calvinismo, buscou fundamentar e defender a sua tese; embora esses segmentos calvinistas apresentassem corruptelas da doutrina, ensino e visão de Calvino. Todavia, os efeitos supra citados, são, tiradas as diferenças e medidas as proporções, exatamente aqueles que o referido reformador buscou como alvo em sua vida e os deixou expostos em suas obras, para que seus leitores e discípulos os vivessem, praticassem e os divulgassem a outros.

Deve-se atentar nesse momento que há entre os historiadores⁴⁹, sociólogos e estudiosos da referida matéria, determinado desencontro na aceitação ou não do que Weber nessa sua obra postula. Como também, o que a religião via o calvinismo e o catolicismo como visto, difundem. Porém, admite-se que a religião⁵⁰ pela prática daquilo que o indivíduo realiza e produz em seu trabalho, pode influenciá-lo, contribuindo assim, para um tipo de ética a ser refletido em sociedade.

Mediante esta realidade, far-se-á no capítulo seguinte uma busca em outras obras que trazem à luz certas contribuições que vão auxiliar o entendimento ao que foi proposto para este estudo, isto será feito pelo método da comparação. Assim sendo, passar-se-á neste momento à análise do terceiro capítulo desta pesquisa.

⁴⁹ Como fez Fanfani em seu livro: *“Capitalismo, Catolicismo, Protestantismo”*, refutando a tese de Weber sobre a origem do capitalismo a partir do século XVI, com a Reforma Protestante e os seguidores das doutrinas calvinistas. Para ele, o surgimento do capitalismo, remonta os séculos XIII e XIV (p.15), pelo catolicismo, segundo sua proposta nessa obra.

⁵⁰ Para Tawney, a religião é o *padrão final* assumido desde o séc.XVI, para a vida em sociedade: *“A primeira suposição fundamental que é assumida pelo século XVI é que o padrão final das instituições e atividades humanas é a religião”*(1971, p.35).

4. COMPARAR A ÉTICA DO TRABALHO NA COSMOVISÃO CATÓLICA ROMANA E PROTESTANTE

Procurar-se-á nesta parte da pesquisa fazer uma comparação sobre a ética do trabalho nas cosmovisões Católica e Protestante, pontuando em algumas obras, princípios, normas e conceitos quer sejam: teológicos, filosóficos ou ideológicos; que contribuem para o proposto acima, como até aqui foi apresentado e desenvolvido nesta dissertação, desde o início. Tal iniciativa buscará expor algumas diferenças, pontos positivos e negativos de ambas correntes religiosas ou, nas palavras de Máspoli: “*Aproximações e Contrastes*”, que elas apresentam através de alguns marcos teóricos que servem como fonte de propagação de cada uma das cosmovisões aqui estudadas.

Para tanto, pretende-se desenvolver este capítulo buscando caminhar:

- 1) Em primeiro lugar, pela análise dos primeiros capítulos e depois, de algumas obras que apontam algumas diretrizes que servem de orientação comparativa destas duas vertentes religiosas aqui pesquisadas;
- 2) Em segundo lugar, expor dentro da história eclesiástica brasileira, algumas informações que a literatura fornece, especialmente a respeito de alguns períodos específicos da Igreja⁵¹ no Brasil, tais como:
 1. Período da Velha República, destacando-se entre os anos 1890 a 1930;
 2. Descrever-se-á alguns episódios do contexto social e eclesiástico no Brasil, ocorridos nas décadas de 60 e 70, do século XX;
 3. Citar-se-á o movimento da Renovação Carismática Católica – RCC e seu surgimento na ICAR;
 4. Mencionar-se-á os movimentos Pentecostal e Neo-Pentecostal⁵²;
- 3) Em terceiro e último lugar – Comparação: expor as aproximações e Contrastes existentes entre o Catolicismo e o Protestantismo; os pontos positivos e negativos; bem como, ressaltar as contribuições que estas

⁵¹ Por Igreja aqui neste ponto em particular, refere-se aos dois campos religiosos que envolvem esta pesquisa: Católicos e Protestantes, e as igrejas ou denominações que eles representam.

⁵² Quanto aos itens 3 e 4, sobre a RCC e os movimentos pentecostais citados, como não é do interesse do autor desta dissertação aprofundar-se neles; far-se-á em momento oportuno, apenas breves referências.

correntes religiosas postulam para a ética do trabalho, hodiernamente, que podem influenciar a conduta do indivíduo em sociedade.

Esta comparação destacará os pontos relacionados nesta dissertação que fazem parte do conteúdo de seus capítulos, reportando-se a algumas obras que apresentam contribuições para este tipo de análise. Igualmente, cujo objetivo servirá como instrumento avaliativo às propostas, conceitos e princípios que estas cosmovisões defendem e propagam; que são assimilados pelas pessoas e colocados em prática, norteando suas condutas; especialmente, no que refere-se à ética do trabalho e o que aí estiver envolvido, buscando contribuir para uma vida em sociedade mais justa, digna e valorativa do ser humano e seu ethos.

Deve-se ter em mente que a idéia deste autor é não esgotar o assunto aqui tratado. Mas sim, instrumentalizar a quem interessar, com ferramentas que venham auxiliar em trabalhos e pesquisas voltadas para este campo do saber. Cujas finalidades sejam de contribuir para melhorar a vida do indivíduo em seu trabalho; relacionamento convívio com o próximo interagindo com a comunidade em que vive; demonstrando perante a sociedade uma conduta que reflita um nível de ética e moral, com dignidade, liberdade, igualdade e fraternidade. Por esta perspectiva caminhar-se-á doravante, culminando na realização da proposta epigrafada para esta parte do estudo.

4.1. APONTAMENTO DE ALGUMAS DIRETRIZES ORIENTATIVAS DO CATOLICISMO ROMANO E DO PROTESTANTISMO SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO

Este tópico visa apontar determinados itens (práticas, costumes, hábitos, normas, leis, etc.), conceituais destas correntes religiosas, de cunho explicativo que auxiliem no esclarecimento e na compreensão, abrindo o leque de entendimento delas; bem como, sirvam como guia orientativo e normatizador da ética do trabalho. E, o que elas tentam e procuram incutir na mente de cada indivíduo, conscientizando-o em sua conduta por um agir que

exteriorize uma *moral* e uma *ética*⁵³ segundo suas respectivas concepções, quer sejam: bíblicas, teológicas, filosóficas ou ideológicas, pelo viés doutrinal de cada uma. As quais servem como marcos teóricos fundantes, norteadores ao ethos e à sociedade. Gouvêa, ao escrever sobre a distinção entre Moral e Ética, assim se expressa:

Enquanto o termo “moral” deve ser usado em referência aos costumes e opiniões sobre conduta individual e relacionamentos interpessoais aceitos por um determinado grupo social, étnico ou religioso, seja ele grande ou pequeno; o termo “ética” deve ser usado em referência à reflexão humana sobre o tema, teórica, racional e sistemática, uma reflexão que, sem desprezar, ignora por princípio e por definição todas as relatividades inerentes à moral. (2002, p.12).

Este tipo de abordagem do assunto em tela leva a um entendimento que a ética e a moral estão indissoluvelmente ligadas e se complementam. Visto que o termo moral refere-se à prática do cotidiano e a ética, ao teórico. Todavia, ambos apontam para o aprimoramento do pensar e da conduta do indivíduo cotidianamente. O pensar e o agir têm a ver com a totalidade da pessoa, ou seja, enquanto o pensar indica o interior e todas as faculdades inerentes ao indivíduo; o agir remete à vida prática exteriorizada em atos efetivados via atividades realizadas por alguém quer seja em trabalho, no lar ou em lazer, as quais serão testemunhas autênticas do tipo de formação religiosa recebida.

Por esta linha de pensamento, igualmente caminham Souza e Liberal, em *“Apontamentos para a Compreensão da Ética”*, ao afirmarem que:

Fazem parte da ética os costumes, hábitos, leis, normas, formas de pensar e de viver. Por este aspecto, é possível entendê-la

⁵³ Boff, sobre Ética e Moral, quanto a definição destes termos, explica: “A *ética* é parte da filosofia. Considera concepções de fundo da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole. A *moral* é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados. Estes podem, eventualmente, ser questionados pela ética. Uma pessoa pode ser moral (segue os costumes até por conveniência) mas não necessariamente ética (obedece a convicções e princípios).” (2003, p.37). Quem quiser saber mais sobre esta questão, sugere-se uma leitura da referida obra, onde o autor procura repensar o projeto ético e moral a partir de seus fundamentos. Conferir, Boff, Leonardo, in **ÉTICA e MORAL a Busca dos Fundamentos**. 2003. Vozes.

como um código que normatiza o comportamento. Esta forma de pensar não enclausura a ética. É lógico que ter um código para direcionar a convivência humana é melhor do que não dispor de nada. É melhor ter bons do que maus códigos. A ética é uma atitude arraigada no homem, que não é válida apenas para uma única pessoa, mas que busca situar todos os seres humanos. Ela contribui, também, no refletir e no pensar dos códigos, normas e condutas humanas. (2002, p.33).

É exatamente neste sentido que se pretende desenvolver esta parte do estudo, visto que: *“A ética é uma atitude arraigada no homem, que não é válida apenas para uma única pessoa, mas que busca situar todos os seres humanos.”* Portanto, estas vertentes religiosas trazem em seu arcabouço doutrinário, teológico e eclesiástico, certos ingredientes (princípios, normas e conceitos) que contribuem para a composição, formação e aceitação individual ou coletiva de uma ética do trabalho.

Assim sendo, *“a ética aparece como uma ferramenta que pode contribuir para que os humanos tenham condições para enfrentar os desafios advindos da própria existência.”*(Idem, p.32). Por isso, a ética serve/irá como instrumento valorativo à dignidade do indivíduo no meio social que estiver inserido, cuja vida demonstrará os tipos de valores (bons ou maus) que ele refletirá em sua conduta. Estes valores humanos servem como alicerce para a construção de uma sociedade com um nível de vida que demonstre dignidade e moral, valorizando virtudes emanadas de atitudes que almejam o bem-estar do próximo e da sociedade, numa qualidade de vida mais equânime.

4.1.1. Catolicismo

Este apontamento tem como propósito buscar mais subsídios que poderão contribuir para a análise comparativa das correntes religiosas mencionadas. Sabe-se que *“A religião pode influir sobre a vida em geral e sobre a actividade econômica em particular, quer como sistema de doutrina, quer como organização”*(FANFANI, 1945, p.10)⁵⁴. Existem pelo

⁵⁴ Quanto a data de publicação aqui anotada ser 1945. Explica-se que o exemplar desta obra usada, refere-se à sua segunda edição, revista e atualizada, traduzida por Osvaldo Aguiar. Esta segunda edição não faz menção e não traz impressa nenhuma data quanto a sua elaboração. Contudo, Fanfani, seu autor, no prefácio dessa segunda edição, registra: “O

sistema doutrinário, teológico e eclesiástico da ICAR, certos tipos de orientações que contribuem para nortear a conduta ética do indivíduo e que podem influenciá-lo em sua conduta naquilo que realizar em benefício próprio ou de outrem.

Estas orientações postulam caminhar em duas vertentes: a primeira, visa mostrar ao fiel e seguidor do catolicismo a *responsabilidade* social que ele tem com o próximo; a segunda, volta-se mais para o aspecto do *envolvimento* social que o indivíduo deve apresentar visando contribuir pela instrumentalidade do trabalho, à formação da sociedade e seu ethos. É neste véis analítico que se pretende caminhar nesse momento.

Fanfani desenvolveu um primoroso *ensaio* científico em: “*Capitalismo, Catolicismo, Protestantismo*”; segundo ele, seu “... propósito é descobrir as relações que tal sistema [capitalista] teve na sua origem e no seu desenvolvimento com a religião católica e com a protestante, consideradas do ponto de vista que antes se fixou”(Idem, p.19). Sua contribuição nessa obra visa desvendar algumas falhas e desencontros que Weber deixou e cometeu em a EPEC, quanto a *origem* e o *desenvolvimento* do capitalismo, e o seu envolvimento com a religião via catolicismo e protestantismo, lançando um olhar crítico e analítico sob a ótica do catolicismo romano. Um dos pontos deste estudo que o referido autor destaca e se propõe a investigar é:

A relação que ligou a actividade do papado, como depositário e intérprete da moral católica, e como orientador da vida dos católicos, com a consolidação da concepção ética necessária para se dar e justificar a prática capitalista. (1945, p.11).

Importa observar que Fanfani apresenta nesse momento três pontos que devem ser considerados como essenciais ao fiel e seguidor deste segmento religioso, que servem de diretrizes básicas à sua conduta. Entretanto, deve-se atentar para o fato que estes pontos voltam-se e centralizam-se na maior

presente ensaio sobre as relações históricas entre catolicismo, protestantismo e capitalismo volta a publicar-se, passados dez anos, revisto e atualizado, e sem faltarem algumas ampliações consideráveis.; [referindo-se à primeira, revela]: “A primeira edição foi afortunada, especialmente no estrangeiro... Laski, ...no segundo parágrafo do capítulo primeiro do ensaio sobre The Rise of European Liberalism, publicado em Londres em 1936, no qual existem múltiplas provas de que o autor conheceu e leu a primeira edição inglesa do meu Catholicism, Protestantism and Capitalism, aparecida em Londres em 1935.”. Nas palavras de Fanfani: **passados dez anos**, dessa 1ª edição; por isso, este autor entende que o ano de publicação da **segundo edição**, seja **1945**.

autoridade da ICAR, envolvendo suas realizações e sua importância ao católico romano confessante, principalmente o *laico*. Quais sejam:

- a) Que o papa, é o *depositário* da moral católica;
- b) Que o pontífice, é o *intérprete* da moral católica;
- c) Que o sumo padre, é o *orientador da vida dos católicos*.

Isto quer dizer que sem ele – o papa – nada aconteceria ou teria sentido dentro do Catolicismo romano. Pode-se inferir pelo exposto acima que tudo e todas as coisas que envolvem a vida e a religiosidade do adepto ao catolicismo romano – no laicato –, está intimamente ligado e relacionado ao papa que exerce as três funções supra mencionadas. Para o ideário de uma vida prática, pode-se dizer que:

A doutrina católica não divide a vida prática [cristã] em compartimentos estanques. A idéia de Deus e a concepção do homem como criatura que luta para alcançar o prêmio eterno, informam todas as outras ideais... O homem é ideado como um ser livre, e por isso as suas acções, ainda mais pequenas, são dignas de valoração; afastam-se a aproximam-se do prêmio eterno... [Por isso] A necessidade moral de atingir o fim último determina os limites da actividade humana no campo estritamente religioso, no familiar, no político e no econômico. (FANFANI, 1945, p.98,99).

Confirma-se nessa colocação que o principal ideário do cristão romano é a *luta para alcançar o prêmio eterno*. Esta finalidade para a sua vida, levá-lo-á a crer e aceitar *que as suas ações, ainda mais pequenas, são dignas de valoração*, visto que elas são realizadas por um *ser livre*. Mas que podem, contudo, afastá-lo ou aproximá-lo do *prêmio eterno*. Logo, esta necessidade atingirá, determinará e limitará as demais áreas de sua vida quer seja no *campo religioso, no familiar, no político e no econômico*.

Este ideal ao ser concebido, assimilado, praticado e vivido pelo fiel, fará que ele envolva-se, entregue-se e haja como esta corrente religiosa normatiza. Infundindo-lhe princípios de moral e ética, socialmente falando, que o levam a agir impulsivamente e não, coerente e racionalmente, visto que o seu alvo maior é conquistar o eterno. Esta concepção o leva a pensar que está fora, ausente e distante, desta vida. Ou seja, a natureza política da ação, na prática,

não se aplica a esta vida; pois se crê que ela não traz e nem sofrerá certas implicações comprometedoras resultantes da conduta que o fiel apresentar. Visto que, como dizem: *os fins justificam os meios*. Fanfani comenta:

A ética católica, de que deriva necessariamente uma política intervencionista, de acordo com os fins que apresenta para o homem e para a sociedade e com o seu conceito da natureza e da criação, não pode aprovar, por exemplo, que o Estado conceda a mais ampla e ilimitada “liberdade de trabalho”, sem querer saber das suas conseqüências para o operário e para a sociedade, ainda que tal inibição possa justificar-se pela convicção – errada para a filosofia católica de que a harmonia dos interesses opostos se produz automaticamente. [Ao depois faz o seguinte comentário sobre a influência da ética católica]: quando a ética católica influi de modo predominante na vida pública, conseguiu que as diferentes instituições e as leis enquadrassem a atividade privada em esquemas não capitalistas... Se considerarmos a estrutura do sistema, não é difícil encontrarmos uma influência positiva do catolicismo, e se considerarmos os seus meios, descobriremos a sua relação com as restantes contingências históricas dentro das quais se foi desenvolvendo a vida daquela época [reportando-se à Idade Média]. (Idem, p.110/3).

Embora o autor acima refira-se a questões voltadas ao capitalismo e suas implicações com a Idade Média. Porém, deixa claro nestas afirmações a influência, envolvimento e a *política intervencionista* da ética católica, ou *quando a ética católica influi de modo predominante na vida pública*. Esta realidade – a influência da ICAR – herdada do período medieval perpetuou-se através da história e, em parte, pode ser sentida e vista hodiernamente em várias partes e países, principalmente na América Latina, onde o catolicismo romano predomina e triunfa como segmento ou opção religiosa sobre as demais denominações.

O aspecto da influência religiosa sobre o indivíduo e, nesse caso, do catolicismo romano, deveria fazer que o mesmo refletisse em sua vida um testemunho – por atos e palavras –, de tal maneira que provocasse melhorias e até mudanças no mundo; ou no mínimo, no meio social que estiver inserido. Infelizmente, esta não tem sido a realidade. Frei Josaphat, ao escrever sobre o *Evangelho e Revolução Social*, preocupado com o quadro decadente que o homem apresenta em sua vida social, faz a seguinte avaliação:

O maior obstáculo à evangelização do mundo neste momento [década de 60] reside particularmente neste escândalo: a vida cristã parece pactuar com as iniquidades sociais; ou pelo menos, parece alheia à sede de justiça, e às misérias profundas das massas. Um país de maioria católica parece insensível diante da injustiça, quando esta se identifica com as estruturas, com a ordem estabelecida. (1963, p.39).

Esse indiferentismo tem sido visto contemporaneamente com maior evidência, da mesma forma quando se vê a propagação de uma peste ou um surto epidêmico que assola a sociedade. Principalmente através da desvalorização do principal instrumento utilizado pelo homem para auxiliar o próximo e valorizar a si mesmo, o trabalho; como também, os benefícios de ordem moral que ele pode proporcionar. Por isso,

É inegável que a revelação cristã valoriza o trabalho e nos aponta o seu lugar no plano divino... Iguamente, é incontestável que a tradição teológica soube daí deduzir as grandes conseqüências morais: sobre a necessidade do trabalho, como meio moral da subsistência do homem; sobre o direito e o dever do trabalho; sobre as normas de justiça que hão de presidir ao contrato e reger sua remuneração. (Idem, p.57).

Sem dúvida, o trabalho é o principal meio necessário para elevar a moral, a dignidade e o valor que o homem dá a si mesmo, ao próximo e ainda ajuda a construir uma sociedade mais justa e com melhores condições de vida. Neste sentido, Josaphat, citando, comentando e concordando com Tomás de Aquino, sobre a virtude aliada à justiça: “*Vindicatio*”, que ele prefere traduzir para “*Reivindicação*”, escreveu:

Nesta parte de sua síntese moral empenha-se S. Tomás em descrever todo o conjunto de atitudes que devem aperfeiçoar o homem justo. Qual será o seu comportamento face o mal, face a injúria aos seus direitos, aos direitos do próximo ou à honra de Deus? A resposta de S. Tomás tem em conta, de uma parte, as exigências da misericórdia para com o pecador e o dever de perdoar a quem nos ofenda; mas, de outro lado, - é o ensino formal da questão – realça ele fortemente o dever de nos opormos ao mal, de castigá-lo, de exigir reparação da injustiça e de afastar eficazmente, da sociedade e da Igreja, as ameaças ao seu respectivo bem comum, social e espiritual. (1963. p.72).

Esta iniciativa orientada por S. T. de Aquino, de oposição ao mal, castigá-lo e *de exigir reparação da injustiça*. Parece-nos, contemporaneamente, quase que uma utopia, como também, seu eficaz afastamento, quer seja da sociedade ou da Igreja. Enquanto que, de dentro da própria Igreja emanam alguns tipos de mal⁵⁵, praticados por seus próprios líderes. Isto contraria o bem que ela prega e propaga pelo evangelho—social, que deve fazer parte da vida do homem, ser refletido em sua conduta diária e em seu trabalho; cuja finalidade será de provocar uma autêntica e verdadeira revolução social.

Assim, vem a igreja romana através dos tempos, pelo evangelho social, tentando implantar uma *revolução social*, do homem, pelo homem e para homem, segundo suas forças, desejo e vontade. Sem preocupar-se em primeiro lugar com uma mudança em seu interior, no coração, no que diz respeito ao seu estado espiritual; que produza e reflita atos e palavras que dignifiquem o próximo e colaborem para a edificação de uma sociedade melhor. Esta questão é uma das principais diferenças entre o catolicismo romano e o protestantismo, quanto ao agir ético do indivíduo.

Por isso torna-se um ponto importante a ser considerado pelo catolicismo que tanto proclama e luta pela justiça social. Infelizmente, ela não será estabelecida somente pelo chamado evangelho social, que evoca uma mudança tão somente social/exterior e não espiritual/interior; do homem, da humanidade e conseqüentemente da sociedade e seu ethos. A justiça social e a melhora dos valores sociais, não serão aceitos, cultivados, assimilados e desenvolvidos, apenas pelos esforços humanos via movimento social. Pois, percebe-se, sociologicamente, que o homem não tem apresentado melhoras.

Ou seja, da parte do catolicismo romano não há uma preocupação com o estado e a vida espiritual do indivíduo, se ele apresentou, apresenta, teve ou tem tido uma nova conduta em sua vida que revele nova vida em Cristo; com a mesma importância que o protestantismo apregoa. Esta ênfase o catolicismo não exige de seu fiel seguidor, apenas o seu engajamento, compromisso e responsabilidade social que por ele é anunciado.

⁵⁵ A referência específica do autor desta pesquisa quanto a este mal, tem a ver o caso dos escândalos de pedofilia dentro da Igreja, praticado por alguns padres e bispos nos últimos anos, como tem sido noticiado e a própria Igreja reconhece, inclusive pelo atual papa.

4.1.2. Protestantismo

O protestantismo calvinista como um dos ramos do cristianismo, igualmente propaga, defende e infunde ao seu fiel princípios por ele considerados bíblicos, que podem auxiliar o próximo a construir uma sociedade mais justa e melhor, a partir de uma mudança interna da pessoa em Cristo. Todavia, como foi visto acima, percebe-se que este não é o propósito primário do catolicismo romano. Seria oportuno atentar para o que a *ética cristã perdeu* dentro de certos segmentos do protestantismo, conforme a seguinte advertência levantada por Vieira:

A ética cristã perdeu sua dimensão mais abrangente e restringiu-se a uma ética legalista. Não estava fundamentada em princípios, mas em legalismos. [Referindo-se ao pietismo do século XVIII]. Deixou de ter sua visão para o todo e restringiu-se a uma ética individualista, e quando muito a uma ética para se viver dentro da sua comunidade eclesial. O pietismo, como afirmamos, percebia o mundo de forma dual. Os primeiros missionários traziam um conceito de distanciamento do mundo, para proteger a igreja e mantê-la das contaminações do mundo, e por essa razão as igrejas deixaram de receber os princípios éticos mais abrangentes que são afirmados nas Escrituras. Criou-se uma ética passiva e legalista, não ativa e de princípios. (1999, p.149).

Esta atitude de distanciar-se do mundo não diferencia em muito do movimento monástico do catolicismo romano. O ramo do pietismo e outros que defenderam este tipo de conduta, criou um conceito de ética falso e distorcido daquilo que de fato as Escrituras ensinam como diretrizes éticas *mais abrangentes* e basilares para a vida do homem. Não se quer dizer com isto que o pietismo não trouxe contribuições para a ética que se refletia na conduta dos fiéis. Por isso, segundo Comparato, *“o dever primeiro do fiel, segundo essa visão de mundo, consiste em trabalhar com afinco, segundo a vocação sobrenatural de seu estado e profissão, para glorificar a Deus. Uma vida de pura contemplação, ou o retiro do mundo na solidão monástica constituem graves pecados de omissão.* (2006, p.179).

Abandonando esta prática que contraria os princípios das Escrituras, que alguns segmentos da doutrina calvinista desenvolveram e procuram incutir ao seu fiel seguidor. Bem como, lançando luz àquilo que reflete a ética

postulada pelo protestantismo reformado, constata-se que: *“Entre uns e outros, vigeu a mesma acese voltada para o trabalho de transformação, não só moral, mas também material do mundo; a mesma exaltação do homo faber; o mesmo racionalismo na conduta ética.”*(Idem). Todavia, deve-se saber que, em seu agir, o fiel praticante deste segmento religioso reconhece que:

A ética calvinista não se traduz em submissão da ação a princípios revelados, mas na reativação desses princípios, desembaraçados de todo véu histórico contingente, e assumidos de maneira pessoal, livre e responsável. Segundo Calvino, o crente submete-se unicamente ao tribunal interior da consciência. (...) A ética calvinista não é antimundana, mas sim transmundana. Segundo Calvino, não há “diferença entre a natureza e os dons do Espírito; pois não há poder nem atividade ou destreza que não se devam reconhecer como vinda de Deus”. (PEYREFITTE, 1999, p.113/4/6).

Fica evidente pelo autor acima, que a ética calvinista deverá refletir o estado de consciência livre e tranqüila do fiel, que na doutrina reformada se firma. Logo, pode-se inferir que *“o calvinismo é uma ética do trabalho. Comentando Gênesis, Calvino escreve: A tranqüilidade da fé não tem nenhuma afinidade com a preguiça”*(Idem, p.117). Este pensamento combate o ócio, e faz que a confiança do protestante se volte àquilo que ele crê; levando-o a apresentar uma conduta em seu trabalho, por atos e palavras, sem trazer nenhum prejuízo à sua consciência, que é livre:

Eis a liberdade cristã segundo Calvino: não é a observação escrupulosa de leis exteriores nem a submissão ansiosa a uma consciência atormentadora, mas a obediência interior e auto-determinada de uma pessoa à sua vocação. “Pois Deus não se detém na aparência exterior, mas vê a obediência interna do coração, da qual depende, unicamente, a dignidade de nossas ações”. (Idem, 1999, p.117).

Por liberdade ou sentir-se livre, não significa que o praticante deste segmento e ensino religioso poderá, a seu bel prazer e vontade, fazer o que lhe der na cabeça, sem nenhuma responsabilidade. Não! Pelo contrário. O conceito de liberdade em Calvino, aponta para o sentido de que, nada daquilo que a pessoa fizer ou falar, irá condená-la internamente, em seu coração (renovado por Cristo), ou como é comumente conhecido: *sentir peso na*

consciência. Se isto acontecer, significa que a ética bíblica-calvinista, segundo seu ensino e doutrina, pode ter sido aviltada, negada ou negligenciada. Para o calvinista, em seu arbítrio, a consciência e o temor que ele tem de Deus em seu interior, serão o seu árbitro. Como Kuyper explica:

O calvinista é levado a submeter-se à consciência, não como a um legislador individual que cada pessoa carrega em si, mas como a um direito *sensus divinitatis*, através do qual o próprio Deus desperta o homem interior e o sujeito a seu julgamento... Um homem redimido que em *todas* as coisas e em *todas* as escolhas da vida é controlado somente pela mais penetrante e vibrante reverência do coração por um Deus que está sempre presente em sua consciência, e que sempre o mantém em seus olhos – assim apresenta-se o tipo calvinista na História. (2002, p.80).

Tal sensibilidade evidencia-se pelo *sensus divinitatis* na vida do protestante calvinista, se houver uma qualidade de vida espiritual que seja regada e alimentada segundo o padrão das Escrituras. Que, para o protestantismo, especialmente o calvinista, elas são a única regra de fé e prática; são a norma máxima de conduta; são infalíveis em seus mandamentos, preceitos e ordens que dão as diretrizes básicas, essenciais e necessárias à vida do indivíduo, sem a necessidade de acréscimos quer seja de tradição, costumes ou arranjos humanos. Basta o homem obedecer e praticar as Escrituras, para demonstrar dignidade em suas ações. Por este prisma caminha Tawney ao afirma que:

O calvinismo foi uma força ativa e radical. Era um credo que buscava não meramente purificar o indivíduo, mas reconstruir a Igreja e o Estado, e renovar a sociedade permeando todos os setores da vida, tanto públicos como privados, com a influência da religião... Como um modo de vida e uma teoria da sociedade, apresentava desde o início uma característica que era simultaneamente nova e importante. Adotou uma organização econômica relativamente avançada e expôs sua ética social somando-a por base. (1971, p.109).

Observa-se nestas palavras de Tawney que, no campo religioso, o calvinismo pelo seu sistema doutrinário, teológico, eclesiástico e ético-social, trouxe grandes e novas contribuições para a prática da vida religiosa, que se tornaram sua base e exemplo. Preocupava-se antes de mais nada, não

somente em *purificar* o indivíduo, mediante a pregação das Escrituras. Como também, influenciava pelos seus princípios e visão administrativa eclesiástica, vários setores da vida pública e privada, refletindo-se na sociedade. Assim sendo: “O calvinismo, em suma, significa não apenas nova doutrina teológica e governo eclesiástico, mas nova escala de valores morais e novo ideal de conduta social.”(Idem, 1971, p.116).

O que o referido autor chama de *nova escala de valores morais e novo ideal de conduta social*; é o diferencial que marcou e marca o autêntico protestantismo calvinista em qualquer época e lugar. Por autêntico, refere-se não ao que os discípulos e seguidores de Calvino postulavam, viviam ou apresentavam em sua vida prática ou pelo que expunham em seus escritos teóricos, como frisou Weber em a EPEC. Mas sim, ao que o próprio reformador genebrino deixou registrado em suas obras (cap.2), viveu e colocou em prática, a exemplo de Jesus e Paulo, como fiel seguidor do ensino deles.

Nesse diferencial supra mencionado, Tawney destaca dois pontos que põem em evidência algumas particularidades e peculiaridades do Calvinismo, enquanto proposta bíblica para uma nova vida; que, segundo o protestantismo, somente Jesus Cristo tem e pode dá-la a quem Ele quer, quando e como quiser, sob os ditames de Sua Palavra, ação, poder e graça. Esta nova vida provoca/rá uma mudança total e integral no indivíduo e, positivamente causará um impacto que se refletirá na sociedade, servindo como alternativa para melhorá-la. São eles:

- 1) ***Nova Escala de Valores Morais*** – Calvino, em seu contexto social, político, religioso e econômico, viveu depois de convertido, como Agostinho e Lutero, sempre em conflito com a decadência dos valores *sociais, éticos e morais*, que regiam a sociedade de sua época. Preocupado com tal situação, escreveu sua principal obra “*As Institutas da Religião Cristã*”. Embora seja um tratado teológico, contudo, na *Carta ao Rei*,⁵⁶ em sua dedicatória – “*só pensei em escrever algo dedicado à tua majestade...*” –, feita ao príncipe Francisco, escreveu:

⁵⁶ Esta Carta dirigida ao Rei Francisco, da França, foi datada por Calvino em 23 de agosto de 1536. Para quem quiser se interar de todo o seu conteúdo, sugiro uma leitura da mesma in ***As Institutas*** (Edição especial com notas para estudo e pesquisa). 2006. Vol.1, p.35-54.

A minha intenção era somente ensinar alguns princípios elementares com os quais as pessoas que têm algum amor a Deus recebessem instrução para a verdadeira vida piedosa. (...) Peço que observes nossos adversários, pela aprovação e pelo apetite dos quais outros se fazem nossos inimigos; Peço um pouco de tempo para verificar comigo a paixão que os move. Eles facilmente permitem a si mesmos e aos outros ignorar, negligenciar e menosprezar a religião verdadeira, que nos é ensinada pela Escritura e que deveria continuar vigente e válida entre todos. E eles acham que tanto faz a pessoa crer ou não crer nisto ou naquilo acerca de Deus e de Cristo, contanto que, com a fé implícita, como eles dizem, ela submeta o seu entendimento às decisões da Igreja. (2006, Vol.1, p.35,39,40).

Os *adversários* que Calvino menciona nessa Carta ao Rei são os sacerdotes da ICAR. Na continuidade de sua narrativa ele levanta algumas questões que apontam certas práticas incompatíveis com o ensino das Escrituras. Neste primeiro ponto evidencia-se uma proposta que tem a ver com o interior do indivíduo, onde é introjetado princípios; para daí emanar uma *escala de valores morais* que devem servir como auxílio para moldar o caráter e a personalidade de alguém, mas também, contribuir ao estímulo da auto-estima pautada na dignidade da pessoa. Isto fará que o homem, nesta nova escala de valores, tenha e apresente uma nova conduta que interfira positivamente para a formação de uma sociedade melhor;

- 2) ***Novo Ideal de Conduta Social*** – nesse ponto, Calvino trata da prática da vida cristã, cujo princípio áureo dito por Jesus é: *“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.”*(Evangelho de Mateus 7.12)⁵⁷. A esse respeito e algumas implicações disso, o ilustre reformador escreveu:

⁵⁷ Sobre esse princípio áureo proclamado por Cristo, Geraldo M. Cristema (fundador e organizador da *Fundacion Ética Mundial de México*), que o autor desta dissertação conheceu pessoalmente em Congresso realizado em Havana, Cuba, 2007. Cristema, em *Periódico Informativo* sobre a referida fundação do ano de 2007, apresenta algumas das principais religiões do mundo. E, ao depois, sobre o referido princípio, registra: ***“La Regla de oro em las religiones del mundo”***. Citando-a e mostrando como estas religiões a entende e difunde, da seguinte maneira: ***“HINDUISMO: Uno no debería comportarse con los demás de una forma que sea desagradable para él mismo: esta es la esencia de la moral. (Mahabharata XIII, 114,8); JAINISMO: El hombre debería comportarse con indiferencia ante las cosas mundanas y tratar a todas las criaturas del mundo como le gustaria que le trataran a él mismo. (Sutrakritanga I, 11,33); RELIGIÓN CHINA: Lo que no deseas para ti mismo, no se lo hagas tampoco a otras personas. (Confúcio, Diálogos, 15,23); BUDISMO: Una situación que no es agradable o grata para mi, tampoco debe serlo para él; y una situación que no es agradable o grata para mi, como puede exigírsele a outro? (Samyutta Nikaya V, 353,35-354.2); JUDAÍSMO: No hagas a***

O Senhor exige dos cristãos coisa muito diferente do que semblante alegre e amável, para tornar a sua beneficência simpática graças a uma tratamento humanitário e terno. Primeiro, devem colocar-se no lugar da pessoa que tem necessidade de ajuda; segundo, que tenham dó da sua sorte como se eles próprios estivessem passando por essa situação; e, terceiro, como se eles próprios fossem os necessitados socorridos... Cada um deverá considerar que é devedor ao próximo de tudo o que tem e de tudo o que está em seu poder, e que não deve limitar a sua obrigação de praticar o bem, a não ser quando já não tenha recursos para isso; estes, até onde podem estender-se, devem estar subordinados ao que manda a caridade. (2006, vol.4, p.191/2).

Por isso, o novo ideal de conduta social, em e através da vida do indivíduo, será na verdade um reflexo do ponto anterior. O homem exteriorizará aquilo que ele tem dentro de si. Nas Palavras de Cristo: “... a boca fala do que está cheio o coração.” (Evangelho de Lucas 6.45). Parafraseando esse princípio: *O homem faz (boas ou más) obras de acordo com a escala de valores que emana do seu interior.* Neste aspecto, a religião e o que ela propaga aos seus fiéis tem um papel de extrema relevância, porque ela praticamente é quem dita as normas que nortearão e influenciarão a conduta social do indivíduo. Que deverá na prática, apresentar um novo ideal de conduta social para o bem-estar do próximo e da sociedade.

Comparato, ao dissertar sobre alguns dos postulados da ética dos reformadores e o que eles desenvolveram como principais linhas mestras a serem seguidas por seus discípulos, a respeito de Calvino e o que ele elaborou registra:

O ponto de partida da ética calvinista é um pessimismo absoluto quanto a natureza humana. Por força do pecado, ela é corrompida e nada produz que não mereça condenação. Por conseguinte, todo bem que fazemos vem de Deus... Seu raciocínio [de Calvino] permaneceu aferrado a uma mesma linha indutiva: o homem foi criado livre, mas em razão do pecado, cometido pela sua própria vontade, tornou-se servo do mal e incapaz de se libertar por suas próprias forças... [Por isso]

*otros lo que no quieres que ellos te hagan a ti. (Rabi Hillel, Sabbat 31); **CRISTIANISMO:** Todo lo que quereis que os hagan los hombres, eso hacédselo también vosotros a ellos. (Mateo 7,12; Lucas 6,31); **ISLAM:** El hombre debería comportarse con indiferencia ante lãs cosas mundanas y tratar a todas lãs criaturas del mundo como le gustaria que le trataran a él mismo. (40 Hadit – Dichos de Mahomad-de na-Nawawi).” (2007, p.20/1).* Assim, vê-se como essa “Regla de Oro”, transita e é enunciada por segmentos religiosos de matizes diversas. Quem deseja saber mais sobre a referida Fundação, consulte o site: www.eticamundial.com.mx

Calvino permaneceu sempre rigidamente apegado à idéia de que tudo, inclusive a própria fé, nos vem de Deus, pois desde o pecado original nada de bom nos advém por nosso próprio mérito. Se assim é, só resta logicamente reconhecer que cada um de nós, desde toda a eternidade, está predestinado, por um decreto divino, à salvação ou à condenação. (2006, p.176/7).

Observe que o citado autor revela que o *pessimismo* é um ponto primordial a ser considerado sobre a ética calvinista; que tem a ver com a natureza pecaminosa do homem que se tornou escravo do pecado; perdendo assim, sua liberdade e estado originais. Isto leva o indivíduo a inclinar-se para a prática do que é mal, somente, visto não ser capaz de fazer *nada de bom*. Porque, segundo Comparato, como conseqüência dessas afirmações à vida do fiel praticante e seguidor deste segmento religioso, faz saber que:

Na concepção teológica dos primeiros Reformadores,... a natureza humana, corrompida pelo pecado original, nada produz de si mesma que não mereça condenação. Vivemos, portanto, na inteira dependência da graça divina, sem nada podermos fazer para merecê-la. [Disto] Sucede que essa consciência do bem e do mal não se manifesta, apenas, em cada indivíduo, mas existe também como realidade social. (2006, p. 465).

É nesse sentido que Calvino fundamentou e desenvolveu sua ética-teológica-social-eclesiástica-administrativa, aplicável inclusive em toda a sociedade. Tanto é que Comparato afirmou: “*É curioso como essa visão ético-teológica teve grande aceitação nas gerações seguintes, até mesmo em certos meios católicos.*”(Idem, p.177). Pois os seguidores da corrente religiosa calvinista priorizavam as Escrituras Sagradas e os ensinamentos éticos expressos em seus mandamentos. Mas também, criam e crêem que a ética calvinista reflete exatamente os ensinamentos postulados em seus princípios.

Visto que “*o centro e fundamento de toda ética bíblica é, pois, a pessoa de Iahweh, que transcende o mundo, por ele criado, mas está, ao mesmo tempo, sempre presente e atuante, pelo diálogo e pela ação, na história da humanidade.*” (COMPARATO, 2006, p.447). Provavelmente, foi neste sentido que Comparato referiu-se aos católicos anteriormente. Pois, no Criador, tanto uma como a outra corrente religiosa, crê. Ele seria o elo de uma possível aproximação entre ambas.

Quanto a ética calvinista do trabalho e que o referido reformador procurou deixar como legado aos seus discípulos e o mundo, Biéler, comenta:

Como toda a ética do reformador, a ética do trabalho baseia-se, portanto, na visão bíblica das realidades sociais. É uma ética teológica, que pode confirmar, mas não necessariamente, a ética natural, de uma humanidade atualmente desnaturada. A ética evangélica destina-se a servir de referência aos seres humanos para ajudá-los a discernir o bem e mal que lhes são igualmente naturais, um como o outro. A dignidade do trabalho humano, quando em conformidade com o desígnio de Deus, atém-se ao fato de que ele é, de certa forma, o prolongamento do trabalho que o próprio Deus empreende para a manutenção de suas criaturas... A despeito dessa iminente dignidade, a obra humana permanece, porém, obra profana. Não poderia aspirar à sua sagração. Quem a executa assume toda a responsabilidade perante Deus e perante os homens. (1999, p.124).

Perceba que esta preocupação levantada por Biéler, deve rondar o fiel praticante deste segmento religioso, conscientizando-o que o mérito do trabalho realizado não recai sobre quem o fez, por ser uma *obra profana*. Contudo, como *obra humana permanece*. Mas também, não deverá jamais furtar-se da responsabilidade que o trabalho, seja ele qual for, proporciona ao seu idealizador e executor, quer seja *perante Deus e perante os homens*. Assim, deverá o fiel calvinista agir em sua conduta.

4.2. BREVES DADOS INFORMATIVOS DE DETERMINADOS PERÍODOS HISTÓRICOS DA VIDA ECLESIASTICA BRASILEIRA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA COSMOVISÃO CATÓLICA ROMANA E PROTESTANTE

Apresentar-se-á nesse momento alguns dados e fatos informativos da vida eclesiástica da Igreja (Católica Romana e Protestante) no Brasil. Destacando-se especialmente os seguintes períodos históricos:

4.2.1. Velha ou Primeira República – 1890 a 1930

4.2.1.1. Catolicismo

Para um melhor entendimento desta parte do trabalho, deve-se atentar para a situação política, religiosa e social do Brasil, nesse momento histórico, quanto há determinados fatos que estavam acontecendo paralela e concomitantemente. Destaca-se a priori, pelo lado intelectual, a corrente filosófica que estava ganhando terreno no mundo dos saberes e adentrando os corredores da política, era a do pensamento liberal do positivismo de Isidore Marie François Xavier Comte (1798-1857), mais conhecido por Augusto Comte. Másoli, a respeito informa:

O positivismo, numa definição genérica, significa qualquer sistema que se confine a observar dados empíricos e busque reconhecer especulações metafísicas ou *a priori*. Assim, todos os primeiros filósofos e cientistas que seguiram esse conceito eram positivistas ao seu modo... O positivismo só apareceu no Brasil como um movimento em abril de 1876, quando foi fundada a primeira sociedade positivista [liderado] por dr. Antônio Carlos de Oliveira Guimarães. (2000, p.177).

Também, havia por parte de determinado grupo ou classe social, principalmente dos senhores de engenho, grandes fazendeiros de cafezais, investidores latifundiários e alguns empresários da época, uma preocupação enorme com a libertação dos escravos, recém ocorrida pela Lei Áurea, promulgada pela Princesa Isabel em maio de 1888.

Enquanto os escravos libertos deixavam as fazendas; o Brasil, na época, recebia grupos de imigrantes europeus que aqui chegavam para recomeçarem suas vidas. Um pouco mais tarde, vinham em navios lotados, principalmente por causa de conflitos sociais e guerras civis que assolavam o Velho Continente. Alguns daqueles e desses imigrantes iam substituir em parte, a mão-de-obra escrava, no campo; agora, porém, remunerada. Outros, por sua vez, com o auxílio do Governo, estabeleceram-se em áreas rurais, formando em várias regiões do país, colônias: Alemães e Italianos no sul do Brasil; Japoneses em São Paulo; alemães-pomeranos no Espírito Santo, etc.

Por outro lado, politicamente falando, estava ainda em evidência e eferescência por toda a sociedade da época, o fato da proclamação da República ocorrida em 1889. O país abandonava o sistema de governo

monárquico e entrava no Republicano. A família real deixava o Brasil. Esse período – 1890 a 1930 –, que compreende entre a velha ou a primeira República, e a revolução de 1930, é assim descrito por Souza (ed.):

Diante da crise de legitimidade da Primeira República – teriam ampliado o alcance da universalização do Estado, impondo-lhe maior autonomia quanto à esfera de interesses... O que teria sido o feliz interregno 1889–1930, quando os interesses encontraram representação na política e conformaram o Estado, no contexto institucional da Carta americana de 1891 e do sistema de denominação formalmente racional-legal dela derivado foi, como sabido, o momento republicano em que a esfera privada apropriou-se da esfera pública, e em que se solidarizou aquele sistema de denominação com a ordem patrimonial pela via do sistema político do coronelismo. (1999, p.178/9).

Isto ocorreu porque os interesses de várias classes sociais da época sentiram-se afetados. Dentre estas classes destacam-se: a militar, empresarial, operária, intelectual e até a religiosa, sobretudo, a do catolicismo romano. Esta última, mais especificamente, por causa do Decreto nº 119-A, de 07 de janeiro de 1890, que efetivou a separação entre Igreja e Estado. Esse Decreto, redigido por Rui Barbosa, foi oficializado menos de dois meses após a Proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889. Ele trás em seu conteúdo o **Artigo 72**, que apresenta a seguinte redação:

"Artigo 72: § 3o. Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum. (...)

§ 7o. Nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados Unidos".⁵⁸

Este Artigo constitucional foi o principal objeto de uma reação do Episcopado brasileiro ao redigir "**A Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1890**".⁵⁹ Logo, uma das principais mudanças ocorridas com o advento da República e com a publicação desse Decreto, atingiu a prática

⁵⁸ Disponível em: <http://www.permanencia.org.br/revista/politica/episcopado.htm>. Acesso em: 05 de abril de 2008.

⁵⁹ O texto dessa **Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1890** pode ser encontrado na íntegra, no mesmo endereço do site acima mencionado (*in* nota 57).

religiosa predominante no Brasil, em especial e conseqüentemente a ICAR, que culminou com a separação da Igreja do Estado.

Segundo Máspoli: “A *proclamação da República estabeleceu a separação legal entre a Igreja e o Estado, acabando de vez com os privilégios do padroado.*”(2000, p.117). O Brasil passou a ser um país laico. A respeito desta separação, Lima comenta:

Para Rui Barbosa [autor do decreto], “de todas as liberdades sociais, nenhuma é tão congenial ao homem, e tão nobre, e tão frutificativa, e tão civilizadora, e tão pacífica, e tão filha do Evangelho, como a liberdade religiosa.” No Brasil, a separação entre a Igreja e o Estado foi efetivada em 7 de janeiro de 1.890, pelo Decreto nº 119-A, e constitucionalmente consagrada desde a Constituição de 1.891. Até 1.890, o catolicismo era a religião oficial do Estado e as demais religiões eram proibidas, em decorrência da norma do art. 5º da Constituição de 1.824⁶⁰. O catolicismo era subvencionado pelo Estado e gozava de enormes privilégios. A atual Constituição brasileira, de 1.988, proíbe, em seu art. 19, à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, “estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento, ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.”⁶¹

Vê-se aqui que o direito da expressão religiosa no Brasil em sua pluralidade, acompanha sua história desde e, a partir dessa época. Obviamente que a ICAR através de sua liderança, por causa de um decreto-lei, não iria se inclinar e submeter-se tão facilmente a uma decisão política que lhe traria dentre outras coisas, prejuízos monetários, pelo fato de não mais receber do Estado auxílio e sustento financeiro.

Contudo, sabe-se que na prática, infelizmente, esta separação tornou-se realidade “de fato” somente com o passar do tempo. Inclusive, após acontecerem alguns episódios que marcaram a história da Igreja – protestante e da ICAR – em nosso país, adentrando algumas décadas posteriores. Ribeiro, no prefácio de sua obra sobre esta questão faz a seguinte menção:

⁶⁰ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o24.htm. Acesso em: 05 de abril de 2008.

⁶¹ Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2320>. Acesso em: 04 de abril de 2008. Autor: Fernando Machado da Silva Lima, 2001. Site: Jus Navigandi, nº 52 (11.2001).

A euforia dos protestantes foi grande, com o advento da República. Mas à medida que se passavam meses e anos, verifica-se que não era o Milênio. De 1889 a 1930 os evangélicos viveram sob a tensão de ter de fazer valer seus direitos de cidadania muitas vezes ameaçados ou violados. Por outro lado, tentam deter o avanço da Hierarquia sobre o Estado, e não conseguem. (1991, p.XIII).

Os *direitos* aqui mencionados que eram violados, são exatamente aqueles que apontavam para a separação entre a Igreja e o Estado, dando assim, liberdade para a expressão religiosa de outras confissões ou crenças, como o Decreto constitucional, e o Art. 72, mencionados, normatizam. Ainda quanto a referida separação, Ribeiro, ao abordar este assunto faz o seguinte registro:

Em 9 e em 16 de dezembro (1889) Demétrio Ribeiro, positivista, apressa-se a apresentar ao Governo Provisório proposta de Separação de Igreja e Estado, incluindo secularização de cemitérios, casamento e registros civis... D. Antonio Macedo Costa, ex-professor de Ruy no ginásio... Em 22 de dezembro (1889), impedido de comparecer a um encontro com Ruy, escreve-lhe: “Não desejo a separação, não dou um passo, não faço um aceno para que se decrete no Brasil o divórcio entre o Estado e a Igreja... Tal decreto alterando profundamente a situação da Igreja poderia causar grande abalo no país. Talvez fosse melhor prudência, de melhor política e até mais curial reservar esse assunto para a próxima assembléia constituinte. Mas se o Governo Provisório está decidido a promulgar o decreto, atenda-se o mais possível à situação da Igreja, adquirida entre nós há cerca de três séculos. É evidente que sob o pretexto de liberdade religiosa não devemos ser esbulhados”. D. Macedo não obteve o adiamento do assunto para a constituinte. A 7 de janeiro (1890) Ruy apresentou seu projeto ao Governo Provisório, e obteve unânime aprovação. (1991, p.3).

Percebe-se nestas palavras de D. Macedo as seguintes declarações: primeiro sua posição incisiva, clara e contundente, ao manifestar seu desejo contrário – pelas assertivas “*não*” –, sobre a decisão que estava para ser tomada pelo Governo Provisório; em segundo lugar, vê-se certa preocupação com a *situação da Igreja*, causando-lhe profundas alterações; em terceiro lugar, ele revela que esta decisão poderia *causar grande abalo no país*; e por fim, evoca a *situação* – status quo – *da Igreja*, vigente, quanto a sua posição, poder e domínio, que naquela época em nossa pátria já completava três séculos.

Todavia, apesar da queda do padroado, parece-nos que D. Macedo nunca se deu por vencido em suas reivindicações em favor da Igreja:

É justo reconhecer a formidável vitória de D. Macedo Costa e da Igreja Católica: A Igreja recebe todos os templos e outros bens religiosos, antes sob o padroado imperial; tem todos os seus sacerdotes subvencionados pela República (os professores dos Seminários, apenas por um ano); e tem a opção de obter dos Estados cônica para seus futuros sacerdotes. (Idem, p.4).

Evidencia-se através desses e outros benefícios que a Igreja adquiriu, embora tenha se “separado” do Estado por Decreto constitucional, seu predomínio. Em verdade, na prática, ainda do Estado ela se beneficiava e sobre ele mantinha determinado poder. Quanto aos conflitos havidos em anos subseqüentes da oficial separação, oriundos de perseguições deflagradas pela própria ICAR, Ribeiro, apud, Pedro Tarsier, comenta:

De 1889 a 1909, o folheto anônimo *Esboço Histórico-Cronológico das Perseguições Realizadas Contra os Cristãos Evangélicos desde a Proclamação da República até a Presente Data* Rio de Janeiro, maio de 1909, alinha resumidamente as perseguições aos evangélicos. (Idem, p.26).

Segue-se por Ribeiro a transcrição daquilo que Tarsier deixou registrado através do referido *folheto*. Ele iniciou essa transcrição em 1889 e se estendeu até 1909, totalizando vinte anos de história e relatos, apresentando o registro de 79 (setenta e nove) fatos ocorridos em várias partes de nossa nação (cf. *in*: 1991, p.26-36).

Daniel Berg (1884-1963), missionário Sueco, que veio para o Brasil no início da segunda década do século XX, chegou e iniciou o seu ministério em Belém do Pará; é o fundador da Igreja Evangélica Assembléia Deus. Em suas *Memórias*, faz o registro de inúmeras perseguições que ele sofreu juntamente com aqueles que com ele estavam.⁶²

Possivelmente, um dos fatos que mais marcou a história de perseguições a protestantes nesse período, foi o ocorrido em 1909, em São José do Calçado–ES, que Ribeiro assim narra:

⁶² Sugere-se uma leitura de um destes fatos, como o que ele narra e está registrado nesta obra (p. 99 a 115), *in* Berg, Daniel, *Enviado Por Deus – Memórias de Daniel Berg*. CPAD. 1972.

A 15 de março, o *Jornal do Comércio* informa que o grupo agressor “chefiado pelo sub-delegado do lugar, ao vociferar de vivas ao catolicismo romano, assaltou o templo evangélico presbiteriano recentemente inaugurado [em janeiro de 1909], fazendo-o ruir por terra parte por parte e depois de completamente ruído ateou fogo cujas labaredas destruíram os móveis e livros entre os quais se achavam livros católicos romanos aprovados pelo Sr. Cardeal”! (Idem, p.40).

Esse fato ficou registrado e documentado para a história, principalmente, através de uma foto do local em que esse episódio se deu, batida por um comerciante, pode-se ver todas as pessoas envolvidas – mais de uma centena –, posicionadas à frente do templo completamente destruído e em ruínas. No raiar da terceira década do século XX, dentre outros, aconteceu um fato em Aparecida do Norte que também chocou e marcou a história dessas perseguições religiosas ocorridas no Brasil⁶³.

Através desses, outros fatos, acontecimentos e movimentos que mobilizaram a sociedade nessa época, como o “intelectual” pela via do liberalismo, oriundo do pensamento filosófico positivista; o político e o religioso, que estavam em ebulição. Constata-se que esse foi um período marcante da história do Brasil e da Igreja – Católica e Protestante –, que passavam por mudanças que envolviam praticamente todas as classes e níveis da sociedade naquela época.

No que se refere ao campo religioso, envolveu de um lado a ICAR, por causa do Decreto de separação da Igreja e Estado, recém promulgado pelo Governo Provisório; e, de outro lado, a franca expansão e notório crescimento da Igreja de cristãos evangélicos ou protestantes em todo o território nacional, que, como visto, causava sérias preocupações àquela, como religião predominante e majoritária em nossa nação.

Sabe-se também, que nesse período histórico, socialmente falando, o velho mundo a partir da Alemanha e seus filósofos, por seus ideais, filosofias e ideologias; estava embecendo-se da doutrina socialista de Hegel e Marx, que

⁶³ Esta perseguição ficou muito bem documentada por causa de um *Boletim*, elaborado pelo Padre Otto Maria D. Ss.R. Pró-Vigário de Aparecida, datado de 08-11-1921. Através desse boletim, ele infla a população – *católicos aparecidenses* – da cidade contra o ministro e uma pequena *Casa de Oração*, protestantes. Caso queira saber o conteúdo desse boletim, consulte Ribeiro, Boanerges, *in: Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. 1991. (p.43).

formularam seus projetos com objetivos claros e contundentes, como afirma Boff:

Hegel projetou sua filosofia a partir do sujeito burguês, considerado plasmador e condutor da história. Marx, a partir do sujeito proletário, submetido ao senhor, com a missão de revolucionar e ultrapassar a relação senhor-escravo, na direção de uma sociedade de cidadãos livres, solidários e participativos: o socialismo entendido como a realização plena da democracia. Cada um desses projetos funda seus *ethos*, o conjunto de valores, princípios de ação e utopias de futuro. Cada um deles traduz o *ethos* em morais práticas. A atitude básica (*ethos*) se traduz por atos concretos (*morais*). (2003, p.34).

Como é do conhecimento da maioria, esse *projeto*, assim denominado por Boff, logo se esparramou pelo mundo com grande aceitação em várias partes. Chegou às Américas, especialmente à América Latina–AL e já presente no Brasil. Por causa disso, como mencionado desde o início deste trabalho, a ICAR, já no raiar da última década do século XIX, preocupada com as conseqüências que o socialismo poderia trazer para a sociedade. Em 1891, elaborou, e o Papa Leão XIII: “... *que tão bem resolveu o problema do socialismo...*” (BENEVIDES, 1929, p.70); pela Igreja Católica Romana, lançou a *Encíclica Rerum Novarum*, que entrou para a história como o primeiro documento social da Igreja para o mundo. Por isso, esse Papa tornou-se um dos mais conhecidos, respeitado e popular de sua história, servindo inclusive, de referência.

É inegável a total predominância que a ICAR, não somente nesse período – 1890 a 1930 –, mas também, no anterior e posterior a ele, como principal e maior segmento religioso no Brasil, teve, exerceu e exerce. Sua participação, influência e envolvimento nas esferas política e religiosa, que se refletiam e se refletem em sociedade, foram e são notória e reconhecidamente aceitas tanto por estudiosos da época, nos tempos seguintes e também, contemporâneos.

Tal participação aviltava, sobretudo, o laicismo do Estado, referendado pela Carta Magna do Brasil, em 1891, e consolidado na Constituição de 1988, em seu Art.5º, inciso VI, que assim normatiza: “*é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas*

liturgias;”(BRASIL–CF, 2003, p.6). A expressão da *liberdade de consciência e de crença*, não pode ser tutelada, financiada e nem mesmo vinculada ao Estado, que é laico⁶⁴.

Entretanto, a vinculação, participação e influência da expressão religiosa da ICAR no Brasil, com e sobre o Estado, podem ser comprovadamente reconhecidas pela presença de crucifixos, imagens de santos e nichos religiosos católicos; quer sejam em repartições e até vias públicas, em todo o território nacional; em todas as esferas do poder, ou seja, no Executivo, Legislativo, Judiciário; Forças Armadas (Exército, Aeronáutica e Marinha), e nas Polícias (Federal, Militar, Civil, Guarda Municipal e Corporações de Bombeiros); tanto de governos Federal, Estadual e Municipal. Assim, diante desta realidade, dificilmente alguém negaria a influência da ICAR sobre a ética e a conduta do indivíduo no trabalho, principalmente sobre a vida daqueles que são seguidores e praticantes deste seguimento religioso; tanto do passado como do presente.

4.2.1.2. Protestantismo

Embora o catolicismo romano se faz presente no Brasil desde o seu descobrimento, em 1500, com um grupo de jesuítas que veio junto com as Caravelas de Cabral. O Protestantismo, antes de fincar raízes definitivamente no Brasil, via huguenotes, fez duas tentativas para se estabelecer em terras tupiniquins. A primeira delas ocorreu ainda no século XVI, resumidamente, é assim descrita por Schalkwijk:

⁶⁴ Este termo pode ser assim entendido; “*Laico* [do latim] *significa ‘leigo’ (ignorante em determinado assunto). Ou seja, o Estado laico é o Estado que não pode ter – conhecimento sobre certos assuntos e, neste caso, sobre religião e sobre a existência ou não de um deus (ou deuses). O laicismo serve justamente como parâmetro de liberdade em uma sociedade democrática, com a finalidade de preservar direitos individuais, e assim afastar a intromissão de certa religião nas decisões políticas e judiciárias do Estado.*” Para uma melhor compreensão sobre o assunto, no que tange e envolve a política e a expressão religiosa (especialmente a católica) em repartições públicas, sugiro uma leitura em reportagem encontrada no jornal: “**A Gazeta**”(Vitória–ES, domingo, 06 de abril de 2008); p.30/1/2. Verifica-se através desta reportagem que aquela antiga influência e presença da ICAR, na verdade, nunca deixou de existir, pode ser comprovada e é evidenciada por todos, em toda parte e repartições públicas, hodiernamente no Brasil.

No começo do reinado de Dom Sebastião de Portugal (1557-1578), o Brasil estava enfrentando a tentativa francesa de ocupar uma gleba do Continente na região do Rio de Janeiro. Entre estes franceses havia vários huguenotes, e com o apoio do Almirante Coligny e do pastor francês João Calvino, de Genebra, organizou-se uma igreja cristã reformada na Guanabara. O primeiro culto reformado realizou-se a 10 de março de 1557. O líder da nova colônia, o vice-almirante de Villegaignon, expulsou, porém, os colonizadores huguenotes em janeiro de 1558, estrangulando três deles, após obrigá-los a declarar sua fé no que depois seria conhecida como a “Confissão Fluminense”, escrita por Jean Bourdel. Um dos franceses chamado Jacques le Balleur havia escapado. Foi preso dez anos mais tarde, sendo enforcado, após haver pregado durante esse tempo entre o índios tamoios. (1989, p.16).

A outra tentativa de estabelecer o protestantismo no Brasil se deu no século XVII, que entrou para a história como o período chamado de “*Brasil Holandês*” (1630 – 1654), se fez presente em partes da região do nordeste. Schalkwijk, introdutoriamente, apresentando uma visão panorâmica dessa tentativa, assim descreve esse período:

O período de vinte e quatro anos (1630 – 1654) que durou a ocupação divide-se em três etapas claramente distintas. Em primeiro lugar os anos de resistência portuguesa e o crescimento do poder neerlandês, 1630-1636. O segundo período compreende a resignação portuguesa e o florescimento da colônia holandesa, 1637-1644. O último período é o da insurreição lusa, com o fenecimento do domínio flamengo, 1645-1654. São períodos de aproximadamente sete, oito e nove anos, respectivamente. O florescimento da colônia holandesa coincide com a presença do Conde Maurício de Nassau-Siegen no Nordeste, 1637-1644, e deveu-se em grande parte, a sua pessoa. (Idem, p.59).

Depois destas duas tentativas em terras brasileiras; contudo, sem obter êxito. Somente a partir do século XIX, de sua segunda década em diante, com a chegada de alguns missionários estrangeiros, e mais especificamente em sua segunda metade; é que o protestantismo se estabeleceu definitivamente no Brasil. Ou seja, praticamente 150 anos após aquela última tentativa encetada pelos huguenotes holandeses.

Um dos fatos históricos que marcou o protestantismo no Brasil como segmento religioso; seu reconhecimento por autoridades do império e do próprio Imperador D. Pedro II; que colaborou e culminou com o seu

estabelecimento definitivo em nossa pátria. É uma *Carta Régia* da época do Império, datada de 19 de outubro de 1872. Ela contém o Decreto Real de “*licença*” impetrada pelo Imperador, que aprovou e consolidou oficialmente o registro e a permissão de funcionamento de uma Igreja Protestante no Brasil. Vem acompanhada com a assinatura do Imperador, o carimbo e a chancela do brasão imperial, ao ser “*selada com as Armas Imperiais*”, que se podem verificar no próprio documento.

Esse documento denomina essa religião protestante com o nome de *Sociedade Presbyterio do Rio de Janeiro*. Como o documento – *Carta Régia* – em **ANEXO A** ⁶⁵, prova esse fato. O qual trás (de um e outro lado da folha) na íntegra, a seguinte epígrafe:

Dom Pedro [II] por Graça de Deus unamine, Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, Faço Saber aos que esta Minha carta virem que, Attendendo ao que requereram os Membros da Sociedade “Presbyterio do Rio de Janeiro” e conformando-Me, por Minha immediata Resolução de 18 de setembro findo, com os pareceres das Secções de Negócios do Império e da Justiça do Conselho de Estado exarados em consultas de 21 de agosto de 1871 e de 10 de fevereiro último, Houve por bem, por Decreto N^o 5105 de 3 do corrente mez de outubro, Approvar, para effeitos civis os artigos organicos ou compromisso da mesma Sociedade, datados de 15 de 1871 nos casos e para os fins designados no Decreto N^o 1225 de 20 de agosto de 1864, a *impetrar licença especial* quanto aos bens que d’ora em diante adquirir. Pelo que lhe mandei julgar a presente por Mim assignada, e que será selada com as Armas Imperiais Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em dezessete de outubro de mil oitocentos e setenta e dois, quinquagesimo primeiro anniversario da Independencia e do Imperio.

(Assinatura do Imperador). [O Selo das armas Imperiais].

Carta pela qual Vossa Majestade Imperial Há por bem approvar os artigos organicos ou compromissos da Sociedade Presbyterio do Rio de Janeiro, como acima se declara.

Para Vossa Majestade Imperial Vêr. (1872). (Itálico nosso).

Pelo conteúdo desse documento, observa-se que o Imperador D. Pedro II, fazendo uso de suas atribuições, através dos decretos acima promulgados (N^o 5105 e N^o 1225), respectivamente, *Attendendo ao que requereram os*

⁶⁵ Este Documento é a “*Carta régia de 1872, aprovando os artigos orgânicos da Sociedade Presbyterio do Rio de Janeiro. Selada com as Armas Imperiais em 17/10/1872 e registrada na Secretaria do Estado dos Negócios do Império*”. Este é o registro do que se encontra no verso da referida Carta.

Membros da Sociedade [Igreja] “Presbyterio [Presbiteriana] do Rio de Janeiro”. O Imperador acata o referido requerimento e “*impetra licença*” a um segmento religioso protestante a permissão de registro de seus bens a serem adquiridos. Para tanto decreta que: “*Há por bem aprovar os artigos organicos ou compromissos da Sociedade*”⁶⁶ *Presbyterio do Rio de Janeiro.*”

Esse processo que culminou com a **aprovação** do Imperador, tudo indica pelo registro acima, que teve seu início em agosto de 1864, vindo encontrar seu desfecho final somente 8 (oito) anos depois, em outubro de 1872, com a referida Carta. O protestantismo desfrutou nesse período (1890-1930, podendo abarcar uma ou duas décadas anteriores – 70/80, do século XIX), no Brasil, grande progresso que o fez amadurecer. Além da aprovação imperial, conseguiu crescer, expandir e consolidar-se.

Leonard, em sua obra: *O Protestantismo Brasileiro*, que pode ser dividida em duas partes, na primeira (p.5-204, do prefácio ao cap.VII), começa a delinear desde o século XIV o movimento religioso no Brasil até o surgimento do protestantismo e o êxito que ele aqui alcançou. O referido autor, nesta mesma obra, no início de sua segunda parte, aponta algumas razões que contribuíram para este êxito:

A fraqueza numérica do clero católico, trazendo como conseqüência esmorecimento e lassidão, tanto espiritual como moral, fôra, – no plano humano – a maior razão do êxito do protestantismo no Brasil... A política imperial impediria a vida normal e o desenvolvimento da Igreja [ICAR], opondo-se à criação de novas dioceses que correspondessem à valorização e ao crescimento da população do país. (1963, p.205).

Vê-se nestas palavras que a ICAR passava por uma crise, principalmente em seu clero, que contribuiu para o êxito do protestantismo. Primeiro por causa da *fraqueza numérica do clero católico*, gerou ineficiência na assistência aos seus fiéis; segundo, devido a esta fraqueza, havia *esmorecimento*, isto é, enfraquecimento na luta dela com o protestantismo que ganhava terreno, mesmo ela tendo “apoio” do Estado; terceiro, o esmorecimento culminou em determinada *lassidão*, permitindo que as coisas ocorressem *tanto espiritual como moral*, mais frouxamente.

⁶⁶ Esta mesma *Sociedade* ou Igreja, mais tarde passaria a chamar-se: Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB.

Visto não ter um representante da Igreja romana presente em todas as partes; pois era impedida pela *política imperial* que se opunha à criação de *novas dioceses que correspondessem à valorização e ao crescimento da população do país*. Provavelmente, esta decisão imperial se deve ao fato que, se houvesse mais dioceses, haveria mais gastos e investimentos da parte do Império com o clero. Com o protestantismo por sua vez, este problema não havia; e a deficiência mencionada, foi melhor trabalhada e suprida com a presença de liderança leiga em várias partes.

Sobre esta liderança leiga e sua atuação em toda parte onde o protestantismo se fazia presente, especialmente no final do século XIX, que põe em evidência o tipo de ética que o protestante deveria exteriorizar em sua conduta diária, não importando onde estivesse e o que viesse fazer. Inclusive, até mesmo no compromisso que ele tem com o Estado, cumprindo fielmente o ensino de Cristo: *“Daí a César o que é de César, e a Deus o que é Deus”*, quanto ao pagamento de impostos. Mendonça, ao falar sobre como a ética surge no protestante, registra, exemplifica e comenta o seguinte:

A Ética do protestante brasileiro surge nele como normas valorizadoras da vida e do mundo quando a sua teodicéia parece conduzir ao oposto. No contexto da mensagem protestante, a sua ética surge como normas do provisório, como de vida da espera e da recusa, da desqualificação do mundo... O melhor exemplo, e já clássico entre os protestantes, são normas de vida que um sitiante e líder leigo de uma grupo de protestantes em Minas [Gerais] fez circular entre [os] adeptos (“Recomendações aos Crentes”):

- 1) O crente não pode ficar ocioso, nem mesmo uma hora por semana. Se ficar estará perdendo tempo e roubando o sustento de sua família.
- 2) O crente deve ter uma casa limpa, mesmo que ela seja um rancho. Ele também deve ser limpo. Jesus ama o pobre mas condena a preguiça.
- 3) O crente não mente. Isso é condenável.
- 4) O crente não faz dívidas. Não pagar é roubar.
- 5) O crente não é triste. Ele é o templo de Deus.
- 6) O crente não é fanático, mas com amor procurará atrair os pecadores aos pés de Jesus.
- 7) O crente não deixa de pagar impostos, mesmo que eles sejam pesados.
- 8) O crente não leva arma quando vai ao culto. (1995, p.149).

Através destas recomendações, pode-se ver que elas na prática do protestante na lide do cotidiano, imprimem à sua vida princípios de conduta fundamentais, essenciais e necessários à convivência em sociedade, e o valor dado à ética e a moral se evidenciam. Os quais, por sua vez, valorizam e enobrecem a pessoa em seu relacionamento e convívio social, da seguinte forma:

- A) O primeiro item exalta o trabalho como fonte primária para o sustento da família;
- B) O segundo item focaliza a higiene e a saúde pelo cuidado que deve dispensar à casa, deixando-a limpa, e ao corpo, preservando-o em asseio;
- C) O terceiro item prima pela verdade;
- D) O quarto item enfatiza a integridade da honra e combate o roubo;
- E) O quinto item destaca o bem-estar e a vida espiritual da pessoa;
- F) O sexto item põe em evidência o equilíbrio da fé e o amor, como meios de evangelizar o próximo;
- G) O sétimo item desperta no crente a responsabilidade no cumprimento de deveres para com o Estado;
- H) O oitavo item leva o crente a confiar pela fé, no cuidado e proteção de Deus.

Observe que todos estes itens culminam em princípios que estão subjetivamente interligados. Eles deverão ser exteriorizados pelo crente protestante mediante uma conduta ética e moral, ilibadas, numa sociedade carente destas virtudes. Posteriormente, com respeito a estas *recomendações*, Mendonça faz o seguinte comentário:

Uma simples leitura daquelas “Recomendações aos Crentes” já mostra que gente que adotava tais princípios como normas de vida não somente deixava de criar problemas, mas potencialmente se constituía em elementos favoráveis ao sistema. Os núcleos protestantes constituíam-se num mundo à parte sob todos os ângulos da vida social: a relação comunitária era reforçada pelos ideais comuns, pela fraternidade que de certo modo substituía o compadrio e pelas normas de comportamento ordenadas da vida num plano exterior e superior

ao do mero plano pessoal, de modo a eliminar ou reduzir o potencial de violência. Era gente ordeira, pacífica, de confiança nos negócios e, acima de tudo, não afeita à ociosidade. (Idem, p.151).

Assim, segundo o pensamento de Mendonça, constituíam-se os núcleos de protestantes nesta pátria amada, de gente que se destacava por sua índole, confiabilidade e denodada dedicação ao trabalho. Sua vida era regada por comportamento de elevado rigor ético e moral em sociedade. Nesse sentido, Máspoli, citando o dr. Lane como um dos personagens protestantes que em muito contribuiu para a educação no Brasil, por sua vida e conduta ética no trabalho visando a glória de Deus, revela:

Ele acreditava que trabalhar era uma forma de prestar seu culto a Deus. A integridade e a capacidade, evidenciadas pelo dr. Lane em outras atividades, eram reconhecidas tanto nos Estados Unidos como no Brasil. [Quando dirigiu o Mackenzie College, dr. Lane propôs na época, início da última década do século XIX, novos ideais protestantes que deveriam ser aplicados à educação nesta escola. Destaca-se os seguintes]: O fim principal de uma escola não é ensinar religião... A Bíblia fornece material para todos os graus de instrução religiosa, desde o jardim da Infância até a universidade... O protestantismo não deve ser elogiado nem a religião Católica Romana atacada. O nosso alvo é formar o caráter, desenvolver a personalidade, formular um padrão de moral e estabelecer convicções religiosas. (2000, p.130/1).

Como se vê, aquilo que o dr. Lane requeria como princípios para uma educação, era exatamente o que ele procurava viver e demonstrar em sua vida, como protestante que era, uma conduta íntegra, justa e reta, que evidenciava o grau de moral e ética que ele almejava e desejava que fossem imprimidos em seus alunos.

Na década de 30 do século XX, o protestantismo brasileiro como segmento religioso implantado, reconhecido e consolidado, já contava com as principais Igrejas protestantes que o identificavam; organizadas e esparramadas em várias partes e regiões do Brasil: *“Nessa época todas as suas grandes denominações estão há muito organizadas, e já passaram a crise da maioria.”*(LEONARD, 1963, p.205).

Dentre estas denominações destacam-se as seguintes: Congregacional, Presbiteriana, Batista, Metodista, Presbiteriana Independente, Luterana,

Assembléia de Deus, Adventista, Exército da Salvação, Congregação Cristã. Estas, já estavam funcionando com total liberdade que a Constituição Federal lhes garantia. Mas também, a *maioridade* mencionada, diz respeito a determinados conflitos internos que algumas destas Igrejas e o Protestantismo brasileiro enfrentaram, gerando assim, algumas crises.

Dentro da Igreja protestante existente nessa época, começou a surgir alguns conflitos entre os missionários que vieram para o Brasil; as missões e as Igrejas estrangeiras que eles representavam e os haviam enviado; a liderança protestante brasileira que ia surgindo naturalmente; sua representatividade perante aqueles órgãos; a questão da maçonaria e o protestantismo; o sustento de obreiros; enfim, estes e outros motivos, levaram o protestantismo brasileiro a enfrentar crises eclesiais.

Uma dessas crises causou a primeira divisão de uma Igreja protestante no Brasil, foi em 1903, quando a Igreja Presbiteriana do Brasil, numa reunião conciliar em São Paulo, sofreu uma cisão, sendo criada e formada a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Ribeiro, assim registra as Palavras de E.C. Pereira (líder separatista), naquele momento de cisão: *“Vamos, em nome de Deus, pôr termo a todas as nossas lutas internas. O Sínodo será a luta extrema, será o combate último, será o fim de nossa angustiada e prolongada crise presbiteriana”*(1987, p.407). Imediatamente, saiu um grupo e formou outra Igreja. Posteriormente, seis anos mais tarde, em 1909, após um desentendimento na Igreja Presbiteriana do Brasil, no bairro do Brás, em São Paulo, houve uma cisão e o seu ex-pastor, saiu e fundou a Congregação Cristã do Brasil. Uma Igreja de linha pentecostal, com práticas litúrgicas e costumes mais rígidos.

O protestantismo no Brasil tinha em 1900, apenas 120 Igrejas; três décadas depois, chegou em 1930, com 1358 Igrejas evangélicas organizadas, presentes em toda parte da Federação. Em *“A Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1890”*; seu autor, sobre este crescimento do protestantismo nessa mesma época, comenta:

Fenômeno semelhante ocorreu com os Batistas, que devem à criação da Casa Editora Batista em 1900 sua rápida proliferação em solo nacional. Se até 15 de novembro contavam-se pouco mais de 300 adeptos da seita, em 1936 o número subira para

43.306 membros. Isso tudo apesar da oposição de um clero reformado e combatente.⁶⁷

Apesar da ação da ICAR em combater o protestantismo através da oposição do clero, como esta citação revela. Constatamos que num período de apenas três décadas (1900-1930), houve um crescimento da ordem de quase 340 Igrejas protestantes por década, nesse período. Atentando-se ainda para esse registro sobre os Batistas, de contarem nessa época com 300 adeptos em 1900; e depois, passaram para 43.306 membros, em 1936. Apresentando um percentual de crescimento altíssimo por ano. Seria oportuno destacar nesse instante a significativa contribuição dada por Mendonça, quanto a esse período histórico do protestantismo, ao registrar que:

O campo religioso do protestantismo histórico estava, portanto, configurado já na terceira década do século XX. Com o Congresso da Obra Cristã, realizado no Panamá em 1916, iniciou-se a época de cooperação entre as igrejas através da Comissão Brasileira de Cooperação, que iniciou suas atividades em 1920 sob a liderança do presbiteriano Erasmo Braga (1877-1932), e do metodista H.C. Tucker (1857-1956), seu presidente, tendo ajuda constante do também presbiteriano Epaminondas Melo do Amaral (1893-1962, que viria a ser o primeiro secretário executivo da Confederação Evangélica do Brasil, fundada em 1934. (2004, 56).

Nesse período foram criadas várias Associações, Missões, Órgãos, Institutos e Instituições eclesiásticas protestantes no Brasil e no mundo. Como vimos, apesar desses altos e baixos, o protestantismo brasileiro continuou sua caminhada. Mesmo que limitadamente, vai se tornando cada vez mais forte, atuante, destemido e crescente em todo o território nacional. Propagando sua fé e divulgando sua mensagem salvadora pelo evangelho, impregnados de uma doutrina bíblica com conceitos e princípios que evidenciam certo rigor ético e moral aos seus seguidores, que vão ajudando a construir uma sociedade mais equânime e justa em nosso país. Como o exemplo anteriormente citado revela. Sobre este assunto Mendonça comentou:

A institucionalização excessiva, com suas exigências e obrigações, assim como o intelectualismo, limitaram, sem

⁶⁷ Disponível em: <http://www.permanencia.org.br/revista/politica/episcopado.htm>. Acesso em: 05 de abril de 2008.

dúvida, o ingresso de adeptos no protestantismo. Sua ética muito distanciada dos padrões vigentes na sociedade brasileira fizera do protestantismo uma contracultura. Os protestantes acabaram se circunscrevendo a grupos pequenos, fechados. Para o católico, o protestante era o outro, o de fora. E vice-versa. (1995; p.150).

Atente que Mendonça aponta uma incompatibilidade dos *padrões vigentes na sociedade brasileira*, com a ética protestante; por isso, segundo ele, o protestantismo acabou se tornando *uma contracultura*. Sem dúvida, estas características do protestantismo aqui levantadas por Mendonça, *limitaram* em parte seu avanço. Mas, são exatamente elas que fizeram sua presença se tornar marcante e jamais passar despercebida pela e na sociedade.

Pois, o protestantismo, não somente apresentava uma nova ênfase de vida em sua mensagem, mas também, propunha que o indivíduo em seu agir deveria não mais conformar-se com o tipo e o modo de vida que levava anteriormente. Isto quer dizer que, para o protestante, sua nova vida em Cristo, deveria refletir-se como testemunha d'Ele, em novos atos, por uma nova conduta, que procurasse não mais agradar a homens, um sistema religioso e o que eles requeressem segundo seus ideais; mas, deveria preocupar-se em agradar a Deus, glorificando-o pela prática de boas obras a serviço do próximo. Assim sendo, podemos nesse momento ir para o próximo ponto.

4.2.2. Décadas de 1960 e 1970 (Séc. XX)

Deve-se atentar para o fato que, entre as décadas de trinta e sessenta, o mundo passou por uma transformação sem precedentes. Em consequência de várias tentativas de acordos de paz fracassados, ocorreu a primeira grande guerra (1914-1918); ainda recuperando-se desse conflito, em 1929, ocorre a chamada *Depressão Mundial*, com o colapso e a queda da bolsa de valores; rompe-se a aurora da década de trinta com essa crise, essa década termina com o início da segunda grande guerra mundial (1939-1945), que estende-se até a metade da década de quarenta.

O Brasil, igualmente, passava por várias mudanças, principalmente na política, nesse período temos o que ficou conhecido na história de a *Era Vargas*, iniciada em 1930 e estendendo-se até 1954. Há sob o comando militar de Vargas, alguns episódios que marcaram a nação em sua gestão.

Semelhante ao período (1890-1930) analisado anteriormente, esse, apresenta também grandes mudanças no cenário da vida social brasileira, que atingiu a cultura (música, arte, literatura, etc.); na política ocorreu o golpe militar em 1964, desde então, predominaram durante a ditadura militar, dois partidos: ARENA e MDB. O trabalho, o trabalhador e as condições trabalhistas oferecidas, sofreram mudanças drásticas com o regime militar reinante. A liberdade de expressão por parte da imprensa e da população, foi caçada, tudo era fiscalizado e censurado, para depois, se aprovado, ser divulgado.

Dentro do cristianismo brasileiro, com diversas vertentes já bem sedimentadas, surgiu tanto do lado do catolicismo romano como do protestantismo, novos movimentos que foram crescendo, ganhando corpo, força e presença, redesenhando um novo cenário para a prática desses novos segmentos religiosos dentro do chamado mundo cristão.

Na economia houve uma forte ciranda financeira e inflacionária, cheia de altos e baixos, chegando a índices estratosféricos. Lá fora, o mundo enfrentava e passava pela guerra fria entre os EUA e URSS; e o Brasil, para fazer novos investimentos e entrar nos trilhos do crescimento, teve que buscar recursos no exterior e foi se endividando com o FMI (Fundo Monetário Internacional).

Simultaneamente a tudo isso, o brasileiro, ordeiro e pacífico, um verdadeiro herói, foi agüentando o descaso político – que só tinha olhos para a elite e os militares –, levando a vida, vê o Brasil tornar-se tri-campeão mundial no futebol. Essa vitória o motivou a nunca abandonar em sua prática cotidiana o famoso modo de viver, via o “jeitinho” brasileiro que, segundo a lei de Gerson, deveria “*levar vantagem*” em tudo.

Nesse período da história brasileira, o país tornara-se uma panela de pressão, repleta desses e outros ingredientes que, borbulhando e pipocando aqui e acolá, estava a ponto de explodir. Nessa época, a cada dia, mês e ano, via-se fatos e coisas novas acontecerem as quais eram lançadas para dentro dessa panela. Por tudo isso, o Brasil sofreu grandes transformações que o

afetaram em todos os níveis, classes e setores. Refletindo-se também na prática religiosa que as diversas denominações cristãs difundem.

Esses fatores provocaram comoção, convulsão e reações por parte da sociedade, que começou a indignar-se com esse quadro sombrio, delicado e decadente; sempre via-se agitações e levantes da parte do populacho. Até que no fim da década de 70, a classe trabalhadora também se envolveu, deflagrando movimentos que se esparramaram para várias regiões do Brasil, que culminaram na greve dos trabalhadores no raiar da década de 80, e por ela adentrou, iniciada pelos metalúrgicos do ABC-SP. A Classe operária mostra a sua força. A insatisfação era geral e o povo já não agüentava mais, até que eclodiu o movimento das diretas já; a convocação de uma Constituinte e a elaboração de uma nova Constituição para a nação. Souza, dentro desse período histórico, ligado aos militares e a transição à democracia, comenta:

Para tornar o processo como um todo mais complexo e contraditório, a derrota da ditadura (gostaria de lembrá-los que a ditadura começou em 1964, depois de dezenove anos de um regime quase democrático, e durou 21, 24 ou 25 anos dependendo dos critérios segundo os quais são traçadas as fronteiras), e a do governo militar, nos anos de 1980, vieram acompanhadas de estagnação econômica, altas de inflação, pobreza em expansão, desigualdade crescente, bem como de crescente exclusão da cidadania, que embora fortemente ligada, é distinta da pobreza *stricto sensu*. A transição à democracia foi apenas parcialmente. (1999, p.225).

A consequência de tudo isso é que o regime militar foi afastado, a democracia como novo sistema político de governo a partir de 1983-88, entra para o cenário nacional e consolida-se nessa Nova Carta Magna, na escolha do primeiro presidente da República eleito pelo povo, democraticamente. Assim, inicia o Brasil uma nova etapa em sua história, na esteira da democracia e do capitalismo emergentes. Esta é apenas uma breve visão panorâmica, geral e genérica da situação em que encontrava-se o cenário nacional nesse período.

Quanto a situação do cristianismo, via catolicismo e protestantismo, no Brasil, pode-se constatar que o mesmo sofreu e passou por várias mudanças, que a própria história deixou registrado. Por isso, infere-se o seguinte:

4.2.2.1. Catolicismo

O Catolicismo como religião predominante em todo o território nacional, pela sua força, poder e influência, sempre foi e é ouvido. Preocupada com a questão social brasileira e com a situação do trabalhador e do trabalho, a CNBB promoveu um evento⁶⁸ e nele, em documento, assim descreve esse período:

Na década de 60, há o grande impasse entre projetos de uma sociedade mais aberta e participativa e o projeto fechado e autoritário. Com a vitória desse último, o país pára por uma longa ditadura. Nesse período, deterioram-se as condições de vida, o salário real caiu, aboliu-se a estabilidade no emprego, o trabalho se degradou em condições insalubres e inseguras, contrastando com os resultados obtidos em termos de crescimento da riqueza, medidas pelo PIB ou pelos indicadores de rentabilidade. [Quanto as paralisações de trabalhadores por greve, no regime militar, registra]: Os militares haviam declarado “ilegais as greves por motivos políticos, partidários, religiosos, sociais, de apoio ou solidariedade.” ... Na prática, o único tipo de paralisação eficaz consentido por lei é aquele que pode ser desencadeado na ocorrência de atraso de pagamento por parte da empresa. (1992, p.78,135).

O movimento operário ocorrido em fins da década de 70, até meados da década de 80, a partir de S. Bernardo do Campo–SP; deflagrou-se uma greve sem precedentes na história brasileira. Segundo analisado pela CNBB nessa *1ª Semana Social Brasileira*, viu-se nitidamente um reatamento participativo, operante e eficaz da fé, e a luta operária com o apoio da própria Igreja. Logo, a ICAR, via CNBB extraiu nessa *Primeira Semana Social* algumas dimensões da ética que esses conflitos geraram através desses episódios:

Recuperavam, assim, a possibilidade de reencontro entre fé religiosa e luta social e política, dimensões da vida que, historicamente, vinham se divorciando. [Por isso]. Várias dimensões da ética foram explicitadas nos conflitos do ABC

⁶⁸ Esse evento entrou para a história da ICAR no Brasil, por que: “A CNBB decidiu promover a **PRIMEIRA SEMANA SOCIAL BRASILEIRA**, (cuja finalidade era de) *propiciar à Igreja e à Sociedade um espaço de reflexão e de diálogo em torno de questões centrais da problemática social, à luz da Doutrina Social da Igreja, possibilitando um posicionamento mais claro diante dos desafios e perspectivas a se encontrar em conjunto. O tema escolhido foi O MUNDO DO TRABALHO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO BRASIL.* [Essa] semana foi realizada de 3 a 8 de novembro de 1992, em Brasília.” Para maiores informações ver em D. Demétrio Valentini (CNBB), in “*Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas no Brasil.* 1992. p.5.

Paulista: no campo do trabalho, a recuperação por parte da classe operária do seu papel de *sujeito ativo* das relações de classe e das relações sociais mais gerais, do direito à sua *organização autônoma* frente aos patrões, ao Estado e à burocracia sindical. Reaprendeu-se da maneira intensa, uma *ética da solidariedade* nas fábricas... Refletiu-se sobre uma *ética da informação*... Discutiu-se também sobre o padrão ético a ser mantido nos momentos mais duros do conflito e a ser seguido nos momentos de sentar-se à mesa e dialogar, em outras palavras, sobre a *conduta ética no conflito e na negociação*. Dentro da Igreja, aprofundaram-se as dimensões de uma *ética do compromisso*, seja com a justiça, seja muito concretamente com o mundo do trabalho, numa situação de confronto agudo. (1992, p.137).

A década de 70, foi marcada por conflitos ligados à Reforma Agrária e questões que diziam respeito à terra e o latifúndio, em apoio à classe mais pobre e marginalizada. Esses desafios encontrados nessa década contribuíram de tal maneira com a Igreja, que ela, pelo *“Conjunto da CNBB chegou a uma formulação ética nova a respeito da propriedade da terra, com o documento: A Igreja e os problemas da Terra”* (1992, p.140). Isto levou a Igreja a entender que *“o conceito de trabalho é uma idéia que pode nos ajudar a compreender todos os aspectos da vida humana... Por isso o trabalho é uma categoria universal e transcendental... [Mas também] é uma categoria que nos torna possível compreender a vida social.”*(Idem, p.159). Com isto, a Igreja procurou compreender socialmente a vida humana em sua plenitude através do trabalho como se ele fosse um instrumento revelador da mesma em todos os sentidos e aspectos.

Contudo, através do trabalho em suas diversas categorias, classes e níveis, por quem o exerce e o tipo de criação, formação, caráter, moral e ética que o indivíduo teve ou tem, refletirá uma vida social completamente distorcida. Isto, infelizmente, a Igreja se quer considera, discute ou avalia.

Por causa desse entendimento que a ICAR atribui ao esforço humano dedicado em seu labor, afirma: *“O trabalho faz o gênero humano ser humano. Teologicamente o aproxima do modelo [Cristo] que Deus se propôs. Trabalhar não é apenas uma condição de atividade e vida da classe trabalhadora. É uma condição de viver.”*(1992, p.169). Este tipo de pensamento desenvolvido e aplicado pela Igreja ao trabalho, leva à formulação de uma ética que tem a ver com a qualidade da atividade realizada, ou seja:

ÉTICA – quanto melhor o trabalho, tanto mais o homem realiza o plano de Deus e se torna imagem e semelhança de Deus. É no corpo do trabalhador que todos nós nos tornamos mais ou menos humanos... O corpo do trabalhador que produz chega até nós repartido, feito cadeira, roupa e comida. O chão que pisamos é o corpo do trabalhador amassado e alisado. Os móveis que nos acomodam são o corpo do trabalhador cortado e serrado, pregando e rejuntando. São a vida do trabalhador que se torna nossa vida. (1992, p.170/1).

Esta concepção de ética expressa uma ênfase quanto ao tipo e a qualidade do trabalho que a pessoa realiza – *quanto melhor* –; e, por outro lado, demonstra quase que uma “encarnação” – do *corpo* – do trabalhador, no produto de seu trabalho. Isto é, aquilo que o trabalhador cria e produz se torna sua extensão, sua vida, repartida e compartilhada com o próximo.

Esta proposta tem as seguintes finalidades: primária, tornar o trabalho como um meio de salvação que leve o trabalhador a Deus ou ao céu; secundária, combater a mentalidade capitalista que transforma o trabalho numa simples mercadoria e em instrumento de tortura e escravidão, por causa da ganância que o homem tem de querer sempre e cada vez mais e mais, possuir coisas, em detrimento do outro.

Interessante observar que a ICAR reconhece esta situação, contudo, por causa de seu evangelho social e a preocupação de não “agredir” um outro segmento religioso com o qual mantêm ligações, acordos ou vínculos, via a prática de seu sincretismo religioso. Por causa disso não tem forças para provocar uma mudança no homem e na comunidade, contudo, procura realizá-la por um tipo de envolvimento social que demonstre de fato que ela está fazendo algo; e também, que não está indiferente quanto ao que acontece e atinge o homem, sua vida e a sociedade como um todo.

4.2.2.1.1. Renovação Carismática Católica – RCC

Antes de tratar da RCC, é oportuno que se descreva e assente o entendimento sobre o caminhar da *renovação* dentro da Igreja Romana, através de exposição feita por Rubens Alves em Simpósio Protestante, que tratou sobre o Catolicismo Romano. Em seu artigo, o referido autor expõe alguns “*Movimentos de Renovação: Seu sentido*”, que antecedem

ou pavimentaram a estrada da doutrina eclesiástica romana, preparando a Igreja para a RCC. Alves comenta:

Diríamos que os movimentos de renovação têm por meta conduzir a instituição [ICAR] a uma nova relação com o mundo moderno, num diálogo autêntico, ressuscitando os elementos que, na sua rica tradição, seriam capazes de apresentar uma resposta aos problemas que nos desafiam... [Contudo], tais movimentos se apresentam sempre dentro da ação vigilante da estrutura [tradicional]. (1962, p.163).

Depois o mencionado articulista relaciona alguns movimentos⁶⁹ de renovação que surgiram na ICAR a partir do século XIX, destacando os seguintes:

- 1) O primeiro movimento que ele menciona é o “*Modernismo Católico*”, cuja ênfase está no experimentalismo, por isso: “*O critério da verdade passa a ser o subjetivismo*”(Idem, p.166);
- 2) O segundo movimento relacionado é “*A Nova Teologia*”, que postulava a liberdade do leigo em fazer teologia ou a – *Teologia Leiga* –, idéia negada veementemente pela hierarquia da Igreja;
- 3) O terceiro movimento é “*A Renovação Litúrgica*”, seu principal alvo era de “*trazer a congregação para o meio da objetividade da missa*”(Idem, p.171);
- 4) O quarto movimento destacado é a “*Renovação Missionária*”, o foco principal desse movimento visava abandonar o modo estático de se fazer missão da Idade Média. Ou seja, ao invés de esperar o fiel vir à Igreja, o padre missionário passaria a ir ao seu encontro onde ele estivesse e se identificaria com ele em seu ethos, empatizando-se com ele em seu contexto sócio-cultural, bem como, assistindo-o em suas necessidades.

Com este entendimento, como foi dito, far-se-á nesse momento uma breve análise expositiva da RCC. Esse movimento teve seu início nos EUA, segundo Campos Jr., assim ele originou-se:

⁶⁹ Esses movimentos estão relacionados, desenvolvidos e muito bem explicados por Rubens Alves in: “*O Catolicismo Romano – Um Simpósio Protestante*” (1962, p.157-175).

No dia 1º de março de 1967, um encontro entre católicos e pentecostais marcou a primeira experiência ecumênica nesse sentido: houve maior aproximação também entre católicos e protestantes... O primeiro congresso nacional de renovação Carismática foi realizado em abril [de 1967]. Foi o início do movimento pentecostal entre os católicos... A cidade brasileira onde a RCC se enraizou foi Campinas, em São Paulo. Em 1973 realizou-se um congresso sobre este tema em Roma, no qual o Papa Paulo VI se manifestou favorável à presença do ramo carismático na Igreja Católica... Iniciada no Brasil por jesuítas, a RCC se espalhou por todo o território nacional, sofrendo a “concorrência” de outra ala de clero progressista: a teologia da libertação... Desenvolvida por teóricos como Gustavo Gutierrez e difundida por, entre outros, o brasileiro Leonardo Boff... A RCC apresenta os componentes dos grupos pentecostais e preserva características do catolicismo popular... Entre os católicos existe a preocupação de estudar as passagens bíblicas que proporcionam uma interpretação “espiritualista”, como também os fenômenos relacionados às manifestações de êxtase... A Renovação pode ser entendida como uma reação ao avanço pentecostal (de origem protestante) que se alastrou pelo Brasil. (1995, p.93/4/5/6/99)

O autor citado menciona que a RCC tem sido um dos principais instrumentos para a prática do ecumenismo eclesial e uma aproximação com os protestantes. Pois tanto na RCC, como no Pentecostalismo e no Neo-Pentecostalismo, o carisma, grego: *káris*; daí vem carismático. Suas ações e manifestações estão ligadas principalmente a fenômenos estáticos, como o da glossolalia, que acontece quase que semelhantemente tanto numa como noutra corrente religiosa. Deve-se a isto os tipos de experiências que ambos ramos do cristianismo: Catolicismo – RCC⁷⁰; e do Protestantismo – Pentecostal e o Neo-Pentecostal, se identificarem quanto a esta prática carismática fenomenológica.

Esses movimentos em especial, foram os que mais trouxeram mudanças dentro do cristianismo em ambos segmentos, principalmente no que se refere à aplicabilidade no exercício de serviços cúlticos, condução de liturgias e formas de expressões corporais como palmas, levantar de mãos, danças; e também, de determinados feitos ou manifestações, quer sejam sobrenaturais ou

⁷⁰ Quem melhor representa hoje este movimento na ICAR é o Pe. Marcelo Rossi, que, através da mídia tem feito grande sucesso: “Se o Catolicismo midiático encontra no Pe. Marcelo um de seus destaques, é porque este representa muito bem no que diz respeito a seu ideário socioreligioso: evangelizar por todos os meios e manter fidelidade à Igreja, isto é, ao Vaticano” (TEIXEIRA e MENEZES, orgs., 2006, p.80).

extraordinárias, por exemplo: libertações, demonismo, intervenções ditas ou atribuídas ao Espírito Santo, etc.

Uma das atitudes que marcou esses movimentos e que certamente contribuiu em muito para algumas mudanças havidas e mais especificamente dentro do catolicismo romano, foi o destaque dado à leitura da Bíblia Sagrada. Além disto, da parte do protestantismo esta prática já se realizava; houve em ambos grande estímulo a reuniões feitas em lares através de pequenos grupos, onde buscavam-se não somente ler, mas também, estudar as Escrituras, fazendo-se orações e entoando vários e novos cânticos. Tanto num, como noutro segmento religioso, normalmente eram os leigos de ambos sexos que lideravam essas reuniões, que inclusive, acontecem até hoje.

Ressalta-se que, mesmo com esses novos movimentos, da parte do catolicismo, entretanto, não houve o abandono das imagens e a adoração ou a veneração a santos, como querem. Prática esta, veementemente negada pelo Protestantismo. Por causa disso o autor deste trabalho não entende que haja contemporaneamente uma aproximação, acordo e aceitação ecumênica para uma prática litúrgica-cúltica-conjunta, simplesmente por causa dessas semelhanças. Como o fato ocorrido nos EUA, quando deu origem à RCC. Mesmo porque, o tipo de catolicismo romano praticado na América, tem algumas diferenças do que é sincreticamente realizado no Brasil pela sua pluralidade cultural.

4.2.2.2. Protestantismo

O protestantismo nesse período, semelhante ao catolicismo romano, também enfrentou determinados reveses e mudanças em seu campo religioso-político-elesiástico; bem como, na teologia, doutrina e prática litúrgica. As igrejas chamadas históricas, herdeiras da Reforma protestante, são as que mais sofreram nesse período. Em parte, elas são as mães da maioria das demais denominações evangélicas existentes no Brasil hoje, não importando sua linha teológica, doutrinária e eclesiástica. Souza e Martino (orgs.), sobre um artigo de Mendonça, registram:

O período entre 1960 a 1964 representa o estator e fim da politização das igrejas protestantes históricas... A partir da década de 1960, as igrejas protestantes históricas parecem ter recuado para seus próprios redutos e reduzindo em muito suas presenças na sociedade brasileira, embora individualmente se representem em alguns postos de evidência política e, principalmente, por meio de suas instituições educacionais. (2004, p.60/1).

Devido ao advento do pentecostalismo, seu prodigioso crescimento e expansão, as igrejas históricas fecharam-se dentro de seu nicho eclesiástico, doutrinário e teológico. Preocupadas, envidaram esforços para combater esta “nova” manifestação que vinha se proliferando dentro da Igreja evangélica brasileira. Tal atitude levou-as a “abandonar”, ou no mínimo a diminuir considerável e temporariamente a evangelização e missões aos não protestantes. Isto permitiu e fez que outros segmentos pentecostais e neo-pentecostais, fossem ganhando cada vez mais espaço, expressão e força dentro do cenário religioso evangélico no Brasil, visto que a massa populacional enfrentava graves crises sociais, de naturezas diversas.

Embora as igrejas protestantes históricas estivessem solidamente implantadas e presentes em todo o território nacional, contudo, foram se intimidando mediante o galopante avanço pentecostal. Sua presença no cenário brasileiro nesse e em outros períodos, destaca-se mediante algumas instituições educacionais de ensino, como a Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Igreja Presbiteriana do Brasil; a UMESP, da Igreja Metodista, ambas em São Paulo; a Universidade Luterana em São Leopoldo-RS; e as Escolas presbiterianas: Instituto Gamom em Lavras-MG (hoje Universidade); o Colégio Agnes em Recife-Pe.; o Instituto Cristão – Colégio Técnico Agrícola em Castro-Pr., estes são apenas alguns exemplos que marcam a presença do protestantismo no Brasil. Há ainda Hospitais Evangélicos em vários Estados da nação; por exemplo, a Missão Evangélica Caiuá, entre os índios Caiuás, em Dourados-Mt., nessa missão tem um hospital de referência que assiste a índios de toda a região, ambos estão sob a direção e responsabilidade de protestantes, principalmente de presbiterianos.

Além destas instituições, há ainda os seminários e institutos que preparam os candidatos de igrejas protestantes a serem missionários ou evangelistas; e seminaristas, a serem pastores. Vão, e depois de anos de

estudo serão pastores, evangelistas ou missionários. Demonstram denodado conhecimento cultural, eclesiástico, histórico, teológico, doutrinário e denominacional; para servirem a Deus e contribuïrem ao crescimento e à expansão de Seu reino, através de sua denominação, para onde ela o enviar a fim de exercer a função para a qual foi preparado.

Quanto ao agir ético do protestante – leigo –, como consequência da prédica, ensino e doutrinação que recebe em sua denominação pelo seu líder, segundo o seu nível de conhecimento bíblico, formação cultural e intelectual, e, principalmente, pela sua conduta, mui apropriadamente observou Mendonça:

O protestantismo, por causa do individualismo inerente ao princípio da liberdade da Reforma, não se ajusta à cultura de massa. O protestante é singularmente solitário e responsável por si mesmo perante Deus, crendo firmemente que a solução de seus problemas depende de sua fidelidade e empenho pessoal, e não de benesses que sempre exigem contrapartidas em desacordo com sua ética religiosa. Às autoridades e ao Estado cabem cumprir a lei, assegurando a justiça e não concedendo ou recebendo benefícios. (2004, p.62).

Tudo isto mostra a importância, influência e participação do protestantismo, principalmente o calvinista reformado no cenário da vida social brasileira. Deixando sua contribuição para a formação intelectual, espiritual, educacional, moral e ética do indivíduo, atingindo-o em sua totalidade para melhor servir a Deus com integridade, o próximo e a sociedade. Quer seja na política, na educação, na saúde, justiça, economia, etc., ou em qualquer outro setor que necessite de alguém, ou de um profissional qualificado, que seja útil em qualquer nível e segmento da sociedade.

Observe que a preocupação protestante é de preparar seu fiel seguidor espiritual e profissionalmente, desde a tenra idade, segundo os princípios bíblicos, educacionais e disciplinares que ele deve ter e apresentar em sua vida. Esta preocupação protestante tem por finalidade tão somente de contribuir para tornar a pessoa, a comunidade e a sociedade como um todo, mais justas, fraternas, acolhedoras e, sobretudo, humanas.

4.2.2.2.1. Movimento Pentecostal

Há de se reconhecer em primeiro momento, que o movimento pentecostal ou o pentecostalismo⁷¹, se faz presente no Brasil desde o início da segunda década do século XX, com a vinda de missionários Suecos. O historiador Carl Hahn, a esse respeito fez o seguinte registro:

As Assembléias de Deus no Brasil foram fundadas por Daniel Berg, missionário sueco, que quando vivia nos Estados Unidos teve uma experiência de batismo do Espírito Santo e se sentiu chamado para ser missionário no Brasil. Ele chegou em 19 de novembro de 1910, data que a organização celebra como a de sua fundação (1989, p.338).

As Assembléias de Deus, como Igreja evangélica, se tornaram o primeiro ramo pentecostal a se estabelecer no Brasil em e a partir de Belém do Pará, no Nordeste. Daí esparramou-se por todo o território nacional, vindo inclusive a torna-se em nossos dias a maior Igreja evangélica do Brasil, em quantidade de membros. Ultrapassando as denominações históricas que aqui chegaram seis ou sete décadas antes dela. Nos idos desse período histórico aqui analisado, historicamente é entendido como sendo a segunda etapa ou momento da presença do pentecostalismo no Brasil. Já contava com várias outras denominações, destacando-se além da Assembléia de Deus, a Brasil Para Cristo; Evangelho Quadrangular; Deus é Amor, dentre outras. Mendonça, sobre esse período comenta:

Alguns setores pentecostalizantes das igrejas tradicionais, na segunda explosão pentecostal das décadas de 1960 e 1970, sustentavam o princípio de que o fiel possuído pelo Espírito não pode pecar... Na citada explosão das décadas de 1960 e 1970, era comum ouvir das lideranças a expressão “o Espírito sopra onde quer, mas está sujeito ao profeta”. Entretanto, para o observador, em todo pentecostalismo está latente um potencial de “desordem”, que desafia os líderes a um permanente controle. (2004, p.72).

⁷¹ Deve-se esclarecer que o Pentecostalismo, como um dos maiores segmento evangélico do Brasil, não segue, não professa e nem gosta de identificar-se com a Reforma, por isso, não aceita a doutrina que os protestantes, das chamadas igrejas históricas, reformadas, proclamam e defendem. Como Mendonça relata: “*Para os pentecostais clássicos, o Pentecoste se repete como experiência renovada e, particularmente, fenomênica do Espírito. Por isso, as igrejas pentecostais, segundo sua forma de crença fundamental, distinguem-se essencialmente das tradicionais da Reforma*”. (2004, p.74).

Observe que a principal ênfase do pentecostalismo recai sobre a terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo e sua obra. Contudo, é Ele, segundo o pentecostalismo, controlado e dirigido a fazer o que o líder quer; que, no caso, seria o “*profeta*” a quem o Espírito deveria sujeitar-se. O Pentecostalismo identifica-se e marca sua presença de maneira mais acentuada na classe de mais pobres e marginalizados da sociedade. Campos Jr., diz que “*o pentecostalismo, como religião que atinge os setores mais pobres da população brasileira, é também sincrético*”(1995, p.102). Este sincretismo aponta para o que já foi dito sobre o tipo de semelhança que é encontrada no movimento carismático católico romano e pentecostal, quanto a glossolia e outras manifestações fenomenológicas.

Neste sentido, o fiel, ao ser impactado com a mensagem pentecostal e convertido a esta nova prática religiosa, certamente abandonará a antiga, seja ela qual for. Esta atitude o levará a ter um outro paradigma de virtude em sua vida, ou seja, segundo Campos Jr., “*os valores morais e religiosos [antigos] são quebrados. A formação católica [ou outra qualquer] é substituída em alguns momentos [ou definitivamente] pelo pentecostalismo...*”(1995, p.114). Logo, além da fé, os novos valores morais e éticos que são passados ao fiel e por ele assimilados, serão instrumentos valorativos que o nortearão em seu agir perante a sociedade, por isso:

O movimento pentecostal surge como alternativa para os setores marginalizados e pobres que procuram sobreviver em meio às condições violentas do sistema capitalista. Devido aos precários serviços de saúde, e assistência de uma maneira geral, as populações pobres vão encontrar, mesmo que em parte, um amparo em religiões de caráter sectário e espiritualizante, mas que possuem uma linguagem que lhes é acessível. (CAMPOS Jr., p.115/6).

Logo, esta população que vive à margem da sociedade, é, em certo sentido, valorizada e estimulada a ter uma vida diferente daquela que levava anteriormente. Isto elevará a auto-estima do indivíduo, visto que ele sentirá a importância de seu papel no meio em que estiver inserido, para ser usado como instrumento nas mãos de Deus em favor do próximo e da sociedade. Por causa disso ele procurará apresentar um nível de vida espiritual, ética e moral em todas as áreas que envolvem a sua vida, que o faça útil e sirva como

exemplo a outros. Contudo, para este propósito em especial, os pentecostais são bem mais exigentes e rígidos, que outros segmentos do cristianismo. Richard Shaull, numa série de palestras ministradas à liderança da juventude cristã brasileira, no início da década de 60, argumenta que:

Infelizmente, é fácil mudar tudo e colocar o dever moral em primeiro plano. Quando isso acontece, a vida cristã passa a consistir em cumprir certas regras, que são geralmente uma lista de proibições. [Impostas pela denominação, nesse caso, pentecostal]. O crente não vê facilmente a razão de ser destas regras; a vida cristã, em vez de ser Boa Nova de vida, pode tornar-se carga pesada. (1963, p.82)

Percebe-se aqui o “tendão de Aquiles” da moral e da ética postulada pelos protestantes pentecostais. A ênfase deles está em que o fiel deverá, para ter uma vida social íntegra e exemplar, cumprir as regras e as normas rígidas estabelecidas por sua denominação. Entretanto, ocorre que o tipo de conduta refletida nessas condições, será, na verdade, um peso, ou seja, nas palavras de Cristo, uma “sobrecarga”, que deixará o indivíduo “cansado”, (cf. em Mateus 11.28-30, Bíblia Sagrada). Logo, a ética e a moral apresentadas na vida desta pessoa, não serão o resultado espontâneo de uma vida regada e fundamentada em princípios bíblicos, mas sim, de algo forjado na morsa eclesiástica denominacional, regida por critérios humanos. Por isso, conclui Shaull:

A única possibilidade de acabar com esta trágica perversão da ética cristã está em mostrar claramente que toda preocupação ética no cristianismo parte da convicção de que Deus nos está oferecendo nova vida, e que esta nova vida é essencialmente questão de relação com outras pessoas. As normas de ética estabelecidas pela Igreja representam a estrutura de vida que torna possível a recepção do divino. (Idem, p.83).

Como base para esta argumentação, Shaull cita o texto bíblico de (Romanos 13.8,9): “*Quem ama ao próximo, tem cumprido a lei... Amarás ao teu próximo como a ti mesmo*”. E, ao depois ele arremata: “*Se orientarmos nossa vida neste sentido, teremos ainda necessidade de disciplina, de normas negativas, de esforço constante para evitar o mal*”. Portanto, no entendimento do referido autor, tanto a disciplina como as normas estabelecidas pela Igreja à

vida de alguém, apenas *representam* e são instrumentos úteis que auxiliarão a regularem-na quanto ao que deve ou não fazer, em relação ao próximo e a sociedade, como o texto bíblico orienta. Isto significa e quer dizer que a ética do protestante deverá ser uma resposta ao que a Bíblia recomenda e determina como parâmetros à sua conduta, norteando-a.

4.2.2.2. Movimento Neo-Pentecostal⁷²

Este movimento dentro do protestantismo evangélico brasileiro é o mais recente, alguns o classificam de terceira ou quarta onda. A primeira ocorreu no século XIX; a segunda no início do século XX; a terceira na década de 60; a quarta, é identificada na década de 70, mais especificamente, em e a partir do fim de sua segunda metade. Uma das principais características desse movimento evangélico é o sincretismo religioso que mistura práticas e costumes espirituais de outras religiões. Isto é tão real e enfático no neo-pentecostalismo, que Mendonça chega a perguntar:

O que é mesmo o neopentecostalismo? Trata-se simplesmente de uma nova forma de ser pentecostal sem perder sua característica central?... Os cultos neopentecostais já não enfatizam a experiências individual e coletiva da posse do Espírito Santo e introduzem de maneira clara práticas sincréticas do catolicismo popular, das religiões afro-brasileiras, do espiritismo, assim como de crenças arcaicas como, por exemplo, a amarração, o “deus do nó”, da corda, e assim por diante... Os neopentecostais [em suas mensagens] não usam o texto bíblico primordialmente como repositório da verdade, mas como motivação para a pregação e a prática. A *Bíblia*, para eles, parece ser mais um repositório de “contos exemplares”. (2004, p.75).

Por esta perspectiva aqui mencionada, sobre este sincretismo religioso colocado em prática via neo-pentecostalismo, há a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) como um dos exemplos clássicos. Ela é apontada como pioneira nessa prática. Isto fica evidente pela colocação feita por Souza e Martino (orgs.), ao mencionarem artigo escrito por Campos, registram:

⁷² Esclarece-se que tanto o Pentecostalismo, o Neo-Pentecostalismo e algumas denominações protestantes não aceitam a doutrina calvinista ou reformada; seguem o arminianismo, doutrina difundida por Jacobus Armínius (1560-1609), cuja principal ênfase está no *livre-arbítrio* do homem.

A IURD, por exemplo, em suas reuniões de domingo e terça-feira nas chamadas “sessão espiritual de descarrego”, tem assumido um universo simbólico que está mais próximo da umbanda, religião pela qual Edir Macedo, um dos fundadores dessa Igreja, passou anteriormente em sua peregrinação de fé... Hoje, basta verificar a assimilação que a IURD faz de processos de técnicas de cura existentes no xamanismo de povos tribais ou nas formas de se buscar a cura em religiões afro-brasileiras e até mesmo na umbanda. (2004, p.120/1).

Este tipo de segmento do protestantismo brasileiro como visto, apresenta algumas características peculiares, bem diferentes do proposto pelo protestantismo tradicional e também pelos primeiros pentecostais em seus primórdios. Por isso, quanto ao trabalho, ao contrário daquilo que os reformados colocam como ênfase e fim principal: *a glória de Deus*, para os neo e os pentecostais mais recentes:

A idéia do trabalho como benção de Deus, e que portanto deve ser exercido com as condições do escolhido, deu base para uma associação ideológica ante o sucesso pessoal e providência divina. Isto de certa forma está presente no discurso pentecostal, quando se verifica em suas pregações os apelos a prosperidade. Existem em tais grupos reuniões especiais denominadas de “corrente da prosperidade” [ou a noite dos empresários, etc.]. (CAMPOS Jr., 1995, p.147).

Este novo enfoque que se dá ao trabalho, por esta perspectiva, fará com que o indivíduo realize sua atividade, não importando qual seja, pensando unicamente em si mesmo, e não, para o bem do próximo e da sociedade. Neste sentido, a moral e a ética estarão comprometidas, visto que as motivações estão canalizadas para outros fins; e, pelo visto, são alimentadas pelo mesmo instrumento que Agostinho foi, antes de sua conversão, a *ambição*. Principalmente, quando o indivíduo é simplesmente mais um no meio de uma grande multidão, reunida em *megas* templos e ninguém o reconhece. Poderá assim, continuar cultivando o seu individualismo, porque, mesmo no meio de uma multidão, sentir-se-á só. A consequência disso, é que o compromisso com Deus, o próximo e a sociedade, ficará comprometido, pois ele não se sentirá responsável. Logo,

Também há equívoco quando se fala em protestantismo de massa porque, mesmo considerando a capacidade de certas

igrejas neopentecostais de encher templos, praças e mesmo estádios, a mentalidade, a ética e a ação continuam marcadas pelo individualismo que visa a solução religiosa de problemas pessoais de ordem existencial. (SOUZA e MARTINO, orgs., 2004, p.75).

De fato a situação de pessoas que sofrem com as adversidades desta vida, em classes sociais menos favorecidas, é real; mas também, as classes média e alta, estão aí incluídas. Todas, sem exceção, têm seus problemas, dificuldades e experiências. Demonstram assim, um tipo de vida que não pode ser negado: “*A espontaneidade e o emocionalismo funcionam como amortecedores da crise econômica e como forma de enfrentamento dos problemas que atingem os estratos mais pobres da população brasileira e dos demais países da comunidade latino-americana*”(CAMPOS Jr., 1995, p.160). Esta, infelizmente, tem sido a triste e pura realidade, já de longa data.

Observe, *A espontaneidade e o emocionalismo funcionam como amortecedores*. Isto acontece por causa da prédica apresentada de maneira sutil, a argumentação feita e apelos sobrecarregados de emoção, conduzidos por um fundo musical previamente preparado. Além disso, junta-se a estas táticas o estado emocional, psicológico, sensível e debilitado que a pessoa se encontra; logo, ela estará preparada para a “armadilha”, que a seduz e a levará a uma ação que manifestará uma conduta ética que em nada reflete aquilo que de fato o protestantismo e o pentecostalismo históricos pregam, induzindo o fiel a erros, por não serem fundamentados nas Escrituras Sagradas.

Este tipo de ética, em parte, como disse Weber, combina com aquela difundida pela ICAR, a de *intenções*, somente. Visto que ela reflete e se baseia na liberdade ou *livre-arbítrio* da pessoa, que decidirá o que quer, quando e como quer; às vezes, inclusive, até mesmo exigindo ou determinando que as coisas aconteçam segundo a vontade dela, tornando-a o centro dos acontecimentos à sua volta.

Consequentemente, o autor desta pesquisa intenta denominar a ética emanada desta prática, de *neo-ética*. Não por ser oriunda do *neo-pentecostalismo*, somente, mas também, por ser, simplesmente, *nova*. Por nova, o é pelo fato dela ser o resultado gerado dentro do indivíduo como fruto de uma sensação de poder e autoridade, que na verdade, ele não possui. Funcrado num pensamento triunfalista, ufanista e egoísta. Isto certamente o

influenciará em sua conduta que se refletirá em outras e novas buscas, quiçá, até sem nenhuma ética.

Todavia, este estado ético e moral que o indivíduo apresenta em sua vida é temporário ou até quando durarem os motivos que o levam a agir ou a apresentar certas atitudes que reflitam este ou aquele tipo de comportamento. Porém, visando sempre trazer benefícios tão somente a ele individualmente e jamais, ao próximo e à sociedade. Pode-se a partir de agora, depois de tudo que foi até então estudado e apresentado nesta pesquisa, passar ao último tópico deste capítulo.

4.3. COMPARAÇÃO ENTRE A COSMOVISÃO CATÓLICA E PROTESTANTE SOBRE A ÉTICA DO TRABALHO

Para o desenvolvimento desta terceira e última parte deste capítulo, far-se-á uma comparação entre ambas cosmovisões, fundamentando-a num primeiro momento em palestras proferidas por representantes dessas duas vertentes religiosas, numa *Cruzada Espiritualista*, ocorrida no fim da segunda década do século XX. Dentro do período epigrafado em (4.2.1.), mais precisamente em 1928, na cidade do Rio de Janeiro, promovida pela Fundação de *Cruzada Espiritualista*, fundada por Gustavo Macedo, que foi seu primeiro diretor. A referida cruzada tratou do seguinte assunto: *Religiões Comparadas*.

Nessa oportunidade, cada uma das religiões que participaram desse evento: o Judaísmo, Budismo, Islamismo, Positivismo, Espiritismo e o Theosofismo; além dessas, estiveram presentes também a Católica Romana e a Protestante. Todas elas foram representadas através de um palestrante,⁷³ o qual, expôs os principais pontos, princípios, doutrinas, práticas cúlticas-litúrgicas que elas defendem, propagam e infundem aos seus fiéis. Voltado para o foco desta pesquisa, ver-se-á nesse momento o que os expoentes do cristianismo – catolicismo (Benevides) e protestantismo (Braga) –, pontuaram em defesa dele nessa oportunidade.

⁷³ Este palestrante era uma das pessoas mais respeitadas na época em cada uma das religiões que se fizeram representar nesse evento, como o prólogo do Congresso enuncia por palavras de seu organizador. Conferir no item: “Advertencia”, in Anexo B (p.195-198).

Catolicismo Romano – para que haja uma melhor compreensão sobre como o Catolicismo Romano foi apresentado frente a esses outros segmentos religiosos, quanto a sua identidade eclesiástica, características e, o que a ICAR pregava à sociedade da época e ainda prega. Transcreve-se na íntegra – *ipsis literis* –, neste trabalho, como o **ANEXO B** (cf. no fim deste trabalho) mostra, o discurso proferido pelo sacerdote católico Ernesto Benevides⁷⁴, em defesa do Catolicismo Romano e da ICAR, realizado no dia 20/07/1928, nesse evento.

Através desse discurso, caminhando dentro daquilo que se propõe nesta dissertação, pode-se destacar dentre outros, alguns pontos doutrinários da cosmovisão da ICAR, que servem como instrumentos de comparação com os pressupostos da cosmovisão protestante. Benevides, preocupado com a importância do referido evento e com o que estaria passando aos ouvintes de outras religiões naquela oportunidade, no que tange à conduta religiosa do fiel seguidor do catolicismo romano, disse:

São os catholicos obrigados a observar os Mandamentos da Lei de Deus que, de 10, se resumem em 2 – amar a Deus e a o próximo... São obrigados a observar os mandamentos da Igreja – ouvir missa – confessar-se, jejuar e fazer abstinência, tendentes todos esses mandamentos ao aperfeiçoamento da vida religiosa. São obrigados a receber os 7 sacramentos, a começar pelo Baptismo, que nos abre a porta da Igreja, até a extrema-unção, que nos fecha os olhos da terra, para vermos as maravilhas dos Céus... Sacramentos que têm o duplo aspecto religioso e social. São obrigados a evitar os peccados mortaes: - a soberba, etc; a observar as obras de misericórdia, corporaes e espirituaes. Dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e consolar os afflictos. Para falarmos sobre o catolicismo teríamos que nos referir ás virtudes theologaes: Fé, Esperança e Caridade. A Fé, que opera prodígios, a Esperança que nos alenta, a Caridade que é o próprio Deus – *Deus Caritas est.* (MACEDO, org., 1929, p.66/7).

Nota-se nessas recomendações gerais, algumas obrigações que o fiel praticante do catolicismo romano deveria atentar e observar em sua vida como: mandamentos, abstinências, sacramentos, evitar pecados mortais, praticar obras de misericórdia, socorrer o próximo em suas necessidades mais prementes; e, cultivar as virtudes *teologais*: Fé, Esperança e Caridade. Dentre

⁷⁴ Pode-se conferir em anexo, alguns dados biográficos sobre esse erudito personagem que tão bem representou a ICAR nessa oportunidade.

outras, estas obrigações certamente não poderiam e não poderão faltar na vida prática do católico romano quanto ao que crê, confessa e pratica, refletindo assim, uma conduta que contribua para a construção e o bem estar do próximo e da sociedade.

Uma coisa que se pode notar nesse discurso, é a centralidade na Igreja, no sacerdote, o que ele faz e ordena, e os ritos que a Igreja promove para a religiosidade do fiel, comum até hoje. Agindo assim, crê-se que a vida da pessoa pode refletir melhorias.

Protestantismo – da parte do protestantismo, representando-o, o orador que fez uso da palavra naquela oportunidade, nessa cruzada espiritualista, foi o ilustre Erasmo Braga, que proferiu seu discurso no dia 27/07/1928, ou seja, uma semana após o anterior. O teor do referido discurso está inserido nesse trabalho, em sua parte final, em **ANEXO C**, extraído fielmente na íntegra de obra já mencionada.

Seu antecessor, que falou sobre o catolicismo romano, fez sua preleção fundamentada mais em princípios filosóficos, teológicos, doutrinários, práticas, ritos e costumes da ICAR, não dando muita ou quase nenhuma ênfase à Bíblia Sagrada. Braga, por sua vez, demonstrou sua preocupação em expor o protestantismo dentro do arcabouço bíblico enfatizando: Cristo, sua Pessoa e obra; princípios teológicos, doutrinários, práticos e sociais, segundo o pensamento e a doutrina calvinista.

Ele inicia sua palavra recitando o Credo apostólico como a *fórmula de fé* mais antiga dentro do cristianismo. Ressalta que o protestantismo é a forma religiosa do livro – *Bíblia*; menciona que o *judaísmo, cristianismo e o islamismo*, são as religiões de um livro. Neste livro Deus se revela aos seus. Uma de suas propostas em sua fala foi discorrer sobre a diferença entre *dogmatismo e fideísmo, entre crença e fé*.

Como membro representante do protestantismo do Brasil, tomou assento e participou de um Concílio realizado em Jerusalém nesse mesmo ano, o qual, sobre a mensagem e a pessoa de Cristo que o cristianismo deve difundir, definiu: *O Concílio de Jerusalém na sessão de 5 de abril do ano de 1928 declarou solenemente: “Nossa mensagem é Jesus Cristo. E’ elle a revelação do que Deus é e do que o homem pode vir a ser mediante Cristo.”*

(MACEDO, org., 1929, p.84). Observe que Cristo se torna o padrão que o homem deverá imitar. Ao falar sobre o fideísmo⁷⁵, dissertou:

O fideísmo que caracteriza o protestantismo hodierno, excede ao dogmatismo em valor religioso e ao moralismo em valor ethico, pois o acesso a Deus independe da adesão ao dogma, porque o contacto com a divindade se opera na comunhão pessoal com Christo. E esta por sua vez accorda nas consciências os apelos da mais elevada moralidade, conduzindo os indivíduos a um devotamento grato, abnegado, congruente com a perfeição moral do Redemptor adorado... O contacto pessoal com Jesus Christo levanta no momento a questão moral... E a consciencia acomodática não desperta enquanto as comportas conservarem separadas a religiosidade e a moral. (Idem, p.84/5).

A preocupação de Braga nestas palavras ressalta a necessidade que o indivíduo tem de manter uma comunhão íntima com Deus para daí, submissa, obediente e abnegadamente, haja de maneira consciente, apresentando uma *elevada moralidade* como resultado de seu contato pessoal com Cristo. Como também, observa que,

A nossa filiação divina deve corresponder a congratuidade do nosso caracter e de nossa vida com a perfeição divina. Resultam daí a rigorosa disciplina exercida pela collectividade sobre os fieis, exigindo delles a conformidade da vida com a fé professada, e a preocupação individual com a moralidade. (Idem, p.89).

Atente que Braga destaca nesse instante a importância do indivíduo não dissociar sua *fé professada*, com o tipo de vida que ele deveria apresentar perante a coletividade na comunidade, ou no meio em que estiver inserido, como testemunho aos demais perante a sociedade; demonstrando aí certo tipo de disciplina em sua conduta, que reflita o caráter e sua particular preocupação com a moralidade, como convém ao protestante na qualidade de filho de Deus.

Ao referir-se sobre a questão da cristianização da ordem social no que tange ao relacionamento entre patrão e empregado, e vice-versa, bem como, suas respectivas responsabilidades em trabalho, no exercício de suas funções, comentou:

⁷⁵ Braga pauta seu entendimento sobre o fideísmo “na phrase de Ugo Janni, ‘em valorizar a fé como único meio de salvação, independentemente das crenças e obras’, isto é, a crença e a moral são consequentes e não antecedentes das obras.”(MACEDO, org., 1929, p.84).

Vós mesmos, christãos que me ouvis, tendes tido nas vossas oficinas operários cujo salário está fixo apenas na quantia precisa que torna possível ao trabalhador viver e reproduzir. Vós operários, tendes roubado os patrões todas as vezes que não lhes tendes dado integralmente o trabalho que lhe deveis. (Idem, 1929, p.92).

Nessas afirmações vê-se a preocupação de Braga, como protestante, procurando passar aos seus ouvintes o tipo de atitude que deve haver no relacionamento trabalhista e as partes que o envolve. Isto põe em evidência a responsabilidade moral e ética de ambos. Assim deve o cristão protestante agir, sempre reportando-se àquela norma áurea proferida por Cristo, já mencionada anteriormente, que é citada por Braga em conexão a uma outra regra igualmente carregada de princípios moral, espiritual e ético, que foi dita por Tiago, “*o moralista da Igreja primitiva*”, afirmou: “*Quem sabe fazer o bem e não o faz pecca*”(Idem, p.91). Este princípio conceitual bíblico é como um martelo a bater na consciência do fiel que nas Escrituras crê. Nisso pode-se observar que o protestante é mais coerente naquilo que realiza:

O protestantismo sempre tem dado ênfase à estreita relação da crença com a vida. Ele inculca tanto a ética como a doutrina do culto. Enquanto o catolicismo Romano considera a santidade como sendo apenas a possibilidade de uns poucos, o Protestantismo enfrenta a todos com a afirmação de que é propósito de Deus que todos se tornem santos. (ANDERSON, 1953, p.325).

Vê-se nessa declaração um outro contraste entre uma e outra cosmovisão religiosa. Enquanto o protestantismo concilia e faz uma estreita relação da crença com a vida; o catolicismo já divulga essa mesma completitude de vida à pessoa.

Anderson, sob uma outra perspectiva, expõe uma comparação entre ambas vertentes religiosas – Catolicismo e Protestantismo –, apresentando os pontos de concordância delas e depois, os de divergência. Os pontos de concordância são os seguintes:

Quando se consideram os pontos de concordância entre os protestantes e Romanistas, verifica-se que há diversos iguais, por exemplo:

1. Eles crêem em Deus Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, o qual subsiste na três pessoas da Trindade, Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo.
2. Crêem que Jesus Cristo é o Filho de Deus que revelou o Pai e, por sua encarnação e morte, assegurou a redenção dos pecadores.
3. Concordam em que todos os homens nascem em pecado e que, fora de Cristo, não livramento para sua escravidão nem como escapar à condenação punitiva da parte de Deus;
4. Concordam em que Deus deve ser adorado e deve ser objeto de confiança e amor, como Pai Celestial;
5. Concordam em que os cristãos são chamados, como S. Paulo o declara, “a andarem em novidade de vida;
6. Concordam em que o Reino de Deus é um Reino Eterno. (Idem, p.331/2).

Imediatamente, são apresentados pelo mesmo autor alguns pontos divergentes que contrastam estas duas correntes religiosas, quais sejam:

Os pontos divergentes – os protestantes e Romanistas divergem em matéria de doutrina, governo da Igreja, culto e, até certo ponto, em questões atinentes às formas mais elevadas de conduta cristã. Essas divergências se relacionam com as seguintes questões:

1. Fonte de autoridade religiosa – ou se as Escrituras são o guia suficiente de doutrina e preceitos cristãos;
2. A Igreja – ou o que ela é e quais sejam as suas funções;
3. O papado – ou se o papa é, por determinação divina, cabeça da Igreja Cristã Visível e se é mestre infalível;
4. O ministério – ou se ele é ou não uma ordem investida de poder sacerdotal;
5. Os sacramentos, seu número e sua virtude;
6. O purgatório e se tal lugar existe;
7. Maria e se ela deve ser cultuada e se foi concebida sem pecado;
8. Santos e relíquias e se devem ser-lhes tributados culto e veneração;
9. O lugar das boas obras no esquema da graça.

O Catolicismo engrandece a *Igreja* – uma instituição, enquanto o Protestantismo engrandece uma *pessoa* – Jesus Cristo. Neste fato se encontra a grande diferença entre estes dois ramos do Cristianismo. (Idem, p. 332).

Por esta comparação constata-se algumas aproximações e contrastes marcantes entre um e outro segmento religioso do cristianismo. Continuando nesta proposta de análise comparativa, no Concílio de Trento foram discutidos vários assuntos que diziam respeito à Igreja Romana e sua prática, nesse

evento foi confeccionado o “*Catecismo do Concílio de Trento (1566)*.” Um assunto que provocou certo debate até se chegar a uma definição doutrinal, normatizada nesse Catecismo, foi a **usura**; combatida severamente com a seguinte afirmação: “*A usura sempre foi crime gravíssimo e odioso, até junto aos pagãos... O que é emprestar a Juros? O que é matar um Homem? ... Não há diferença*”. (PEYREFITTE; 1999, P.120).

Por causa disso, o referido autor, mostrando que ainda há e permanece um tabu religioso até hoje, especialmente dentro desta questão, expõe as posições de ambas correntes religiosas do cristianismo, *colocando-as frente a frente*. Faz isso, resumindo-as através de um “*díptico*”, como segue:

Posição Católica	Posição Calvinista
O dinheiro é só o <i>meio</i> para trocar bens.	O dinheiro é um bem <i>em si</i> .
O dinheiro é naturalmente estéril; é contra a natureza fazê-lo produzir renda.	É conforme à ordem natural que dinheiro gere dinheiro.
Qualquer que seja sua taxa, todo e qualquer juro pedido para um empréstimo de dinheiro é ilegítimo.	Os preceitos da caridade recomendam emprestar sem nada esperar de volta, mas o direito natural autoriza o empréstimo a juros
Embora lícito pelo direito positivo, o empréstimo a juros continua contrário à lei natural e divina.	As leis civis que regulamentam o empréstimo a juros são conformes à ordem natural.
Legítimos, só os juros que compensam um prejuízo sofrido pelo prestamista.	São legítimos os juros que garantem lucro ao prestamista.
Tão-somente a atividade humana é fecunda.	O dinheiro é fecundo, por menos que contribua para que a atividade humana seja exercida.
A Assembléia do clero em Melun (1579) e o Concílio provincial de Reims (1583), lembram duramente as antigas proibições e ordenam “aos curas que anunciem <i>todos os domingos</i> no púlpito que os usuários estão sujeitos à excomunhão.”(Idem, 1999, p.120/1).	

Pode-se observar claramente por esta linha comparativa, como havia, há e continuará havendo, posições diferenciadas não somente no que tange ao assunto – *usura* – desta citação, entre o catolicismo romano e o protestantismo calvinista; como também, em outros, quer sejam doutrinários, teológicos, eclesiásticos e até sociais.

Souza expõe sua análise comparativa de contrastes entre estas duas vertentes religiosas do cristianismo, através do que ele chama de “*Três chaves analíticas*”, da seguinte maneira:

Como primeira chave analítica,... cito a *idéias de salvação* no mundo como o “chamado” puritano abriu caminho para o compromisso responsável e impessoal... Diferente do **calvinista** que é responsável por sua salvação *sola fide*, o **católico** não se sente responsável por sua salvação, uma vez que a distribuição da graça é de responsabilidade eclesiástica [da Igreja]. A liberdade de consciência do **católico** resume-se então na obediência ao papa e à hierarquia eclesiástica. Portanto, a salvação para o **protestante** advém de uma ascese cultivada para que ele possa ser um dos escolhidos, e, para o **católico**, da absolvição. Essa idéias de salvação trazia enorme responsabilidade individual para o **protestante** e transferência paternalista para o **católico**... A segunda idéia matriz para o entendimento da ética puritana é a vocação. [Ou seja] A idéia de vocação é então um grande diferenciador entre **católicos** e **protestantes**, por não representar, para o católico, um chamado. Muito pelo contrário, no catolicismo ibérico o exercício da fé permanece numa relação de afastamento ou deslocamento. O terceiro conceito a ser salientado é a diferenciação que Weber faz entre *seita e Igreja*. Em *Economia e Sociedade*. Weber observa que no seu tipo ideal mais puro a seita rejeita as indulgências eclesiásticas e o carisma oficial. É uma comunidade que tem o ideal de uma igreja pura, de santos invisíveis, em que o indivíduo tem de ser qualificado para converter-se em membro dela. (1999, p.258/9). (Negrito nosso).

Esta contribuição de Souza auxilia a ver determinados aspectos que os outros exemplos mencionados ainda não haviam tocado, e que são uma síntese do que de fato ocorre em ambos segmentos religiosos. Dando continuidade à visão deste universo comparativo entre estas duas vertentes do cristianismo – *catolicismo romano e protestantismo* –, objetos desta pesquisa.

Ver-se-á nesse momento sob a ótica de Viana Moog, em *Bandeirantes e Pioneiros*, outros pontos comparativos que ressaltam diferenças marcantes entre elas. Este autor trabalha nessa obra pelo viés da sociologia fazendo uma caminhada dentro da cultura, religião e de alguns costumes, hábitos e práticas que EUA e Brasil, apresentam dentro de sua pluralidade e formação racial, enquanto nações, segundo as características e composição de cada povo. Ele expõe alguns contrastes e aproximações, como também, diferenças que, no

entanto, identificam uma e outra nação, pela religião, a cultura, costumes, política, arte, etc. Souza tem uma boa contribuição nesse aspecto:

Moog, à moda weberiana, vai buscar na diferença de religião as explicações que procura. Segundo ele, não há como esquecer “as heranças culturais e religiosas dos dois países, os fatores éticos, filosóficos, psicológicos, simbólicos e estéticos que constituíram o passado das duas culturas”, ou seja, o fato de o Brasil ter sido “conquistado por um povo mediterrâneo, católico, barroco e latino, e os Estado Unidos por um povo nórdico, anglo-saxão e protestante.” (1999, p.203).

Dito isto, Moog, referindo-se à prática calvinista e católica romana, quanto ao que estas correntes religiosas apontam sobre certos princípios que auxiliam na formação do caráter do indivíduo e se reflete na ética do trabalho em sociedade, caracterizando-as, através de uma conduta moral digna, comparativamente, comenta:

Só o homem que trabalha lhe é agradável. Para ele, só o trabalho [pesado e braçal] “torna o corpo são e forte e cura as doenças traduzidas pela ociosidade... Entre as coisas desta vida, o trabalho é o que mais assemelha o homem a Deus.” Deus há de ser glorificado, não apenas pela oração, mas sobretudo pelo trabalho, pela ação... No **catolicismo** precisa-se de um bom fundamento moral para fazer alguma coisa no mundo dos negócios. No **calvinismo** ao contrário, para não estar ligado ao mundo dos negócios e da ação, que conduz à riqueza, é que o bom fundamento moral se faz necessário. No **calvinismo** a ação prática é que é abençoada, não a contemplação. Entre **calvinistas**, o não estar ocupado na ação equivale a provocar sanções e estados de culpa. (...) Para o **católico**, as grandes virtudes são virtudes teológicas. Para o **puritano**, as supremas virtudes são as virtudes econômicas: poupança, trabalho e utilização do tempo... Enquanto o **católico** tem pudor de demonstrar preocupação pelo vil metal,... falar em dinheiro é para o **calvinista** uma condição a bem dizer existencial. Para o **católico**, ainda na manipulação dos valores econômicos, os valores humanos estarão acima das coisas. Com o **calvinista** é diferente... O **católico**, na pobreza, conduz-se com dignidade; na riqueza, perde frequentemente a compostura. (1956, p.91/2,121/2/3). (Negrito nosso).

Percebe-se nestas colocações de Moog, como ele conseguiu sintetizar aquilo que cada uma destas linhas religiosas do cristianismo, tem. Diante da leitura sociológica feita pelo referido autor de ambas nações e culturas, ele destaca de uma e outra, dois tipos que caracterizam um e outro povo e nação,

ou seja: “O puritano [pelo lado calvinista] *via a marca do Senhor naquele que prosperava. O mazombo [pelo lado do catolicismo romano] via a marca do destino naquele que acertava.*”(Idem, p.154).

O mazombo e o puritano; o bandeirante e o pioneiro. São os tipos e símbolos estabelecidos por Moog que caracterizam e identificam cada povo e o que eles representam religiosa, cultural, social, educacional, monetária e espiritualmente: EUA – puritano e pioneiro; Brasil – mazombo e o bandeirante. Quanto ao mozanbo e a virtude que o bandeirante deveria ter, revela Moog:

Virtude? Crença na bondade natural ou na possibilidade de aperfeiçoamento moral do homem e da humanidade... Virtude não seria aquilo que o padre pregava como tal, mas aquilo que se convertesse em uso e costume do chefe ou que lhe merecesse aprovação. [Sobre a diferença entre o mozanbo e o bandeirante] (...) O bandeirante era natural e oportunamente bravo, ao passo que o mozanbo, violentando-se a si mesmo para parecer valente, vivia interiormente em estado de pânico, com medo da morte, medo do mistério, medo da doença, medo das decisões, medo das mudanças, medo do futuro. (Idem, p.156,158)

Percebe-se em ambas figuras certo desvio moral, ético e espiritual que o padre deveria como representante da Igreja ser um instrumento a dar-lhes suporte para corrigir-lhes esse desvio. Visto que um tinha a índole de bravo e outro de covarde. Assim, o padre, representando a religião católica romana seria o ponto de equilíbrio entre um e outro, doutrinando-os. O que infelizmente não aconteceu. Com respeito a alguma contribuição do cristianismo ao trabalho, lê-se:

Se há uma grande obra social devida ao cristianismo, esta foi, sem dúvida, a da dignificação do trabalho... Em contraste com o mundo antigo, que depreciava o trabalho, considerando-o próprio somente dos escravos, foi o cristianismo que promoveu o respeito ao trabalho e ao trabalhador. (Idem, p.165).

Esta dignificação aqui mencionada não combateu, contudo, a visão depreciativa e até vulgarizada que se tinha daqueles que exerciam certos tipos de profissão como os “*artesões, mestres-de-obra, ou até mesmo os agricultores.*” Já que a valorização e o incentivo dados pelo Estado (Reino),

recaíam com maior ênfase e valorização ao trabalho que era dispensado à exploração de riquezas minerais, em detrimento de outros. Ou seja,

No fundo, o desejo de todos era seguir à risca o juramento a que o Reino os obrigava: “Juro que não farei nenhum trabalho manual enquanto conseguir um só escravo que trabalhe para mim, com a graça de Deus e do Rei de Portugal.”... Trabalhavam, e muito, quando necessário, mas sem a euforia e o rendimento dos que sentiam alegria no trabalho, pois o próprio Reino tudo fazia por impedir a dignificação da atividade manual e de toda forma de trabalho orgânico. (Idem, p.166).

Essa foi uma prática muito comum e uma triste realidade do Reino, na história do Brasil, sob o comando e a regência da Coroa portuguesa. Como havia a união entre Estado e Igreja, não se vê, por isso, uma reação dela contra esta “caça” ao trabalho dignamente realizado por outras profissões, sob o auspício do Estado. O interesse por riquezas minerais ofuscava-lhe seu real papel – da Igreja –, como agente divino para regular determinados descasos cometidos pelo Estado (Reino). Logo, configura-se certo tipo de cumplicidade entre Igreja e Estado, sem a manifestação de esforços de uma e outra parte para combater esse aviltamento discriminado ao trabalho e ao trabalhador.

Quanto as figuras que simbolizam ambas culturas – americana e brasileira –, cada qual representando uma corrente religiosa, Moog, propõe:

O bandeirante e o pioneiro – aquele, símbolo da civilização brasileira, e este, símbolo da civilização americana. (...) Entre nós [brasileiros], o espírito bandeirante acabava quase triunfando sobre o orgânico e pioneiro, tomado aqui, como convém, o termo pioneiro no sentido de desbravador com ânimo e de estabilidade. (Idem, p.189,228).

O sentido e o significado de desbravador tipificado no pioneiro norte-americano; não é o mesmo que o bandeirante, para o brasileiro. Este é alguém que vivia e agia em desmerecimento do próximo, explorando o que ele tinha e poderia oferecer à sociedade. Aquele por sua vez, mesmo em seu espírito desbravador não era explorativista, mas, preocupava-se em preservar tudo e todas as coisas, como um empreendedor.

Ao depois, Moog explica sobre estes personagens dizendo que: “*Nos Estados-Unidos, para que uma coisa seja capaz de entusiasmar há de levar o*

qualificativo de pioneiro; no Brasil, e sobretudo em São Paulo, é preciso o epíteto de bandeirante.” (Idem, p.236). Isto quer dizer que um e outro, tornou-se para suas respectivas nações, símbolos representativos de determinado tipo ou padrão de vida a ser seguido na prática do cotidiano, que se reflete inclusive no trabalho e na sociedade como um todo hodiernamente.

Uma das características que evidencia a diferença entre o catolicismo e o protestantismo, é que, aquele olha e se apegua ao passado; principalmente pelo vícios da tradição, como doutrina e o culto aos mortos ou por suas almas. Isto prende o indivíduo a uma prática cültica de serviço perene por alguém que já se foi; destacando-se principalmente, se esse alguém for um santo. O protestante, na manifestação de sua dignidade com o trabalho, rompe com o passado, preocupa-se e olha para o futuro, para a nova pátria celestial. Quanto aos mortos, disse Jesus: *“Deixe os mortos cuidarem de seus mortos.”* No sentido de que a prioridade é fazer a vontade de Deus e agradá-lo.

Na tentativa de fechar as contribuições levantadas por Moog nesta sua obra, expor-se-á a seguir – em díptico elaborado pelo autor desta pesquisa – algumas conseqüências por ele levantadas entre os EUA e Brasil, seus povos, costumes, práticas, crenças, etc. Considerando que de um lado, para o americano o *homem é bom*; e de outro, para o brasileiro, é *maquiavélico*. Sendo assim, são apresentadas as seguintes conseqüências por uma análise comparativa feita por ele:

ESTADOS UNIDOS	BRASIL
O otimismo	O pé-atrás, a vigilância.
O estímulo, o bom acolhimento às iniciativas;	A desconfiança, o desestímulo;
A vida compreendida como integração num dever ou num sonho;	A vida entrevista como busca de riqueza e de prazer;
Onde o clima comporta maiores desgastes de energia, a vida facilitada e obstruída;	Onde o clima está chamando por economia de forças;
Um capitalismo progressista, cada vez mais cõnscio de suas responsabilidades sociais;	Um capitalismo de tipo europeu, que ainda acredita em trustes e cartéis;
O lado bom da natureza humana podendo desdobrar-se em sua plenitude;	A maledicência, a suspeita, o medo do ridículo;
A crença de que a bondade acabará triunfando sobre a maldade e a saúde sobre a doença;	Dúvidas e reservas mentais de toda natureza.
Não têm fim as diferenças entre brasileiros e americanos no enfrentar os problemas essenciais da vida e da morte, da alegria	

e da dor, da doença e da saúde. (...) Enquanto os americanos, religiosos quase por definição, continuam a ler a Bíblia, ainda e sempre o maior *best-seller* da América, nós brasileiros, cada vez mais irreligiosos, vivemos ainda à mercê dos triunfos passados do Império sobre a fé, intransigentemente fiéis a mais uma das linhas mestras de nossa formação cultural. (Idem, p.283/4/7).

Embora à primeira vista pareça que esta análise comparativa apresentada por Moog, seja americanizada. Porém, retrata na verdade aquilo que de fato as coisas, os fatos e os acontecimentos ocorrem, são e devem ser vistos, tanto do lado americano, como do brasileiro. Isto é, tudo dependerá em como um e outro povo encara a vida em todos os seus momentos e aspectos, sejam eles: bons ou ruins; tristes ou alegres; difíceis ou fáceis; de doença ou saúde; em fartura ou de necessidade; em crises ou não. E o que vier a se apresentar como implicações nestas e em outras circunstâncias da vida. Já que o mundo atual vem sofrendo transformações que afetam todas as áreas da humanidade.

A disposição em confrontar estes desafios será especialmente revelada de acordo com a formação religiosa de cada um: quer seja do indivíduo enquanto pessoa que compõe uma nação; ou do povo que dela faz parte e a forma coletivamente. Pois, o tipo de prática religiosa predominante num povo, não importa seu tamanho, origem, raça, cor, nacionalidade, tribo ou língua, fará que o mesmo reflita o que a referida religião propaga. Seja ela monoteísta, animista, politeísta, panteísta, paganista, teísta, etc.

Enfim, cada qual: brasileiro e americano; católico romano e protestante; depara e enfrenta determinada situação na vida, no trabalho, na religião, na política, na cultura e no lazer, de acordo com os seus pressupostos, especialmente os religiosos, que fazem parte de sua formação enquanto pessoa, indivíduo e cidadão. Sobretudo, no que tange à sua conduta ética e que pode influenciá-lo no exercício de seu trabalho e na formação da sociedade. Promovendo assim, o bem-estar do próximo e de tudo ao seu redor.

Porém, importa ressaltar que os postulados elencados neste tópico que ressaltam a comparação de ambas correntes religiosas; são mais especificamente, no entendimento do autor desse estudo, aquilo que de melhor cada uma defende, propaga e infunde ao fiel praticante, quanto a ética do

trabalho segundo suas respectivas cosmovisões. Com isto, não se quer dizer que o assunto epigrafado para esta pesquisa tenha se esgotado.

Pelo contrário, a intenção deste trabalho é levantar a questão e, a partir de então procurar através de outras pesquisas encontrar mais indicadores, postulados, normas, princípios e apontamentos, tanto do catolicismo romano como do protestantismo calvinista, que possam contribuir ainda mais para a proposta aqui analisada.

Portanto, espera-se que o referido assunto desperte na academia, outras e novas inquietações no mundo do saber; para que outros pesquisadores, funcrados em postulados ainda não analisados, apresentem sugestões que ajudem a abrir ainda mais este estreito caminho, até que o mesmo se torne uma avenida larga e espaçosa, com um canteiro cheio de ricas e belas propostas, para melhor instrumentalizar o homem e a sociedade, quanto a ética no trabalho e os seus valores de dignidade e cidadania. Os quais estão sendo tragados pela febre materialista e consumista em nossos dias.

Isto posto, mediante tudo que foi até então colocado nesta pesquisa, em todas as suas etapas, tópicos e partes, pode-se aventurar a partir desse momento elaborar algumas considerações finais. Esta tentativa servirá para trazer à luz determinadas contribuições que estas duas correntes religiosas – *católica e protestante* – têm para o fechamento ideário do que foi proposto neste estudo comparado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, pretende-se desenvolver nesta parte final do trabalho, a partir de contribuições que ambas correntes religiosas apresentam dentro daquilo que aqui foi estudado numa breve análise perpassando cada capítulo. Tal empreendimento será feito através do apontamento de algumas considerações que ressaltam os postulados que se referem a estas correntes religiosas do cristianismo no Brasil, objetos deste estudo comparativo.

Como foi exposto, o primeiro capítulo apresenta um mergulho dentro do catolicismo romano desde o período medieval até os dias atuais. Vê-se aí como esta corrente religiosa procura através de sua doutrina, ensino teológico, filosófico e ideológico; bem como, decisões conciliares; documentos da CNBB; e, principalmente, pela postura de sua liderança em níveis mundial, mas, especialmente nacional, através das *pastorais* – eficaz instrumento de alcance e aplicação de seus objetivos e ideais –; passar sua mensagem, de tal maneira que não seja somente assimilada pelo fiel que a recebe; mas também, procure colocá-la em prática, exteriorizando-a em sua conduta.

Esta atitude fá-lo-á demonstrar uma ética que acaba interferindo no meio social que estiver inserido. Esta intervenção refletir-se-á pela realização de boas ou más obras; inclinar-se-á pelo lado do bem ou do mal; fará o que é bom ou ruim, em resposta exatamente àquilo que tiver recebido em sua formação, não importa qual seja, mas, especialmente a religiosa, observando-se que tipos de resultados são produzidos.

Para tanto, é relevante recordar que a ICAR, pela metodologia aplicada em seu sistema eclesiástico, propõe colocar sobre o homem, sua vontade e o livre-arbítrio, o poder de decisão; e, a disposição de, per si mesmo, decidir em realizar o bem em favor do próximo e da sociedade, segundo suas inclinações e disposições internas, como e quando quiser. Agirá assim, movido pela virtude da razão que, Aristóteles, T. de Aquino e outros, difundiram, tornando-se o cerne doutrinário do catolicismo romano.

Contudo, esta forma de vida em resposta aos ensinamentos deste segmento religioso, garante ao fiel praticante, como bem supremo à sua vida, a salvação para si individualmente; e, para os seus queridos já falecidos – como se sabe –

uma esperança de obterem-na, caso não tenham ido para o céu⁷⁶. Tal tarefa é possível de ser obtida por alguém, desde que persevere na prática daquilo que a ICAR exige ao mesmo, segundo sua tradição, costumes, hábitos e práticas, vicariamente, mediante a ação do sacerdote, centrados em esforços humanos e ao que o homem produz de bom.

Isto quer dizer que as intenções, desejos e motivações que alimentarão a vontade do indivíduo para a obtenção de seu bem maior – a salvação –, levá-lo-ão a agir apresentando atos em sua vida, incluindo aí seu trabalho, com a finalidade primária de agradar a si mesmo, buscando sua realização pessoal; depois o próximo; e, por último, trazer algumas contribuições para a sociedade. Refletindo o nível de ética, moral, dignidade e justiça, que sua conduta revela e seus interesses almejam.

Uma das principais metas sobre e para a qual são desenvolvidos os pressupostos da cosmovisão da ICAR, é o homem, seu ser, natureza e feitos. Porque, dele, por ele e para ele, são todas as coisas. Ele acaba tornando-se a fonte da razão, do bem e de sua própria salvação, que, pelas boas obras praticadas poderá alcançá-la. Esta linha de pensamento contraria o que o apóstolo Paulo registrou em Efésios (Bíblia Sagrada – BS) 2.8,9: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”*. Isto quer dizer que quem deposita sobre si e em seus méritos, o feito da salvação, vangloria-se, egoisticamente. Diz o texto bíblico: *“ninguém se glorie”*. Pelo quê? Por sua salvação. Visto que ela é *dom de Deus*.

Contrapondo ao ensino da doutrina romana que põe o homem como centro de tudo, fruto de sua teologia medieval, como elencado neste capítulo. O mesmo apóstolo, referindo-se à Pessoa de Cristo, escreveu: *“Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste.”*(em Colossenses 1.15,16,17; BS). (Grifo nosso).

⁷⁶ A referência aqui recai sobre a doutrina do *purgatório*, que é, segundo o catolicismo romano, o lugar que a alma da pessoa em pecado vai, temporariamente, até purgar seus pecados; e depois, é conduzida para o céu, porque alguém aqui na terra faz rezas, missas, promessas e outros ritos em seu favor, por anos e anos.

Entretanto, infelizmente, a ICAR desconsidera estes princípios bíblicos, já que em sua eclesiologia: o papa, o sacerdote e o clero em geral; mais a tradição, costumes e alguns hábitos praticados, estão, em determinados momentos, em pé de igualdade ou acima das Escrituras e do próprio Cristo. Por isso, um dos alvos primários da ICAR, está voltado para o homem, a sociedade e tudo que envolve o social e a eles se aplicam.

Não há uma preocupação com a mudança do indivíduo em seu interior, no coração, ou com sua vida espiritual; isto é, de dentro para fora, como apregou Cristo e os apóstolos; apenas com o exterior, que pode ser visto e admirado por todos. Nisso pode-se entender sua forte inclinação ecumênica de relacionar-se via prática litúrgica e cúlrica, sincrética, com qualquer outro segmento religioso, já que a meta principal recai em agradar o homem e não a Deus. Isto é feito mediante a proclamação do evangelho com forte ênfase social. Intentando-se inclusive, com imensurável esforço e Campanhas da Fraternidade, produzir determinadas mudanças sociais promovidas pela Igreja, como a proposta de uma *nova cultura*, citada, sugere. Desta maneira, transcorreu o primeiro capítulo.

Visto que esta pesquisa objetiva tratar sobre a ética do trabalho, que é, pelo protestantismo calvinista, uma das principais metas de vida do fiel praticante deste segmento do cristianismo, visando sempre e tão somente, a glória de Deus. Com isto em mente, através do segundo capítulo, o autor deste estudo tentou expor os pressupostos do protestantismo calvinista fulcrados em princípios bíblicos, doutrinários e teológicos, que esta vertente do cristianismo protestante confessa, defende e propaga.

Esses pressupostos foram desenvolvidos por Calvino, principal reformador genebrino, que os colocou em prática. Bem como, os pietistas, puritanos e huguenotes; grupos estes, formados por discípulos e seguidores do referido reformador e sua doutrina. Cujas ênfase recai sobre uma vida disciplinada, numa conduta ética segundo os ensinamentos postulados na Palavra de Deus; procurando imitar a Cristo Jesus como exemplo de vida para aqueles que o seguem e servem; perseguindo a santificação em meio a uma sociedade decadente, sem contaminar-se com o mundo.

Deve-se, segundo Calvino, o fiel protestante ter uma vida cristã com um nível de padrão ético e moral, que apresente retidão e integridade, em tudo e

em todo momento. Valorizando todo e qualquer tipo de trabalho, desde que feito com dignidade e respeito, produzindo valores que ajudem a promover uma sociedade mais justa e melhor.

Na segunda parte deste capítulo, desenvolveu-se o que Weber, sociólogo mais pesquisado no século XX, em sua obra a EPEC, procurou delinear em defesa de sua tese com respeito ao espírito do capitalismo, fundamentando-o na ética protestante. Esta, por sua vez, reflete-se na conduta cotidiana do fiel desta vertente religiosa, segundo o dogma calvinista da vocação e da predestinação. A vocação tem a ver com a lide diária que deve ser desenvolvida na prática de talentos e dons, mediante uma vida regada de certo rigor ascético; norteando assim, seus atos que o levam a agir fundamentado em princípios bíblicos que valorizem a dignidade e a retidão.

A predestinação por sua vez, segundo Weber, conduz o fiel calvinista a apresentar um modo de vida que confirme por atos e palavras, na prática de boas obras; que ele, por ter sido eleito, salvo e gozar da nova vida em Cristo, deverá agir em todos os sentidos e níveis, especialmente no trabalho, segundo os ditames das Escrituras Sagradas; a vontade de Deus; e, em obediência àquilo que lhe é passado. E que deverá ser aplicado cotidianamente como princípios e valores espirituais, refletindo-se através de sua vida em obras sociais. Pelas quais servirá o próximo; a comunidade onde estiver inserido e à sociedade, para a glória de Deus. Procurando produzir resultados em benefício de todos, que demonstrem uma melhora na qualidade de vida.

Ao contrário do ensino do catolicismo romano, uma das principais ênfases do protestantismo reformado, é que, o indivíduo deverá em primeiro lugar, em sua vida, passar por uma mudança interna, do coração; só depois então, preocupar e preparar-se para as mudanças sociais que ocorrerão ao seu redor. A razão humana enfatizada pelos filósofos e a doutrina tomista, devem ser relegadas ao segundo plano; ou no mínimo, serem subservientes àquilo que a Bíblia Sagrada determina para o homem, e não o contrário defende o protestante.

A ética que flui do protestantismo calvinista, segmento religioso do cristianismo cuja centralidade não é o homem; mas sim em Deus e nas Escrituras, e o que Ele, nelas determina para o homem e a humanidade. Tem como objetivo maior refletir a mudança espiritual interna ocorrida na vida da

pessoa em primeiro lugar; para, tão somente e, a partir de então, buscar e apresentar uma nova proposta de vida que traga resultados positivos e benéficos ao próximo e à sociedade como um todo. Através de uma conduta exteriorizada no trabalho que apresente atitudes, cujo alvo seja exclusivamente a glória de Deus. Nesta mesma perspectiva, Moreira, faz a seguinte colocação:

O servo ou empregado deve pelos seus atos e palavras demonstrar aquilo que de fato ele o é em Cristo Jesus, pela pessoa do Espírito Santo que em seu coração habita. Indubitavelmente que a obediência do servo ao seu senhor é sem sombra de dúvida a exteriorização da obra interna do Espírito em sua vida. Por isso, Paulo insta para que os servos sejam obedientes com *“temor e tremor, na sinceridade do vosso coração como a Cristo.”* A particularidade enfatizada por Paulo aqui é a seguinte: Assim como os servos que são novas criaturas em Cristo Jesus devem prestar-Lhe obediência incondicional em tudo; da mesma forma devem também eles demonstrarem a seus senhores a sua obediência. Porém, esta obediência não deve ser somente à vista, isto é, na presença de seus senhores. Vemos aqui nesta advertência o aspecto “ético” deste relacionamento “social” dos servos através do exercício de seu serviço aos seus senhores. Porque, pela ética cristã, é impraticável a um cristão fazer as coisas certas somente na presença de seus senhores ou patrões. Por isso deve fazer as coisas corretamente e da melhor maneira possível, não para que os homens vejam; mas, sim, porque o nosso Supremo Senhor tudo vê, sonda e conhece. Conseqüentemente, se o servo procurar agradar ao Senhor em primeiro lugar e sobre todas as coisas, com certeza estará também agradando ao seu senhor ou patrão, fazendo as coisas como elas devem ser feitas quer seja na presença ou na ausência dele. Isto, porque a sua recompensa não vem do senhor ou patrão, pois, quando o servo/empregado trabalha para ele, o que receberá não é a recompensa e sim, o salário, que é o pagamento pelo serviço prestado. Mas, a recompensa, esta sim, vem do Soberano Senhor a Quem deverão no último dia prestar contas de tudo aquilo que fizeram ou deixaram de fazer. *“Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando”* [Tg.4:17]. Este princípio básico é o que deve nortear a conduta **ética-social** no trabalho e no relacionamento com o senhor ou patrão. (2005, p.61/2).

Observe que este tipo de atitude reflete a conduta do crente protestante, por seus atos e palavras, demonstrando que sua vida espiritual está de fato sendo vivida e regida pelos princípios e o padrão daquilo que ele crê e confessa. Esta é a ética calvinista que foi, anteriormente, exemplificada em Agostinho e a experiência que teve em sua vida; como também, nos grupos

calvinistas surgidos nos idos dos séculos XVI ao XVIII, já mencionados. Visto que Calvino e seus discípulos seguem os mesmos princípios postulados por Agostinho. Deste modo, foi trabalhado o segundo capítulo.

Quanto ao terceiro capítulo, pontuar-se-á breves considerações daquilo que aí foi analisado. Viu-se em primeiro momento o que o catolicismo e o protestantismo postulam em seu universo religioso que serve para fundamentar certas diretrizes orientativas à vida do indivíduo no exercício de seu trabalho; e também, daquilo que o auxilia e pode influenciá-lo em sua conduta, levando-o a apresentar uma ética que demonstre seus pressupostos religiosos, segundo a cosmovisão de seu conhecimento e prática, daquilo que crê e confessa.

Depois, fez-se uma exposição de alguns períodos da história da Igreja – Católica e Protestante – no Brasil, que também estão ligados a determinados momentos de sua história. Destacou-se alguns acontecimentos, fatos e registros, que marcaram a presença destes dois segmentos do cristianismo; ressaltou-se episódios que contribuíram para a sedimentação de ambas correntes religiosas, quanto a independência e o relacionamento delas com o Estado; citou-se certos movimentos que contribuíram por suas práticas, para o alargamento do horizonte e a visão que uma e outra corrente religiosa estava, em parte, deixando a desejar nas áreas social, espiritual ou material, num envolvimento mais participativo e comprometido em sociedade.

Finalmente, buscou-se desenvolver uma comparação quanto ao proposto neste estudo entre ambas vertentes do cristianismo histórico; visando expor a cosmovisão que o catolicismo e o protestantismo defendem e difundem aos seus fiéis praticantes, influenciando-os em sua conduta, refletida especialmente em seu trabalho. Isto foi feito apontando alguns contrastes, que põem em evidência seus pressupostos teológicos, doutrinários, bíblicos, filosóficos e até ideológicos. Estes fazem aflorar os conceitos, princípios, normas e métodos, os quais foram desenvolvidos em cada segmento; que, por sua liderança e instrumentos de divulgação, são proclamados em toda parte. Cujas finalidades principais são de trazer e deixar contribuições ao indivíduo e à sociedade como um todo. Assim tentou-se caminhar no terceiro capítulo.

Diante destas colocações, buscar-se-á através de quadros, expor em linhas gerais uma visão comparativa daquilo que de fato espelha estes dois campos religiosos. Ressaltando as evidências, pressupostos, princípios,

contrastes e semelhanças, que auxiliam a confirmação da proposta que foi objeto desta pesquisa. No sentido de contribuir para a mudança da realidade da vida em sociedade, no que refere-se ao trabalho, positiva e altruisticamente.

Uma observação mais acurada do que aqui foi tratado, levará o leitor deste estudo a refletir sobre a crise e a desvalorização que assolam o homem e a sociedade, contemporaneamente; voltadas à ética no trabalho e o que ela envolve na valoração do ser, e não, do ter; quanto ao que o indivíduo produz como fruto de seus esforços. Infelizmente, sabe-se que, principalmente através da religião, por alguns falsos líderes inescrupulosos, têm-se dado muita ênfase ao ter; e não, no ser.

A máxima mercantilista religiosa contemporaneamente é: Se você tem fé e crê, então, prosperarás, basta determinar para que as coisas aconteçam. Daí, o ser não importa; o foco principal é o ter. Se o indivíduo não tem bens e não consegue prosperar na vida, é porque está em pecado ou não tem fé, apregoam. Disto infere-se que, se o fiel não obtiver resultados imediatos, gerará nele um comportamento ético pessimista e derrotista.

Visto que, pelo imediatismo e oportunismo, não obteve sucesso e não conseguiu alcançar seus objetivos. Significa que os intentos emanados deste ponto de vista religioso (neo-pentecostal), concretizados principalmente pelo trabalho, despontarão no indivíduo um tipo de padrão de vida que refletirá em sua conduta a falta de valores e modelos éticos que a sociedade perdeu. Logo,

[A] crise caracteriza-se pelo declínio da ética do trabalho manifestado na descrença de que a atividade produtiva seja fonte de justiça social, de dignidade e de realização social... Na sociedade em que vivemos, torna-se nítida a falência dos valores cristãos-capitalistas e a ausência de verdades e modelos que orientam a visão de mundo, tanto dos indivíduos como da sociedade. (GONÇALVES; 2004, p.42/3).

De fato, esta tem sido a triste realidade em nossos dias. Os fatores ligados a esta crise, mostram que a sociedade moderna caminha galopantemente para a falência e o sepultamento de valores morais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, desvalorizando-se, como disse Moog, *irreligiosamente*. Como infelizmente testemunha-se hoje em vários países, onde valores éticos, morais e espirituais de outrora, são deixados de lado,



refletindo o abandono à prática da religião seja ela qual for; mas principalmente no caso deste estudo, do cristianismo via o catolicismo e o protestantismo. Virando-se as costas para Deus, deixando-o de lado. Isto tem levado a convivência do homem em sociedade a um caos social. Contrapondo esta situação quase que caótica, pode-se atribuir,

...ao trabalho certos valores, como disciplina, subordinação, aplicação e segurança pessoal... Ao lado do valor positivo do trabalho, a modernidade afirma que a igualdade e a liberdade entre os homens são condições próprias da natureza humana, consideradas fatores necessários ao pleno desenvolvimento da ética do trabalho. (Idem, p.25).

Interessante observar que o trabalho nesta concepção de valor, em determinadas circunstâncias, acaba tornando-se religioso ou objeto de religião que a pessoa em sua lide cotidiana assume. Pois, os valores, virtudes e resultados atribuídos ao trabalho, se tornam instrumentos reguladores da conduta da vida de alguém. Mas também, são necessários ao pleno desenvolvimento da ética do trabalho; ou seja, servem como elementos valorativos que reafirmam a igualdade e a liberdade entre as pessoas.

Pensando nisso, em primeiro momento importa conhecer alguns pontos inseridos em cada capítulo, que reforçam a finalidade do que até então foi abordado. Estes pontos indicam certos princípios que servem como instrumentos e marcos teóricos fundantes, tanto para o catolicismo romano como ao protestantismo. Os quais contribuem para a compreensão e à formação da ética do trabalho em cada segmento religioso aqui analisado, segundo sua respectiva cosmovisão. Isto significa que a ética do trabalho é, em parte, fruto da cosmovisão religiosa que o indivíduo tem e que o influencia, em todos os sentidos e níveis na formação de sua vida.

Diante desta incontestável realidade, expor-se-á a seguir, abarcando os três capítulos estudados, simultânea e paralelamente; uma visão sintetizada dos principais conceitos destas correntes religiosas aqui analisadas; que dão fundamento à cosmovisão delas e contribuem para se chegar à ética do trabalho, segundo seus respectivos pressupostos. Estão expostos lado a lado, exatamente para auxiliar no reconhecimento, por parte do examinador, dos contrastes e semelhanças que eles têm.

CATOLICISMO	PROTESTANTISMO
IGREJA	DEUS
PAPA AUTORIDADE SUPREMA	CRISTO O TODO-PODEROSO
TRADIÇÃO	ESCRITURAS
O SACERDOTE COMO MEDIADOR	CRISTO COMO MEDIADOR
O HOMEM POR NATUREZA É BOM E PRODUZ ATOS BONS	O HOMEM POR NATUREZA É DEGENERADO E NADA FAZ DE BOM
DOCTRINA TOMISTA	DOCTRINA CALVINISTA
LIBERDADE/LIBERALIDADE	OBEDIÊNCIA/SUBMISSÃO
LIVRE-ARBÍTRIO	VOCAÇÃO-PREDESTINAÇÃO
ÊNFASE SOCIAL	ÊNFASE ESPIRITUAL
COSTUMES E PRÁTICAS	VIRTUDES E TALENTOS
NORMAS DA IGREJA	NORMAS BÍBLICAS
PRINCIPIOS DE DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA	PRINCÍPIOS DE DOCTRINA DAS ESCRITURAS
PREOCUPAÇÃO COM O EXTERIOR	PREOCUPAÇÃO COM O INTERIOR
O HOMEM É O CO-CRIADOR COM DEUS DO MUNDO	O HOMEM É CO-REGENTE DE DEUS NO MUNDO
VALORES SOCIAIS	VALORES MORAIS/ÉTICOS
SINCRETISMO RELIGIOSO	EXCLUSIVISMO REFORMADO
A GLÓRIA É DO HOMEM	GLÓRIA SOMENTE A DEUS
PRÁTICA DE BOAS OBRAS PARA A SALVAÇÃO	PRÁTICA DE BOAS OBRAS PORQUE JÁ ESTÁ SALVO
O HOMEM É O CENTRO DE SEU TRABALHO	O HOMEM É UM INSTRUMENTO EM SEU TRABALHO
NEM TODO TRABALHO É VALORIZADO PELO HOMEM	TODO TRABALHO TEM SEU VALOR E DIGNIFICA O HOMEM
CONCEPÇÃO ECLESIOLÓGICA SOCIAL FILOSÓFICA	CONCEPÇÃO ECLESIOLÓGICA SOCIAL BÍBLICA
ENSINO ANTROPOCÊNTRICO	ENSINO CRISTOCÊNTRICO
	
COSMOVISÃO CATÓLICA	COSMOVISÃO CALVINISTA

A partir desses conceitos pode-se caminhar pela compreensão destas cosmovisões, sobre qual é o tipo de ética que cada uma proclama e defende pelos seus pressupostos. Como também, extrair delas algumas contribuições que dão melhores condições ao trabalho segundo o ponto de vista do cristianismo (catolicismo e protestantismo), valorizando tanto o trabalho como o trabalhador e seu ambiente onde exerce a sua atividade, dignamente. Por isso,

É dever do cristão interessar-se e trabalhar em favor de obras que redundem na felicidade geral de todos os homens. Isto significa que o cristão há de usar sempre seus talentos para o bem comum, porque, como membro da comunidade, é responsável pelo mal que nela existe e terá que trabalhar para melhorar o meio em que vive. Nosso país está carente de homens e mulheres que tenham iniciativa para empreender obras que resultem no benefício de todos. (...) O cristianismo não pode ficar indiferente ao quadro social do Brasil. Precisa erguer a sua voz para dizer o que está acontecendo e estender suas mãos para ajudar o Governo a resolver os grandes e graves problemas [sociais]. (MATTOS; 1965, p. 106/9).

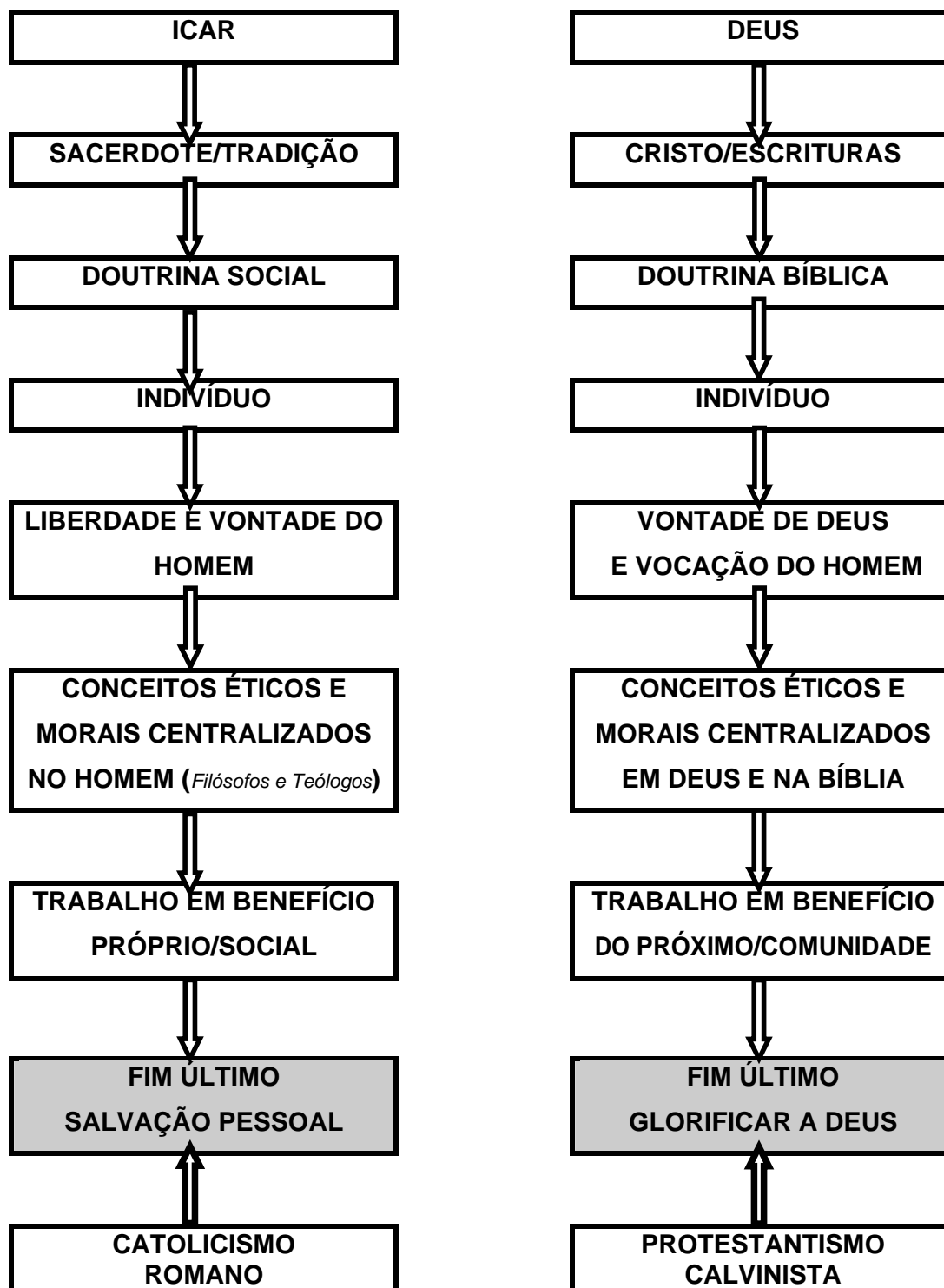
Nestas palavras de Mattos observa-se exatamente a importância que a ética do trabalho tem para a vida do indivíduo e, conseqüentemente refletir-se-á em sua conduta; contribuindo assim, para melhorar o nível e a qualidade da comunidade na qual ele está inserido, como também, à sociedade como um todo. Se fosse para resumir os contrastes e semelhanças de uma e outra corrente religiosa, voltados para o enfoque desta pesquisa – a ética do trabalho, pode-se dizer que:

⇒ O **catolicismo** centraliza toda a sua cosmovisão na Igreja e o que ela determina ao homem, e na ação social que o mesmo deverá promover livremente, segundo a sua vontade pela prática de boas obras para a sua salvação.

⇒ O **protestantismo** tem como meta principal fazer que o crente em sua vida, procure agradar a Deus e glorificá-lo a serviço do próximo, por amor e em resposta àquilo que já recebeu de Cristo e Sua obra, a salvação.

Cientes destas verdades. Na tentativa de expor numa síntese de tudo que foi até então percorrido e sirva como diretriz para a apreensão e retenção da ética do trabalho que o catolicismo romano e o protestantismo como visto, proclamam e defendem, segundo os seus pressupostos: de economia,

espiritual, moral, material, social, educacional, teológico, filosófico, ideológico, bíblico, doutrinário, eclesiológico, etc. O autor desta pesquisa expõe analiticamente a seguinte proposta⁷⁷:



⁷⁷ Esta *proposta*, em parte reflete e engloba as que estão inseridas nos capítulos 1 e 2.

Como se vê neste esquema, os pressupostos que o catolicismo e o protestantismo apresentam cada qual em sua respectiva cosmovisão; apontam a finalidades diferentes. Isto significa que a ética daí emanada refletirá a concepção e o nível de conhecimento que a pessoa ou o fiel praticante tem daquilo que em sua fé religiosa é doutrinado; quando, no exercício de seu trabalho demonstra a importância dele em sua vida. Logo, pode-se concluir que o tipo de:

- Valor que o indivíduo dispensa ao seu trabalho;
- Dignidade que reflete em sua conduta;
- Responsabilidade apresentada no exercício de uma atividade;
- Fidelidade ao compromisso assumido;
- Seriedade e serenidade em cumprir seus deveres.

Revelará por sua conduta religiosa: a ética, o nível moral de seu caráter, amor, integridade, sinceridade e a disponibilidade dispensada, espontaneamente, no exercício de qualquer atividade ou função realizada em seu trabalho com dignidade, buscando, sobretudo, prazerosamente, a satisfação pessoal. Isto significa que:

A ética do trabalho consiste em atender essa atividade – o trabalho – como fator fundamental à construção da identidade e da realização pessoal e ao estabelecimento de uma ordem social, onde prevaleçam relações fundadas na dignidade, na liberdade e na igualdade entre os homens. (GONÇALVES, 2004, p.24).

Certamente que os pressupostos expostos e analisados nesta pesquisa extraídos de marcos teóricos fundantes tanto do catolicismo romano como do protestantismo, representam, em sentido *lato*, o cristianismo ocidental, mas, principalmente, o do Brasil.

Para finalizar, pode-se afirmar que a maior contribuição dada pelo catolicismo romano à ética do trabalho, é a sua ênfase ao social, importante à realização do mesmo; e, da parte do protestantismo, é a ênfase à vocação a ser desenvolvida em talentos e dons para a glória de Deus, dignamente em qualquer atividade, até com certo rigor ascético. Porque, enquanto o

catolicismo defende que o homem pode tudo; o protestantismo calvinista revela que o mesmo homem nada pode fazer sem o auxílio e a permissão de Deus.

Portanto, quando na prática se fizer equilibradamente a junção destas correntes religiosas, pelo exposto neste estudo. Conceber-se-á uma ética do trabalho sob novas perspectivas que gerará internamente: intenções, motivações e mudanças que se refletirão pela vida do indivíduo em sua conduta, de forma positiva e não, extremada. Trazendo assim, benefícios, valores e soluções que podem auxiliar a melhorar sua vida pessoal, profissional e à sociedade. Como também, maturidade e desenvolvimento no estabelecimento de uma *nova* ordem social e cultural, qualitativamente, para o bem-estar e comum de todos em tudo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *As Confissões*. São Paulo: Quadrante, 1985.
- ALMEIDA, João Ferreira de, *Bíblia de Estudo de Genebra*. R. A. São Paulo: SBB- ECC, 1999.
- ANDERSON, William K. *Espírito e Mensagem do Protestantismo*. JGEC, 1953.
- ARAÚJO, Antônio M, *Religião, Educação & Progresso*. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- ARENDT, H., *A Condição Humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 5. ed., 1991.
- ARISTÓTELES (II), *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____, *A Ética*. São Paulo: Ediouro, s/d.
- ARON, Raymond, *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ASSIS, Dom Raymundo Damasceno (Sec. G. CNBB), *Sem Trabalho Por Quê? – A Fraternidade e os Desempregados (Texto Base)*. São Paulo: Edit. Salesiano Dom Bosco, 1999.
- _____, Dom Raymundo Damasceno (Sec. G. CNBB), *Catecismo da Igreja Católica* (Edição Típica Vaticana). São Paulo: Loyola, 2000.
- BAKER, Robert A., *Compendio de la Historia Cristiana*; CBP, 1974.
- BERG, Daniel, *Enviado Por Deus – Memórias*. São Paulo: CPAD, 1984.
- BIÉLER, André, *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: ECC, 1999.
- _____, André, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: CEP, 1990.
- _____, André, *O Humanismo Social de Calvino*. São Paulo: OIKOUMENE, 1970.
- BOFF, Leonardo, *Ética e Moral*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- _____, Leonardo, *Ethos Mundial*. Rio de Janeiro: Edit. Sextante, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988*. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CALVINO, João, *As Institutas*. São Paulo: Vols. 1 e 4, ECC, 2006.

_____, Juan, *Insitución de la Religión Cristiana*. Países Bajos: Vol.1, FELIRE, 1968.

_____, João, *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000.

_____, João, *Gálatas*. São Paulo: EP, 1998.

_____, João, *Instrução na Fé – Princípios para uma Vida Cristã*. Goiânia: Logos, 2003.

CAMPOS Jr., Luís de Castro, *As Religiões na História – Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995.

CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla – Texto Oficial*. São Paulo: EP, 1979.

CNBB, *Ética: Pessoa e Sociedade* (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – 31ª Assembléia Geral); Itaiçi: 1993.

COMPARATO, Fábio Konder, *Ética – Direito, Moral e Religião no Mundo Moderno*. São Paulo–SP: Companhia Das Letras, 2006.

_____, Herminsten M., *Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006.

COTRIM, Gilberto, *História Global Brasil e Geral*. São Paulo: Saraiva, 2003.

ECO, Umberto, *Como se Faz Uma Tese*. São Paulo: 20. ed. Perspectiva, 2005.

ELWELL, Walter A. (Ed.), *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vols. I e III, Vida Nova, 1988.

FANFANI, Amintore, *Capitalismo, Catolicismo, Protestantismo*. Lisboa: Áster, 1945.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: 2ª ed. ra., 1986.

FERREIRA, Júlio Andrade (pres.), *O Catolicismo Romano – Um Simpósio Protestante*. São Paulo: ASTE, 1962.

FORELL, George W., *Ética da Decisão – Introdução ao Estudo da Ética Cristã*. Edit. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

FRESTON, Paul (org.), *Marxismo e Fé Cristã: O Desafio Mútuo*. São Paulo: ABU, 1988.

GARDNER, E. Clinton, *Fé Bíblica e Ética Social*. São Paulo: ASTE, 1965.

GILES, Jaime E., *Bases Bíblicas de la Ética*. CBP, 1975.

GONÇALVES, Maria H. Barreto (Edt.), *Ética & Trabalho*. Rios de Janeiro: SENAC, 2002.

HAHN, Carl Joseph, *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.

JOSAPHAT, Frei Carlos Pinto de Oliveira, *Evangelho e Revolução Social*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

KERR, Guilherme, "*A Assembléia de Westminster*", São Paulo: FIEL, 1992.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura (O.F.M.), *Compêndio do Vaticano II – Decretos, Constituições e Declarações*. São Paulo: Vozes, 1968.

KROMMINGA, Dr. John, *John Calvin – The significance of the Genevan Reformer*. Michigan: BGTC. s/d.

KUYPER, Abraham, *Calvinismo*. São Paulo: ECC, 2002.

LEÃO XIII, Papa, *Rerum Novarum*. Vaticano: Site Vaticano, 1891.

LÉONARD, Emile G., *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1963.

LORSCHTEITER, Ivo (Sec. Geral CNBB), *Trabalho e Justiça para Todos*. C.F. 1978.

MACEDO, Gustavo (dir.), *Cruzada Espiritualista – Religiões Comparadas*. Rio de Janeiro: CFR, 1929.

MARRA, Cláudio A. Batista (ed.), *A Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: ECC, 1997.

_____, Cláudio B. (Ed.), *Reforma Hoje – Uma convocação feita pelos Evangélicos Confessionais*. São Paulo: ECC, 1999.

MARX, Karl, *Karl Marx, Vida e Obra*. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATTHEW, Donald (ed.), *A Europa Medieval*. Rio de Janeiro: Vol. I, Edições DelPrado, 1996.

MATTOS, Domicio P., *Posição Social da Igreja*. Rio de Janeiro: Editora PRAIA, 1965.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa, *O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

MOOG, Vianna, *Bandeirantes e Pioneiros – Paralelo de duas Culturas*. Rio de Janeiro: Edit. Globo, 1956.

MOREIRA, Gilson, *A Plenitude do Espírito Santo*. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Teologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo: 2005.

MOUROUX, Jean, *Vocação Cristã do Homem*. São Paulo: Flamboyant, 1961.

PAULO II, João (Papa), *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*. Vaticano: Site do Vaticano, 2004.

_____, João (Papa), *Laborem Exercens* – Carta Encíclica sobre o Trabalho Humano no 90º aniversário da Rerum Novarum. Vaticano: Site do Vaticano, 1981.

_____, João (Papa), *Centesimus Annus* (no Centenário da Rerum Novarum). Vaticano: Site do Vaticano. 1991.

PAULUS VI, (Papa), *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Vaticano: Site do Vaticano, 1967.

_____, (Papa), *Carta Apostólica Justiça e Paz* (por ocasião do 80º aniversário da Encíclica “Rerum Novarum”). Vaticano: Site do Vaticano, 1971.

PEYREFITTE, Alain, *A Sociedade de Confiança: Ensaio sobre as Origens e a Natureza do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Topbooks/Instituto Liberal, 1999.

QUEIROZ, Dom Antônio Celso de, *Solidários da Dignidade do Trabalho – Campanha da Fraternidade – CNBB (Texto Base)*. Itaici: 1991.

REID, W. Stanford, *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*. São Paulo: CEP, 1990.

REIFLER, Hans Ulrich, *A Ética dos Dez Mandamentos*. São Paulo: Vida Nova, 1992.

RIBEIRO, Boanerges, *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: Edit. O Semeador, 1991.

_____, Boanerges, *A Igreja Presbiteriana do Brasil, da Autonomia ao Cisma*. São Paulo: Edit. O Semeador, 1987.

RYKEN, Leland, *Santos no Mundo*. São Paulo: FIEL, 1992.

SCHALKWIJK, Frans Leonard, *Igreja e Estado no Brasil Holandês 1630-1654*. São Paulo: Vida Nova, 1989.

SHAULL, Richard, *Alternativa ao Desespero*. Rio de Janeiro: CEB e UCEB, 1963.

SOUZA, Jessé de, *O Malandro e o Protestante – A Tese Weberiana e Singularidade Cultural Brasileira*. Brasília: UnB, 1999.

SOUZA, Beatriz Muniz de, MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.), *Sociologia da Religião e Mudança Social*. São Paulo: PAUL, 2004.

TAWNEY, R.H. – *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*. Perspectiva; 1971.

TEIXEIRA, Faustini, MENEZES, Renata (eds.), *As Religiões no Brasil (Continuidades e Rupturas)*. São Paulo: Vozes, 2006.

TILLICH, Paul, *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1998.

VALENTINI, D. Demétrio (Setor Pastoral Social – CNBB), *O Mundo do Trabalho: Desafios e Perspectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

VALLS, Álvaro L. M., *O que é Ética*. São Paulo–SP: 22. reimp. Editora Brasiliense, 2006.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez, *Ética*. Edit. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VICENTE, Orlando (Ed.), *BASE – Biblioteca de Auxílio ao Sistema Educacional*. São Paulo: Vol.9, Editora Iracema, 2001.

VIEIRA, Samuel, *O Império Gnóstico Contra-Ataca*. São Paulo: ECC, 1999.

WEBER, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.

_____, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

6.1. Documentos Convencionais

Revistas, Jornais, Periódicos, Apostilas e Trabalhos

ARAÚJO, Antônio M., *O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes*. (Revista Fides Reformata). São Paulo: Vol.1, nº 2, Julho – Dezembro, Mackenzie, 2002.

CALIMAN, Eduardo (ed.), *Entre a Cruz e o Estado*. Jornal A Gazeta. Vitória: 6 de abril. 2008.

COSTA, Francisco, (ed.) *Revista USP – Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Setembro/outubro/novembro, nº 67. USP, 2005.

COSTA, Hermisten, M.P., *A Nossa Identidade Reformada*. São Paulo: Apostila. 2002.

CRISTERNA, Gerardo Martinez, *Religiones del Mundo Paz Mundial Ética Universal*. México: Fundación Ética Mundial, 2007.

FERREIRA, Franklin, *Uma Introdução a Max Weber e à Obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”*. (Revista Fides Reformata). São Paulo: Vol.V, nº 2, Julho – Dezembro, Mackenzie, 2000.

LIBERAL, Márcia Mello Costa De, (org.), *Um Olhar Sobre Ética e Cidadania*. São Paulo: Mackenzie, 2002.

MACKENZIE, *Apresentação de Trabalhos Acadêmicos Guia para Alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie*. São Paulo: 4. ed. Mackenzie, 2006.

MOREIRA, Gilson, *O Pensamento de Max Weber sobre a Ética Protestante do Trabalho em A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. In: V Congresso Internacional de Estudos Sociorreligiosos, 2007, Habana, Cuba. Anais de Comunicação, Habana, 2007.

_____, Gilson, *O Nome da Rosa – Pesquisa no Filme*. (Trabalho feito para cumprimento de disciplina do Curso de Mestrado em CR da UPM). São Paulo: 2005.

6.2. Documentos e Sites Eletrônicos Disponíveis na Internet

FILHO, Paulo Alexandre, *O Trabalho Enobrece o Homem?* (Partes I e II). Site: <http://www.duplipensar.net/lit/alema/2004-02-maxweber.html>, 2004.

SCHILLING, Voltaire, *Calvinismo e Capitalismo*. (Site: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/04/02/000.htm>). 2005.

WIKIPÉDIA, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_%C3%A9tica_protestante_e_o_esp%C3%A9rito_do_capitalismo

http://www.vatican.va/phome_po.htm

Disponível em: <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/ldadeMedia.html>. Acesso em: 18 de maio de 2007.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/ldade_M%C3%A9dia. Acesso em: 18 de maio de 2007.

Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/weber.htm>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2008

<http://www.duplipensar.net/lit/alema/2004-02-maxweber.html>

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/04/02/000.htm>

Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/A_%C3%A9tica_protestante_e_o_esp%C3%ADrito_do_capitalismo. Acesso em: 23 de agosto de 2006.

<http://www.eticamundial.com.mx>

Disponível em: <http://www.permanencia.org.br/revista/politica/episcopado.htm>. Acesso em: 05 de abril de 2008.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: 05 de abril de 2008.

Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2320>. Acesso em: 04 de abril de 2008.

6.3. Anexos

ANEXO A – D. Pedro II, (Imperador), *Carta Régia*. Rio de Janeiro: Manuscrito. 1872.

ANEXO B – *Religiões Comparadas*. Catholicismo. Rio de Janeiro: Cruzada Espiritualista, 1929.

ANEXO C – *Religiões Comparadas*. Protestantismo. Rio de Janeiro: Cruzada Espiritualista, 1929.

ANEXO A

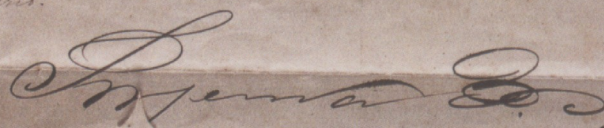

**Carta Régia
de
D. Pedro II**



**Universidade Presbiteriana
Mackenzie**

2002 - Ano do cinquentenário
131 anos da Fundação

Dom Pedro por Graça de Deus Unanime. Votacion
 dos Reis, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Bra
 zil, Faço saber aos que esta Minha Carta vir com que, Atten
 dendo ao que requereram os Membros da Sociedade Presbyteria
 do Rio de Janeiro, e Gonformando Me, por Minha immo
 da Resolucao de 18 de Setembro findo, com o parecer das Sec
 cretarias dos Negocios do Imperio e da Justica do Conselho de Estado
 e arados em consultas de 24 de Agosto de 1871 e de 10 de Setembro
 ultimo, Houve por bem, por Decreto N. 5105 de 3 de corrente mes
 de Outubro, Approvar, para os effectos civis, os artigos organicos
 ou compromissos da mesma Sociedade, datados de 15 de Julho de 1871
 e devidos em dezesseis artigos, com a clausula porim de que
 a Sociedade seja obrigada, nos casos e para os fins designados
 no Decreto N. 1225 de 20 de Agosto de 1864, a empregar licen
 cial quanto aos bens que d'ora em diante adquirirem. Pelo
 que Me mandei pagar a presente, por Mim assignada, e
 que sera sellada com as Armas Imperiaes. Dada no Palacio
 de St. de Janeiro, em dezete de Outubro de mil oitocento e setenta
 e dois, quinquagesimo primeiro da Independencia e do
 Imperio.



 por Miguel Com. e. Min.

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial Ha por bem
 Approvar os artigos organicos ou compromissos da Sociedade
 Presbyteria do Rio de Janeiro, como acima se declara.
 Para Vossa Magestade Imperial (Vir

Carta régia de 1872, aprovando os artigos orgânicos da Sociedade Presbyterio do Rio de Janeiro. Selada com as Armas Imperiais em 17/10/1872 e registrada na Secretaria do Estado dos Negócios do Império. (Frente e Verso do documento)

Registrada a ff 74 de livro respectivo.
H. deza: no Secretario de Estado das
Relações do Imperio, em 19 de
setembro de 1872.

A. G. Belfort Vieira

R\$ 30.000

P. q. trinta mil reis de
Lote Real em 19 de Setembro
de 1872.

Medeiros

R. de Souza

771

P. q. cento e setenta e sete mil
de 1872

em 19 de Junho de 1872

Carreira (S. M. de)

Antonio de Salla Belfort Vieira a Jex.

Transcrição do documento

Dom Pedro por Graça de Deus unamine, Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, Faço Saber aos que esta Minha carta virem que, Attendendo ao que requereram os Membros da Sociedade "Presbyterio do Rio de Janeiro" e conformando-Me, por Minha immediata Resolução de 18 de Setembro findo, com os pareceres das Secções de Negócios do Imperio e da Justiça do Conselho de Estado exarados em consultas de 21 de Agosto de 1871 e de 10 de Fevereiro ultimo, Houve por bem, por Decreto No 5105 de 3 do corrente mez de Outubro, Approvar, para effeitos civis os artigos orgânicos ou compromisso da mesma Sociedade, datados de 15 de Julho de 1871 nos casos e para os fins designados no Decreto No 1225 de 20 de Agosto de 1864, a Pelo que lhe Mandei (...) a prezente por Mim assignados, e que será selada com as Armas Imperiais Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em dezessete de Outubro de mil oitocentos e setenta e dois, quinquagesimo primeiro anniversario da Independencia e do Imperio.

Assinatura do Imperador

Carta pela qual Vossa Majestade Imperial Ha por bem Approvar os artigos organicos ou compromissos da Sociedade Presbyterio do Rio de Janeiro, como acima se Declara.

Para Vossa Majestade Imperial Vêr

(VERSO)

Registrado a pg 9 do livro respectivo 4 Secção da Secretaria do Estado dos Negocios do Imperio, em 19 de outubro de 1872

ANEXO B



RELIGIÕES COMPARADAS



CRUZADA ESPIRITUALISTA

NUCLEO DE ESTUDOS RELIGIOSOS, FILOSOFICOS
E SCIENTIFICOS

Oito Syntheses Doutrinarias

JUDAISMO.....	DAVID PÉREZ
BUDDHISMO.....	OSWALDO SILVA
CATHOLICISMO.....	ERNESTO BENEVIDES
PROTESTANTISMO.....	ERASMO BRAGA
ISLAMISMO.....	RUCHID SALHAB
POSITIVISMO.....	MOREIRA GUIMARÃES
ESPIRITISMO.....	CARLOS IMBASSAHY
THEOSOPHIA.....	JUVENAL MESQUITA

Não é intuito da Cruzada Espiritualista retirar ninguém dos cultos religiosos que professa; faz apenas uma tentativa de confraternização religiosa.

SÉDE

RUA LUIZ DE CAMÕES, 22

ADVERTENCIA

E' a Cruzada Espiritualista nucleo de estudos religiosos, filosoficos e scientificos, sem nenhuma feição sectarista. Tem como escopo a fraternidade, que em regra é optimo tema para brilhantes dissertações. Em vindo, porém, o ensejo de exemplifica-la é uma decepção, donde provem a descrença geral nos pregadores, que em via de regra pregam uma coisa e fazem outra. E' que para muita gente a oratoria é uma especie de sport, gostam de falar e mais nada. A religião é as vezes bom campo para esses exercicios. Infelizmente não é um campo pacifico e sim litigioso. E' onde os homens mais brigam. No entretanto, a religião é o elo que une o homem a Deus; são as relações que ligam a creatura ao Creador. Dizem os eruditos que o termo significa ligar ou religar, a experiencia, porém, revela, que é o que menos liga e mais desune. Porque? Pela ignorancia propositada de homens instruidos pelas doutrinas que não professam. D'ahi a intolerancia, uma das formas da crueldade.

Tanto que o homem se instrua cessa o efeito da maldade, que é a ignorancia.

Do que se vae lêr neste volume, exposto por homens de grande valor, cujas notas biographicas se encontram em outra parte, concluir-se-á com grande copia de provas, que a Religião é uma só e que as religiões são apenas aspectos diferentes da verdade, da belleza, e da bondade. São interpretações finitas duma verdade infinita. Os homens tambem brigam por causa de palavras, muitas vezes o que dá o sabor de novidade ás doutrinas é unicamente os titulos, pois já dizia o sabio Salomão... "Não ha nada que seja novo debaixo do sol, e ninguem pode dizer: Eis aqui

IV

está uma cousa nova; porque ella já a houve nos seculos que passaram antes de nós".

Vão verificar taes verdades na leitura destas eruditas conferencias. Como sempre houve os que não gostam da simplicidade e da clareza, o sabio rei de Israel já advertia: "O que eu unicamente achei foi que Deus creou o homem recto e que elle mesmo se metteu em infinitas questões". Isto é com os que amam o arvezado, o complicado, a polemica virulenta. Neste volume não ha apologetica, unicamente a serena exposição doutrinaria.

Não temos em mira, é aliás programma da Cruzada Espiritualista, retirar ninguem dos cullos religiosos que professam. O que temos em vista com esta obra, é estabelecer um laço fraternal entre os fieis de todos os credos, para que instruidos nas doutrinas varias se façam justiça, e se irmanem nos ideaes da fraternidade. Assim como não ha uma só cor, uma só raça, uma só lingua, um só clima, uma só arte e uma só moeda, tambem entra no plano da Providencia Divina, que não haja uma só religião, que são caminhos diversos para se allingir o aperfeiçoamento, pela sublimidade da doutrina moral, independentes de ritos ou cerimoniaes que tambem não constituem um mal, e para algumas almas são indispensaveis auxilios.

A Senhora Annie Besant, no estudo sobre o Islamnismo, disse mui judiciosamente: "Entre os factores que contribuem a caracterizar um paiz, a religião é o mais importante como fundamento e coroa da vida nacional".

Nas preciosas gravuras do artista Oswaldo Silva, que publicamos, esta verdade se evidencia. Pois segundo os doutos ensinamentos do illustre vice-presidente da Sociedade Teosofica no Brasil, Dr. Ivan Galvão:

"Cada um desses quadros representa tres coisas distinctas: a imagem (idealizada ou authentica) do Fundador da Religião, o seu symbolo ou signal mais caracteristico; e a civilização que della nasceu, materializada nos elementos architectonicos que o emolduram. Os dizeres da parte inferior traduzem o que ha de essencial em cada Religião e habilitam os leitores a estudal-a nas suas fontes genuinas."

Como este livro é um documento historico, bom é nada omitir o que se passou de interessante na serie memoravel de conferencias de Religiões Comparadas.

Cada noite a enorme sala, uma das maiores da cidade, tomava quanto possível a feição de templo da religião que se expunha.

Em a noite do judaismo, a mesa era composta de judeus, a effigie de Moysés, symbolo, pois as gravuras deste livro são symbolos — estava presa á parede e o canto foi em hebraico.

No do Buddhismo, a estatua de Buddha estava sobre a mesa, e o Sansara — quadro com as rodas dos renascimentos — collocado á parede. Queimou-se incenso, fez-se oração em lingua Pali e ouviu-se musica oriental.

O Christianismo dividiu-se em duas partes: o Catholicismo romano foi a primeira, com o salão ornado de imagens, executando-se o canto liturgico, em lingua latina. Nós que presidimos todas as sessões, demos a palavra em latim ao pregador, que ao recebe-la benzeu-se.

O Protestantismo foi a segunda, lendo-se nas paredes os letreros Evangelicos. Havia duas grandes Biblias sobre a meza ornadas de flores, e a musica foi executada pelo coro da igreja Evangelica Fluminense, sob a regencia do respectivo pastor.

Seguiu-se depois o Islamismo, com o crescente dos mahometanos e as sentenças do alcorão em arabe e portuguez afixadas nas paredes. Recitou-se a prece do Alkorão e cantou-se musica arabe.

Da vez do Positivismo ornou-se o salão com o retrato de Auguste Comte, e maximas da Religião da Humanidade, tocando-se musicas usadas no Apostolado Positivista do Rio de Janeiro.

O Espiritismo que não constituz uma religião propriamente dita teve o retrato de Kardec e as maximas do codificador enfeitando a sala.

As musicas foram as usadas na Cruzada Espiritualista.

A Teosofia, synthese de todas as religiões, fochou a brilhante serie falando o prelector ladeado pelos doze graficos das principaes religiões publicadas nesta obra. Entoou-se nesta occasião o bello hymno theosophico.

O edijicante em tudo isso era o espirito de confraternidade com que fideis dos varios credos tradicionalmente inimigos, aliravam flores e abraçavam felicitando aos demais oradores!

VI

A concorrência foi tal, que muitas vezes para evitar desastres iminentes, foi preciso impedir a entrada dos que á força queriam penetrar no enorme salão e suas dependências superlotadas.

O trabalho que damos á luz, com tanto esforço e despeza, é tambem um documento para demonstrar que o espirito brasileiro se não coaduna com a estreiteza sectarista e vesga e sim com a ampla visão da liberdade de consciencia.

GUSTAVO MACEDO

Fundador e Director da Cruzada Espiritualista.

CATHOLICISMO

Ernesto Benevides

20-7-1928

ERNESTO BENEVIDES

Natural do Estado do Rio. Sacerdote sem exercicio de ordens, porém fiel ao credo catholico, apostolico, romano do qual é praticante. Ao tempo de seminarista, foi secretario do bispo do Rio de Janeiro D. José Pereira da Silva Barros, Conde de Sto. Agostinho. Exerceu o vicariato durante nove annos na Barra do Pirahy, onde fundou a Sta Casa da Misericordia e tem o seu nome em uma das ruas da cidade. Escriptor e orador, publicou — Os erros sociaes. E' bacharel em Direito e advogado nos auditorios do Rio de Janeiro.



CATHOLICISMO

(Origem do Catholicismo — Fundação da Igreja
Catholica — Doutrina — Dogmas, cultos, devoções —
O Pontificado — Propagação da Fé e da Caridade.)

“TU ES PETRUS ET SUPER HANC PETRAM
ÆDIFICABO ECCLESIAM MEAM ET PORTÆ INFERI
NON PREVALEBUNT ADVERSUS EAM”.

Irmãos em Jesus Christo.

Haveis de comprehender facilmente o meu grande embaraço ao falar em um auditorio, onde avultam os mestres das religiões, impregnado de crenças e de fé; falar sobre um assumpto que enche todas as paginas da Historia, no curto espaço de 1 hora; falar, sem apresentar as credenciaes do Ministerio e sem estar revestido das vestes sacerdotaes que tanta imponencia dão aos pregadores! Falar, convicto de minha pequenez e miseria, sem confiar cegamente na benefica intervenção do Espirito da luz e da verdade, que inspirava os videntes de Israel, que illuminava e illumina ainda os pregadores! Mas confiante na vossa benevolencia e confiado na misericordia d’Aquelle que veio ao mundo, não para salvar os justos, mas os peccadores, ousou elevar o meu pensamento até o seio de Deus e invocar as luzes do divino Paracleto, por intermedio de Maria, a dadivosa distribuidora das graças — Ave-Maria! (O orador faz uma prece).

“Tu es Petrus” . . . *As expressões, o Papa, a religião christã, a Igreja Catholica são uma e mesma cousa*, disse Francisco de Salles. De maneira que não podemos tratar do Catholicismo, sem nos referirmos ao sacerdocio e ao Pontificado; não

podemos falar dos Pontífices sem falar do Christianismo; não podemos falar da doutrina christã, sem falar de Jesus; e não podemos falar de Jesus, sem nos remontarmos aos primordios da Humanidade. E é justamente nas primeiras paginas do Gênesis, onde encontramos a narração da obra grandiosa da criação do mundo e do homem; a lucta travada entre o bem e o mal; a queda de nossos protoparentes, resultando dahi o peccado original, segundo Moysés, o mais antigo dos historiadores, o mais sublime dos philosophos e o mais sabio dos legisladores, como diria Bossuet: é justamente ahi que vemos nitidamente caracterizado o Mysterio fundamental da S. S. Trindade—Deus Pae, creando o mundo e fazendo o homem á sua imagem e semelhança; Deus Espirito Santo, pairando sobre os elementos e Deus Filho, offerecendo-se para redimir a humanidade peccadora, prefigurado por muito tempo no Messias promettido, no REX FUTURI SOECULI, no SPECTATIO OMNIUM GENTIUM, no Salvador do mundo, que deveria nascer de uma mulher privilegiada, que esmagaria a cabeça da serpente: "Inimicitias ponam inter te et mulierem et ipsa conteret caput ejús." Para falar sobre o Catholicismo teriamos, pois, que acompanhar o povo escolhido por Deus para guardar as tradições e a fé, relembrando as figuras de Abrahão, Izaac e Jacob, e os vultos magestosos de Moysés, dos juizes e dos reis até David e Salomão, o mais sabio dos reis, até o nascimento do Christo. Este assumpto, porém, já foi magistralmente tratado pelo erudito orador que me precedeu nesta tribuna, o illustrado professor Dr. David Perez, que tão bom demonstrou as bellezas da religião hebraica. Cumpre-me apenas accrescentar que a religião da Biblia, a doutrina exarada no Antigo Testamento, é tambem a religião dos christãos, a religião dos catholicos, porquanto os textos dos livros sagrados, as prophcias de Izaías, de Daniel, as lamentações de Jeremias, os psalmos de David e os livros de Salomão de Job e Tobias, são todos os dias citados, recitados e cantados pelos sacerdotes catholicos. Para falar sobre o Catholicismo temos ainda que abrir as folhas inspiradas da historia antiga, mestra da vida e repercussora do passado, como diria o orador romano, e transportarmo-nos pelo pensamento alado aos grandes imperios do Oriente, aos Medas,

Persas, Assyrios e Babylonios, para vermos a terra tremer diante de estrepito dos exercitos innumeraveis dos seus reis, os Darios, Xerxes, Cyrus e Alexandres, como diria Rebello da Silva. Temos de ir ao coração do Egypto, donde surgiu o 1.º surto da civilisação e do progresso, para contemplarmos aquelles monumentos, aquellas pyramides que desafiam a intemperie dos tempos. Temos que voar á Grecia, cheia de gloriosas tradições e encantos, porque a sua natureza era uma primavera continuada; temos que nos extasiar diante dos seus athletas, dos seus oradores, dos seus poetas e pintores, dos seus legisladores e philosophos, para chegarmos á triste conclusão de que, por entre esses povos, nada encontramos, nada, absolutamente nada, que nos fale á alma, que nos toque ao coração, por isso que a propria Grecia, apesar dos Solons e dos Lycurgos, para se desfazer dos pobres, dos escravos e dos pequenos tinha leis especiaes.

Temos que nos transportar ao coração de Roma, a cidade dos Cesares, a dominadora do mundo, para vermos a triste situação a que tinha chegado a humanidade que, a despeito dos innumerados deuses que tinha, não conhecia o Unico Deus verdadeiro o IGNOTO DEO, a que se refere S. Paulo no Arcopago, tornando-se por isso mesmo mais fera do que as proprias feras, porquanto, quando estas recuavam saciadas de sangue, nos amphitheatros, o povo romano gritava estentoricamente: Mais escravos, mais christãos e mais feras!

Foi necessario que apparecesse o Christo, o meigo Jesus de Nazareth, o Messias promettido, cuja palavra doce e suave desceu no coração do povo sedento de amor, de luz e de liberdade como descem as gottas aljofradas do rocio da madrugada por sobre as petalas resequidas pelas ardencias do sol. Enquanto o paganismo dizia: "Bemaventurados são os que gozam, dizia Elle: "Bemaventurados são os que soffrem, os que choram, porque serão consolados. "Bemaventurados são os pequenos, porque serão grandes no reino dos Céus." Só então a humanidade comprehendeu a existencia de um Deus humanado, prompto sempre a attender as nossas supplicas, satisfazendo ás nossas aspirações. Nascendo pobre e humilde em uma mangedoura, quando poderia ter nascido em berço de marfim, consegue logo dominar pelo amor. Discute no

templo, com os Sacerdotes, confunde hypocritas e phariscus, como no caso da mulher adúltera; manda dar a Cezar o que é de Cezar, perdôa a peccadora, **QUIA DILEXIT MULTUM**; implanta o marco da renovação do direito, julgando não pelas apparencias, mas pela intenção; é condemnado por instigação dos proprios Pontifices e Sacerdotes, que lhe não reconhecem a missão divina e morre no alto da Cruz, perdoadando os proprios algozes e levando o requinte do seu amor a ponto de justificar-lhes a falta: *Non Enim Sciunt Quod Faciunt*. Eis porque disse um escriptor que se a morte de Socrates foi de um sabio, a morte de Jesus foi de um Deus: e Renan acrescenta que a palavra do Christo é a ultima dita sobre os destinos da humanidade. Não veio destruir a lei antiga, mas executal-a, ainda que aperfeiçoando-a, de accordo com as nossas necessidades. *Non Venim Solvere Sed Adhimplere Legem*.

E' então que vemos o grande milagre da fundação da Igreja Catholica. Escolhe para apóstolos 12 homens, simples e humildes, e para chefe o mais timido, o mais inconstante de dentre elles, Pedro, que tão bem symboliza a humanidade, sempre prompta a fazer propositos e a resvalar no peccado.

Tu Es Petrus...

Estabelecida a hierarchia sacerdotal, segundo a ordem do Melchisedeck, (discipulos e apóstolos, sacerdotes e bispos), esse pugilo de homens, inspirado pelo Espirito Santo, inflammado de amor, e obedecendo o preceito de *Ite, docete*, soffrendo todos os tormentos narrados por Paulo, o illuminado de Damasco, nos actos dos Apóstolos, faz os primeiros proselyptos, que são os martyres, as virgens e os confessores; e, transformando em sementeiras o sangue dos christãos, consegue pela resignação e pelo amor, vencer os tyrannos, n'uma lucta encarnizada de 3 seculos. Convertido Constantino á nova doutrina, diante do signal luminoso — o *In Hoc Signo Vincet*, — que vira nos ceus, triumpho o divino revolucionario, ficando implantada na terra a loucura da cruz, e o lemma refulgente da liberdade, egualdade e fraternidade, muito antes de ser proclamado pela revolução franceza. Liberdade, porque acabara com a escravidão; egualdade, porque

todos são filhos de um mesmo pae; fraternidade, porque são todos irmãos. Juliano, o apostata, ultimo perseguidor implacavel da Egreja nascente, morre em combate, e, arrancando do peito uma golphada de sangue, exclama, num gesto de indignação e franqueza: "Venceste Galilcul!" Estabelecida estava a Egreja Catholica, apostolica, romana. Catholica, porque se espalhara por toda a parte; apostolica, porque fôra pregada pelos apóstolos; romana, porque os seus chefes, a começar de Pedro, quasi que ininterruptamente têm residido em Roma, ficando assim simplesmente realizada a promessa do Christo: Tu Es Petrus. . . E' então que a Egreja, resfolegando por algum tempo, trata de codificar a sua doutrina, de accordo com a tradição e com os Evangelhos, consubstanciando-a nos artigos da Fé, no Credo, no Symbolo dos Apóstolos. E' a crença em um «Deus Todo Poderoso, creador do ceu e da terra», etc.

Atravessamos a noite negra e tempestuosa da Edade Media, como é geralmente chamada, e a barca de Pedro, por diversas vezes parece que vae sossobrar, sacudida por ondas revoltas; mas, em meio da escuridão existente, irradiou sempre o facho luminoso da religião, conseguindo as ordens religiosas, notadamente os Benedictinos, salvar da destruição os grandes thesouros litterarios que possuímos.

Não se pôde negar a existencia de abusos e vacilações e de fraquezas. Mas isto só serviu para demonstrar que o sol tambem tem manchas, que a barca que tinha por pilotos homens sujeitos á fragilidade humana, era guiada pelo Espirito Santo e tinha por timoneiro o mesmo Jesus. *Tu Es Petrus. . .*

Serenada a borrasca, surge mais radiante e mais bella, como mais radiante e mais bella desperta a natureza, após a tempestade. E' então que a Egreja, secundada pelas ordens religiosas, convoca concilios, entre os quaes o celebre Concilio Tridentino, e toma medidas energicas, estabelecendo censuras e penas. (Vem o Syllabus, condemnando doutrinas contrarias á moral e ao bom costume, como a separação da Egreja do Estado, o casamento civil, etc. Surgem os dogmas da infalibilidade do Papa quando fala ex-cathedra e da Immaculada Conceição.

Para falar sobre os—cultos—preceitos—ritos e cerimoniaes, basta abrir o cathecismo, onde vemos logo que o homem foi feito para conhecer, amar e servir a Deus e por este modo alcançar a vida eterna. Sendo este o seu unico fim, tudo terá que fazer para evitar a tentação, o vicio e o peccado, ou os 3 inimigos da alma — o mundo, o diabo e a carne. Para conseguil-o, os catholicos lançam mão da prece, arma poderosa — fazendo frequentemente o signal da cruz. Fazem a 1.^a cruz na testa, para que Deus os livre dos maus pensamentos; a 2.^a na bocca para evitar as más palavras, e a 3.^a no peito, para afastar as más obras que nascem do coração. Recitam o Padre-Nosso, oração dominical, ensinada pelo proprio Jesus aos seus discipulos, quando lhes perguntaram como poderiam agir em suas difficuldades. São 7 petições que encerram tudo quanto precisamos para nosso corpo e espirito. Recitam a *Ave-Maria*, a oração por excellencia, collocada pelos anjos nos labios dos homens para decantarem as glorias de Maria, Mãe de Deus. A “*Salve Rainha*”, a meliflua prece em que o catholico exclama: — “Mãe de misericordia, vida, doçura, esperança nossa!... Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei!

São os catholicos obrigados a observar os Mandamentos da Lei de Deus que, de 10, se resumem em 2 — amar a Deus e ao proximo. Si fossem observados não precisaríamos de Codigos, nem de Leis, nem de Justiça, nem de advogados e parece que bem pouco perderíamos com isso. Foi por isso que Montesquieu disse: “A religião christã que, á primeira vista, parece só se preocupar com a nossa felicidade na vida futura, promove tambem a nossa felicidade na vida presente.

São obrigados a observar os mandamentos da Egreja — ouvir missa — confessar-se, jejuar e fazer abstinencia, tendentes todos esses mandamentos ao aperfeiçoamento da vida religiosa. São obrigados a receber os 7 sacramentos, a começar pelo Baptismo, que nos abre a porta da Egreja, até a extrema-uncção, que nos fecha os olhos da terra, para vermos as maravilhas dos Céus. Sacramentos cujas bellezas são decantadas por Chateaubriand, no “*Genio do Christianismo*”; Sacramentos que têm o duplo aspecto religioso e social. São obrigados a evitar os peccados mortaes: — a soberba, etc; a observar as obras de misericordia, corporaes e espiri-

tuas. Dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e consolar os afflictos.

Para falar sobre o catholicismo teriamos que nos referir ás virtudes theologaes: Fé, Esperança e Caridade. A Fé, que opera prodigios, a Esperança que nos alenta, a Caridade que é o proprio Deus — *Deus Caritas est.* Teriamos que falar, sobre a liturgia, sobre o culto divino, o Sacrificio da Missa, a commemoração diaria da vida, paixão e morte de Jesus, em que se realisa o grande milagre da transubstanciação, quando o sacerdote, pronunciando as palavras proferidas pelo Christo, na ultima ceia, transforma a particula em corpo e alma e divindade de Jesus, tão realmente como está nos ceus. *Non Relinquam Vos Orphanos.* Não satisfeito de ter morrido por nós, não nos abandonou; quiz ficar entre nós, ainda que veladamente, sob as apparencias do pão e do vinho. "Arrancae Jesus Sacramentado da Egreja, diz o grande Julio Maria, e o templo não será mais que synagoga, propria para todos os usos, menos para nos incitar á piedade!

O Sacrificio da Missa é a cerimonia civica e religiosa em que se presta culto especial aos mortos, aos Santos e ao proprio Deus, de accordo com o ritual das missas de Requiem, votivas e solcmnes. O ceremonial — a alva, a o amicto, etc., recordam todas as passagens da vida de Jesus.

As Devoções — A devoção do Coração de Jesus.

Sendo o coração a 1.^a cousa que se forma e a ultima que desaparece na organização do corpo; sendo o centro, o receptaculo de todos os affectos, é natural que o Coração de Jesus, que tanto soffreu por nós, tenha um culto especial. E' por isso que os catholicos fazem em suas casas a consagração da imagem do Coração de Jesus, que lhes diz incessantemente: *Si Quis Vult Post me Venire, Abneget Seme — Tiptum, Tollat Crucem Suam et Sequatur Me. Venite ad me Omnes qui Laborati et Ego Refician Vos. Si procepta Mea Servaveritis, Manebitis in Dilectione Mea...* Aos que soffrem: — *Gaudete et Exultate... Merces Vestra Copiosa est in Coelis...* Aos orgulhosos: — *Discite A Me, Quia mitis Sum et Humiles Corde.*

Culto de Maria. Si Maria é mãe de Deus, não podia ser contaminada do peccado original. D'ahi o dogma da Immaculada Conceição: d'ahi a especial devoção que têm os catholicos á Nossa Senhora: d'ahi as ladainhas, o rosario, o mez de Maria, despertando a alegria, na vida presente, para gozarmos a felicidade da vida futura.

Tão grandiosas e estupendas são as descobertas dos ultimos tempos que, quando meditamos sobre ellas, sentimos a vertigem; parece desaparecer o impossivel. Vêde o raio X, o telegrapho sem fio, a cinematographia. Não sabemos bem onde acaba o natural e onde começa o sobrenatural. A sciencia parece dizer á intelligencia: *Surge, Amica Mea, Veni, Procede et Regna*. No emtanto, apezar de tantos milagres, a sciencia ainda não descobrio o meio de enxugar uma lagrima, o que faz todos os dias o culto de Maria. A Mãe desconsolada, vendo a sciencia declarar-se impotente diante do filho moribundo, soergue os olhos para Maria; o nauta, no meio das ondas encapeladas, vendo o navio prestes a sossobrar, perdidas todas as esperanças, confia ainda na Estrella do mar. D'ahi as diversas invocações de N. Senhora: N. S. do Parto, do Allivio, das Victorias, do Amparo e do Rosario. Rainha dos anjos e consoladora dos afflictos, Maria torna-se, assim, o remedio infallivel para as nossas enfermidades.

* * *

Eis-me chegado á ultima parte da Conferencia e é quando me sinto mais embaraçado. Tendo procurado seguir o *Esto Brevis Et Placebis*, e me esforçado por não me afastar do horario do programma, esbarro diante da declaração que não pode se fazer apologia, nem mesmo na peroração aconselhada aliás pela rhetorica. Mas eu pergunto: Será possivel olhar para o sol, sem ficarmos extasiados diante de sua luz creadora? Será possivel contemplarmos as estrellas, sem nos sentirmos deslumbrados diante de sua refulgencia? Será possivel encararmos a lua, pallida e serena, sem sentirmos a sua benefica influencia? Será possivel olharmos para o mar — “essa imagem movel da immovel immensidade”, — sem nos sentirmos arroubados diante do fluxo e refluxo de suas ondas; diante do sal, desse

elemento indispensavel que conserva incorruptivel aquelle alluvião, aquella massa d'agua? Será possível falarmos de Deus, de Jesus, centro luminoso do systema religioso, vesuvio de amor e caridade, sem nos sentirmos arrebatados? Será possível falarmos dos santos, satellites de Jesus, sem ficarmos extasiados diante de suas virtudes? Será possível fallarmos de Maria, *Electa Ut Sol, Pulchra Ut Luna*, sem nos sentirmos enlevados? Será possível falarmos do sacerdocio, dos missionarios, dos apóstolos da fé, dos Summos Pontifices, *Lux Mundi Et Sal Terrae*, sem nos sentirmos arrebatados? Pois bem, sem me afastar do programma, e sem lançar mão de sophismas, direi, não — repetirei apenas o que dizem os catholicos sobre o chefe do Catholicismo e a sua efficaz actuação na propaganda da fé e da caridade.

O Papa, diz a Egreja, é o Vigario de Jesus, e o intermediario entre o ceu e a terra. E' uma creatura admiravel, que não vem de si, porque foi feita por Deus; não é de si, porque pertence a todos. E' menos que ninguem e mais do que todos *Sacerdos Alter Christus*. . . E' o doce Christo do nosso planeta. E' a personalidade historica que exerce uma soberania, em que o divino e o humano, o eterno e o temporal, se unem para constituirem o principio e o fim da unica instituição do mundo que, durante 20 seculos, permanece inmutavel — a "Egreja Catholica". *Tu Es Petrus*. . . Nenhuma soberania terrena poude, com o perpassar dos seculos, resistir á obra destruidora dos tempos; nenhuma representa uma entidade superior que, atravez das mil transformações por que tem passado a sociedade, ficasse tal qual fôra constituida pelo seu divino Fundador.

"Desde Pedro até Pio XI, o 1.^o e o ultimo dos Papas, têm os chefes do Catholicismo, mais ou menos sabios, mais ou menos dignos, mais ou menos tolerantes, a mesma personalidade, a mesma entidade: e sobre elles a historia da Edade Media, como a historia moderna poderá dizer: guardaram o thesouro da fé, pregaram a mesma doutrina, exerceram o mesmo poder, governaram com as mesmas attribuições, representaram o mesmo principio, attingiram o mesmo alvo. Foram e são o *Rex Pacificus*, sem outra espada que não a penna; sem outra arma que a palavra e as encyclicas: sem outro cortejo

senão o dos pobres, sem outra guarda senão o affecto dos povos, sem outra lei penal, senão as censuras. As instituições humanas nascem, chegam á decrepitude e desaparecem. Reis, imperadores de gerações em geração, de seculo a seculo, obedecem á regra implacavel da evolução dos tempos; são victimas das tempestades, são levadas pelas ondas revolucionarias, menos o Papa. 20 seculos dão testemunho de sua firmeza. Tu Es Petrus. . . A figura branca do Pontífice no fundo da prisão ou na cadeira gestatoria, nas humilhações como nas aclamações, não muda nem se altera: é sempre a mesma! Chame-se Pedro, Leão X, Leão XIII, que tão bem resolveu o problema do socialismo, ou o Papa actual, acatado pelas nações civilisadas, é o mesmo Pedro que vive, reina e governa, como Senhor absoluto dos corações dos crentes, conservando o principio da autoridade no meio do cahos em que vivemos. Vencedor, não odeia os inimigos, porque sua missão é de paz e de amor, governando pela caridade. Quando fala *Ex-Cathedra*, infallivel é a sua palavra porque fala com a autoridade de que Deus o investiu. Fala ao rico e ao pobre, ao rei e ao subdito, ao douto e ao ignorante e a sua palavra illumina os espiritos e os guias pelo caminho da luz e da verdade. A força divina do Papado produz as almas heroicas, e, em todos os corpos da vida social apparece como o sorriso de Deus, como a encarnação da bondade e de saber divino. Thomaz de Aquino e Vicente de Paulo, Bernadette e Joanna d'Arc e Sta. Theresinha são fructos sazonados do calor do papado, que continúa a dominar os povos pelo exemplo dos santos, luzeiros da sciencia, modelos de virtudes, monumentos graníticos da justiça, perolas preciosas da historia, honra dos povos em que viveram. Os heroes, os genios, os martyres, os santos, devemol-os ao Vigario de Jesus Christo, — a maior força moral que existe sobre a terra; força perenne que age e actúa por toda a parte do mundo christão, acima de todos os ambientes, indefectivel e efficiente."

"Desde os apostolos até Constantino, desde Carlos Magno ao captiveiro de Avinhão, á Revolução Franceza, ao liberalismo, ao socialismo, ao anarchismo, ao bolchevismo, em todas as transformações sociaes, em tudo que se desmorona, e baqueia, acha-se de pé o Papa, cheio de magestade e vigor,

resistindo aos poderosos, ás aberrações da intelligencia, aos desmandos da licenciosidade, conservando inabalavel o principio da autoridade. Põe diques aos abusos da iniquidade; á onda revolta da immoralidade, põe freio; e permanece invencivel e superior ás injurias, calumnias e menoscabos. Continúa e continuará a obra salvadora do Divino Mestre até o fim dos seculos, volvendo os crentes cheios de confiança, seus olhares para o Vaticano, pharol que illumina o mundo catholico.

E com effeito, na descoberta da America, vemos Colombo, auxiliado pelos reis catholicos da Hespanha e guiado pela fé, conseguir o fim almejado. *Colombus Noster Est* — disse Leão XIII. Ao lado de Cabral, saltou Frei Henrique nas plagas brasileiras: e, emquanto aquelle, inflamamado pelo patriotismo, tomava posse da terra em nome d'El Rei, este inflammado pela fé, implantava a cruz no solo, descoberto. Apparecem depois, os Nobregas e os Anchietas, cujos nomes todos pronunciam com respeito e veneração, arrancando elles e seus companheiros as seguintes phrases de Victor Hugo: "Oh! mes frères! "Je viens vous apporter mon Dieu. Je viens vous apporter ma tête!"

Foram elles que inspiraram Castro Alves, o mais arroubado dos nossos poetas, nos *Jesuitas no Brasil*.

"Quando o vento da fé soprava a Europa
 Como um tufão que impelle no ar a tropa
 Das aguias que pousavam no alcantil.
 Do zimbório de Roma, a ventania
 O bando dos apostolos sacudia,
 Aos erros do Brasil!

O navio maltez, do Lacio a vella,
 A luza naú, a quina de Castella,
 Do hollandez a galé,
 Levavam sem saber, ao mundo intciro,
 Os vandalos sublimes do Cordeiro,
 Os Atilas da Fé!

Homens de ferro! Mal na vaga fria,
 Colombo ou Gama um trilho descobria
 Do mar nos escarceus,

Um padre atravessava os Equadores
 Dizendo: Genios, sois os batedores
 Da matilha de Deus!

O martyrio, o deserto, o cardo, o espinho
 A pedra, a serpe do sertão, marinho,
 O frio, a fome, a dôr,
 Os insectos, os rios e as lianas,
 Pedras, miasmas, setas e savanas,
 Horror e mais horror!

Grandes homens! Apostolos heroicos!
 Elles diziam mais do que os estoicos,
 Dor! — tu és um prazer!
 Grelha! — és um leite! Brazal! és uma gemma
 Cravo! — és um sceptro! Chamma — um diadema!
 Oh morte! — és o viver!

Eram elles que o verbo do Messias
 Pregavam, desde o valle as serranias,
 Do pólo ao Equador.
 E o Niagara ia cantar aos mares...
 E o Chimborazzo arremessava aos arcs
 O nome do Senhor!

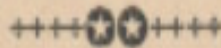
E que diremos da Caridade, dessa virtude immensa e sublime que sae do coração e que os labios não sabem definir? Dessa virtude que é filha genuina do christianismo? Dessa virtude que constitue um doce commercio entre o pobre e o rico: graças da parte do pobre que as obtem dos ricos, em nome de Deus; graças da parte dos ricos que as obtem de Deus em nome dos pobres? Que diremos dessa virtude, derramada na terra pelo Catholicismo, senão o que a vemos nas nossas Cathedraes, nos nossos templos, nos sodalicios religiosos, que alimentam os altares e nos hospitaes onde adejam os anjos da Caridade? Que diremos da Caridade, influenciada pelo Catholicismo, senão que ella é a virtude por excellencia; que quem não tem caridade não é bom catholico? Que diremos da caridade, senão que é o preceito

maximo do Evangelho, a virtude de que falando o maior dos poetas contemporaneos, e immortal Guerra Junqueiro, quando diz:

Homem dá pelo amor ao pobre e ao desvalido
Teu coração, teu pão e teu vestido,
Pelo amor, pelo amor, como Jesus,
Sorri a Deus, pregado n'uma Cruz!

Pelo amor com teus labios virginaes,
Beija cancos e lepras de hospitaes.

É só assim gozareis da eterna paz,
Porque, ao fechar os olhos teus,
Trigo de Deus, absorto em Deus descançarás!



ANEXO C

PROTESTANTISMO

Erasmu Braga

27-7-1928

ERASMO BRAGA

Natural de S. Paulo, Ministro Evangelico. Professor no Mackenzie College. Cathedratico de historia ecclesiastica e hebraico no seminario protestante de Campinas. Pertence ás Academias de Letras de S. Paulo e Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, e á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, á National Geographic Society de Washington e á Academia de historia Internationale de Paris, e Academie Latine de Paris. Tem representado o Brasil em varios congressos internacionais de estudos religiosos.

PROTESTANTISMO (*)

“Creio em Deus Pae, Todo Poderoso, Creador do Céu e da Terra, e em Jesus Christo seu Filho Nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espirito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Poncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado e ao terceiro dia resurgiu dos mortos, subiu aos céos e está assentado á dextra de Deus Pae Todo Poderoso, de onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos; creio no Espirito Santo, na Santa Igreja Catholica, na Communhão dos Santos, na remissão dos peccados, na resurreição do corpo e na vida eterna. Amen.”

Eis, meus irmãos, a formula de fé que ha quasi dois mil annos tem constituido o credo commum da Christandadei

Acto de contricção.

Eu desejava de inicio, fazer em nome de todos os meus correligionarios uma confissão. Durante estes vinte seculos,

(*) Do Dr. S. G. Inman, da secção de direito internacional da Universidade de Columbia, New York, secretario do “Committee on Cooperation in Latin America, recebeu o conferencista a seguinte carta:

“Causou aqui muita impressão a noticia de que no Rio de Janeiro se realisavam conferencias das varias religiões, nas quaes V. tomou sua parte. Transmittimos a noticia que nos enviou a cerca de 150 jornaes. Si em toda a America do Sul se realizassem movimentos semelhantes é certo que desappareciam muitos preconceitos os quaes retardam os varios paizes desse continente.”

a despeito de todos os esforços por seguir a Jesus Christo, por comprehender e realisar os seus elevados ideacs, os seus seguidores só pallidamente têm representado a belleza do seu character e a grandeza de seu poder. Infelizmente, jamais conseguimos elevar-nos á altura de sua paciencia e á doçura de sua irmandade para com aquelles que Elle veio salvar!

Ninguem é mais consciente das nossas falhas, ao palmilharmos o caminho, que o Mestre assignalou com as suas pégadas, do que nós mesmos, porque, quando medimos a nossa estatura moral pela grande e admiravel personalidade de Jesus Christo, sentimo-nos humilhados por não termos logrado reproduzir integralmente o character do Mestre na vida imperfeita de seus seguidores, nem na vida collectiva das communidades que o cultuam.

Os credos não são o christianismo

Ao encetarmos o nosso estudo, devemos tambem fazer clara uma distincção.

Jesus personificou a sua doutrina. Foi o paradigma da perfeição humana. Seus ensinamentos, expressão directa de sua mentalidade á geração coeva contêm a essencia de sua ideologia religiosa. E' mister remontar até o pensamento authentic, original, de Jesus, para comprehender-lhe o sentido real. Seus discipulos, traduzindo o pensamento do Mestre, definindo-o em formulas racionaes, apresentam a interpretação humana, reflexo pallido e desfigurado, e por vezes, pouco reconhecivel do original que os inspira.

Cumpre, portanto, fazer discriminação entre os credos, as doutrinas, as organizações christãs e o christianismo de Jesus, que o revelou á humanidade. Apreendidas as grandes verdades expressas na forma singela de parabolae, essa forma didactica tão accommodada ao espirito oriental de demonstrações accionadas nos actos prodigiosos que impressionavam objectivamente as massas como "lição de cousas", os discipulos de Christo entraram logo, consoante as correntes philosophicas de varias epochas, a tentar com precisão logica definir Deus. Assim, ás theogonias do paganismo o pensamen-

to christão apresentou o succedaneo das theologias. Na definição dos dogmas, a que tem feito contribuição larga todas as correntes de pensamento humano. até mesmo as que mais se oppõem á personalidade e á ideologia do Christo, surgiram as scitas, as divisões, as escolas e as confissões divergentes que não raro se contradizem, se estigmatizam e se perseguem mutuamente.

Dahi a necessidade manifesta em varias epochas da historia do christianismo, para refrigerio das almas que aspiram á espiritualidade e á renovação do christianismo, de reverter, na vida, no culto e na ideologia, á fonte original do christianismo — a Jesus.

Reversão ao christianismo primitivo

Foi, precisamente, um movimento desses, de reversão ao christianismo primitivo, que agitou o mundo occidental no seculo dezeseis. A inquietação espiritual, as perturbações da consciencia, a insaciedade de almas afflictas pela discordancia entre os ideacs divinos e as imperfeições e fragilidades humanas reconduziram multidões áquelle que, outr'ora, contemplando de um viso da Palestina os valles onde arquejavam populações opprimidas e soffredoras, disse com infinita meiguice: "Vinde a mim todos os que andaes em trabalho e vos achaes carregados... aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas."

O christianismo e o livro.

A reforma religiosa, que desde então constitue um dos factores mais significativos da vida espiritual da humanidade, nestes quatro seculos, caracterizou-se pela intensa preocupação com lêr e vulgarisar os documentos historicos portadores das informações do que Jesus fez e ensinou, consoante o testemunho dos seus contemporaneos e dos seus discipulos que mais de perto o seguiram e melhor lhe entenderam o pensamento. Dahi tira o christianismo evangelico o traço mais visivel, que o caracteriza: é eminentemente a religião de um

livro — a Biblia. Nesse volume, antes uma bibliotheca de sessenta e seis pequenos livros, está a documentação do christianismo. A selecção desses livros, dentre uma consideravel molle de registros, annaes, chronicas, poemas, tratados de moral, admoestações propheticas, fez-se lentamente, por um processo analogo ao que, na conservação dos documentos literarios das raças, preserva do esquccimento e das devastações do tempo e dos vermes os volumes essenciaes á cultura e ao progresso da humanidade. Ha livros que é mister salvar das conflagrações. O que se passa na esphera da intellectualidade pura e da arte, ocorre tambem na vida espiritual — os livros que correspondem aos grandes ideaes, que encorporam as vibrações mais sublimes da alma humana em contacto com as espheras divinas do Verdadeiro, do Bom e do Bello — tornam-se indispensaveis, são immorredouros, transcendem á popularidade de sua epocha. Se os lançam ao fogo, ha mãos que, para os arrancar ás chammas, não se temem de os humedecer de sangue. Se se tornam escassos, não ha sacrificios impossiveis para divulgar-os aos milhares.

Eis porque é feição notavel do protestantismo essa, a que deu relevo o director desta reunião, referindo-se ao carinho com que estudamos o nosso livro, e a nossa preocupação absorvente com fazel-o accessivel a todas as camadas sociaes, com tornal-o intelligivel em todos os idiomas, fazel-o penetrar em todos os lares.

Tornamo-nos assim, um dos grandes elementos de cultura no seio da humanidade, por que somos os propagandistas do livro. E como o livro não age por energia catalytica nem exerce acção magica, é preciso ensinar o povo a ler. E' por isso que o protestantismo tem sido em todos os paizes onde exerce normalmente sua influencia sobre as massas, mesmo pela acção de minorias consideraveis, o creador de escolas, e tem suscitado uma sêde insaciavel de leitura. Em nosso paiz não ha livro mais divulgado que os textos do christianismo. Cerca de 3.000.000 de volumes, de todo ou de partes do livro essencial, já foram collocados em mãos de brasileiros. Está sobejamente comprovado por documentos publicos, que a renovação do ensino primario no Brasil é um sub-producto da propaganda evangelica.

As tres grandes formas historicas do monothcismo, o judaismo, o christianismo e o islamismo, participam desse caracteristico: são religiões de um livro. Cabe, todavia, ao evangelismo a primazia — foi a reforma religiosa do seculo dezeseis que liberou na mentalidade humana as energias intellectuaes que resultaram na cultura moderna e na imprescindivel alphabetização das massas populares. O protestantismo deu á civilização Amos Comenius, a escola popular lutharana, Froebel, e criou na consciencia publica a noção de que o analphabetismo é um estigma vergonhoso para qualquer aggregado social. E, se buscarmos a razão de ser deste apego ao livro, dessa anciedade por que todos os seres humanos sabiam lér e possuam "o livro", é a concepção espiritual da necessidade absoluta de que a cada individuo cumpre vêr com seus olhos, entender com sua mente, a revclação de Deus, da graça e da verdade em Jesus Christo.

A documentação do christianismo.

Surge, porém, uma interrogação inquietadora: Qual a garantia que offerecem os documentos do christianismo de representarem a verdade historica e o ensinamento autentico de Jesus?

Só podemos alludir, nos estreitos limites de uma conferencia, ás pesquisas, ataques, controversias, que tem suscitado esse livro. Obras de crudição assombrosa, infelizmente quasi desconhecidas em nosso meio, constituem rico patrimonio da cultura moderna; contêm as locubrações de homens de sciencia, amigos e inimigos do christianismo, empenhados em esmerilhar minuciosamente essa documentação. Os museus conservam em seus thesouros codices preciosos, sobre que os reagentes chimicos, as investigações microscopicas, a acuidade critica, têm esmiuçado provas a favor e contra sua legitimidade.

Ao aspecto da comprovação palcographica do christianismo, é hoje fartamente conhecido, mercê, por exemplo, do que refere Reinach em sua *Minerva*, que nem uma das obras literarias da antiguidade classica, nem quanto á qualidade

e, muito menos quanto ao numero de codices, têm a comprovação dos livros sãgrados do christianismo.

As excavações archeologicas, que fazem resurgir no Oriente as sédes das civilizações antigas, têm, diriamos miraculosamente, solvido em favor da veracidade historica dos livros dos israelitas e christãos, problemas que á critica pareciam ha poucos decennios comprometter seriamente os creditos da Biblia.

Ao texto, se tem applicado com rigor as provas acidas da critica paleographica, resultando, por exemplo, no volume admiravel do Novo Testamento editado por Eberhard Nestle, depois da collação de cinco mil manuscriptos gregos.

A authencidade dos livros varios contidos na Biblia, o pensamento e o estylo de seus auctores, conhecidos ou anonymos, têm sido esmiuçados pela critica historica e literaria, resultando d'ahi uma intelligencia mais lucida de seu conteúdo, e uma perspectiva mais real de seu fundo historico.

E' hoje possivel, com maior segurança que em outras éras, ir a essa fonte documental indagar-se o que pensava o Christo, que ensinou elle aos que lhe contemplaram o gesto e lhe ouviram a voz.

Aquelles que se chamam christãos e avaliam o christianismo como o grande e inestimavel thesouro da humanidade, apegam-se a essas documentações historicas, porque nella se cifra a sua religião, e nesse livro reside a fonte de toda a verdade e auctoridade em materia de crença e fé, doutrina e moral pratica. E, se bem pesquisarmos esses livros, encontraremos cartas dos apóstolos e outros discipulos immediatos do Mestre expondo o que pensavam de Christo e Christo de si mesmo, e chegaremos a fazer uma descoberta interessante: é que o christianismo não se resume só nessa formula, que ha pouco recitei, o credo commun das igrejas christãs no universo ha cerca de vinte seculos — transcende o credo e personalisa-se em Jesus.

O dogmatismo e o fraccionamento da christandade

Durante longo periodo, a razão humana elaborou a philosophia do christianismo na definição do dogma. Nesse pro-

cesso, era inevitável a intercurrencia das escolas em que se têm dividido o pensamento humano, ao formular-se o conceito racional do universo e de Deus. Foi, assim, inevitável a formação de orthodoxias e o consequente fraccionamento da christandade. Esse phenomeno seguiu primeiro a linha de clivagem entre a mentalidade oriental e a latina, sob a pressão do neo-platonismo. Depois que a orthodoxia latina soiffreu a infiltração do aristotelismo medieval, veio a Reforma scindir a christandade latina. Os dois seculos seguintes testemunharam controversias que, sob o regimen da liberdade de pensar, recém-adquirida, resultante do livre exame, deram logar á formação de numerosos grupos em torno de varios typos de orthodoxia, com referencia já ao governo ecclesiastico já aos sacramentos ou ainda á philosophia do livre arbitrio.

Definidas as varias escolas, hoje pela iniciação religiosa, pelas relações sociaes, ou pela afinidade mental, aggreemiam-se os individuos nos differentes typos historicos da fé christã.

Mas, é licito e razoavel levantar a questão: Entre a variedade perturbadora de credos, no meio de dissidios de doutrina, onde está a verdade? Qual o grupo christão a que devemos nos ligar?

O evangelismo christocentrico

E é precisamente com relação ao Protestantismo que se dá vulgarmente relevo á multiplicidade de suas divisões. Deve-se, todavia, com probidade reconhecer que ha uma unidade espiritual entre as denominações evangelicas, primordialmente em sua attitude para com a divina personalidade de Christo e na manutenção em commum de tres principios que vinculam indissolvelmente o christianismo reformado ao espirito do christianismo primitivo: 1º) o accesso directo do homem a Deus; 2º) a accepção da Biblia como regra de fé e pratica; 3º) a communhão e o sacerdocio universal dos crentes.

Ademais, mantida a unidade essencial, a evolução religiosa da christandade conduz-nos a um plano superior, transcendental, em que a discriminação entre o dogmatismo e o fideismo elucidou o caracteristico presente mais notavel do

Protestantismo — a convergencia para o centro commum de culto e devoção pratica, o Christo redivivo. Como os raios do circulo se aproximam uns dos outros quanto mais chegados ao centro, assim o evangelismo christocentrico está, em um grande movimento centripeto, atingindo a um gráo maior de unidade espiritual que no seu dynamismo espiritual e valor moral transcende vantajosamente á unidade politica do vaticanismo.

O evangelismo fideista

Mas, façamos a distincção entre dogmatismo e fideismo, entre crença e fé.

A crença corresponde ao dogma e responde á questão — que devo crer?

A fé corresponde á fidelidade pessoal, união affectuosa, a entrega de si mesmo a outrem, e responde á pergunta — em quem devo crêr? E a resposta é — em Christo. Dahi resulta a definição admiravel de Griffith Thomaz: "O christianismo é Christo". E o concilio de Jerusalém na sessão de 5 de Abril do anno de 1928 declarou solemnemente: "Nossa mensagem é Jesus Christo. E' elle a revelação do que Deus é e do que o homem pode vir a ser mediante Christo."

O fideismo consiste, pois, na phrase de Ugo Janni, "em valorizar a fé como o unico meio da salvação, independentemente das crenças e das obras", isto é, a crença e a moral são consequentes e não antecedentes da fé salvadora. Por outra — ninguem se salva pela adhesão intellectual a um dogma, e em confronto com a santidade de Deus e a perfeição do paradigma humano que é Christo, sob a justiça immanente, o homem imperfeito, cicatrizado pelas chagas peccaminosas que lhe estigmatizaram o corpo, tarado pela hereditariedade, com a mente carnal insubmissa á lei de Deus, não pode accumular meritos por obras boas, de perfeição impossível, para merecer a clemencia do Juiz supremo.

O fideismo que caracteriza o protestantismo hodierno, excede ao dogmatismo em valor religioso e ao moralismo em valor ethico, pois o accesso a Deus independe da adhesão ao dogma, porque o contacto com a divindade se opera na com

munhão pessoal com Christo. E esta por sua vez accorda nas consciencias os appellos da mais elevada moralidade, conduzindo os individuos a um devotamento grato, abnegado, congruente com a perfeição moral do Redemptor adorado.

Christo e a experiencia religiosa

Ha um outro caracteristico muito significativo dessa attitude religiosa que resulta do contacto pessoal com o Christo — é religiosidade experimental.

O caso da mulher samaritana define com clareza esse ponto. Ainda ha poucas semanas na Palestina, demorei-me em meditação junto ao poço de Jacob, no valle entre Gerizim e o Ebal. Alli repousara o Mestre ha deznove seculos.

Uma mulher da villa proxima vem buscar agua ao poço. O viandante, com sotaque judaico, pede-lhe de beber. A samaritana, predisposta a controversia, levanta de prompto entre ambos o odio sectario: "Como tu, sendo judeu pedes de beber a mim, samaritana?" Nunca o Mestre, em seu trato com os contemporaneos, entreteve polemica. Tocava-lhes a consciencia atravez da experiencia. Assim, falou Jesus de si á mulher de Sychar como senhor de uma agua extranha capaz de matar a sêde inextinguivel. Suscitou na interlocutora o espirito experimental: "Senhor, dá-me dessa agua". Do terreno material passa o Mestre para o moral — attinge a consciencia: "Vae, chama teu marido." A mulher retorquiu: "Não tenho marido". O viajor, de olhar penetrante e sereno, disse-lhe: "Disseste bem não tendo marido, porque cinco tiveste e o que agora tens não é teu marido, isto disseste com verdade". Deixando o cantaro junto ao poço correu a samaritana á sua villa e convocou o povo: "Vinde vêr um homem que me disse tudo o que eu tenho feito. Não será elle porventura o Christo?" (1). Neste incidente typico e que illustra o caracter pratico do christianismo, ha varios elementos que convem analysar summariamente com attenção. O contacto pessoal com Jesus Christo levanta no momento a questão moral. Isto constitue o caracteristico

(1) João, 4,5-30.

desta mentalidade que Christo veio introduzir entre os homens, na qual a moralidade e a religião se acham profundamente ligadas. Sob o olhar tranquillo de Christo, desperta a consciencia adormecida. Surgem dos recantos escusos da memoria phantasmas repugnantes, as situações inconfessadas que perturbam, envergonham e apavoram. Se, porém, Christo acordasse na consciencia apenas o pavor, seria a sua uma religião de desespero. Ao despertar da consciencia succede, porém, o raiar da esperança: "Não é este, porventura, o Messias", o redemptor ha longos seculos esperado e que veio salvar os homens dos peccados delles?

Religiosidade e moralidade

Cumpre deter-nos um pouco sobre o consorcio indissolúvel da religião com a moral. O aspecto mais grave do momento e do meio em que vivemos é que pode um, consoante as idéas correntes, ser simultaneamente religioso e immoral. Ha exemplos por toda a parte: olhos em branco, genuflexões, frequencia ás cerimoniaes liturgicas, e o desregramento de costumes coexistentes no mesmo individuo. A vida, segundo a concepção aqui vigente, distribue-se por dois departamentos estanques: secular e religioso. Esse era tambem o conceito da vida que a samaritana possuia, ao sopé do Garizim. Lá em cima, era o lugar de prestar culto á Deus; cá em baixo, na aldeia, podia-se viver na immoralidade. E a consciencia acomodaticia não desperta emquanto as comportas conservarem separadas a religiosidade e a moral.

Já Isaiás, setecentos annos antes de Christo, frisára, em uma pagina admiravel, que o effeito primordial da religião genuina é o despertar da consciencia para a moralidade. Narra o propheta hebreu (1) que vira o Eterno no templo. E afflicto, acabrunhado sob a consciencia de sua imperfeição, bradou o propheta: "Ai de mim, que vi Deus, e sou homem de labios impuros!" E, continua a visão prophetica, um seraphim tomando do altar uma brasa candente, purificou o pec-

(1) *Isaias, 6.7.*

cador succumbido pelo contraste entre a santidade de Deus e a fragilidade moral do homem.

Deve a humanidade aos prophetas hebreus essa grande concepção que elles esculpiram indelevelmente na mentalidade humana, que para adorar a Deus cumpre ao homem conformar-se moralmente com o objecto do seu culto.

Religião de amor.

Entra aqui a analyse de um outro caracteristico de nosso conceito do christianismo — este é uma religião de amor. O christianismo de Jesus não pertence á classe das religiões do medo. Não é do Christianismo, crear, nos individuos, o terror da divindade para, com esse latego, acossar as almas peccadoras afim de procurarem conciliar um Deus irado e terrivel. Não é do christianismo suscitar a obediencia pelo terror. E, por isso, ao passo que se divulga a noção evangelica do christianismo, vão desaparecendo a violencia, a perseguição, as torturas, as camaras secretas onde se desconjunctavam os incréus para persuadil-os a confessar os seus peccados e a obedecer a Deus. Sem se obscurecer a realidade tragica dos horrores de uma existencia eterna em prolongamento de uma vida terrena alienada de Deus, é hoje considerada illicita a prédica cujo objectivo seja o de pintar grosseiramente as torturas infernaes para despertar na alma do peccador os terrores de eternidade e por esse meio conduzil-a a Deus.

Qual será então o motivo que o christianismo inculca para que a humanidade busque a Deus? Definiu-o Jesus, na conversação final com seus discipulos (1); "Se me amaes, guardae os meus mandamentos". Eis ahi: primeiro amal-o, depois obedecer-lhe por amor. Elle não disse: Se tendes o interesse em salvar as vossas almas e escapar aos horrores do inferno guardae os meus mandamentos. O que Jesus disse, como testamento, aos seus discipulos, na hora angustiada, inicial de sua paixão foi: "Se me amaes guardae os meus mandamentos".

(1) *João, 14. 15.*

Não é também uma religião de interesse.

Eu vos pergunto: haverá cousa mais repugnante no mundo do que vir a descobrir-se que porventura nos acariem no lar, nos sirvam com acatamento, e o façam não por affecto, senão por interesse? E no entanto ha quem procure servir a Deus por interesse! Vamos collocar este problema no terreno humano e creio que os espiritos mais simples deste auditorio perceberão todo o horror que decorre de tal situação falsa e detestavel. Avaliae a surpresa dolorosa de um pae, que tendo sido a vida toda o objectivo da preocupação, do carinho de um filho querido, que tivesse sentido nas horas de soffrimento as mãos amadas enxugarem-lhe do rosto as lagrimas, se vier a descobrir em um momento que todos estes actos de piedade filial objectivaram isto apenas: garantir a herança, receber do pae no futuro o bem estar e a fortuna. Que amargura, que tristeza, que dôr não sentiria esse pae ao perceber que todos estes carinhos apenas mascaravam um egoismo metallico. E na ordem espiritual ha a mesma relação, a situação é a mesma, se a conformidade cultual com Deus tiver por motivo o interesse de colher o premio da obediencia.

Desenhou-se nitida essa noção do christianismo na experiencia religiosa de S. Paulo. Educado na escola da obediencia legalista, sob a pressão unica da idéa da auctoridade e do dever, esmerava-se e primava entre os seus coetaneos na execução de seus deveres religiosos. Depois que a generosidade do Jesus, de quem se constituira adversario, o subjugou e perdoou e salvou, no caminho de Damasco, formulava elle assim a sua concepção nova de vida espiritual: "O amor de Christo me constrange, fazendo este juizo, que, se um morreu por todos, por consequencia todos são mortos." Ahi poz o grande rabbi-no, transformado em apóstolo, o amor de Christo, oriundo do perdão, como substituto da auctoridade da lei, na motivação moral da vida humana. Nosso Senhor Jesus Christo eliminou também o medo de Deus, o terror que a humanidade tinha ao Creador, dentre os motivos da obediencia religiosa, dizendo: "Assim é que deveis orar: Pae Nosso que estás no Céu". Dest'arte, Nosso Senhor incutiu nas almas de seus discipulos que deviam recompor toda a ideologia religiosa do seu

tempo a noção da Paternidade de Deus, e de que somos filhos de um Pai sublimadamente bom e benigno. E, traduzindo em formula simples a lei biologica da conformidade, afirmou: "Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito". De novo, o Mestre ensinou nesse apothegma que é indissolúvel o consorcio entre a religião e a moral.

A' nossa filiação divina deve corresponder a congruidade do nosso character e de nossa vida com a perfeição divina.

Resultam dahi a rigorosa disciplina exercida pela collectividade sobre os fieis, exigindo delles a conformidade da vida com a fé professada, e a preocupação individual com a moralidade, os escrúpulos de consciencia, não só quanto á abstenção da pratica do mal, como ainda quanto á pratica do bem. S. Tiago, o moralista da igreja primitiva, assim formulou este principio: "Quem sabe fazer o bem e não o faz pecca" (1). Jesus instituiu como regra aurea da vida humana, o preceito positivo, creador, activista: "Fazei a outrem aquillo que quereis vos façam os homens". (2).

Propondo esse programma de actividade positiva aos seus discipulos, offereceu-lhes como paradigma a sua propria vida e de seu sacrificio para servir: "O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (3).

Eis ahí a um tempo a substituição dos motivos egoistas pelo altruismo na vida humana, e a criação da iniciativa, da energia creadora e fecunda, de um individualismo sadio e capaz de levar o seu devotamento em bem servir até o sacrificio da vida por outrem.

Assim é que, no evangelismo, a contemplação da vida e morte de Jesus não cria meros adoradores pasmados em contemplação extactica diante dos quadros dolorosos da Paixão. Suscita martyres, que defrontam serenamente as torturas. Estimula a philanthropia. Gera reformadores. Produz uma tal consubstanciação do crente com a mentalidade de seu remidor crucificado que não se pode ella expressar se não pela formula de S. Paulo: "Eu fui crucificado com Christo

(1) *Tiago, 4. 17.*

(2) *Matheus, 7. 12.*

(3) *Matheus, 22. 28.*

na cruz, e agora eu vivo mas não sou eu mais que vivo mas Christo é que vive em mim". No mundo subjectivo, quando se comprehende o sacrificio de Jesus pela humanidade, de tal forma nos consubstanciamos com elle nesse acto de salvação, que nos sentimos um com o Redemptor crucificado — os cravos que lhe rasgaram as mãos, atravessaram as nossas, e fomos cravados no mesmo madeiro! Essa mentalidade do que o redimiu, sentia S. Paulo de tal maneira se apossára da sua vida que não era elle mais que vivia: "Eu penso com o seu pensamento, eu me commovo com o seu affecto, eu faço a sua vontade." diria elle em linguagem de hoje. Ahi está a submissão integral do individuo por amor. Não conheço expressão mais bella dessa experiencia profunda em religião do que a dos versos attribuidos a Sta. Tereza de Jesus :

"Não me move, meu Deus, para quercr-te
Esse, qual tu m'o tens, céo promettido;
Nem o inferno me move, tão temido,
Para deixar por isso de offender-te.

Tu me moves, meu Deus, move-me o ver-te
Cravado n'essa cruz e escarnecido;
Move-me ver teu corpo tão ferido;
Morte a mais crúa, move-me caber-te.

Move-me, emfim, embora não houvera
Céo, teu amor, de modo que eu te amara,
E, não houvera inferno, te temera.

Nada, por que te eu queira, se me dera:
Porque, se quanto espero, não esperara,
O mesmo que te quero te quizera."

Nesses versos profundamente christãos, está definida a fascinação que exerce o Christo, suave e padecente, meigo e forte, consciente de sua missão, submisso a um sacrificio apenas intelligivel pelo amor! Elle o disse: "Eu quando for levantado da terra, todas as coisas attrairei a mim mesmo". (1)

(1) *João, 12.32.*

Ouvimos ha poucos dias de Stanley Jones, o grande evangelista da India, que a divindade é semelhante a Jesus Christo, e nós, se quizermos aprender a belleza divina, só podemos fazer idéa da sua immensa bondade, quando a figurarmos dando aos homens a plenitude da sua vida, procurando na alma do homem insufficiente, na sua moral deturpada e doentia, a possibilidade de tornal-o semelhante ao seu Deus. E o que fez Elle? Redimiu-nos, libertou-nos morrendo no Calvario em nosso lugar. Elle mesmo disse aos seus discipulos: "E vós não sereis livres, se o Filho não vos libertar." E os homens são escravos do peccado, escravos dos máos instinctos, escravos de seu temperamento.

Li nas memorias de um grande juiz: "Tenho encontrado nos meus julgamentos, examinando meu proprio character, a possibilidade em mim de todos os crimes que tenho julgado."

Não ha grandeza maior no christianismo, do que a de assegurar ao homem o libertar-se de si mesmo, dominar o seu proprio temperamento, e no dia do triumpho sobre si mesmo affirmar: "Venci, porque o meu Redemptor venceu primeiro do que eu." E é por isso que o mundo, o diabo e a carne não dominam a mentalidade christã. Ainda mais, o effeito desta libertação moral do homem, produz nelle a capacidade para a iniciativa, a independencia de vontade, a que os criticos chamam o individualismo protestante.

O homem faz então uma descoberta: descobre-se a si mesmo, com a sua consciencia, com o seu Deus e Redemptor. Esses individuos são incoerciveis. Nada os aterroriza. Já os accossaram com dragões. Muitos foram queimados vivos a fogo lento. Foram já deportados em massa. Em materia de consciencia, não cedem uma linha. Fazem lembrar as vozes propheticas que na antiguidade andavam clamando em Israel contra os males do seu tempo, e, em nome de Jehovah, convocavam o povo para uma vida de rectidão.

E não estamos nós precisando hoje em nosso paiz de homens desse character que clamem contra os grandes desmandos moraes que estão ennegrecendo paginas da nossa Patria? Não precisa agora o paiz de um reactivo moral e espirital, capaz de dar iniciativa á nossa gente e fazel-a capaz de liberdade moral?

Eu considero, portanto, como brasileiro que sou, um acto de acendrado patriotismo, prégar a meus patricios este Evangelho, persuadil-o a receber esta influencia moral e religiosa.

A christianisação da ordem social.

Mas, não se exauriu com a criação desse individualismo a energia deste pensamento religioso — passou a reagir sobre a sociedade. E, applicando á vida moderna o conceito do Reino de Deus, Blumhardt, Tommy Fallot, Rauschenbusch, e sobre todos McConnell se têm tornado paladinos da christianização da ordem social.

Coincide com a revolta da consciencia christã contra as iniquidades consubstanciadas com a industrialisação das relações humanas, o movimento de convergencia do evangelismo hodierno, para a personalidade e para as concepções espirituaes do Mestre. O neo-paganismo, com o choque tremendo dos egoismos na lucta entre o capital e o trabalho, na exploração dos povos atrazados e das classes fracas pelas mais fortes, nos odios de raça, nos nacionalismos ferozes, na diplomacia secreta, está-se defrontando como nos dias apostolicos, com um christianismo que se reúne em torno de Jesus com um vasto programma de cooperação internacional. Todas as forças vivas, todo o espirito de oração, todos os devotamentos estão hoje conclamados para orar e agir pelo advento do Reino de Deus. A prece universal é hoje: "Pae nosso... venha o teu Reino, seja feita a tua vontade."

Personalidades de uma coragem espantosa, bradam hoje aos potentados da terra que a humanidade vive opprimida pela injustiça e pela iniquidade; que as nações chamadas christãs têm desmentido o seu christianismo, porque têm levado os povos á guerra; as relações internacionaes têm-se entretido por meio da diplomacia secreta, e por motivos inconfessados se tem falseado a fé nos negocios internacionaes. Vós mesmos, christãos que me ouvis, tendes tido nas vossas officinas operarios cujo salario está fixo apenas na quantia precisa que torna possivel ao trabalhador viver e reproduzir. Vós, operarios, tendes roubado os patrões todas as vezes que não lhes tendes dado integralmente o trabalho que lhe deveis.

A mulher e a criança continuam a ser sacrificadas ao Moloch insaciavel da industria. Sobre ellas recaem, em doença, em miseria, em humilhações sem numero, as consequencias dos vicios do alcoolismo, da pornographia, legalizados pelo Estado nominalmente christão, mantenido por uma jurisprudencia pagã.

A consciencia do christianismo hodierno, porém, começa a despertar. A contemplação do Christo, a catastrophe da civilisação durante a grande guerra, a anarchia moral, a inquietação dos espiritos, a audacia com que o neo-paganismo vae renovando as suas crueldades, o desassombro com que a carnalidade alça o collo, a brutalidade das paixões que refervem debaixo do verniz superficial de uma religiosidade formalista, conduziram-nos á convicção de que, se no passado preocupavamo-nos com prepararmo-nos para morrer, hoje sentimos que é um horror viver sem Deus.

O ecumenismo.

Dahi decorrem os caracteristicos mais notaveis do evangelismo contemporaneo — a concentração em torno do Christo redivivo, e a sua intensa actuação social. Seu raio de acção desconhece fronteiras — é universal.

De facto, o protestantismo sectario que se subdividiu em "denominações," por effeito das luc'as philosophicas do seculo 17 e 18, cede o terreno a um evangelismo ecumenico no seculo 20. O exito da obra missionaria, creando no seculo 19 communities nacionais, conscientes de si, sob o senso da responsabilidade de transformar os ideaes christãos em realidade, na vida de seus povos respectivos, concorreu poderosamente para que o evangelismo coordenasse as suas forças, objectivando uma acção missionaria mais ampla e efficaz. Em 1910, reuniu-se em Edinburgo, a primeira conferencia ecumenica missionaria. Nestes dezoito annos, têm sido incalculaveis seus reflexos sobre o protestantismo, em resultados espirituaes e em incremento da acção percuciente do evangelismo.

Sobre os escombros da Europa arruinada pela guerra, pareceu a muitos defunta a auctoridade moral do christianis-

mo que não evitara, com seu prestígio, o tremendo conflito. Sob uma compunção angustiosa e sincera, confessando a insuficiência de seus esforços, reuniram-se em 1925, na cidade de Stockholmo, os representantes de 350 milhões de christãos acatholicos na Conferencia do Christianismo Practico (*Life and Work*), afim de se penitenciarem diante de Deus, e cobrar animo para em acção conjuncta collaborarem com Christo para que em cada individuo, em cada nação, se venha a realizar a affirmativa do Mestre: "O reino de Deus está dentro de vós." (1).

A noção da magnitude dos problemas sociaes, da extensão das forças malignas espalhadas por estes ares constituem um repto ao protestantismo atomizado para cerrar fileiras em torno do Mestre.

Afim de estudar as formulas doutrinarias em que residem as differenças secundarias, reuniu-se em 1926 em Lausanne, a conferencia da Fé e Disciplina (*Faith and Order*). Foi essa uma assembléa *pan christã*, na phrase da bulla *Mortalium animum*, em que o Papa definiu a attitude do romanismo em face do ecumenismo para que tendem todos os outros ramos historicos da christandade. E' interessante frisar que em Lausanne, ao cnvez de procurarem diluir as suas divergências, os varios grupos christãos, incluindo as igrejas orientaes, com toda a precisão e franqueza entraram a analysar os pontos de vista de doutrina, sacramentos e organização ecclesiastica em que dissentem. Esse processo redundou em dar-se maior relevo á unidade essencial quanto aos elementos primaciaes — Christo, o seu sacrificio pela humanidade, o appello á consciencia para a santificação do crente e para a regeneração social.

A conferencia de Lausanne encerrou-se, tendo fixado um ponto de consentimento universal — a mensagem unica, exclusiva, do christianismo ao mundo é o evangelho de Jesus.

Sucedeu á conferencia de Fé e Disciplina, a reunião plenaria do Conselho Internacional de Missões, em Jerusalém durante a semana tradicional da Paixão. Tratava-se de recompôr as linhas das forças missionarias defrontando as modificações vertiginosas que se têm operado no mundo de-

(1) *Lucas, 17.21.*

pois da guerra — a recrudescencia dos nacionalismos, a irrupção do secularismo, resultante da industrialização crescente da vida e do colapso dos padrões de moral consequentes ao abalo que a civilização produziu no oriente, nos systemas antiquissimos de philosophia e religião, com que se consubstanciaram as organizações sociaes incompativeis com o progresso dos transportes, da sciencia e da complexidade da vida hodierna. Endossando as declarações de Lausanne, a conferencia de Jerusalém declarou que, reconhecendo os valores moraes, estheticos, intellectuacs, que existem nos grandes systemas scientificos e religiosos, para corresponder ás aspirações do universo inquieto só ha uma realidade — Christo.

Assim, (do ponto de vista triplice) — 1º) da responsabilidade moral, na solução positiva dos problemas de conducta individual e social; 2º) da unidade espiritual em face de divergencias dogmaticas; 3º) da obrigação de executar a ordem derradeira do Mestre "Ide e fazei discipulos de todas as nações", o evangelismo de hoje sente-se constricto, cheio de fé, mais perto do Mestre, mais unido ao passò que mais se approxima do centro da vida espiritual, Jesus.

O Christo redivivo.

No desdobrar desse movimento religioso, de que vos tenho dado em escorço o perfil espiritual, vistes com salientaresaltar, como nos dias antigos, a figura de Jesus resuscitado. Não nos demoramos tanto na contemplação mystica do Redemptor, Flagellado, exangue, morto, mas seguimos o Resuscitado, "O Christo Invisível" (*), em sua marcha desde o tumulo vazio de Jerusalém até á apothese final do Justo, do Bello e do Verdadeiro, quando Elle restabelecer a justiça e a bondade em seu dominio universal.

Por onde passou a torrente vivificante, rejuvenesceram os povos e surgiram fontes no deserto. Buscae o berço da democracia, e encontral-o-eis em Genebra. Indagae como surgiu a Escocia do pégo em que se afundava nos dias de Maria Stuart, e lá vos dirão que o verbo de Knox sacudiu do torpor

(*) Allusão a um livro de Rojas, reitor da Universidade de Buenos Aires.

moral a alma do seu povo. Inquiri onde a intellectualidade se ala sem peias aos pincaros da idealidade, e descobrireis que é onde o livre exame rompeu as cadeias do dogmatismo e da intolerancia. Se notardes alhures o pendor para a cultura, o progresso e a ordem achareis que, directa ou indirectamente, o Evangelho está, como torrente em terra sequiosa, levando por toda a parte a alegria e a vida.

Passae pela França, e onde virdes os campos ridentes, as cidades bem ordenadas, a população laboriosa e feliz, sabeis que atravessaes a região onde o fogo, a violencia das perseguições não conseguiu arrancar os remanescentes da religião reformada. Ide á Italia, vereis os valles onde permaneceu desde os dias apostolicos o culto espiritual do Resuscitado, então entenderéis porque o Piemonte levou a dianteira ás provincias irmãs quando se fez a unidade italiana.

Apontae na carta do Brasil as regiões onde o analphabetismo recua perante a escola, onde a iniciativa privada foi já liberada para uma actuação fecunda, onde a vida se apresenta mais organizada: localizae ali as sédes do culto evangelico e vereis que onde as insignificantes minorias dos adoradores do Jesus redivivo exercem a sua missão, ahi surge a vida.

E' o prodigio do contacto com as grandes energias vitalizadoras — ponde o homem, sem intermediarios, em presença de Christo e ahi está o milagre: "Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos alimpam-se, os surdos ouvem, os mortos resurgem, aos pobres annuncia-se-lhes o Evangelho (1).

E não ha nisso mysterio — o christianismo é vivo; contagia; transmite vitalidade, porque a recebe de Jesus, que depois de estender no Golgotha os braços sobre o madeiro, ao resurgir, abala os fundamentos da terra, quebra os vinculos da morte na apothese da Vida, diz a todos os homens: "Eu vivo e vós vivereis" (2).

E eu desejára communicar a todos vós e, por vosso intermedio, á nossa Patria essa "vida que está escondida com Christo em Deus." (3).

(1) *Matheus, 11, 5.*

(2) *João, 14, 19.*

(3) *Galatas, 3, 3.*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)